725

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

BUILDING USE ONLY

PQ9175
.N6
no.1-4
1929

RC
BUO

PQ9175
.N6
no.1-4
1929

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

UNIVERSITY LIBRARY
UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

1$50

NOVELA PARA TODOS

Edições SPTP

SUMARIO

AMERICO DURÃO
A ALUNA N.° 6

ARMANDO FERREIRA
2 VELHAS E 1 GATO

FIDELINO DE FIGUEIREDO
UMA VIAGEM Á PHOBOLANDIA

RAMON GOMEZ DE LA-SERNA
O CONDE BIANCAMANO

ARTURO CAPDEVILA
O MERCADOR DE ONDAS

PANTELEMON ROMANOF
CARTA NUNCA ENVIADA

R. CANSINOS ASSENS
O GRITO NA NOITE

CONCHA ESPINA
A VIDA BUCOLICA E O AMOR

I ANO 1 DE ABRIL DE 1929 N.° 1

Nº 517

NOVELA PARA TODOS

EDIÇÃO DA SOCIEDADE COMERCIAL PORTUGUESA DE PUBLICAÇÕES E TELEGRAFIA Lda
LARGO DE S. DOMINGOS - 11 • LISBOA • TELEF. N. 5351

1 Ano | 1 de Abril de 1929 | N.º 1

◆ BONS DIAS! ◆

NOVELA PARA TODOS é uma despretenciosa iniciativa. Não tem no seu programa mirabolantes promessas. Pretende apenas ser acessivel a todos, para que todos possam ter os inefaveis momentos espirituais que a leitura de boas obras dá. E pretende, sobretudo, fomentar o gosto pelas letras entre aqueles que nem sempre podem lêr ou adquirir obras volumosas.

NOVELA PARA TODOS terá, possívelmente, a favorecê-la, a sua variedade, o seu ecletismo.

Todas as outras publicações novelescas que existiram em Portugal, apresentavam em cada número apenas um autor. A nossa, apresenta muitos. Por uma quantia insignificante, o leitor travará relações com os melhores contos duma legião de escritores. Nomes representativos. Num mesmo número, os novelistas nacionais e os estrangeiros. O humoristico e o sentimental. O comico e o tragico. O conto que faz sorrir e o conto que faz meditar.

A vida actual é dinâmica, febril, impaciente. Não há tempo para lêr as obras longas, as classicas 350 páginas... E, contudo, há grande curiosidade. NOVELA PARA TODOS corresponde a êsse ambiente. Foi gerada por essa atmosfera. Familiarisará os seus leitores com todas as tendências da literatura, com todos os grandes nomes das letras. E sem lhes roubar muito tempo. Literatura de sinteses, literatura da época em que vivemos.

Quem coleccionar NOVELA PARA TODOS não só terá um elemento de distracção, como obterá uma cultura literária, sem perder, para isso, longas horas diárias.

NOVELA PARA TODOS é a publicação ideal para ser lida nos comboios, nos electricos, em casa, enquanto se espera o jantar; na cama, enquanto não chega o sôno.

Em todos os países existem publicações dêste genero. Porque não acreditar que Portugal também possa ter a sua — a sua novela para todos os portugueses?

ASSINATURAS

ANO 33$00 SEMESTRE 17$00

Assine NOVELA PARA TODOS. De seis em seis meses terá, encadernado numa elegante capa, um tomo onde se reunem os maiores escritores de todo o mundo.

Composto e impresso na IMPRENSA BELEZA — Rua da Rosa, 99 a 107 — LISBOA

A LUVA Nº 6

POR AMERICO DURÃO

DESDE o primeiro dia da sua entrada para a Escola que os treze anos de Julieta se tinham feito notar dos professores...

Não era que fosse duma beleza ou duma inteligencia superior á das outras raparigas; algumas seriam talvez mais bonitas, outras mais inteligentes. Mas nos seus olhos negros e rasgados havia uma expressão de frescura e de malicia que a tornavam singular. Dir-se-ia que a sua alma precoce andava neles debruçada.

A propria D. Genoveva, a severa professora de matemática, em geral insensível á graça em flôr das crianças, se deixara conquistar. E' que nenhuma respirava aquela expontanea alegria de viver, de nenhum riso se evolava o perfume do seu riso primaveril.

Os vestidinhos claros e simples, a cabeleira encaracolada emoldurando-lhe o rostosito adorável caíam com uma naturalidade tão rara nas crianças portuguesas, que não era possível vê-la sem lhe sentir a graça.

Até o fim do ano nenhum facto ocorreu que lhe permitisse destacar-se das companheiras. Era uma aluna como as outras, nem melhor nem pior.

Terminada a faina escolar, tratou-se de organisar uma festa para a qual cada um devia contribuír dentro das possibilidades que Deus lhe concedera. Haveria uma exposição por onde se pudesse apreciar o aproveitamento dos alunos. O grande interesse desta exposição residia nos trabalhos manuais, principalmente num soberbo tapete que as alunas terminavam sob a direcção da professora de bordados e devia ser oferecido ao director.

Julieta, porém, nunca manifestara entusiasmo por essa obra,

novela para todos
edições CTP

que era o grande orgulho da escola. A sua pouca assiduidade já mesmo lhe tinha valido censuras que ela recebera de olhos baixos, mas não sem que um imperceptivel sorriso que desejava ser de contrição lhe pusesse na boca bem recortada um relampago de ironia e de quási desdem pela tão elogiada habilidade das colegas.

Mas esse sorriso, se alguem o viu, duvidou dos seus olhos, atribuindo-o a um equivoco, e decerto nem se atreveu a falar dele.

Julieta contava, porém, tirar uma desforra. A professora de musica estava ensaiando alguns numeros de dança para duas raparigas.

Ela fôra uma das escolhidas para esse numero sensacional e no dia da festa, a que assistia o Presidente da Republica, dançou com tanta graça e leveza, que o proprio Presidente sorriu e bateu palmas.

De todos os cantos da sala, e até da gente que se aglomerava á entrada, no corredor, vinham pedidos de bis.

Sem a mínima timidez, a garota repetiu o bailado, e contente, excitada pelos aplausos, parecia ainda mais esbelta, mais alada que da primeira vez.

A festa acabou. Seguiram-se as ferias. Alunos e professores deixaram de se ver durante alguns meses, para novamente em Outubro voltarem aos trabalhos.

Uma duzia de semanas é suficiente para que o aspecto duma rapariga na adolescencia se modifique duma maneira espantosa, e não houve quem se não surpreendesse com a mudança que em tão curto periodo se operara em Julieta. Agora já não era uma criança. Parecia ter mais de quinze anos e havia nos seus gestos, na sua voz, uma precocidade desconsertante.

Um dos professores, Alvaro Garcia, alto, atraente, menos de trinta anos, vestindo com esmero, ao entrar na aula certa manhã, leu no quadro negro em grandes letras:

O Senhor Doutor Alvaro Garcia é o mais simpatico dos senhores professores.

Julieta conservava ainda na mão o giz com que acabara de escrever.

Todos os alunos disfarçavam o riso. O mestre, que mantivera a serenidade habitual, chamou um dos rapazes á lição, mandando limpar o quadro, como se nada tivesse visto.

Dois dias mais tarde, ao chegar á aula, achou sobre a secretária um ramo ingenuo de rosas. Quis saber, preguntou o que faziam ali aquelas flores, sem que ninguem soubesse responder, quando, ao cruzar o olhar casualmente com os olhos de Julieta, estes lhe disseram que tinha sido ela. Naquele olhar tão rapido houvera entre os dois um dialogo secreto; e Julieta, sentindo que a eloquencia dos seus olhos fôra compreendida pelo professor, ficou radiante de alegria.

Alvaro, por sua vez, franziu as sobrancelhas, ordenou ao continuo que levasse as flores para a aula de botanica, onde poderiam talvez ser uteis, e, contra o seu costume, conservou se serio e severo até anunciarem a hora da saída. Mas, intimamente, achava-lhe graça. Lisonjeava-o a homenagem daquele incenso, queimado em sua honra pelas mãos airosas duma adolescencia flagrante. Contra sua vontade, o seu olhar, a sua propria voz mudavam a expressão, ao dirigir se à aluna numero 6.

E Julieta era demasiado nervosa e sensivel para que o não compreendesse...

Contudo, o II ano passou, como passára o I, sem que entre professor e aluna coisa alguma viesse alterar a atitude que os deveres do primeiro exigiam e que este se impusera.

No terceiro ano, que era o ultimo do curso, a audacia da rapariga que, não sendo propriamente bonita, dia a dia se tornava mais perturbadora, deixava-o por vezes vagamente embaraçado. Só dificilmente con-

seguia resistir-lhe. A' força de fazer o cego e o surdo, em certas horas chegava a achar-se ridiculo e a sentir-se ligeiramente vexado em frente da adolescente admiravel que se não cansava de o incensar com o gesto airoso de quem cobre de flores o chão do seu jardim, para que o amor entre e se demore um instante.

No fim de tudo nem sequer tinha a consciencia do dever cumprido, porque na verdade entre os dois estabelecera-se uma especie de cumplicidade que por ser silenciosa e secreta não existia menos.

Um dia, por qualquer motivo que não quis averiguar (porque Alvaro pensava justamente que no interesse da disciplina convem, ás vezes, não investigar a causa da agitação dos alunos)—a classe mostrava-se indocil ás suas observações, rindo e conversando em surdina. Entre o rumor confuso o riso e a voz de Julieta destacavam-se agora nitidamente.

Querendo mostrar que nas suas aulas não havia favoritismos, Alvaro disse grave, mas serenamente: — A menina Julieta vai fazer-me o favor de sair! Como por encanto, o riso cessou e o silencio foi absoluto. Só Julieta, imovel, continuava a sorrir. Então Alvaro, insistiu, com menos energia: — Numero 6, faça favor de sair!

O sorriso apagou-se nos labios de Julieta. mas os seus olhos tão belos e expressivos fitaram-se nos dêle, com uma firmeza que imediatamente lhe fez compreender que não seria obedecido.

Então, Alvaro, poisando os olhos no livro, a brincar com a lapiseira, tomou um ar de indulgencia voluntaria e generosa. Deixou cair estas palavras: Por esta vez pode deixar-se ficar.

E a lição continuou como nos outros dias.

Passaram anos. Alvaro Garcia tinha voltado duma importante missão de estudo no estrangeiro, poucos dias antes, e encontrava-se com alguns amigos numa pastelaria, á hora elegante do chá, quando a entrada duma formosa rapariga, luxuosamente vestida, fez parar as conversas e um momento suspendeu no ar as chavenas que se levavam aos labios.

Tambem ele a fixou atento e maravilhado; era, decerto, esta a mulher mais interessante que vira desde o seu regresso a Lisboa. Trazia os cilios alongados com *rimel*, os olhos admiravelmente pintados. A boca sensual, entreaberta, como uma flor de romã, deixava ver os dentes magnificos, de carnivoro. Dir-se-ia uma das duquesas de Espanha como a nossa imaginação as fantasia. A mulher cuja chegada tamanha sensação fizera veio sentar-se na mesa vizinha áquela onde Alvaro conversava com os amigos, e baixara-lhe timidamente a cabeça, com o sorriso vago e preverso, e o olhar infantil, quasi ingenuo, da pequenita que seis anos antes, ao entrar para a Escola, se fizera no tar dos professores e murmurou humilde, candidamente: Boa tarde, senhor professor.

Chegada

O que a inebriava era o azul inédito, sem qualquer mancha ou nuvem, numa pincelada igual e completa. Embora tudo mais, o campo, o rio, os costumes, os gritos alacres, atraísse a sua atenção, só o céu duma beleza clara que lhe inundava a alma, lhe dava uma nova alegria, uma suavidade calma, desconhecida. Seus olhos esverdeados a fixar-se no azul do céu transmitiam a todo o seu ser um calor novo, um bem estar original...

Procurava nas suas recordações — e aos 18 anos facil era folhear o seu indice — a lembrança dum dia assim tão voluptuoso, tão aconchegado... Em Inglaterra, um dia de sol, era muito bom, mas não tinha como scenário as cores salientes que pela primeira vez acabava de ver; o resto, eram dias cinzentos, baços, em leves transições para as noites que passavam molemente durante meses inteiros. 10 anos de colegio, com a Miss Arabella e nem um só dia durante esse longo tempo vira tanta claridade no firmamento! Nem mesmo no dia em que Dolly, Mary, Baby, Janny—as suas inseparaveis,—lhe deram a noticia que ela ia partir enfim, nem mesmo nesse dia tão claro, tão alegre para ela; deixara de se sentir banhada naquele cinzento triste e perpetuo que até agora julgava ser a côr unica do mundo...

A noticia da morte do pai que tanto a fizera chorar; o adeus áqueles parques verdes, viçosos, por onde corrêra, áquelas casas de tejôlo alinhadas, durante quilometros; toda a vaga de melancolia que desde a sua partida de Inglaterra dominara a curiosidade da sua primeira grande viagem, davam agora estranhamente lugar a uma grande ansiedade, um desejo intenso de vida, de afectos, de alegria.

E o seu coraçãosito virgem, a despertar, embriagado pelo azul do céu de Portugal, quanto mais se aproximava da aldeia para onde vinha viver, ia despertando a lembrança duma velha gravura inglesa, dum album de poesias que dormia havia anos na sala de visitas de Miss Arabella: um interior agasalhado e amorôso dum *cottage* deitando sobre um lago, no meio dum bosque povoado de sonhos, e que enquadrava uma suave canção: *Home, sweet, home!* (1)

(1) Lar, doce lar!

novelas para todos
edições CPP

Ruth, 18 anos, ao chegar, trazia nos lábios a canção velhinha: *home, sweet home.*

Preparativos

Na vespera á noite, como em todos os sabados, tinham-se reunido na casa da D. Casimira, na R. Direita, mesmo a seguir ao fôrno do Jacinto, os habituais convivas do seu chásinho. E nesta reunião, havia uma maior curiosidade, não tendo faltado nenhum; o sr. dr. Juiz e a mulher, a D. Gabriela; o dr. Ricardo, do partido, e a esposa, a D. Mariana, com os dois filhos, o Antoninho, de 19, e a Mariasinha, de 18; o sr. Prior completava o numero dos visitantes. D. Casimira e D. Perpetua estavam levemente excitadas; ainda o mano Artur não tinha morrido, já aquela criança arranjada lá por terras extranhas as inquietava; e o que elas haviam previsto sucedêra. O mano Artur (que Deus guarde) tivera o bom senso de tirar a filha «áquela mulher» — uma mulher de teatro, ao que constava na aldeia—e puzera-a a educar num colegio; e depois, á hora da morte, deixara estabelecido que a pequena, com o seu rendimento e a sua educação perfeita, viria para o cuidado maternal e regrado das suas irmãs, Casimira e Perpetua.

— Não se apoquente, D. Perpetua — dizia o sr. Prior — as escolas inglesas são modelares de virtude. E depois, é bom que se lembre que a *mãe* nunca mais a viu; facilmente se acostumará aos bons carinhos que aqui a esperam.

— Ela gostará de gatos? — preguntava a si propria a tia Perpetua, a afagar o moleirão do *Pachá,* seu afecto de longos anos.

— Ela saberá jogar o loto? — pensava a D. Mariana.

— Ela precisará de mais um cobertor? Já lhe puz três de pápa muito quentinhos — dizia a tia Casimira, sentindo renascer nela o amôr maternal nunca experimentado.

— Ela trará vestidos pela moda de Londres? Preferiria que viesse de Paris — anotava Mariasinha, futura companheira de Ruth...

— Ela ha de saber fazer bem renda inglesa — dizia a D. Gabriela — e eu tenho uma toalha do altar prometida ali ao sr. Prior.

— Ela será linda? —anseava o Antoninho.

Ela, ela, ela... Havia 3 meses que não se falava noutra pessoa naquela sossegada casa. O quarto que deitava para o patio interior, o antigo quarto do mano Artur, nos tempos em que naquela casa havia alegria e esperança, fôra caiado, esfregado, e ornado simplesmente, ao gosto das tias Casimira e Perpetua; era o que disfrutava de melhor vista, um lindo panorama, sobre a quinta, que um muro limitava a pouca distancia. A ordem, o asseio, o metodo haviam presidido ao arranjo do quarto, e até, numa inspiração comovedora, sobre a porta que dava para a casa grande, a tia Casimira colocara uma lustrosa oleogravura com o retrato da rainha Vitoria, no ano do seu casamento.

Apresentação

Ruth tinha 18 anos. Uns pés longos, rastejantes, solidos. Os olhos garços o cabelo escorrido, cortado como um *boy;* um casacão felpudo, roxo e amarelo; duas musculosas pernas, o riso muito grande e despreocupado; os braços iam alem dos joelhos e as mãos grandes eram, contudo, brancas e virginais.

Quando caiu nos braços das tias, que nunca tinha visto, foi para disfarçar um ataque de riso pelas vestimentas de cerimonia com que elas lhe apareceram rigidas, protocolares, dignas de museu de figuras de cêra...

Vinha cheia de sol, e, não reparou logo nos soalhos de madeira, nem na crueza pura da cal das paredes, do velho casarão; arremessou o gorro, espalhou as malas:

— *I want a bath!...* (1)

E as duas irmãs ficaram atonitas. Ela só saberia aquela lingua de trapos, esquisita e mal soante?! Nunca se haviam lembrado daquela complicação. Como se haviam de entender? E Ruth, a rir, a rir, explicava, satis-

(1) Eu quero um banho.

feitissima por não a entenderem: «*Ducha... ducha!!*»

A tia Cazimira facilmente percebeu... «Quere lavar-se... Arranje-sa uma cafeteira com agua quente, põe-se lá no quarto a banheira grande, redonda...

E enquanto se faziam os preparativos, Ruth, descobrindo a casa, abrindo as janelas (que a tia Perpetua ia fechando por causa das correntes), deparou com um retrato amarelecido numa moldura dourada...

A tia Casimira enxugou uma lagrima facil e explicou, apontando-a com o dedo muito espetado:

— Pai... menina Ruth... Pai... Pai...

Ruth teve um olhar triste; ela bem o conhecia; era um senhor bom, falando bem o inglês, que todos os meses a ia visitar ao colegio, lhe dava compotas e *cakes*, e a beijava nas faces carinhosamente. Percebeu e quiz tambem mostrar á tia Casimira que tinha um retrato do pai...

— *Yess... My father... I have also a photo...* (1)

— Pois sim... pois sim—dizia a tia, embasbacada diante da mala de oleado que Ruth puxara para o meio da casa, e de joelho fincado, desafivelava, abria e remexia...

— Que será?

Camisas, um *sweater*, uma raquete, escovas dos dentes, um *magazine* sem capa, uma alpercata, um cinto, lenços sujos, meias limpas, os cadernos da escola, um espelho, um pacote de cigarrilhas, um volume de Charles Dickens, uns oculos verdes, um vestido de seda verde, (horrivelmente verde), um frasco de gelea de laranja... ah!... o retrato...

Casimira percebeu então, e deu-lhe um beijo, alongado, molhado, ensopado...

Confidencias

15 días são passados. A tia Casimira confessava-se fora do confessionario ao sr. Prior.

— E' um vendaval, sr. Prior. Imagine vossa reverendissima que quere banho todos os dias! Que abala ás seis horas da manhã para os montes! e dorme — isto aqui só para nós, sr. Prior, e com seu perdão — tal qual a figurôna da mãe a colocou cá no mundo! A janela do quarto está sempre aberta, ofereceu cigarros á Mariasinha, e anda agora metida com o Antoninho, para ele dançar umas modas inglezas que vêm pelo ar para uma caixinha que poz na sala... Obras do demonio... Mas ela ri-se e continua sem perceber o que eu lhe digo...

— Tudo ha-de passar, sr.ª D. Cazimira... A pequena não teve uma mãe a olhar por ela. Mas o fundo pareceu-me bom...

— Ah! Não sr. Prior; eu já não dou nada por ela! Pode ter bom fundo uma criatura que não pode passar ao pé do *Pachá*, quando o pobre bichano está a dormir sossegadinho, sem lhe puxar os bigodes?!! O sr. Prior já reparou por onde ela traz os vestidos...?

— Oh! sr.ª D. Casimira, eu, bem vê, nesses assuntos sou muito miope...

— Assim vamos mal, sr. Prior; não temos sossêgo, nem horas, porque é tudo como o nome... a correr... Já reparou, sr. Prior: Ruth! Isto é lá nome de filha de Cristo!!!! Ruth... Ruth... Ruth!!

Se os espiritos conservadores estavam alarmados, a mocidade de Ruth começava a sentir os primeiros prodromos da nostalgia.

A Dolly, sua companheira de colegio, escrevia qualquer coisa que se poderia traduzir e condensar assim:

«O sol entrou dentro de mim, é verdade, mas não tenho luz em casa. A principio achei tudo um conto original, a iluminação antiga, a rusticidade do meu quarto nú... Mas tenho dentro de casa um cheiro a pão quente que me enfarta todas as noites... A minha familia, já to disse, são duas velhas e um gato. Parece-me que gosto das tias, mas não posso ver o gato. Passa a vida a dormir, percebes, dormir de dia e de noite, por cima de todos os moveis. Faço grandes progressos na lingua, de que já aprendi algumas palavras; por isso já tenho dois amigos; uma rapariga que me faz preguntas

(1) Sim... Meu pai. Eu tambem tenho um retrato.

de vestidos esquisitos e um rapaz que me olha muito, suspira e não diz nada. Ando a montar um posto de T. S. F. para ver se desenferrujo as pernas, porque aqui não tenho um *court* de tennis nem um campo de *golf*. O unico *sport* da familia é à noite, em volta duma mesa com feijões e cartões numerados. E como vai teu irmão Douglas? Tem ido visitar-te?... Dize-lhe que tenho recordado os nossos passeios e que não me esqueço das lições de guiar o seu *torpedo* vermelho! Ah, se eu o tornarei a ver... se eu tornarei a ver *my dear old chum*» (1).

Escandalos

Passara Maio, passara Junho. No *chalet* ao fundo da vila, onde morava o dr. Ricardo, caíam sobre certa janela algumas pedritas soltas. Minutos depois uma cabeça desgrenhada e olheirenta assomou: era o Antoninho.

— *Came along Tomy*... (2) Vamos passear. Descobri uma coisa bôa...

E Ruth, fresca, esguia, ponto de exclamação para todos que a viam, continuava a apedrejar o jovem portuguesinho...

Eram 7 da manhã; ele, ensonado e aborrecido, aperaltou-se e saíu... Esbaforia-se ao lado dela, de passos largos, certos, bem assentes no chão.

Na fronte do Antoninho, alem do suor, uma ruga patenteava a sua «tortura intima». O Antoninho sofria, por certo aquele mal português, endémico e assolador: o amôr.

Ruth não parava; o seu bengalão ia pontuando a poeira amarela dos caminhos tortuosos. Parou junto a um silvado, radiante:

— Oh! *Blackberries*, morangas...

— Não, *no*, Ruthinha... São amóras.

Ela apanhou, correu, fartou-se. E continuaram a andar. Por fim apareceu a surpreza: era um lago, entre a folhagem bravia, perto da quinta do visconde...Ruth batia as palmas, e começou a despir-se.

— Optima! Vou nadar... Venha você tambem...

E assim sucedeu.

O caso, ao que parece, foi considerado escandaloso quando se soube. Mas não evitou que o Antoninho lhe pegasse nas mãos, e dissesse:

— São uns amôres...

— *What?*... são tambem amóras!?

— Ruth, não brinque — Já deve ter percebido. *I love you*...

— Você *love me?* Oh! Porquê?... Não percebo porque você diz *issa*.

Antoninho desdobrou aquele rozario de palavras lusitanas bem conhecidas: «Desde que a vi... a sua formosura estonteante... Ao menos uma esperança. Viver sem esperança é pior que a morte, etc., etc.» e Ruth só exclamou:

— Muito complicada essa historia... Vamos a um *single?*

Outro escandalo, porém, rebentou, a turvar mais o lindo ceu azul de Portugal...

Uma manhã o correio trouxe uma carta de Inglaterra. Quem a recebeu foi a tia Perpetua, que a cheirou, mirou, remirou e passou á tia Casimira. Esta cheirou, mirou, remirou e, com muito custo, entregou-a a Ruth...

— Amigas da menina?

— *No, no*... não. Minha mama... *Mother*... — e foi a correr para o quarto.

— Oh! disse a mana Perpétua.

— Oh! ecoou a mana Cazimira...

Depois dum grande e pesado silencio, em que ambas se avermelharam de odio, e os rostos contraíram se em asco repulsivo por aquela «mulher de pernas á véla lá nos palcos das Inglaterras», a mana mais velha exclamou:

— Isto não pode continuar assim! Temos que livrar esta alminha da influencia do demonio! Se ainda fôrmos a tempo de a salvar e educar na bôa lei de Deus!

Combate

Sabado. Um inverno quasi passado. O inverno algido, frio, soprando por todas as janelas meio car comidas, resoan-

(1) Meu querido camaradão...
(2) Vamos embora, Tom.

do no forro do telhado velho. O serão ia em meio; andava qualquer coisa no ar, qualquer coisa que preocupava todos... Era ainda ela...

— Ela, afinal, não me deu novidade nenhuma para as minhas *toilettes* de inverno. E a forma dos sapatos é horrivel! — pensava desiludida a Mariasinha.

— Ela, afinal, nem sabe jogar o loto! — desprezava a D. Mariana.

— Ela não fez ainda uma festa ao *Pachá!* —reflectia a tia Perpetua.

— Ela não sabe talvez pegar numa agulha! — desdenhava a D. Gabriela

— Ela vem ensurdecer-nos com aquela musica sem graça nenhuma! — pensava o dr. Ricardo, sentindo que já não lhe davam a costumada atenção e lançando um olhar vesgo ao posto de T. S. F.

E Ruth? Ruth procurava ser gentil; procurava agradar. Mas os choques davam-se; verdadeiros combates de sensibilidades diversas.

Por amabilidade para con a D. Gabriela, fizera o seu melhor doce e enviara-lho no dia dos anos. A' noite ouviu:

— Muito agradecida, menina; mas não queria que se incomodasse. De mais a mais nós não apreciamos as cascas das laranjas. O doce preferido lá em casa é o leite creme.

O doce á inglesa era uma compota de laranja, ácida e adstrigente a que Ruth achava o mais delicioso paladar!

— Por si até comia fel! — murmurou o Antoninho, pegando-lhe na mão e olhando-a como se partisse no dia seguinte a combater os mouros...

— Oh! *my dear!* Então não está melhor?

— O seu coração é de pedra, Ruth. Pois não vê que eu sofro...

— Tome muitos banhos. Isso passa... Ou experimente o *box;* dizem que «fazer» bem aos «paixãos».

Uma tarde apareceu a D. Mariana esbaforida; conferenciou com as tias; «apanhei a Mariasinha a fumar, ás escondidas, na casa de banho... Isto são os bonitos exemplos da menina Ruth. Eu estou a criar a minha filha para senhora, não para dama duvidosa...»

Ruth foi chamada. Advertida. Verberada.

— *No... no...* Não faz como eu. Eu não me esconder...

— Isto é o cumulo... o cumulo! bradava a D. Mariana. Adeus, adeus... não sei quando aqui voltarei!

A D. Casimira chorava de aflição e enquanto prometia rezar em triplicado pela salvação daquela alma, ameaçava...

— Se a alma do mano Artur pode ver os vexames a que nos sujeitou, ha-de estar satisfeita da sua obra... Mas agora, a menina tem que obedecer-nos. Somos aqui os seus parentes mais velhos... tem de ter compostura, tapar os joelhos... Eu tenho 58 anos e ninguem se pode gabar de mos ter visto!!!

— Oh! *shocking*... e Ruth abalou a rir, um riso nervoso, um riso triste, repenicado de gargalhadas falsas...

Chamamento

O que a inebriava era o azul inedito, sem qualquer mancha ou nuvem, numa pincelada igual e completa Mas Ruth compreendera agora que aquele sol e aquele azul actuavam sobre as energias e só faziam gatos mansos dormindo perpetuamente, como o *Pachá*, ou jovens como o Antoninho, ardendo em inflamadas paixões subitas e anti-higienicas.

Ninguem a compreendia... Não compreendia ninguem. A natureza era desprezada por todos. Sentia-se só diante da imensidade azul. Só e infinitamente pequena. E então lembrou-se da quentura daquele cinzento perpetuo, brando, doce, sem contrastes, sem notas agudas, do ambiente em que vivera durante tantos anos... A folhagem muito verde, a relva — um tapete viçoso perpetuo, onde dormia horas, nessas férias bem gosadas, bem alegres, da vida inglesa... Nunca pensara em amor, mas sabia-lhe bem cami-

nhar leguas ao lado de Douglas, nos *links* de *golf*, que lhe retezava as pernas e os braços... Lembrava-se do chá... o chá que nunca mais bebera, porque não era só chá; era tambem a hora das confidencias, do *spleen*, do repouso bem ganho. Tudo a chamava... Nada, nada a prendia aqui, senão o encantamento do sol e o azul profundo electrizante do ceu...

Cada dia que passava encontrava mais complicações na vida, a vida que é a coisa mais simples de se perceber e que se resume em: *ser natural*. Aqui, encontrava tudo enigmatico, enredado, estranho, resoando a ôco.

Que seria feito de Janny? Aquela endiabrada que só estudava em cima das arvores e cuja paixão era o cinema, os *films* do *Far-west*, com uma heroina loura como ela, correndo escarranchada num potro endemoninhado por prados sem fim...

Tambem ela quizera um cavalo, mas na aldeia não havia senão burros, moleirentos... e sonhadôres. O que mais imperava nos seus ouvidos era o *chiar* agudo dos carros pesados que passavam junto á casa e causavam um fundo arrepio na sua alma emigrada em terra estranha. Tinha saudades da neve... Ruth nunca mais vira neve. A néve é que lhe criara talvez a alma branca, naturalmente inocente e clara... Com a neve vinha o Natal, vinham todos os costumes e brincadeiras, que ao querer reproduzir na casa austera das tias haviam merecido a classificação de *sensaborias* impertinentes...

E um dia a noticia rebentou. Ruth ia partir; ia ter com sua mãe... A tia Casimira e a tia Perpetua juravam ao sr. Prior:

— Não pode dizer-se, e Deus é testemunha, que nós não fizessemos tudo para a ter junto de nós. Demos-lhes bons conselhos, que fosse á missa, que não tivesse modos descompostos, que não andasse a apanhar sol na cabeça, que faz tanto, tanto mal! Mas nem a bem, nem a mal! Aquilo é do sangue. E' deixá-la ir. E' deixá-la ir!

Quem fica contente é o *Pachásinho*, que já pode dormir sossegado, sem medo dos puxões da Ruth! E o que se diz na aldeia? Que ela desprezou o Antoninho, um bom partido, que andava perdidinho por ela?!!»

Final da novela e principio da vida

Em Charing-Cross. Silencioso e veloz, chega um expresso. Rapido desaparecimento dos passageiros. O casacão roxo e amarelo de Ruth hesita á espera de alguem. Chega um outro casacão cinzento, felpudo, como um cão de agua...

— Ruth?

— *Are you, mother*... (1)

Um beijo e um aperto de mão. Nunca se tinham visto. A actriz está um pouco sensibilizada, mas em poucos instantes se domina. E diz-lhe qualquer coisa em inglês, que quer dizer:

— Como estás bonita...

— E tu tambem, minha mãe...

Um taxi, uma morada...

Lá dentro:

— Portugal?

— Oh! muito sol! O ceu azul!!!!

— Mas porque não ficaste?

— Não sei. Muito complicado o resto...

Depois, silencio. Através o quadrado da portinhola, Ruth vê modelado no cinzento habitual de que é feito todo o seu passado verduras-negras, massas cinzentas, tudo brando, suave ao olhar... Esvaem-se nesse encanto dum reconhecimento as ultimas impressões que traz; julga ver em todos os rostos o de *Douglas*, o seu camarada de passeios; e cada vez mais a apagar-se tudo que deixou lá longe, na terra estranha; tudo: duas velhas... e um gato.

FIM

(1) — És tu, mãe?

novela para todos
edições CP

uma viagem á Phobolandia

novela de

fidelino de figueiredo

OS jornais noticiaram há pouco a morte de Bernhard Wilpert, apenas recordando que se celebrisara pelos seus inventos de guerra.

Efectivamente este grande químico e fisiologista aplicara-se durante os trágicos anos da guerra a extraír da atmosfera muitos princípios quimicos, dispensáveis ou nocivos à respiração, mas grandemente úteis para correctivos das terras, que nêsses dias eram compelidas a uma fecundidade exaustiva. Foram, pois, «inventos de guerra» os seus, mas não dos que aperfeiçoaram a arte de matar, antes dos que, aproveitadamente, puseram ao serviço da conservação da vida muitos valores perdidos.

Porêm, o que especialmente celebrizou Wilpert foi uma sua viagem à Phobolandia. Ele foi, durante uns meses, em grande estilo modernista: o homem que viu a Phobolandia.

Conheci-o a bordo do *Almanzora* em 19**, quando regressavamos à Europa, eu do Brasil, êle de Mylesas, a grande ilha maldita do Pacifico, que uma humorada erudita logo crismou em Phobolandia.

Notara um alemão altissimo, de cabeça rapada, rosto ossudo como tôsca escultura de madeira, mas uma impressionante expressão de energia e uma luz invulgar nos olhos encovados. No *spardeck* eu observava especialmente este alemão esgrouviado e três presidentes de republica cessantes, passeadores solitarios, que vinham espairecer a melancolia das suas decepções do poder pela estropiada Europa. Via-os com a curiosidade artistica e desinteressada com que contemplava todos os dias o ocaso do sol e irmanava com os abandonados presidentes o alemão, que se me afigurava um grande desenganado.

Menos me atraiam três candidatos á presidencia, de eleição segura, que faziam uma viagem de intenção diplomatica e financeira. Os seus grupos de possiveis senadores, possiveis ministros e possiveis directores gerais tinham a compostura solene e confiada das grandes assembléas, em que se pactuam alianças e se mudam os destinos do mundo.

novela para todos
edições

Uma tarde, um chileno, muito penetrante, animo formado no neo-espiritualismo americano, que teve em Rodó um dos seus porta-estandartes, contou-me a historia da viagem famosa de Wilpert — que elle vira festejar na sua passagem por Santiago.

Depois da guerra, o sabio recobrara a autonomia do seu espirito, ao fazer-se a desmobilização geral da sciencia e pôde reatar dilectas experiencias de quimica biologica. Os seus estudos dirigíam-se principalmente á base flsica do temperamento e do caracter, não para consolidar ou refutar o cansado paralelismo psico-fisico, mas para extrair conclusões laboratoriais que opusesse á profecia decadentista do seu compatriota Spengler. Os seus artigos em *Prometheu* (*Revista de exposição e critica das audacias scientificas do seculo XX*), de Leipzig, fizeram sensação mundial.

Principiou por impugnar as idéas de Sergio Voronoff sobre a consecução da longevidade e melhoria do genero humano por meio do enxerto do tecido glandular do macaco, alegando que, seguramente, só se obteria uma revigorização sexual, mas com grave desequilibrio de toda a personalidade, e, provavelmente, se faria degenerar o homem em antropoide. Segundo a sua concepção, a arvore genealogica, proposta pelos transformistas, devia ser considerada ao revés: as especies simiescas é que eram descendencias degeneradas do homem.

Depois começou o seu trabalho construtivo, subordinado pela tese original: quem dominasse o quimismo cerebral e hepatico do homem teria encurtado um pouco a distancia que nos separa do enigma psicologico. Wilpert, o espírito profundamente religioso, era, assim, muito modesto nas suas afirmações. Quem alterasse esse quimismc, poderia alterar a base fisica do temperamento e influiria no rumo da alta vida psiquica, como jardineiro que, com adubos adequados sobre as raizes e pulverisações idoneas sobre as frondes, dirige e aperfeiçôa o porte duma arvore.

Como Wilpert não quis nunca praticar o viviseccionismo, não escandalizou a sensibilidade dos seus contemporaneos, mas tambem não demonstrou as suas teorias. Contudo, a sua influencia nas concepções biologicas foi profunda e chegou á literatura de ficção. Wells utilizou largamente as suas idéas. O *Homem invisivel* é a exemplificação novelada e ironizada dum artigo celebre sobre a irradiação luminosa e os limites da receptividade da retina. Ironizada não digo bem, porque o humor do escritor inglês só ampliou o grão de scepticismo risonho, que já estava pronto a germinar em todos os trabalhos de Wilpert. Trabalhando com toda a seriedade impecavel, o sabio teve o bom gosto de não tomar demasiado a serio as suas conclusões. Temia a logica e não queria ir ao fim de experiencias que poderiam fazer vitimas.

De facto, ele só saiu do recolhimento do seu laboratorio para fazer uma formidavel demonstração, que foi como um colossal quadro humoristico, especie de conto á Mark Twain.

O rei Zebú, de Mylesas, viajara pela Europa e formara se em Oxford e Leipzig. E' claro que o seu horizonte espiritual deixou de ser o da sua ilha perdida, mas como vale mais ser o primeiro em Mylesas que o segundo em Roma — já o dizia Julio Cesar — sempre voltou ao seu reino. Logo surgiram dificuldades com os seus subditos, que elle atribuia a estragos da regencia anterior, mas de facto eram só conflitos da sua mentalidade superior, e dos seus, com o ambiente semi-barbaro. Um pouco o caso recente do rei Amanulah do Afghanistan. Invocando as suas régias prerogativas, quis a golpes de decretos de despotismo ilumínado levantar á sua altura o seu povo. A velha Europa, com as suas novas apologias do «regimen» dictatorial, não lhe dava exemplos diferentes da arte de governar... Mas o conflito tornou-se agudo, o mal-estar vol-

veu-se em tendencia revolucionaria, outro aspecto dos ensinamentos da crise européa, veio a fome — e ninguem atendeu ás leis sabias do rei Zebú, que decretavam que todos os milesianos fossem bons e felizes.

Especialmente convocado, um conselho de anciãos propôs ao rei a supressão dos seus amigos e acolitos e discipulos. todos os que o tinham acompanhado pela Europa ou se haviam contagiado. Zebú, homem de boa leitura, lembrou-se daquele pofundo conto de Wells, *Na terra dos cegos*, em que os perturbadores eram os videntes, e sorriu contente ao acudir-lhe a recordação dos trabalhos de Wilpert, que em Leipzig lhe inspirara pela sciencia uma ídolatria de recem-civilizado. E, deixando com tedio os anciãos e os seus pareceres, deliberou chamar o sabio para que applicasse ao seu reino as suas doutrinas de quimica biologica.

Grande foi o espanto de Wilpert ao ser encarregado de afinar todas as rudes almas de Mylesas pelo mesmo metronomo. Era necessario que todos vivessem pelo mesmo sistema e se norteassem pelas mesmas idéas gerais Gerais não — particulares, porque o mais bravo individualismo dividia os milesianos, que só se uniam em explosões gregorias para defender esse mesmo envenenado individualismo. Da igualdade absoluta viria a paz absoluta, esperava o rei.

E Wilpert pôs mãos á obra. Um rigoroso regime dietetico, um tratamento quimico das aguas da ilha e um curto periodo febril realizaram o «desideratum» do soberano: pôr aquela sociedade do avêsso, mas em concordia, com unica visão etica, ainda que invertida. O acto corajoso de Zebú foi por alguem comparado ao de certos gastronomos, que deitam açucar nas ervilhas, para acabar de as fazer dôces. Eu creio que a metáfora é infeliz, porque o que Zebú fez foi o contrario: acabou de tornar uniformemente amargo o que o era em doces varios, o caracter milesiano.

Assim veio a mentira a reinar no seu Estado, em todas as suas formas, omissão, exagero, vaidade, calumnia, e foi tida como arma legitima de combate social. Aquele rabujento jeremias de Harward, que lamentou a decadencia da arte de mentir, teria de se desdizer, e redondamente, se visitasse o reino de Zebú. A agitação politica, longe de se amortecer, recrudesceu e perdeu todo o seu significado colectivo, foi um metodo de liquidação de pessoais contos correntes. Renasceu o espirito de elan, com seus totems, com toda a sectaria intolerancia, com os seus ostracismos intransigentes, como o da assembléa dos coelhos contra todos que não eram coelhos, segundo refere Aristoteles na sua *Politica*, (Liv. III, cap. IX). O patriotismo tornou-se uma hipocrita declamação: feria-se a Patria, todas as vezes que o interesse pessoal o exigia, mas estarrecia-se de emoção ante as glorias avitas. O culto da amizade obliterou-se, mas simulou-se, parodiou-se como expediente ocasional. A maior instabilidade acompanhava, por isso, os juizos sempre impregnados de calculoso oportunismo; saltava-se da admiração ao desprezo, da simpatia ao odio Verdadeiramente os pobres milesianos perderam a dôce e superior capacidade de amar e admirar por muito tempo, cansaram-se depressa dos seus sentimentos como se deprime a atenção ante um longo *film*. Em boa logica, a inteligencia e a virtude eram tidas por indesejaveis sobrevivencias dos tempos ominosos, os anteriores á visita de Wilpert; e toda uma legislação as perseguia como paradigmas ofensivos para a miseria mental e moral, que afoitamente se entronizara. Ainda em bôa logica, no crime a piedade reservava-se ao criminoso, como audaciosa afirmação pessoal contra as injustiças sociais, um tanto á maneira de certa interpretação moderna do *Don Juan* como grande vingador dos homens... Porque a pobreza aumentou a proporções tragicas, o espirito de mendicidade subiu na cotação colectiva: tudo se pedia, dinheiro, lugares publicos, justiça, honra — parodias da justiça e da honra, claro.

Insensiveis á beleza, os milesianos desinteressaram-se da natureza, deixaram de adoçar os olhos nos campos da sua ilha verde e de ver o mar, que lhe marulha em torno; perderam todo o sentimento do infinito e do sublime; o perimetro da sua vida limitou-se a um localismo asfixiante que não excluia, contudo, uma especie de hipocrita superstição do estrangeiro, quando tomavam a curiosidade do exotico por confiramção admirativa daquelle vegetar microbiano. E' verdade que os viajantes curiosos não faltaram, principalmente americanos. Mas foi um francês o que mais flagrante impressão nos deu dessa harmonia ideologica de Mylesos René Boysleve na sua cronica, graciosa e amarga, *Voyage de Candide avec Pangloss au vrai Eldorado.*

Não ha bem que sempre dure — diz o povo filosoficamente. Em breve, o rei Zebú se cansou de governar um povo inferior, que se debatia num reboliço de vermes. E era verdadeiramente dificil o seu papel, porque se não sujeitara ao tratamento de Wilpert e mantinha intactos a sua culta intelligencia e o seu alto senso moral, e porque naquele vegetar já não brotavam homens capazes sequer para a maquina burocratica do seu pequeno Estado, embora o assalto dos pretendentes, híantes, batendo os dentes, fosse cada vez mais renhido. Como um capitão, que na hora do naufragio do seu navio se pusesse a salvo, o rei não quisera tragar a drogaria especifica de Wilpert que, alterando a quimica das secreções biliares, alterou o temperamento dos seus subditos, e anastomando bastantes dos vasos de irrigação cerebral e preencendo as depressões circunvolutivas haviam perturbado tão fundamente a sua inteligencia. E' possivel que o remorso vencesse agora as suas curiosidades scientificas e o seu egoiso de governante. O certo é que um dia Wilpert recebeu ordem para repôr as coisas no estado anterior. Ora esta hipotese é que o sabio não tinha previsto. E por mais que recorresse á especulação e aos seus formularios, não achou outra conclusão senão fiar do tempo a lenta recivilização daquele povo. Ele sempre resistira á tentação da experiencia, sabendo que tão radicais metamorfoses biologicas não eram reversiveis. Teve de confessar ao rei a sua impotência.

Foi então que um filantropo yankee, multimilionario e bem humorado, aproveitou o ensejo para ostentar, de modo bem patente e ruidoso, o seu grande desdem pelas pretensões de certa sciencia. Hoje sabia-se a respeito dos capitais problemas da mente humana tanto como nos aureos dias dos helenos e alexandrinos; deviamo-nos contentar com ter mais pão e mais liberdade — filosofava com simplismo. E carregando meia duzia de trasantlanticos com dollares e tudo que produz rapidamente abundancia e bem estar, fez-se ao mar com aquela frota de argonautas, que, ao contrario dos outros, corriam a restituir o velocino de ouro áquela Colchos envilecida.

Num só dia, a chegada daqueles tesouros realizou todo o trabalho de recivilização, que Wilpert fiava dos longos seculos. E os milesianos redescobriram e amaram o mar azul, voltaram a levantar os olhos ao céu, a sorrir com carinho e bondade, a sentir a beleza, a palpitar de altas aspirações, como se um ruflar de asas potentes levitasse a sua ilha. Quasi compreendi então por que encontrara no sabio a mesma impressão de melancolico e decepcionado abandono dos pobres presidentes cessantes, ao vê-los passear e cruzar-se longamente sobre o *spardeck* nos interminaveis dias de bordo. Ele abandonava o poder, o magico poder dos seus laboratorios; eles abandonavam todos a sua Phobolandia particular. Na verdade, os jornalistas perdem muitas vezes a ocasião de ser louvavelmente indiscretos.

O necrologio de Bernhard Wilpert foi ridiculamente sumario. E' assim coisa tão banal ter estado na Phobolandia? Porventura, o fracasso politico das suas doutrinas envolveu o seu fracasso scientifico?

RAMON GOMEZ DE LA SERNA

O CONDE BIANCAMANO

novela

Ramon Gomez de la Serna, cujo nome o publico português já conhece, é o escritor mais representativo do espirito moderno espanhol.

«Novela para todos», que o conta no numero dos seus colaboradores ilustres, publica hoje um originalissimo trabalho do grande humorista.

ANA era uma linda rapariga, agil e coleante, sempre vestida de branco, com atitudes de sentar-se no *hall* dum grande hotel, mesmo quando se sentava num rochedo da praia. As suas pernas, quando cruzadas, faziam angulos brancos duma implacavel elegância, e os seus braços compridos faziam gestos de languidez ou enervamento supremo em atitudes tambem cheias de requinte e elegância de não querer coisa alguma e de nada se importar.

Ana tinha por missão, naquela ilha, que nunca acabava de se saber se era uma nuvem ou um punhado de terra, de mostrar todas as grutas azuis e todas as perspectivas aos ingleses ou norte-americanos que iam recomendados pelos centros universitários á filial de extensão universitária que existia na ilhota.

O inglês falado por Ana era um harpejo italianizado que extasiava os ingleses e perdia todas essas dissonâncias enfadonhas e imperativas que o caracteriza. Muitos dos que ouviam as suas explicações perdiam a noção do que lhes era apresentado, e só prestavam atenção á voz de Ana.

Nos seus apontamentos era vulgar escreverem frases como estas: «As estalactites azuis, submetidas á voz da gentil interprete Ana, parecem finos tubos dum orgão subterraneo».

— E esta coluna, minha senhora?

— Esta coluna está aqui para sustentar o ceu...

Minutos depois, o inglês voltava a preguntar, como se não tivesse ouvido:

— E esta coluna?

— Esta coluna está aqui para sustentar o ceu...

No dia imediato, ainda havia um *touriste*

novela para todos
edições

que, para a ouvir repetir a linda frase, voltava a preguntar:

— E esta coluna?

— E' a mesma de ontem! — respondia então, irónica e maçada.

A beleza da ilha era completada pelas explicações de Ana, que possuia um sorriso especial para que resvalassem por ela as declarações dos namorados.

Ela estava comprometida com um jovem que a deixava acompanhar a ingleses e norte-americanos, porque, como bom italiano, sabia que há muitas maneiras de ganhar a vida sem desonra alguma. Até sentia orgulho naquelas explicações sobre a ilhota, porque o homem é tão vaidoso que se julga simbolizado na sua terra, e que a ilha, ainda que tivesse um genérico nome feminino, era como um enorme ser varonil, e, por isso, lhe ficava a propósito a cabeça de Tiberio, como coroação monumental e fisionómica do promontório. A única coisa que o irritava era o facto de sua noiva entrar com os estrangeiros na gruta azul, porque parecia-lhe aquela gruta uma gigantesca alcova de noivado.

Ao terminar uma daquelas lições de geografia poética, os norte-americanos, agradecidos, ofereceram-lhe um banquete a bordo do *Conde de Biancamano*, que partiria de alí directamente a Nova York.

Perdida a noção das coisas com os discursos finais do banquete, quiseram declará-la doutora *honoris causa* e impuseram-lhe o barrete simbólico.

— Parece que estamos a andar — gritou ela, repentinamente, atirando ao chão o barrete, quando se apercebeu que o navio se movia sobre a serra do mar.

— E agora o que será da minha vida?! — ouvia-se-lhe lamentar entre lagrimas, debruçada no talabardão da coberta.

Todos se acercaram para a consolar, e o capitão apareceu a saber o que acontecera, enquanto, entre dentes, ia dizendo:

— E' mais uma mãe que fica com uma filha a menos. A bordo dos transatlanticos, mesmo as pessoas mais ponderadas não passam duns bébés...

— Quero voltar! Quero voltar! — gritava desesperada a rapariga, muito embora soubesse que tal coisa era impossivel.

Os norte-americanos contaram ao comandante o ocorrido e prestaram-se de bom grado a pagar a Ana a passagem de ida e volta. Inexoravel, o capitão disse a Ana:

— O que pode fazer é regressar nêste mesmo barco, que só tem uma demora de quarenta e oito horas em Nova York.

— Mas como explicarei isto tudo ao meu noivo... Serão os senhores capazes de lhe telegrafar sem omitir um único detalhe?

— Sem dúvida! Agora mesmo, sem perda de um minuto! Pode ir já redigindo o radiograma para o seu noivo, porque vamos mandar chamar já o telegrafista.

*
* *

Para Ana, a travessia foi maçadora, interminavel, até mesmo agoirenta. No fundo da sua alma via a retrovisão dos acontecimentos. Se tivesse sido um outro barco qualquer...; mas êste navio romântico, com um nome de conde de novela; o *Conde Biancamano!*... Parecia que se realizava um novo mito do rapto, em que o transatlantico raptava uma mulher.

Ao saber do ocorrido lá longe, na ilha, diriam: «Se foi no *Conde Biancamano*...» e nas bocas das comadres e vizinhas o caso passaria para assunto de má lingua.

Odiava aquêle *Conde Biancamano*, que não a largava, que a levava abraçada com todas as correntes e cabos do navio. Pela noite, sentia um desejo enorme de gritar: «Maldito *Biancamano!* Tartufo! Sequestrador de mulheres inocentes!»

Pegada à prôa, empurrava o barco para que chegasse depressa e pudesse voltar imediatamente. Suplicou a retirada verti-

ginosa para que o regresso fosse menos de ' morado. Que esforço não teria feito à pôpa para conseguir que o barco fizesse marcha atrás.

Durante a noite via uma maquiavelica mascara na quilha do paquete, uma mascara de D. Juan moderno, sorrindo cínicamente da sua nova façanha. A sua voz entre os norte-americanos que se lhe iam tornando cumplices do *Conde Biancamano* tomava um tom irado, onde havia lágrimas de desespero e terror. Todos os que viajavam no vapor ou faziam parte da tripulação pareciam-lhe vigiá-la, como se fossem sicários do maldito *Conde Biancamano.*

*
* *

Por fim, o seu olhar alvejou a bela ilha, que, como sempre, parecia nascer duma eterna alvorada.

O vapor, á aproximação de terra, foi, como de costume diminuindo na sua marcha. O *Conde Biancamano* parecia a Ana que se divertia no último momento da sua aventura, retorcendo vagarosamente os bigodes de espuma que repartia para cada lado da prôa. Finalmente, avistou-se o porto, e no cais lá estava êle, o desgraçado noivo, com uma côr macilenta de ter esperado de velada um largo mês. Todos os que a esperavam, embora dessem provas de satisfação por a voltarem a vêr, não conseguiam mascarar uma certa dissimulação traidora.

O noivo abraçou-a chorando, e ela tambem deixou correr as lágrimas em profusão. Todos pareciam desculpá-la e perdoá-la dum grave mistério, e, após as saudações, prometeram voltar a encontrarem-se na primeira oportunidade, nos lugares do costume.

Ficaram sós os noivos. Ele não lhe insinuou qualquer censura; mas ela descobria-a no seu silêncio.

— Se tivesse sido em qualquer outro vapor... o *Nautilia,* por exemplo;... até mesmo o *Neptuno...* Mas o *Conde Biancamano!...* — aventurou êle, ao fim de algum tempo, mas sciente do ridículo da sua insinuação.

— Parece impossivel que tu ainda te preocupes com essas ninharias—disse ela.

— Pois olha: todos o notaram com aquela maldade que os caracteriza.

— Mas se o próprio *Conde* me trouxe de onde me levou.

— Sim!... mas com uma aparência de quem se arrepende.

— Ainda por cima!...

— Não te zangues... Não vês que a vida é toda feita de tristeza e a cada passo tropeçamos em logros... Já que tu eras a mulher mais pura do mundo, o destino quís dar-me esta desagradavel *blague.*

— A única coisa que devemos lamentar é termos estado tanto tempo ausentes. Durante toda a viagem senti-me como prisioneira atada de pés e mãos.

— Até mesmo no amor em que nada há a perdoar, temos que começar perdoando.

— Não continuis a ser cruel para com o meu coração atormentado.

— Pois bem! Esqueçamos!... Mas repara bem que já há qualquer coisa a esquecer. E os dois, calados como se tivessem deitado areia de silêncio sobre as suas últimas palavras, dirigiram-se para um grupo de casas debruçadas sobre a penedia que caía a pique até o mar, muito agarradas á rocha, para que não as levasse um vendaval, tementes do magnetismo das ondas marinhas que fazem sonhar viagens e mistérios distantes.

O MERCADOR de ONDAS

Arturo Capdevila é um dos maiores escritores e poetas da Argentina contemporânea. Um dos mais representativos. Vastissima cultura classica. Sensibilidade estranha, subtil e delicada. A sua obra está plectórica do novo genio sul-americano.

Grande amigo de Portugal, que visitou ha anos, Arturo Capdevila dedicou-lhe parte do seu formoso livro «Tierras nobles».

Novela para todos *honra-se por contá-lo entre o número dos seus mais ilustres e preciosos colaboradores.*

AQUELE monarca — monarca sem nome de um país que nome não tinha; monarca de sonho num país de sonhos — despertara sobressaltado.

A escrava branca que velava o descanso régio, junto dos cortinados, abriu estes. A luz da manhã — mas uma luz cinzenta de um dia tambem cinzento — penetrou na angusta alcova, iluminando os largos bordados das colchas de púrpura, os soberbos desenhos do riquissimo tapete, os singulares ornatos das preciosas tapeçarias. Mas era uma luz cinzenta de um dia tambem cinzento.

Logo, a escrava negra que tambem velava, agachada aos pés do leito — leito de oiro maciço, firmado sobre quatro dragões tambem de oiro, em cujos olhos scintilavam pedras preciosas de inimitável lavrado — a escrava negra que velava, tendo por único vestido a sua propria formosura, pegou no leque de plumas escarlates e abanou suavemente o rei.

E a escrava amarela, e a escrava escarlate, e a escrava verde — completamente pintadas de amarelo, escarlate e verde, se é que não haviam nascido já assim — principiaram a tocar, uma alaúde, outra harpa, a terceira uma flauta sonora, ao mesmo tempo que a escrava azul, uma escrava tingida inteiramente de azul, até nas unhas e nos cabelos — tingida, se é que não nascera já assim — começara a cantar.

Imediatamente a escrava multicolor, a escrava pintada de todas as côres vivas, deslizou, como se voasse e, com gestos de

novela para todos
edições

abandono e ebriedade, dansou desnudada. E, nas suas varias côres, era exactamente como o arco iris; exactamente como um raio de sol desdobrado em sete maravilhas.

Mas o monarca, reclinado entre almofadas, semelhante, tambem, pela sua gordura plácida, a uma grande e macia almofada, olhava, com as pupilas dilatadas, para aquela scena deslumbrante sem que se deliciasse com tal beleza. Adivinhava-se que essas pupilas, ainda mal despertas, seguiam no espaço as derradeiras visões de uma alucinação.

Quando cessaram a música e a dansa, o mais robusto negro do palácio entrou, trazendo sobre a pesada bandeja de prata, numa preciosissima taça de agata e marfim, um selecto hidromel.

Como que afastando idéas ruins, o rei esfregava com as mãos trémulas os olhos e as fontes. A cabeça, enorme, pendia-lhe, pesada e redonda, sôbre o peito. O rosto enigmático transtornara-se-lhe numa expressão de terror.

Tinha sonhado. Sonhara como nunca, com as maiores extravagâncias que é possivel sonhar. Para dizer a verdade, não se recordava com nitidez de nenhum aspecto do sonho; mas ficara-lhe, de quanto havia sonhado, um augurio de inevitável catastrofe.

Com a mão crispada agitou rudemente a campainha de prata que trazia ao pescoço. E, ao som dessa campainha, os sete porta-alfanges, que se haviam conservado rígidos diante do leito real, curvaram-se até o chão como noutras eras o heliolatra ao vêr surgir o sol.

E o rei disse a esses sete porta-alfanges, com a sua habitual, azeda voz.

— Chamai a conselho os ministros do trono. Que não falte um só.

Giraram nos calcanhares os sete porta-alfanges, que sairam, a cumprir as ordens do rei. Atrás deles deslizaram as dansarinas, até que só ficou, por fim, na presença do amo, o negro da bandeja de prata, que trouxera o hidromel.

E o rei, com a alma agitada, pediu-lhe a bebida.

— Saude a ti, senhor, para que vivas mil anos—respondeu o servo, dando-lhe a magnifica taça.

E o rei tornou:

—Aí tens! E' assim que eu bebo hoje.

E arremessou-lhe a taça ao rosto. Então, por obra de feitiçaria—feitiçaria naturalmente — a figura do negro foi-se desvanecendo pouco a pouco, até desaparecer completamente.

II

— Chamai a conselho os ministros do trono. Que não falte um só — ordenara o rei.

E havia muitos ministros; sete ministros, que eram estes: o ministro da primavera, tambem chamado ministro das flores e dos passarinhos; o ministro do inverno, também denominado ministro dos gelos e das neves; o ministro do céu das noites, o ministro do vôo das aves; o ministro das tempestades e o principe dos ministros, que era, também, o ministro dos sonhos.

Como se compreende, cada um desempenhava as suas funções próprias, das quais as mais dificeis eram as do ministro do vôo das aves, que prenunciava os augurios em vesperas de combate; as do ministro do céu das noites, que deitava o oráculo dos destinos; e as do ministro dos sonhos, que adivinhava os mistérios da divindade.

E, á hora marcada pelo soberano, estavam todos em pleno conselho, diante do trono, no grande salão das cerimónias.

Só me falta advertir que o ministro da primavera ou, melhor, das flores e dos passarinhos, era eu precisamente.

III

Terei ânimo para contar tudo quanto devo contar? Deverá um homem, que foi ministro, dizer tudo quanto sabe sôbre um rei que já

não existe? Por outras palavras: poderei, após outros acontecimentos graves em que me vi comprometido, elevar uma voz suficientemente autorizada? Pense cada um, a meu respeito, o que melhor lhe parecer. Eu vou falar — e tudo quanto eu disser representará a mais pura expressão da justiça e da verdade.

Tenho de declarar, desde já, que aquele rei era tirano e feiticeiro porque até a própria natureza lhe estava subordinada. Por ambas as circunstancias se experimentava horror na sua presença; era o mais abstracto dos horrores, aquele que provém do facto de não nos pertencermos....

Do nosso amo, podia-se dizer que era omnipotente; bastava recordá-lo para logo nos sentirmos na mais completa sujeição. Estava em todas as coisas: flutuava, na luz como na sombra, o império da sua iniquidade.

Mas a sua tirania, apesar de ser espantosa, podia-se chamar tranquila e, sem a menor dúvida, incruenta. Eu, pelo menos, não presenceei nunca um acto de violencia, nunca assisti a uma scena brutal. Nem mesmo me recordo de que existissem carceres naquela cidade. E contudo...

Devo insistir, ainda, neste pormenor paradoxal: o nosso rei não matava nem encarcerava, como ordinariamente fazem os melhores reis. Por sua causa não corriam sangue nem lágrimas. E, no entanto, era um tirano — visto que no seu reino ninguem dispunha de si próprio.

Eu já disse que a natureza lhe estava subordinada e, por isso, lhe chamei feiticeiro. Disse bem. Estou certo de que êle dominava os elementos. Caía neve, vinha a chuva, soprava o furacão segundo o seu desejo e o seu capricho. Mil vezes preguntei a mim mesmo:

— Para que tem êste rei um ministro dos gelos e das neves, se não o deixa proceder? Para que lhe serve o ministro das tempestades?... Ele era o senhor supremo das forças naturais... Mais, ainda; creio que era capaz de mudar o curso dos rios e até os limites do oceano. Lembro-me ainda de vêr o mar encrespado, amarelado pelas batidas espumas serenar sob o seu conjuro. Todos os que presencearam isto, disseram de si para si, tristemente: — «Não pode haver assim, esperança de um dia nos libertarmos».

O meu próprio caso é significativo. Porque fui elevado a ministro, ministro das flores e dos passarinhos? Tinha eu ambicionado, porventura, sentar-me nas cadeiras de marfim do Conselho? Preguntou-me alguem: —«Queres ser ministro?» Acaso respondi —sim? Decerto compreendem o meu caso, agora, até os mais incrédulos. Não me ofereceram coisa alguma; nada aceitei. Uma manhã acordei ministro das flores e dos passarinhos como poderia ter acordado cego. Não houve notificações, édito ou convite de espécie atguma. Posso afirmá-lo. Simplesmente, acordei sabendo que era ministro. Vesti me á pressa e fui, como um sonâmbulo ou um autómato, postar-me ante o trono real.

Que outro nome, a não ser o de tirania, poderá dar-se a isto? Ou seria preciso, para nos considerarmos subjugados, que nos cortassem as mãos e as orelhas?... O modo por que eu fui feito ministro demonstra o estado de despotismo a que me refiro. Não há, nas minhas palavras, o mais leve exagero. Não esqueço, nem por um instante—podem acreditar-me—que me dirijo á História.

— Direi tambem — e mal haja quem duvidar — que a minha repulsa pelo despota foi ininterrupta; que o seu aspecto de boneco grosseiro, cabeçudo e horrendo, me fazia recuar.

Quando observava aquela horrivel cara, pensava logo: — «Isto não é cara; isto é o que se chama uma carantonha».

Apesar de tudo, houve quem afirmasse, em livros em má hora escritos, que eu cheguei a vangloriar-me de ser ministro do rei. E' mentira dos caluniadores. Oiçam bem isto os suspeitosos: eu nunca me envai-

deci da minha situação politica, certamente excepcional, nem me considerei mais livre do que os outros, ou menos desprezível do que êles, como sucede ás vezes com os ministros dos reis, que nisso iludem e são iludidos.

Tambem asseguro — enquanto haja documentos infames que pretendam comprometer-me no assunto — que nunca tive amores com a filha do tirano. Para não destruír o fio dramatico desta narrativa, abstenho-me de expôr, já, o que se passou na minha alma. No decorrer deste relato se verificará como estou isento de culpa nesses acontecimentos que foram rematados por uma catastrofe; como foi correcto o meu procedimento; como não fui eu, nem por intenção nem por acção, quem ocasionou o desastre daquele reino.

Devo juntar uma observação á margem dos meus supostos amores com a princesa:

Conseguiu alguem, e como, saber a respeito dela, fosse o que fosse? Viram-na, alguma vez?

E quando a viram? E como a viram? Três preguntas bastam para desconcertar os meus inimigos: A quem se ha de dar crédito? A'queles que dizem que ela tinha os olhos azuis e o cabelo negro? Aos que afirmam que tinha os olhos verdes e o cabelo loiro? Ou aos que asseguram que tinha os olhos negros e o cabelo castanho?...

E, agora, de mim para mim:—Não oculto que, certo dia, andando eu pela Cidade dos Sonhos, vi correr a multidão por uma larga rua. — «Ali vai a princesa!» — exclamavam. E eu, então, corri tambem.

Chegámos ao palácio. Mas, ao chegar, nada mais consegui ver do que um clarão semelhante ao da lua, extinguindo-se já no alto da escadaria...

Vão justificar-se agora, com o que eu vou contar, esses historiadores da Cidade dos Sonhos, que me chamavam ingénuo.

Alegro-me por êles; não me incomoda o facto de poderem ter razão. A verdade é que, voltando ao assunto que me preocupa, profundando as minhas mais intimas recordações, não sei que deva pensar da mãozinha de lirio, que um instante, apenas um instante, me acariciou a fronte, numa manhã doirada. Abri os olhos mal desperto ainda, e nada vi. Ficara na alcova — não o nego — um perfume de lirio, no tapete uma mancha de luz, no espaço uma maciez de rosas. E as três principais graças da princesa eram, conforme cantou o poeta da côrte, em versos peregrinos, o perfume a luz e a maciez:

«E's um perfume de lirio; tens a maciez das rosas; desprende-se de ti uma suave claridade...»

Mas pode concluir-se disto que eu tive amores com a princesa?! E então porque me acusaram, e de quê?

IV

E' ainda conveniente esclarecer alguns pormenores acerca das artes mágicas e do negro despotismo do rei — «despotismo sem sangue nem violência, em que nunca se viu justiçar um réu, segundo reza a conhecida frase do grande autor dos *Anais da Cidade dos Sonhos*.

Ninguem viu, nunca, justiçar um réu. Mas de que especie de justiça se fala? Apresso-me a declarar que a cidade estava cheia de gente petrificada; existia uma praça onde uma numerosa multidão conservava, havia séculos, a mesma atitude; um eloquente demagogo, que me abstenho de nomear, lá ficara, imovel para sempre, na sua tribuna, gelada a palavra fogosa nos labios tambem gelados.

Também se contava, em segrêdo, que existiam palácios fechados desde longínquas eras e cujos moradores se tinham tornado em fria pedra. E não posso negar que, no bosque mais próximo, se via um estranho esquadrão, em que os ginetes e cavaleiros eram todos de mármore. Dizia-se — é certo — que sempre tinham sido de mármore e,

como confirmação, citava-se o nome do prehistórico autor de tão estranhas esculturas. Mas poderia alguem acreditar essa lenda? Nós, que sabemos como e por quem a história é escrita, e muito principalmente a prehistória dos sonhos, não podemos dar grande crédito a essa afirmação. Demais, eu, no desempenho do meu especial ministério, observei, de perto, muitas vezes, o tal esquadrão e cheguei a conhecer a pavorosa verdade do caso pela extraordinária revelação que me fez o guarda mais antigo daqueles velhos bosques.

Por tudo isto os espíritos se nublavam com supersticiosos pressentimentos. Sabia-se que pairava por toda a parte uma ameaça. Interpretavam-se os sinais celestes, o vôo dos pássaros, as transformações das nuvens e nada de bom se augurava. Sabia-se que tudo estava perdido. Isto o ouvi eu dos lábios verídicos do meu colega, o ministro do céu das noites.

— E' certo — confiou-me êle ao terminar a nossa última conversação — que se avizinha o suprêmo castigo.

— Porquê? — interroguei.

— Porquê?! — replicou. — Todos sabem porquê!

E afastou-se, com ares misteriosos.

E' tempo, porém, de comparecer ao real conselho e de narrar, em súmula, o que lá se passou.

V

Vestido de púrpura, enovelado no assento do seu aureo trono, passeou o rei um olhar insolente como dominador e injusto sôbre os seus insignificantes ministros, sentados em semi-círculo. Ao centro dêste semi-círculo, presidindo-nos, estava, mui silencioso e receoso, o ministro dos sonhos. Lembro-me de que tinha à minha direita o ministro das tempestades. Parece-me estar vendo ainda, nas suas mãos felpudas, o raio doirado e ardente que sempre trazia consigo, como sinal do seu poder.

E o rei falou, quando lhe apareceu oportuno fazê-lo.

— Sonhei.

Imediatamente nos dispusemos todos a ouvir.

— Sonhei. E o meu sonho foi êste.

Como, até nêste mesmo instante, me sinto influenciado pelas questões delicadas que dimanam dos segrêdos de Estado, perdoar-se-me-há o não ser fértil em pormenores.

Confessarei, além disso, que pouco e mal compreendi as palavras do monarca. Apenas sei que êle, segundo contou, se tinha visto à beira-mar, rodeado por umas tristes sombras. Uns génios maus precipitaram-no nos abismos do oceano. Finalmente, uma voz enigmática lhe disséra: «A esperança está ao Norte». E um pássaro, que estivera escutando, havia dito: — «E' verdade. A esperança está ao Norte. Eia! Eu conheço o caminho».

Interpretando a visão, o ministro dos sonhos ergueu-se e pronunciou, em meio de um absoluto silencio, um discurso que ficou sendo memorável. Para dizer a verdade, eu esqueci-o quasi e só me recordo da parte final:

— A derradeira esperança — disse — consiste, conforme eu interpreto, em casar tua filha com o principe do Norte, filho único do monarca que, para lá de vastissimos mares, reina, ditoso e pacífico, no País dos Homens Felizes. Se êste bom e venturoso principe se prestar à ambionada aliança, o teu reino estará salvo. Se a negar, estás completamente perdido; o teu poder formidavel cessará rapidamente e deverás precaver-te, mais que de nenhum outro risco, dos perigos do mar. Animo, rei. Prepara quanto antes o melhor dos teus navios e envia ao rei do Norte uma suntuosa embaixada sob as ordens do teu mais brilhante ministro. E visto que houve no teu sonho um pássaro que declarou conhecer o caminho que conduz ao País dos Homens Felizes, deve ser teu embaixador, por dobrada razão, o ministro das flôres e dos passarinhos.

— Eu?! — ex-

clamei, sem poder dissimular o meu repentino terror.

— Sim, tu, miserável — grunhiu o rei, fulminando-me com o olhar.

— Saúde a ti, para que vivas mil anos — repliquei.

VI

Como se sabe, a Cidade dos Sonhos não é porto de mar. Confina com uma região mediterranea e nebulosa a Cidade dos Sonhos, a sempre triste e sombria.

Está edificada na margem do famoso rio que tem o seu nome e a que tambem chamam o Rio Adormecido, o qual arrasta as espessas e negras aguas, desde tempos imemoriais, por sob as muralhas da cidade, num lento rodar de detritos.

Este rio, ao que se diz, não desemboca no mar navegável, mas sim no imenso Oceano Desconhecido onde, povoadas de miseranda sombras, parecem flutuar, ao sabor da corrente, as Ilhas da Morte. Não dou agora mais pormenores. Quem quiser saber mais sobre o assunto, consulte pacientemente a sua melhor geografia, repare se tem índice oceanográfico, estude quanto necessitar e ficará sabendo tanto como eu.

Tive, pois, para cumprir a minha missão, de trasladar-me á cidade maritima conhecida pelo nome de Embarcadoiro dos Impossiveis. Inutilmente se procurará, em todos os livros de viagens, noticias de outro porto superior a este. Que muralhas de oiro, que cúpulas de prata, que torres de diamantes, que telhados de esmeraldas! O céu é, ali, de um azul purissimo, percorrido pelas mais prodigiosas nuvens de todo o mundo. Na imensa baía, flutuam, entre as largas ondas, barcos de aspecto estranho, navios quiméricos, numa variada multidão de velas e mastros.

Pelas dunas vagueiam febrilmente os sonhadores, os sábios, os utopistas, os enamorados, impacientes por partir em direcções absurdas. Constantemente se vão fazendo ao largo amplas embarcações conduzindo viajantes que não voltarão nunca. Contam se por milhares de milhar os navios que partem. Dos que voltam, há apenas alguns madeiros salvos do naufrágio.

Quando o meu arauto tocou o seu forte clarim de oiro, os barcos que enchiam a baía abriram caminho ao navio recamado de pedras preciosas, no qual eu embarcaria, rodeado por um luzido séquito, para o Pais dos Homens Felizes. Atracou. Subimos. Novamente soou o potente clarim e o navio fez-se ao largo entre música e aclamações.

Levei dias e dias de navegação a contar os presentes de que era portador. Tudo de uma riqueza incalculavel. «Nunca se vira tamanha opulência, nem mesmo nos navios do rei Salomão» — escreveu um assombrado historiador. E era verdade.

Ao anoitecer, quando se erguia dos mares uma lua de prata, instalava me eu na ponte do barco e dali mergulhava, horas e horas, nos desconhecidos horizontes daquele oceano, o meu olhar melancólico.

Guiava-nos dia e noite um pássaro que era uma chama tremulando no espaço. E no seu canto dizia: «Eu sei o caminho da esperança».

VII

Compreendo que se tenha já perdido entre os povos a recordação do País dos Homens Felizes e até a sombra dessa recordação. Compreendo, tambem, que duvidem dos meus testemunhos aqueles que, tendo apenas em conta a minha aparente mocidade, ignoram quantos séculos soma a minha verdadeira velhice. E a si proprios preguntarão: — «Quem contaria a este homem os sucessos a que ele se refere»? E certamente hão de concluir: — «São fantasias. O País dos Homens Felizes nunca existiu».

A questão não passará daqui, porque eu não responderei uma palavra.

Mas, prosseguindo a minha historia, devo contar que, depois de muitos e serenos dias de navegação, recebemos a primeira notícia

do País Ditoso pelos numerosos barcos de vela que se balanceavam em todas as direcções, sobre as aguas apraziveis. — «Barcos de pescadores»—exclamou alguem do meu séquito. Mas outro replicou que aquelas lindas embarcações não traziam aparelhos de pesca e mais pareciam barcos de recreio. A confirmar esta opinião, a brisa trazia até nós nesse momento, notas dispersas de uma deliciosa melodia. Soubemos mais tarde que no País Ditoso estavam proíbidas, por sérias razões de moral e religião, a pesca e a caça, alimentando-se exclusivamente os seus habitantes de frutas e legumes dos campos.

No outro dia, á luz doirada do amanhecer, surgiu aos nossos olhos extáticos uma costa ridente, toda cultivada. Era uma extensão imensa de terrenos lavrados e alamedas; em meio de formosos jardins erguiam-se palácios e palacetes de uma grande simplicidade. Por toda a parte se viam, robustos e alegres, trabalhadores dos campos. Representavam a saúde, a fortuna, a força e a felicidade.

O pássaro que até então me havia guiado, cantou pela ultima vez e, voando em direcção ao sol, foi perder-se no seu halo esplendente.

Quando atracámos, aproximou-se um grupo de homens vigorosos que, muito amigavelmente, nos ajudaram a descer.

— E' este o País dos Homens Felizes? — preguntámos.

— Sím — responderam-nos—é este o País dos Homens Felizes, mais vulgarmente chamado o País Ditoso.

E, caminhando pelos campos, iamos fazendo, a quem nos acompanhava, muitas e curiosas preguntas, até que eu, impaciente por dar principio á minha missão de embaixador, disse, com desalento:

— Deve ser, decerto, muito difícil obter audiência do vosso magnânimo rei...

— Estais enganado— respondeu imediatamente o lavrador que caminhava ao meu lado. — Não há nada mais fácil de obter do que uma audiência do rei. Olhai, êle aí está, precisamente, a trabalhar com o arado. Quereis falar-lhe agora mesmo?

E logo comparecemos, com efeito, em sua augusta e bondosa presença.

O rei, mal nos viu, deixou o trabalho e encaminhou-se, connosco para um pequeno bosque de loureiros e laranjeiras, onde o aguardavam os ministros. Ali, á sombra grata das árvores, disse-nos com voz clara e limpida:

— Sê bemvindo, viajante, ao País dos Homens Felizes, onde reina a felicidade, onde não existe o meu e o teu, onde não há doenças nem vícios, nem mendigos nem senhores; onde eu sou um verdadeiro pai e estes os meus filhos...

Dispunha-me a responder, quando o rei acrescentou:

— Não necessito contar ou explicar seja o que fôr, pois nós sabemos, de memória, quem te envia e a que vens. Sabe, viajante, que há longos meses te esperamos, prevenidos.

Inclinei-me profundamente para lhe significar o meu completo assentimento.

— Tu és — continuou o rei—um humilde servidor do déspota que governa a Cidade dos Sonhos. Tens o encargo de ministro das flores e dos passarinhos e vieste para oferecer a meu filho, o principe, a mão da princesa da tua sombria cidade.

— Assim é, senhor.

— Trazes nesse resplandecente navio que daqui se vê, presentes de valor incalculável, para comprar a minha aliança e a minha amizade...

— Toda a verdade dizeis, senhor.

— Pois bem, ministro e embaixador, tu conheces, porventura, a princesa cuja mão vens oferecer?... Tens a certeza de que ela existe?

Podes afirmar, em plena consciência, que a historia da princesa não é a maior, a mais habil bruxaria desse rei das trevas, que os domina a todos? Repara que não

há duas opiniões idênticas acerca dessa formosura! Uns dizem que ela tem os olhos azuis e o cabelo negro; outros, que tem os olhos negros e cabelos castanhos; outros, ainda que tem os olhos verdes e a cabeleira loira... De seguro, nada se sabe! E tu, ministro, sabes alguma coisa? Viste-a ao menos uma vez, infeliz enamorado de uma sombra?

Eu sei que tu estás loucamente apaixonado por essa mulher impalpável e que há no teu coração uma grande tragédia—visto que, ao vir aqui, sacrificas o teu amor em benefício do teu rei e teu tirano...

— E' certo, magnânimo senhor—repliquei —é exacto tudo quanto dizes. O amor cravou todos os seus dardos no meu peito. Mas, ai de mim! Não sei se a princesa que dolatro é uma criatura real ou se é apenas o feitiço diabólico do mago que nos tiraniza.

Pálido como um morto, nem já sabia o que mais me perturbava: se o receio de ter atraiçoado a confiança depositada em mim, se a mágoa de vêr descoberto e como que profanado o espantoso segredo da minha vida.

— Calma-te, viajante — disse o rei, paternalmente. — Meu filho, o principe, anda longe, lá pelas montanhas, e não saberá nunca do laço que lhe estenderam. Regressa, pois, hoje mesmo, á tua terra, levando contigo esses vãos e pueris presentes que para mim trazias. Mas, visto teres feito tão longa viagem e na hipótese de que teu amo tenha sentido uma sombra de arrependimento, levar-lhe-hás, em paga, um conselho que eu lhe quero dar. Dize da minha parte ao teu rei que um grande perigo o ameaça, vindo do mar longínquo. Um feiticeiro, conhecido no mundo dos pesadelos pelo nome de Mercador das Ondas, há de pretender vender-lhe, precisamente, ondas e tempestades. Dize-lhe que se guarde bem de efectuar tal compra: que, se a fizer, está perdido.

E' tudo quanto posso fazer em favor de tão ruim personagem! E que os deuses, viajantes te dêem bom vento para o teu regresso.

Inclinei-me, submisso, pronto a partir. Mas o rei deteve-me, com um gesto benévolo.

— Ouve ainda — disse —: pareces-me um homem de bem, apesar de seres demasiadamente simples. Fica sabendo que, se algum dia houveres de emigrar ou te desterrarem da Cidade dos Sonhos, virás encontrar neste país, quando quiseres, trabalho e dignidade. Não serás ministro, mas serás homem. E talvez encontres, também — que te anime esta esperança — um amor verdadeiro.

E caía o crepúsculo quando, de regresso, nos entregámos, melancolicamente, ás águas e ao vento do mar.

VIII

Visto estas páginas que eu confio á publicidade não serem notas de viagem, mas memórias de um ministro, não há necessidade alguma de pormenorizar as circunstancias da travessia, nem os acontecimentos da chegada nem mesmo o que se passou no trajecto entre o Embarcadoiro dos Impossiveis e a Capital dos Sonhos que, como já disse e repito, é uma cidade mediterranea.

Basta saber que flutuava na atmosfera cinzenta um misterioso silêncio quando eu, recemchegado ás muralhas da cidade, me decidi a bater com a rija aldrava na primeira das suas quatro grandes e tristes portas de ébano e oiro. As sentinelas deram-me entrada franca e logo soube que, áquela hora, celebrava o rei um conselho de ministros. Ainda me vejo nesse dia, envolvido no meu manto multicolor e com a fronte cingida por um diadema de flores silvestres, encaminhar-me, cheio de angústia para o palácio. Desanimadissimo com o mau exito da minha embaixada, andava com dificuldade e desalento. Dir-se ia — estranhas coisas as dos sonhos! — que a aflição me travava as pernas tanto mais quanto era maior a ânsia, a urgencia de chegar. Por fim, atravessando praças desertas,

ruas plúmbeas, abandonadas, encontrei me diante do altíssimo palácio real. O arauto tocou o clarim anunciando a minha presença e encontrei-me, momentos depois, na nobre sala das cerimónias. Nesse instante, o secretário geral da côrte e cronista-mór, simultaneamente, dos celebres e conhecidos *Anais da Cidade dos Sonhos*, lia a ùltima parte da obra, para sua aprovação.

Ao dar por mim, o secretário e cronista interrompeu a leitura; mas contra o que eu esperava, ninguem, ali, me demonstrou a menor cordialidade. Apesar de me ter prostrado diante do rei e de a todos ter cumprimentado e augurado felicidades em palavras calorosas, ninguem descerrou os lábios para me dizer:

— Sê bemvindo.

Houve ainda a notar que o monarca me fitou com um olhar tão desprezivo e insultante que me senti desfalecer de vergonha e confusão. E quando eu, vacilando, me sentava na minha poltrona de ministro, disse-me, friamente:

— Talvez seja esta a última vez que te sentas nêsse lugar do Conselho. Talvez ámanhã, petrificado, vás aumentar a multidão de condenados mármores — a não ser que eu prefira reduzir-te a fumo que se desvaneça nos ares...

Enquanto eu empalidecia como se fôsse morrer, o monarca acrescentou:

— Durante toda a tua viagem, houve aqui, constantemente, nas nuvens do céu e no vôo das aves, secretos indícios de que tu atraiçoavas, no reino estrangeiro, a minha augusta confiança. Parece que tu, miserável, te atreveste a apaixonar-te por minha filha e que, para te vingares do seu justíssimo desdem, vendeste cobardemente, nessa terra do Norte, a felicidade dêste país. Não é provável — concluiu o déspota — que sejam mentirosos êsses fartos testemunhos da tua felonia e da tua vileza.

— Senhor! — exclamei.

Mas o rei sentenciou:

— Basta. Vai continuar a leitura dos Anais da Cidade. Falarás, depois, do que tenhas que falar.

E ouvi, entre angustiosos sobressaltos, as seguintes e terriveis palavras:

«Então, o nosso magnânimo rei consentiu em celebrar uma festa excepcional como nunca se vira outra no País dos Sonhos.

«E dansavam as bailadeiras ao som de músicas deliciosas, quando anunciaram a S. M., nosso benevolentíssimo rei e senhor, o Mercador de Ondas, de quem se espalhava há muito a gloriosa reputação; razão pela qual o nosso rei e senhor tinha grande ansiedade de conhecê-lo e admirá-lo.

«De modo que, ao ouvir tal notícia, o rei não pôde conter o júbilo, dizendo: — «Uma tão oportuna presença vem coroar a alegria da festa». E ordenou que entrasse quanto antes no salão das festas, o assombroso mercador.

«Entraram, então, uns homens vestidos com extremado luxo, trazendo aos ombros uma grande padiola cheia de enormes ampôlas de cristal. A seguir vinha, resplandecente de riqueza, o Mercador de Ondas.

«E prostrando-se diante do rei, o mercador falou assim: — «Glorioso senhor, eu sou mercador de ondas. Trago prisioneira, em cada uma destas ampôlas e servindo-me da minha arte inimitável, uma onda do mar. Vê esta: é verde, como são as vagas dos golfos; quási não faz espuma e sussurra dôcemente. Vê esta outra: está colorida de rosiclér e tem a serenidade da água dos lagos, tal como as ondas da madrugada nos mares tropicais. Vê mais esta: tem um azul profundo de mar alto e mostra uma espuma que é como jasmins ou lirios. Vê ainda: esta, semelhante às opalas, é puríssima e banhada na luz da lua. E esta outra, finalmente, é côr de cinza e de estanho, côr das tormentas; eleva-se e afunda-se; salta e despedaça-se; tinje-a lívidamente o relampago e pulveriza-a o furacão.

Os habitantes da Cidade dos Sonhos não verão nunca, ó rei, pro-

novela para todos
edições CPTP

dígio maior do que o destas ondas cativas. Compra-mas, rei, para maravilha dos teus olhos.

«E o rei, entusiasmado até o cúmulo, disse:

«Sim, mercador, eu compro te estas ondas, para maravilha dos meus olhos.

«E o mercador recebeu a sua paga, que foi grande, e tendo-a recebido, foi-se embora.»

Não pude ouvir mais.

— Senhor, senhor! — clamei, no auge do desespero — o teu reino está perdido.

Todos se ergueram — e tambem o rei, que cambaleava.

— Senhor, tu estás perdido! — prossegui, em altos clamôres. — O monarca do País dos Homens Felizes, apesar de ter repelido a tua aliança e os teus presentes, quis demonstrar-te a sua amizade por meio desta mensagem que, por tua desgraça, te trago muito tarde já: «— Dize a teu amo que o ameaça um grande perigo vindo dos longínquos mares. Um feiticeiro, conhecido no mundo dos pesadêlos pelo nome de Mercador de Ondas, há de, precisamente, pretender vender lhe ondas e tempestades. Dize-lhe que não as compre, porque se as comprar está perdido...» Ah, salva te, rei! E salvemos todos, custe o que custar, tua filha, a princesa. Imploro-to, em nome de um amor sem esperança!

O rei, enquanto me ouvia, fazia gestos em que se reflectiam o espanto e o furor. — Ah, traidor — exclamou, por fim — avançando, formidável, para o meu lado.

Eu fiquei imóvel, gelado.

Nêsse momento subiu, da rua, um clamor da multidão.

— Que é?! — grunhiu o tirano.

O ministro das tempestades assomou à janela e voltou, pálido de terror, dizendo:

— Desgraça, desgraça! O mar está a invadir a cidade!

E por todos os lados se erguia o mesmo brado de pavor:

— O mar está a invadir a Cidade dos Sonhos!

Todos compreendemos, ante a trágica evidência, que estavamos irremediávelmente perdidos.

IX

Depois, não sei. Suponho que tive um desmaio que durou tempo incalculável. Ignoro quem me salvou e como. Ignoro, até, se o ditador sucumbiu; e nada sei sobre o destino de sua filha. (O coração diz-me, porém, que ambos morreram).

E' necessário, contudo, que se saiba que, se hoje publíco estas memórias, o faço apenas como réplica e desafio aos baixos caluniadores que pretenderam manchar a minha reputação. Não oculto ainda, que a par dêste essencial desígnio, me anima outro, tambem muito importante: o de suplicar a qualquer pessôa que deseje ser-me util, a mercê de me dizer sobre que mar e em que climas se estende ou estendia o país venturoso que eu visitei e perdi no espaço de tão poucas e velozes horas.

Quanto à princesa, não agiteis o fumo de uma recordação nem perturbeis, por piedade, o enlevo de um sonho.

NOVELA RUSSA

Pantelemon Romanof é hoje um dos valores mais representativos da nova literatura russa. Os seus processos, a sua sensibilidade, a sua nova concepção das coisas colocam no naquele mesmo lugar de destaque ocupado, anos atrás, por Dostoiewski e mais tarde por Tolstoi e Gorki, que conseguiram, pela sua originalidade, aquele movimento de interesse que, desde então, se manifestou no ocidente pela literatura eslava.

Carta nunca enviada *é só por si suficiente para deixar entrever o valor do seu autor, profundo psicologo que se manifesta nos menores incidentes da vida.*

MINHA querida Katty. Escolhi-te para minha confidente e vou escrever-te aquilo que a mais ninguem ousaria escrever. O que eu quero confiar-te relaciona-se com uma face da vida da qual, geralmente, só se fala ao ouvido de uma dilecta amiga.

Não sei se me compreenderás como em tempo me compreendias. Estamos demasiadamente afastadas uma da outra pelas nossas diversas condições de vida, não é verdade?

E, nestes ultimos quatro anos, a alma feminina tem sofrido, aqui na Russia, umas tais transformações, que talvez isto que vou escrever te te pareça estranho, absurdo e mesmo imoral.

Sabes que estou separada do meu marido. Porque o meu marido de agora não é positivamente meu marido, visto que não sômos casados e só há um mês vivemos juntos.

Na Russia há agora, neste ponto, uma completa liberdade e ninguem já se admira destas situações.

Devo dizer-te que não me enganei a respeito deste homem; possui um espirito apaixonado e belo—como belo é tambem o seu aspecto físico. Tanto pior para mim... Só agora descubro que abismos podem existir numa alma de mulher.

O que eu quero contar-te sucedeu-me esta noite, isto é, precisamente no trigésimo dia da nossa vida em comum. Voltá-

novela para todos
Edições CPP

mos ha pouco do teatro. Ele está dormindo e eu escrevo-te no mesmo quarto em que êle dorme. A minha sensação de agora é que eu experimentaria se, tendo iniciado uma traição, nela prosseguisse aproveitando o sôno do homem amado.

Sinto-me imensamente perturbada só ao pensar no que sucederia se êle agora se erguesse, se aproximasse a furto de mim e lêsse, por gracejo, o que escreve a sua amada, a mulher que o ama e com quem, ha apenas um mês, vive maritalmente.

Só há pouco tempo principiámos a saír, depois de uma longa clausura durante a qual viviamos unicamente para o encanto novo da nossa intimidade. Passeamos pelas ruas, frequentamos os teatros e eu encontro nisto uma especial satisfação, principalmente quando alguem conhecido me vê com êle pela primeira vez. E quando, esta noite, êle me disse que preferia ficar em casa, senti-me descontente, quási desiludida, como se recebesse uma ofensa. Involuntariamente, notei nêle uma certa ponderação de homem caseiro e tambem aquela indolencia que certos homens manifestam após o primeiro dia da posse de uma mulher. Isto foi um relampago. Ele condescendeu imediatamente e fômos ao teatro. Mas, para a mulher, o momento mais fatal das suas relações com o homem é aquele em que nêle se revela, ainda que seja apenas por um segundo, uma tranquilidade pesada e egoista, a ausencia de entusiasmo e movimento. O nosso sentimento, que tende a viver, a florir eternamente, numa inesgotavel tensão, chega a interpretar esse instante como um final de festa.

Decerto, não foi êsse o meu caso; o meu amor é forte, o nosso reciproco afecto ainda recente. Só mentalmente compreendi a possibilidade da transição a que me refiro.

Quando despiamos os agasalhos, junto do vestiário, reparei num grupo vizinho; um rapazito ajudava uma senhora — mulher loira dos seus trinta anos — a tirar a peliça e, ao fazê-lo, demorava-lhe as mãos nos hombros mais do que seria natural. Notei que este facto a comovia, a agitava e lhe causava um secreto prazer. E senti, imediatamente, uma ligeira impaciencia ao vêr que o meu companheiro levava tanto tempo a depositar os nossos agasalhos.

Tu já deves ter observado que é frequente marido e mulher questionarem quando vão ao teatro. Muitas vezes, a mulher, ao chegar ao teatro, onde por toda a parte se ouvem conversações alegres e se vêem rostos animados, acha o marido insipido, vagaroso, vulgar.

Evidentemente, eu estava bem longe deste estado de espirito mas, ainda assim, pareceu-me que êle pensava em coisas sem interesse e se ocupava demasiado dos abafos e da carteira. Aquela impressão desagradavel foi fugitiva — mas contudo existiu por um segundo. E eu, receosa do facto e de mim mesma, sacudi-a do meu cerebro.

Toda a gente conhece, por experiencia própria, a ligeira excitação com que se entra numa platéa; as luzes das lampadas scintilam, por detrás dos parapeitos de veludo dos camarotes, ha homens e mulheres que binoculam toda a gente que surge. E, vendo essa turba animada e elegante, ouvindo os sons confusos da orquestra a afinar os instrumentos, sentimos que os nossos olhos principiam a tornar-se húmidos e brilhantes. E quando, nessa disposição, vêmos os homens sentados diante de nós ou ao nosso lado, solicitos para as suas mulheres — alguns vindo talvez com elas ali pela primeira vez — experimentamos uma certa impaciencia e chegamos a invejar as outras como se vivessem mais intensamente do que nós.

Eu, nêsse momento e pela primeira vez, não senti prazer algum na proximidade do homem amado. Certamente havia, entre todas aquelas mulheres, mais de uma a quem a vizinhança, o contacto do seu companheiro ocasionaria alvoroço, perturbação... E eu compreendi, de súbito, que na nossa intimi-

dade havia qualquer coisa de definitivo, de legalizado — por êsse mês que tinhamos já vivido juntos, como marido e mulher...

Isto parece absurdo; estar junto do homem amado, não o marido mas o amante,— perdôa o vulgar termo — que se conhece há apenas um mês e sentir, apesar disso, uma acentuada inveja daquelas mulheres desconhecidas por elas possuírem o que não se possui.

Se tu entrares num camarote, não te sentas logo em seguida. Conservas te em pé, involuntariamente, junto do parapeito, a observar o publico. E voltas-te depois para o teu companheiro, indicando-lhe alguem que parece ter chamado a tua atenção. Fazes isto inconscientemente; mas faze-lo — para que os homens que estão sentados junto das suas mulheres possam vêr-te bem e o homem amado não possa adivinhar êsse teu desejo.

Foi o que se passou comigo. Eu desejava, não sei porquê, que um homem muito alto, vestido de prêto, que lá estava, se voltasse, olhasse para mim e me visse fitá-lo. E senti, pela primeira vez, que as atenções do homem amado, as suas palavras caricio-sas e familiares, me eram insuportaveis. E êle, não notando isso, convertia-se num intruso, dava-me tédio. No entanto, se êle, por um poder mágico, conseguisse penetrar os meus secretos pensamentos e me abandonasse, êsse facto seria horrivel para mim. Eu precisava que êle se ausentasse de mim — mas só naquela hora... O seu volver contínuo para o meu lado decertó significava amor, apenas; mas há ocasiões em que o amor do homem que amamos se nos torna fastidioso e incómodo.

Escolhi determinada postura, em que, olhando para êle, pudesse tambem olhar de soslaio para o outro. E ia respondendo animadamente, excitadamente, ás palavras do meu companheiro, não porque se tivesse modificado a nossa reciproca situação, mas para que o outro ouvisse a minha voz, se voltasse e me visse. E, finalmente, o desconhecido voltou-se para o meu lado; o seu olhar distraído deslisou um instante pelo meu rosto para passar adiante, mas logo se deteve numa expressão de súbito interesse. Talvez, como eu, êsse homem não desejasse nêsse momento a mulher que estava junto dêle... Preferiria, então, outra não mais formosa mas cujo olhar correspondesse ao seu com qualquer coisa de indefinivel e perturbante. E, quando volveu para mim, pela segunda vez, os olhos, fitei o, sem que o meu companheiro tal notasse.

Desviei depois o olhar, fingindo querer ocultar o meu interesse por êle. E, fazendo isto, reparei como o seu rosto e o seu aspecto haviam mudado. Até aquele instante conservara se direito e calmo na cadeira, junto de sua mulher, sorrindo e trocando com ela frases sem importancia; agora, voltara-se completamente para o lado dela... para poder olhar para mim comodamente. Vi como conversava animadamente, com ternura e solicitude, tendo uma das mãos colocada sobre a dela E a mulher, feliz por aquela ternura, ria abandonando lhe a mão e aproximando-se mais dêle. E êle, entretanto, olhava constantemente para mim, esperando outro olhar...

Por fim, os meus olhos mergulharam nos dêle, demoradamente fazendo-lhe compreender que eu sentia o que se passava entre mim e êle, homem desconhecido, estranho; sentíamo-nos ligados numa intima e oculta união. De repente, desvaneceu-se-lhe do rosto o sorriso; esquecendo a sua companheira, sem pensar que ela poderia suspeitar o que se passava, não desfitou mais os olhos de mim. Senti que as minhas pupilas se dilatavam e enevoavam; o meu coração teve um estremecimento invadido por uma onda de calor, por uma estranha sensação, como se alguma coisa de imenso houvesse sucedido. O meu estado não lhe escapou, E desde aquele momento houve na sala dois amantes que se sentiam estranhos, incompreendidos junto de quem os acompanhava: eu, ao lado do homem amado;

êle, provavelmente, flanco a flanco com a mulher querida...

Nunca na minha vida experimentara tão forte impressão. Aquilo era a maior das traições para com o homem amado. porque eu nunca tinha vivido, antes, momentos de tão intensa loucura e tamanha perturbação. Ser-se amante de um desconhecido, dando-se a gente com a maior plenitude diante de todos e, ao mesmo tempo, a ocultas de todos é uma sensação especialmente violenta, talvez porque ninguem na sala pode imaginar o que se passa entre duas pessoas separadas pelo espaço e pela multidão.

E ele continuava solicitando o meu olhar...

Quando o pano descia, lentamente, o olhar dele parecia suplicar-me que o fitasse mais uma vez, antes que a luz voltasse a inundar a sala. Detenho-me; não sei se deva continuar a escrever-te, apesar de tu seres a minha mais querida amiga. Não sei se deva continuar a falar-te dos episódios da minha vida. Não te escrevo, certamente, apenas para contar-te uma estranha aventura e as sensações inéditas que experimentei. Escrevo-te porque vejo surgir no meu espirito o inevitavel e tremendo problema da duração do amor. Parece-me que não posso viver sem resolvê-lo e, contudo, tambem não posso viver como até aqui, não poso tornar a encarar o homem amado com os meus olhos no dele, abertamente. Não esquecerei nunca o que se passou comigo no trigésimo dia da nossa vida em comum... Vou terminar, porém. Limitar-me-hei a contar-te o facto em si.

No intervalo, quando os corredores se enchiam de gente elegante, mulheres envoltas em peles, que recompunham o penteado ante os espelhos, vi que os olhos do desconhecido me procuravam. Respondia distraidamente á sua companheira e, um pouco afastado, seguia com um olhar fixo, ansioso, a turba compacta que se movia na sua frente.

Por fim, descobriu-me e eu, sem me voltar, olhando apenas de soslaio, verifiquei que êle estava atrás de mim. Pouco depois voltei-me e os nossos olhares encontraram-se. Como era dificil suportar, assim tão proximo, aquele olhar agùdo! Quando a multidão principiava a regressar á sala, encontrámo-nos um ao lado do outro. Então, pude ocultar ao homem amado e a toda a gente o que senti e surpreendi no meu contacto com o outro, mas a este não o pude esconder, não!

Rapidamente, êle fez o que eu tanto desejava e tanto temia, ao mesmo tempo: com mão suave, mas firme, tomou-me o braço acima do cotovêlo e atraiu me a si, estreitando-me... Tudo se confundia á minha vista. Não me afastei. Houve um momento em que poderia passar adiante, distanciar-me, mas fiquei no mesmo sitio, para sentir durante mais um segundo aquele agudo e inexperimentado prazer. Estavamos ambos em meio da turba, estranhos, e no entanto fundidos numa só alma. Ele foi discreto, cauteloso. Compreendi. A sua vitoria não era facil e banal, como tantas outras; constituia o misterio incompreensivel de dois sêres, o misterio que se dissipará, talvez, quando o pano descer pela vez derradeira, quando as luzes se apagarem, quando os trenós, partindo das portas do teatro, deslisarem pela neve endurecida, fugindo, perdendo-se para sempre na escuridão nebulosa das ruas, levando-nos, a mim para um lado, a êle para outro...

Anotação á carta

Reli a carta e compreendi que não podia enviá-la ao seu destino. Ninguem—nem mesmo a pessoa que nos seja mais querida—pode compreender certos estados do nosso espirito, principalmente tratando-se de um lado da vida tantas vezes conspurcada por mãos impuras. Mas os homens hão de compreender um dia, o que há de grande e extraordinario em tudo quanto liberta de si mesmo o nosso sêr, proporcionando-nos uma indizivel alegria de viver, o florescimento da nossa alma inquieta.

R. Cansinos-Assens

novela

O Grito na Noite!

R. Cansinos Assens, de quem há pouco foi traduzida a novela «A pobre dactilografa», que da crítica portuguesa obteve as mais lisonjeiras referências, è, por excelência, o escritor da ternura espanhola. A finura do seu espírito, a sua sensibilidade impuseram-no como um dos maiores valores da Espanha contemporânea. A «Novela para todos» tem o prazer de dar hoje aos seus leitores um delicioso conto de Cansinos-Assens.

DESDE que se mudaram para a casa nova, a pobre mulher já não podia, como antes, desabafar a sua dôr em gritos aliviadores, em longos prantos efusivos e francos, que a deixavam consolada.

Viviam anteriormente numa casa de construção antiga, comprida e ampla, com o seu grande pátio e as suas dependências interiores tão grandes ao fundo da casa, que dentro delas se podia chorar um morto ou festejar um natalício, sem que cousa alguma passasse para o exterior; uma casa á antiga, de um só pavimento além do andar terreo, com os seus telhadinhos florídos de resedá, tão proxima da rua e o seu terraço, aberto ao azul, como um coração posto ao alto, onde a desventurada, quando se sentia invadida de tristezas muito vivas, podia aliviar a sua mágoa, gritando-a ao azul da tarde, ás andorinhas que cruzavam rápidas e ás estrelas que fulguravam imóveis como lágrimas em abundancia.

Viviam só eles naquela casa, os dois conjuges com os pequenitos; e ocupavam-na toda, sem a compartilhar com vizinhos que pudessem esquadrinhar a sua vida; viviam ali como num palácio ou numa torre isolada, como num campo, e a pobre mulher, de génio tão vivo, sempre exaltada até no pranto pelas infidelidades do esposo e pelas travessuras dos pequenos, sempre angustiada e candidamente enfurecida por uns impetos infantis que só podiam encontrar alívio em lágrimas e gritos, era livre para lamentar a sua sorte, sem recear que ninguem a ouvisse nem se inteirasse da sua desgraça, a não ser as amigas intimas que íam visitá-la e a lastimavam com sincera ternura. E podia a cada instante increpar os pequenos, que eram tantos e tão travessos; e proferir irritadas censuras ao esposo que se demorava

novela para todos
EDIÇÕES

com os amigos, e talvez com as amigas, sem se lembrar dela, e deplorar a hora em que se casou e comparar-se com as imagens da Virgem que mostram o peito atravessado por sete punhais... Porém, quando, para economizar despêsas, se mudaram para a nova casa, já lhe não era permitido este desabafo aos seus choros e aos seus gritos.

Era uma casa construída ao modo dos grandes prédios da cidade, com vários pavimentos em cima uns dos outros sôbre um pátio escuro e distribuido em habitações á direita e á esquerda, com portas fronteiras nos patamares da escada larga e fatigante. Nada de terraço, de onde se pudesse ver o céu ilimitado, nem nada tão pouco do amplo pátio alegre da outra casa, onde as crianças podiam brincar e correr como num areal; em vez disto, umas janelas estreitas que davam não para a rua mas para uma passagem improvizada de curto trajecto, aberta pelas picaretas urbanizadoras entre duas amplas e brancas ruas, entre as quais estava o cinzento e triste, cheio de sombra das casas altas, fechada ao fundo por uma grade de ferro que lhe tirava toda a esperança de evasão para a claridade das outras ruas, de casas baixas, pintadas de branco e azul, segundo o antigo costume da provincia.

Nesta escura e triste passagem, todas as casas eram de pavimentos altos e sombrios, esburacadas por estreitas janelas, e a triste mulher, ao assomar á sua e ver tão perto as enormes fachadas côr de tejôlo, que tiravam a vista do céu, e vislumbrar ao fundo o portão de ferro que se conservava sempre fechado para os contados transeuntes, sentía a tristeza de se encontrar encerrada num cárcere.

E ainda mais aumentava a sua mágoa quando entrava no acanhado lar e via tantas crianças pugnando por tornar maior para os seus jogos aquele reduzido espaço, ali comprimidas, apertando-se umas ás outras, como esses perus que pelos aniversários se amontoam nas cozinhas e que bram as penas de encontro ás paredes.

O coração saltava no peito daquela mulher de genio vivo, e sentia uma ansia louca de dar grandes gritos, de se expandir em longos choros ruidosos, de agravar com nefastos agouros a malfadada casa e a hora em que entraram para ela.

Sentia uma ansia louca de dar liberdade áquela angustia que a atormentava, ainda que fosse em cantares, como fazem os presos; mas continha-se.

Apertava o peito com uma das mãos para que não lhe saltasse o coração, e com a outra tapava a bôca para evitar que lhe escapassem os gritos.

Na nova casa tão pequena, não se podia pronunciar uma palavra que não fosse ouvida pelos vizinhos.

Nela se sentia oprimida como se estivesse enclaustrada, como encerrada numa cela. Sentia-se observada de perto, espiada, vigiada por aqueles vizinhos insociaveis e curiosos, cujos olhos adivinhava através dos postigos das portas ou através dos postigos das janelas. A indole efusiva daqueles homens e daquelas mulheres meridionais tornava-se grave e reconcentrada naquelas casas construídas ao estilo da cidade, onde os vizinhos, não obstante estarem tão proximos, não se conheciam nem se falavam, e estavam cheios duma curiosidade mutua e receosa.

A simples mulher sentia pudor de soltar um soluço demasiado alto, que pudesse ser ouvido e deixasse transparecer aquelas tristezas da sua vida conjugal que só ás amigas muito intimas podiam ser reveladas. Sentia pudor de revelar-se aos estranhos com um grito demasiado agudo na noute, abandonada e triste; e tambem sentia medo de perturbar, com a sua aflição, o silencio grave da casa, em que apenas se ouviam ruídos apagados de berços ou de maquinas de costura, e de mostrar ela só, a descoberto, o seu peito dilacerado naquela casa em que todos se recatavam e faziam da sua vida um mistério para os demais.

Tambem ela queria ser um mistério digno e grave, e assim, quando se angustiava por se ver encerrada com tanta criança naquela casa estreita, só ela para entreter sobre os seus joelhos o mais pequenino, e para avivar o humilde fogo e para coser o fato esfarrapado, punha uma das mãos sôbre o seu peito e se comprimia; e quando o marido chegava tarde, cheirando a vinhos aromáticos e ás vezes a fragrancias de mulher, em vez de indignar-se como antes e assediá lo com as censuras do seu amor zeloso, reprimia os seus impetos e indicava ao torpe ébrio o caminho do tálamo E era ela, a viva de génio, a irascivel, a gritadora, quem então falava com a voz mais baixa, e ao conjuge loquaz impunha silencio, tapando-lhe a boca. Era ela agora a mais discreta e silenciosa, e parecia outra mulher, pela sua reserva e pela sua conformidade. Nem um grito nunca, nem sequer uma voz mais alta. Em silencio cumpria os seus deveres domésticos, e jàmais tinha uma censura forte para o esposo, que costumava dizer em tom de elogio: «Parece outra». E outra parecia, efectivamente, não só pelo seu silencio, como pela sua figura, pálida e esmorecida naquela casa da discreção.

A heroína não chorava nem se lamentava; porém, os seus olhos estavam circundados por olheiras cada vez mais intensas, e nas suas faces advertiam-se ás vezes manchas roxas que apareciam e desapareciam, e que eram, naquele pálido rosto, como uma especie de enfeite triste e doloroso; enfraqueciam-lhe os joelhos e os cotovelos como se diminuissem e afrouxassem os nós dos seus ossos, e o coração pesava-lhe no peito e palpitava como se todos os gritos contidos e todos os reprimidos soluços da silenciosa estivessem encarcerados na delicada víscera e a tornassem enternecida e grave.

Fatigava-se ao menor esforço e era lhe necessário interromper a cada instante o labôr doméstico e assomar discretamente ás janelas para respirar o ar fresco. Sentia-se toda ela pesada, pesada como gravida de um grande grito contido que lhe enchia o corpo e subia até á garganta como para estrangulá-la Sofria a obsessão de um grande grito que havia de aliviá-la e devolver-lhe a sua agilidade primitiva, mas coibida de vergonha, receosa de ser ouvida, apertava as veias do pescoço para não gritar para não soltar aquele alarido supremo da sua angústia.

Ultimamente havia-se acostumado a desabafar a sua tristeza em frases murmurantes e entrecortadas, como essas pessoas que falam sósinhas pela rua; soltava as suas censuras ao marido ausente e lamentava o desgraçadissima que era; e invocava por testemunha a Santissima Virgem, de que ia morrer abrasadinha, queimadinha. Porém, com o tempo, nem este desabafo lhe foi possível, porque o menor esfôrço, mesmo aquele que se necessíta para pronunciar duas palavras, a deixava extenuada e a obrigava a procurar um longo repouso numa cadeira.

Sómente o seu génio vivo e o seu espírito valoroso a mantinham, e mantinham nela uma aparencia de saúde que enganava o esposo, cujos olhos estavam sempre turvos da neblina aurea dos vinhos.

Enganava-se o esposo, e não advertia o decaimento da mulher, e não advertia a angústia daquele silencio de conformidade com que ela o acolhia nas noites em que ele regressava a casa tão torpemente alegre.

E quando ela alguma vez, não podendo reprimir a sua dôr, murmurando, o apostrofava: «Estás-me matando Vou morrer queimadinha»,—o consorte, egoista, receoso de que a mulher se expandisse em imprecações e gritos, admoestava-a com cómica prudencia: — «Cála-te», não faças escandalo, que os vizinhos podem ouvir te. — E a pobre mulher, receosa de ser ouvida e de ser comparada com a velha desgrenhada e alcoólica do andar de baixo, que cada sabado promovia um escandalo ao marido e cuja historia grotesca e dolorosa todos sabiam, calava e continha os gritos que com a

intenção dum alarido supremo lhe subiam á garganta, inchando lhe as carótidas.

Calava-se pelo medo de perturbar a quiétação nocturna da passagem, que era como uma só casa adormecida, pelo receio de quebrar aquele véu tão denso, aquele cristal tão duro de silencio, que como um gelo cobria a estreita rua, e sobre o qual um grito seu, por muito leve que fosse, traçaria um risco tão largo e penetrante como aquele que sobre o limpo céu de Abril traçam os gorgeios interminaveis das andorinhas.

Calava; porém cada vez mais cheia daquele grito impossível, estava mais pesada e inerte, inchada desde a garganta até os tornozelos. E apenas podia mover-se.

Os pequenitos tinham agora que vir ter com ela para que os lavasse e arranjasse, sentada numa cadeira. E sentada fazia todos os seus trabalhos domésticos. E uma noite o marido teve que esperar longo tempo primeiro que ela lhe pudesse abrir a porta. Tinha o semblante coberto de aquelas manchas exquisitas, e mal podia respirar.

Estava tão terrivelmente demudada, tão clara e ultimamente enferma, que o marido a viu bem no umbral da morte, não obstante a aurea bruma da embriaguez que lhe turvava os olhos.

Viu-a coberta com a máscara da morte, e anelante, preguntou-lhe:—¿O que tens?—Diante dele ela calava, porém os seus olhos haviam-se dilatado até lhe saltarem das órbitas, e os seus labios, descoloridos, alargavam-se como prenhes dum grande grito supremo: «¿O que tens?—voltou a preguntar o marido—, fala, fala».

Ela, porém, não podia falar; por sinais com as mãos estendidas, indicava a sua ansia de ar, de espaço.

Apontava para a única janela, e com indizivel esforço conseguiu murmurar muito baixinho:—«asfixio... se pudesse... mas os vizinhos».— Aludia a um grande grito contido que lhe inchava a garganta e que procurava afanosamente o seu vôo para o azul nocturno.

O marido, assustado, enlouquecido, como se pela primeira vez se lhe revelasse o sacrifício da resignada, ergueu-a nos seus braços e conduziu a até á janela.

E abriu de par em par as vidraças, e como se dá a beber um sôrvo de agua a alguem que se engasga, deu a beber à mulher toda a amplitude da noite adormecida. Ávidamente a mulher se inclinou para a rua. O ar tinha uma finura indizivel, e era frio e diafano como um grande espelho.

Por detrás de algumas janelas viam-se brilhar luzes vermelhas.— «Grita, desabafa — instou o marido — por vida de...»

Inclinada sôbre a rua como sôbre um abismo gelado, a mulher pugnava por absorver silenciosamente todo o ar, toda a amplitude da noite, por conter o grito suprêmo que lhe subia aos labios.

Cobria-se-lhe o semblante duma unica mancha rôxa e inchavam-lhe as veias do pescoço.— «Grita, desabafa—, insistia o marido, amparando-a, abrindo-lhe o peito em frente á noite. — Grita»!

Exortada por ele, apoiou se a mulher ao seu braço, e fazendo um soberano esforço, abriu a boca. E gritou. Sentiram-se estalar todas as suas vértebras. Gritou sôbre a noite, arqueada, contorcida, quebrada. E foi um grito unico, ténue e subtil, como o gorgeio duma andorinha que rasgou profundamante o céu límpido e claro, e se cravou directamente, como uma flécha, no coração da noite. Um grito apenas e caiu desmaiada, exânime, morta, nos braços do esposo.

Em baixo, na rua, azulada e funda como um poço, um transeunte se deteve atónito, e ergueu vagamente a vista ao céu impenetravel, mais cerrado, depois daquele grito supremo.

A vida bucolica e o amor

por Concha Espina

Concha Espina, a grande escritora espanhola, é, hoje, um nome internacional. Um cartaz afixado em todas as esquinas do mundo literário. E' a maior escritora da Espanha actual. Tem uma estátua e está traduzida em quási todas as línguas.

ESTÃO-SE colhendo os milhos. O lavrador faz três quinhões da sua «mésse», nas herdades que rega com o seu suor, e avisa o dono da terra para receber a terça parte, que de direito lhe pertence.

O vale enche-se de rumores; perdem as veredas e atalhos o seu caracter misterioso e alargam-se, para que os colheiteiros possam chegar até o centro das propriedades.

Ambrósio, o velho arrendatário, quere entregar o terço ao senhorio, e previne-o á porta da igreja.

— A'manhã, á tarde, estarei com o carro na cortina da *Umbrosa;* espero que o senhor apareça ali para escolher a sua parte, e eu mesmo a levarei para o seu celeiro.

— Irei — respondeu Carlos, a sorrir.

E decidiu completar, com aquele passeio, as suas visitas a certos lugares, para êle cheios de belas recordações.

Teve há pouco uma herança e, por êsse motivo, irá á região onde nasceu, depois de longos anos de ausência. As palavras do camponês fazem-lhe evocar horas ou momentos da sua infância, quando voltava dos campos húmidos e vaporosos, em cima de um montão de milho, adormecido pelo rodar do carro de bois e pelo chiar dos eixos lubrificados através da planície melancólica.

Cumpriu a sua promessa.

Foi para o sítio indicado, ao entardecer.

Um ar quente e perfumado tornava deliciosa a hora do pôr do sol, e Carlos pensava, sem saber porquê, em encontros maravilhosos!... O vale dilatava-se e tornava-se acolhedor; o ambiente tinha uma limpidez misteriosa; parecia que as árvo-

novelas para todos
EDIÇÕES

res, ao inclinarem-se umas para as outras, falavam ao ouvido; toda a scena da paisagem estremecia com a emoção das revelações.

Por um atalho alcança depressa a cortina o cavaleiro, que viu de longe o Ambrosio e a mulher, que deviam carregar o terço.

Diante dos bois está uma rapariga com os braços cruzados sobre o jugo e a olhar para o horizonte. E' alta e gentil; os seus olhos castanhos envolve-os uma sombra quente, semelhante às cinzas de uma fogueira há pouco apagada. Tem as feições muito delicadas o sorriso pronto, o cabelo loiro, a pele crestada pelo sol e pelo ar; está modestamente vestida e calçada; não usa meias.

Carlos não vê, na *Umbrosa*, outra pessoa que não seja aquela mulher. Aproxima-se dela para a contemplar melhor; e, para lhe dizer alguma coisa, dá-lhe as boas tardes.

Ela sorri, olhando o com curiosidade, e Ambrosio previne Carlos:

— Não ouve o que o senhor lhe diz.

— E' tua filha?

— E' Uma rapariga, depois de tantos rapazes, e veja que pouco vale...

— E' surda?

— E quasi muda.

— Teve uma grave doença nos ouvidos — disse a mãe — e deixou de ouvlr e de falar.

— Como se chama?

— Agostinha.

A moça sabe que estão a falar dela. Quando isto acontece, adivinha as palavras e marca com um olhar e com um sorriso as frases que lhe dirigem. Faz um sinal com a cabeça; a trança de cabelo claro nimba-lhe a fronte com uma aureola de oiro; e, se faz um gesto com as mãos, para responder, todo o seu gracioso busto participa do movimento. Algumas vezes pronuncia sílabas soltas, com uma voz apagada, com acento infantil; não sabia mais, aos dois anos, quando deixou de ouvir.

A sua atitude habitual é contemplativa. Parece que espera uma mensagem, um convite, um grito forte, que chegue até o centro do seu ser e a faça estremecer. E' uma criatura esquiva; vive como que em sonho e move-se como uma sonambula; só por acaso abandona, um instante, o encanto que a domina, para sorrir e agradecer Carlos compreende bem que a rapariga não percebe o que se está passando em volta dela; ignora, certamente, que é alvo de uma paixão.

Por isso, êle pretende chamar, a todo o custo a sua atenção. Trata de atrair, rapidamente, aquele espírito solitário, aquela alma adormecida em um corpo tão formoso e juvenil e insensível ás solicitações mundanas.

Deseja sugestioná-la e obrigá-la a olhar para êle.

Daria tudo quanto possui para captar a sua simpatia, para acender uma chama de paixão dentro daquele coração que não deu ainda guarida ao amor.

Agostinha olha, realmente, para Carlos, mas o seu olhar é frio e cheio de desinteresse.

— Qual é o terço que o sr. escolhe?—pergunta Ambrosio ao proprietario.

Sem voltar o rosto, Carlos responde:

— O que estiver mais proximo.

Carlos observa que a rapariga encara a vida, como se ela deslizasse sobre um espelho.

Não tem a noção precisa das coisas terrenas.

Não conhece, não sente a realidade.

Olha, insistentemente, para os confins da paisagem e Carlos grita-lhe:

— O terço é para ti; é teu; podes levá-lo para casa.

E pasma, por se convencer de que a voz formidável do seu coração não chega aos ouvidos de Agostinha, emquanto que, para ele, essa voz é demasiadamente forte e até

escandalosa, capaz de ser ouvida a muitos quilometros de distância.

Carlos é um homem apaixonado e veemente; tem sido feliz e gosta de satisfazer os seus desejos, que não são muito vulgares; não quere, porém, que se fale d'ele; tem sempre essa preocupação. Aquela jóvem encanta-o com a sua rara beleza e a sua interessante desventura; imagina-a vitima de um malefício, escrava da solidão, e resolve ser o seu libertador; pretende despertá-la daquele extasi profundo; quere que os seus belos olhos revelem o segredo do seu coração. Não sabe se tudo que ambiciona é obra do amor ou da caridade; o que sabe é que, dentro do seu peito, se gerou mais uma afeição...

Ambrosio, que já estava enchendo o carro de espigas de milho, não sabia o que pensar do inesperado oferecimento do proprietario da terra.

E sua mulher, mais ambiciosa do que ele, receava que a dadiva se malograsse, em virtude da indiferença de Agostinha. Desculpando-a disse a Carlos:

— Não julgue que ela não é inteligente, sr. Carlinhos; o que a prejudica é simplesmente a surdez. Ela é tão arguta que não lhe passa despercebida a época em que mais cresce a lã aos cordeirinhos; e tão carinhosa é para as crianças do lugar, que todas a procuram e querem estar junto dela. Até os animais a conhecem e a distinguem das outras pessoas, por ser humana e estar sempre disposta a fazer bem.

— E' incurável a sua doença?

— Deus o sabe!... Parece-me que sim. Dizem que, com muito dinheiro, nas cidades curam doenças como esta, mas eu não acredito...

«Eu lavei lhe os ouvidos com agua-benta; pus-lhe várias ervas medicinais e as rosas de Jericó; levei-a ao santuario de Nossa Senhora dos Milagres, e nada lhe fez bem. Sempre na mesma!...

«Cresceu e fez-se mulher.

«Tem brio para o trabalho, paciência e compreensão.

«Falta-lhe, porém, o ouvido, e pouco ou nada sabe dizer. Parece que está sempre distraída e que vive em um mundo muito distante dêste em que nos achamos...

— Que quere que faça do têrço, sr. Carlos? — pregunta Ambrosio, a quem não agradam as palavras da mulher.

— Leva-o para tua casa. E, se mo consentis, tu e a tua companheira, eu vou tratar da cura da vossa filha.

— Mas, poderá haver alguma esperança?

— Custe o que custar, todos os recursos da sciência hão de ser empregados para conseguir a cura da pobre moça.

— Deus lhe pague tantas generosidades e tanta bondade, senhor!

A voz do velho camponês é quasi imperceptível; a comoção e os soluços mal a deixam ouvir. A mãe de Agostinha manifesta a sua gratidão entre suspiros; e a rapariga, que não sabe ainda o que a espera, junta, no chão, algumas folhas de milho, para as dar aos bois, não ligando importância às palavras e aos gestos que os pais estão trocando com o proprietario da quinta.

Carlos nunca tinha visto uma mulher tão bela, uma expressão tão pura, uma vida tão triste como a que tinha diante de si.

Parece-lhe que, para receber esta beldade e a dôr que certamente a consome, generosamente o campo se dilatou, desaparecendo os muros e conservando-se livre como um logradoiro cercado de montanhas.

Pensa então que, para conhecer os sofrimentos da inocência e da desdita é preciso descer aos vales, ouvir os gemidos do vento, lêr na fisionomia dos simples, adivinhar o que sentem os corações infelizes.

Entende que se deve provocar o olhar de certas criaturas para que elas vejam e compreendam que ha corações cheios de doçura e fraternidade.

A misteriosa jóvem, surda e muda, converte-se, para êle, em um símbolo: é o povo que lavra a terra e que trabalha e sofre;

é a alma rural, desconhecida dos homens da cidade e esquecida sempre nas melhores horas da vida.

De repente, a moça vê brotar dos olhos de seus pais copiosas lagrimas de agradecimento; sente o influxo benéfico de Carlos e olha-o com simpatia; compreende tudo nesse momento. Se ela soubesse ou pudesse falar, que belas frases, simples, mas expressivas, sairiam da sua bôca! Assim, limita-se a estender-lhe as mãos e a demonstrar-lhe, pelo seu olhar, que as lagrimas que correram pelas faces dos autores de seus dias a comoveram profundamente. O seu cabelo côr de fogo adorna-lhe a fronte com um halo de luz; a sua voz cristalina sai-lhe dos lábios com acentos dulcíssimos e subtis. E o carro está já cheio de milho. O sol escondeu-se detrás do monte próximo, e no céu acendem-se as primeiras estrelas. Agostinha coloca-se á frente dos bois, serena e com aquela expressão de bondade que todos lhe notam — que a torna cativante. Para os seus olhos enigmáticos, cheios de vida e de calor, como que não existe a sombra da noite. Ela caminha, entre seus pais e, em alguns momentos, nem dá pela companhia de Carlos. Ele, porém, começa a dedicar-lhe amizade, e segue cheio de esperança. Sabe o que é o abandono de uma alma, e quere remediá-lo. O seu passeio ao campo encheu-o de desejos e despertou-lhe ambições. Mas, os olhos de Agostinha fazem crêr que ocultam um sagrado mistério...

E Carlos, comovido e enamorado, levanta os seus olhos ao espaço e dirige uma consulta ao céu. Confia nas mudas insinuações da vida, porque o acompanham o amor e o pressentimento.

O melhor conto de Amor

1.º Concurso de NOVELA PARA TODOS

Novos e consagrados! **Tratai o problema do coração português!**

No intuito de se tornar cada vez mais atraente e variada, *Novela para todos* inicia hoje um interessantissimo concurso. Trata-se de classificar o melhor conto de amor que nos seja remetido até 30 de Junho proximo. Os trabalhos enviados não deverão exceder 8 folhas dactilografadas dum só lado. O assunto — um tema eterno: o amor. Os contos enviados devem girar em redor dum episodio sentimental, de que é tão rica a alma portuguesa. O ambiente deve ser português e portugueses, serão todos os personagens, pelo menos um dos :: :: :: principais :: :: ::

Os premios a conferir

:: :: :: Um juri :: :: :: de categorisados homens de letras apreciará os trabalhos enviados, concedendo os seguintes premios: *1.º premio* — 500$00 Esc. e a publicação do respectivo conto — *2.º premio* — Um objecto de arte e a publicação do respectivo conto — Os contos classificados em 3.º, 4.º, 5.º e 6.º logares serão tambem publicados com a respectiva menção honrosa. Todos os trabalhos devem vir assinados com um pseudonimo e acompanhados dum envelope fechado, trazendo por fora o mesmo pseudonimo e dentro o nome e a morada dos concorrentes.

Os contos
devem ser enviados
para *CONCURSO* de *Novela*
para todos — **Sociedade Portuguesa**
de Publicações — Largo de
S. Domingos, 11
Lisboa

Alguns Colaboradores

dos próximos números da «NOVELA PARA TODOS»

ALBERTO GHIRALDO, ALBERTO VIVIANI, ANA DE CASTRO OSORIO, ANTONIO FERRO, ANTURO CAPDEVILA, ARTUR PORTELA, ASSIS ESPERANÇA, AUGUSTO DA COSTA, AUGUSTO FERREIRA GOMES, BOURBON E MENEZES, DR. CAMPOS LIMA, DR. CAMPOS MONTEIRO, CESAR DE FRIAS, CONCHA ESPINA, «DIANA DE LIS», EDUARDO FRIAS, FERNANDA DE CASTRO, FERREIRA DE CASTRO, «JOÃO VERDADES», JOSÉ AGOSTINHO, JOSÉ FRANCÊS, JOSÉ MARIA DE ACOSTA, JOSÉ MÁS, LOURENÇO CAYOLLA, LUIGI PIRANDELLO, MÁRIO DOMINGUES, NOGUEIRA DE BRITO, OLIVA GUERRA, PANTELEIMON ROMANOFF, RAMON GOMEZ DE LA SERNA, R. CANSINOS-ASSENS, REINALDO FERREIRA, «ROSA SILVESTRE», SARA BEIRÃO e DR. SOUSA COSTA :: :: :: :: ::

1$50

NOVELA PARA TODOS

SUMARIO

BOURBON E MENESES
O FILHO

CAMPOS MONTEIRO
JOÃO ARDINA

DIANA DE LIS
O TUTOR

ROSA SILVESTRE
O BEIJO DA MORTE

ALBERTO GHIRALDO
A TRAIÇÃO

JOSÉ MARIA DE ACOSTA
JOVEM ENAMORADA

JOSÉ MÁS
OFERTA AO FILHO

I ANO 15 DE ABRIL DE 1929 N.º 2

EDIÇÕES CPTP

513

NOVELA PARA TODOS

EDIÇÃO DA SOCIEDADE COMERCIAL PORTUGUESA DE PUBLICAÇÕES E TELEGRAFIA Ld
LARGO DE S. DOMINGOS - 11 • LISBOA • TELEF. N. 5351

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DE NOVELAS

I Ano — 15 de Abril de 1929 — N.º 2

A S S I N A T U R A S

ANO 33$00 SEMESTRE 17$00

Assine NOVELA PARA TODOS. De seis em seis meses terá, encadernado numa elegante capa, um tomo onde se reunem os maiores escritores de todo o mundo.

ALGUNS COLABORADORES DOS PROXIMOS NUMEROS

ALBERTO GHIRALDO, ALBERTO VIVIANI, AMERICO DURÃO, ANA DE CASTRO OSORIO, ANTONIO FERRO, ARTURO CAPDEVILA, ARTUR PORTELA, ASSIS ESPERANÇA, AUGUSTO DA COSTA, AUGUSTO FERREIRA GOMES, BOURBON E MENEZES, DR. CAMPOS LIMA, DR. CAMPOS MONTEIRO, CASTELO DE MORAIS, CESAR DE FRIAS, CHIANCA DE GARGIA, CONCHA ESPINA, «DIANA DE LIS», EDUARDO FRIAS, FERNANDA DE CASTRO, FERREIRA DE CASTRO, GUEDES DE AMORIM, «JOÃO VERDADES», JOSÉ AGOSTINHO, JOSÉ FRANCÊS, JOSÉ MARIA DE ACOSTA, JOSÉ MÁS, LOURENÇO CAYOLLA, LUIGI PIRANDELLO, MÁRIO DOMINGUES, NOGUEIRA DE BRITO, NORBERTO DE ARAUJO, DR. NORBERTO LOPES, OLIVA GUERRA, PANTELEIMON ROMANOFF, RAMON GOMEZ DE LA SERNA, R. CANSINOS ASSENS, REINALDO FERREIRA, «ROSA SILVESTRE», SARA BEIRÃO, DR. SOUSA COSTA :: :: :: :: :: e YOLANDA DE YORMILLE :: :: :: :: ::

NOVELA PARA TODOS é uma obra de difusão cultural e é tambem um explendido entretenimento.

O filho

novela por Bourbon e Meneses

FERREIRA DE CASTRO, AFECTUOSAMENTE

MARIA Eulália entrara para aquela casa por anúncio. Ao princípio não gostara do sítio: achava-o triste, com a sua longa rua sempre deserta, tão abandonada e silenciosa que dír-se-ía longe da cidade e do seu ruidoso frenesi. Nas janelas era raro ver alguém: nem um namoro, apesar da rua ser para isso propícia, desentristecia aquele recanto solitário.

Era preciso dobrar a esquina para avistar as peças de chita da loja de fanqueiro onde um caixeirola, de bonito penteado e agradaveis maneiras, prendia as sopeiras do bairro, cortejador. Depois, parecendo que não, a lida da casa não era pequena. Era um casal apenas, não restava dúvida. Mas para fazer o almoço e o jantar e trazer tudo limpo e arrumado, era preciso trabalhar desde a manhã á noite. A patrôa era boa senhora, isso era, mas a respeito de a ajudar: «tó rôla!» Espanava os frascos de cheiro e as bonecas de cabelos arrepiados, da *toilette*, compunha alguma malha caída da meia de seda e — pronto! — punha-se a lêr num livro que nunca mais tinha fim.

O sr. Gomes — o que valia é que saía de manhã e só voltava á noite — era esquisito, sempre a pegar por tudo:

— Ó Maria! Quando é que você aprenderá a temperar a sopa? Ontem estava insossa, hoje não se pode tragar!

Aos domingos, então, por via do banho, era necessário ter paciência. Andava num rodopio.

— Ó Maria!

O quarto de Maria Eulália era um esconso com uma fresta para o telhado. No verão até faltava o ar. A cozinha, escura, tinha duas lampadas electricas. Mas quê? Se se demorava com a luz acesa, logo a voz da senhora, clamava:

— Que demonio estás tu a fazer para precisares de gastar luz? Olha que a electricidade está cara!

Levantava-se ás 7 e até ás 23 tinha sempre que fazer. Quando se deitava, de moida, era como pedra que caísse em poço. A casa

Novelas para todos
Edições

não era grande: a sala de visitas, a casa de jantar, o quarto dos patrões, a casa de banho, a saleta da costura, a dispensa, a cozinha, uma alcova onde estava arrumada uma cama antiga, e o cubiculo onde ela dormia, tão exiguo que nele mal cabia a cama estreita e o baú. Mas tudo havia de andar muito limpo, muito aceado, o soalho como um espelho, porque se a senhora reparava, o patrão, sendo homem e parando pouco em casa, não se lhe dava de meter tambem a sua colherada no arranjo caseiro. E o pior seria depois quando a senhora, que andava no seu estado interessante, começasse a gritar:

— Ó Maria, ponha a aquecer agua para o banho do menino!

Ou então:

— Ó Maria, passe a ferro, já, já os cueirinhos do menino!

A chatice que não seria naquela casa! Ah, despedia-se, com toda a certeza. Casas onde servir não faltavam, felizmente, e ordenados como o que ali lhe pagavam não faltaria quem lho desse — ou até superior. Tão certo como ela se chamar Maria Eulália. É verdade: e aquele costume de a tratarem sempre por Maria quando ela era Maria Eulália?

— Ó Maria, traga-me isto!

— O' Maria, vocemecê já pôs as batatas ao lume?

Maria para aqui, Maria para acolá... Todas as criadas, para os patrões, são sempre Marias. Não admitem que se chamem doutra maneira. Marias! Marias! Afinal, ela bem o percebia. Maria era assim como lhe dissessem:

— O' estupor! O' escrava! O' coisa!

Quando o miudo nascesse punha-se a andar, olá se punha! Não havia de aturar, além do mais, as mijinhas do crianço, andar sempre a mexer em cueirinhos sujos — lava, moira! passa a ferro, esfregão da casa! — levanta-te para aquecer leite para o fedelho, gira, esfalfa-te, súa, moi-te! Não, quando o miudo estivesse para nascer, estava resolvido, pisgava-se. Ai, não! As escravas acabaram. Lisboa era muito grande, tinha muitas casas, muitas famílias. Era só ela querer. Tôla tinha ela sido em não querer ir para casa dos tais ingleses, lá para Caxias ou lá onde era. Estava arredada da cidade, sempre a ouvir o mar, mas, — ora! — são casas fartas as dos estrangeiros. Recebem em libras ou lá o que é, e em casa deles, portas a dentro, não falta nada. São uns estafermos, esses zangalhões dos ingleses, que, quando se põem a falar uns com os outros ninguem os entende, almas do diabo! Mas a comida é farta, não olham a despesas, comem só do bom e a respeito de liberdade ela bem sabia o que lhe contara a Júlia, que estivera a servir em Carcavelos. Entretanto, já que entrara, sempre ali estaria mais algum tempo — até ver!

Mas os meses foram passando e, uma tarde, como a senhora começasse a sentir as dôres, o patrão mandou a chamar a parteira.

O menino estava por dias. Foi um alvoroço. Apareciam senhoras, conhecimentos da patrôa, que vinham saber notícias. O patrão parecia mudado. O acontecimento enchia a casa.

E Maria Eulália, achando que não era bonita acção deixar a casa agora, que a senhora — coitada! — sempre havia de precisar de quem a ajudasse, decidiu não se despedir imediatamente: talvez os patrões resolvessem a meter criada de fóra.

— Que nome vai pôr a senhora ao menino?

— Sei lá? Pode muito bem ser que nem seja menino, que seja menina...

— E' um menino! Tenho cá um palpite. A senhora vai ver se sai certo! Porque não lhe bota o nome de Carlos?

— Carlos é o nome do avô.

— Então bote-lhe Carlos, minha senhora! Bote-lhe! E' tão lindo, Carlos... A senhora vai-se rir, mas eu fazia muito gosto que o menino se chamasse Carlos! O' Carlinhos! E' mesmo lindo! Não acha, minha senhora?

A senhora passava os dias nessa quietitude tão grata ás mulheres prestes a ser mães, sentada numa cadeira de vêrga com pequeninas peças de enxoval entre os dedos. A Maria Eulália vinha para o pé dela e punha-se-lhe a falar do menino — porque a Maria Eulália tinha a certeza de que o pequenino ser que ia sair daquele ventre havia de ser um menino. Garantia-o. A patrôa, enternecida daquela criancisse, sorria, advertindo:

— O' mulher, vê se deixas queimar o refugado! Pões-te para aqui a dar á lingua!...

Ela lá ia, mas daí a pedaço voltava para a beira da patrôa com a mesma conversa sobre o menino que estava para nascer. A sua alegria pelo nascimento que ia dar-se naquela casa era tão transparente e veemente que, uma tarde, a patrôa disse-lhe:

— Gostas tanto de meninos que nem sei por que ainda não casaste.

— Casar? Casar para quê, minha senhora?!

— Ora, para que ha-de ser! Para teres também um menino!

A rapariga ficou uns momentos calada. Depois, numa voz diferente, que fez erguer da co tura os olhos da senhora, disse:

— Um menino! A senhora fala bem!... Mulheres assim como a mim não podem ter filhos! Para quê?! Os pobres não têm meninos: têm desgraçadinhos, é o que têm!...

Calou-se outra vez. E duas grossas lágrimas rolaram-lhe devagarinho pelas faces morenas.

Efectivamente um menino nasceu naquela casa. Tinha uma penugem loura na cabecinha, os olhos muito escuros, era gordo e bonito, benzesse-o Deus! Gritava que parecia ter fôlego de trinta diabos, o mafarrico pequeno! O patrão, muito contente, andava agora sempre a ler papeluchos e todos os dias trazia caixas de farinhas para o bébé. A senhora, quando ele dormia, punha-se a contemplá-lo enlevada. Mas o júbilo de Matia Eulália não era menor. Trabalhava alegremente. Era cuidadosa e cantarolava, agora, a todo o instante.

— Minha senhora! São horas de preparar a papinha para o menino!

Ou então:

— Deixe-me adormecer o menino! Deixe!

Se o tomava ao colo, a sua ternura, então, desentranhava-se em mocanquices encantadoras. Enchia o bébé de beijos.

— O' rapariga! Tu apertas o menino de mais!

— Crédo, minha senhora!

— Dá cá o menino. Vê lá o fogão...

— Deixe-me estar mais um bocadinho com este amor! O' minha senhora! Olhe a gracinha deste anjo! Olhe... A querer rir!...

E cobria-o de beijos.

Tinha o menino três anos e meio quando uma pneumonía, pondo-o em perigo, ensombreceu aquela casa que durante vinte dias o médico não deixou de visitar. Maria Eulália já lhe conhecia os passos na escada; e, mal os sentia, corria para a porta em bicos de pés para que o doutor não chegasse a tocar a campainha. Quando êle, depois de calçar as luvas, entrava para o quarto onde o pequenito, na caminha de guardas, mirradinho pela febre, passava horas seguidas numa prostracção que trespassava a mãe, de mãos postas, diante da *toilette* cheia de remédios, onde uma luzinha de azeite ardia permanentemente ante uma estampa do Senhor dos Passos, a criada punha-se da porta, com o respiração suspensa, a escutar o doutor. E uma vez mesmo, quando êle estava a escrever uma receita para aviar na botica, como o patrão o tivesse deixado para ir lá dentro falar á senhora, Maria Eulália atreveu-se a preguntar ao doutor:

— Ó sr. doutor! O anjinho não se salva?!

E como êle, depois de a fitar um momento, fleugmaticamente respondesse — «Vamos a ver! vamos a ver!» — ela correu para a cozinha e pôs-se a chorar, agoniada. Custava-lhe tanto a passar os dias! A febre não

deixava o anjinho que, amodorrado, permanecia horas sem dar sinal de vida, a não ser pela respiração crepitante que, no silêncio da casa, fazia aflição. A' hora do jantar, o patrão e a senhora, sentados em frente um do outro, trocavam poucas palavras, acabrunhados. Pela porta aberta, viam-se sôbre a cadeira de vêrga, no quartinho da costura, os brinquêdos do menino. Se alguem lhe punha os olhos em cima entristeciam como *ex-votos* inuteis. Havia de tudo no montão: cavalinhos de pasta, automóveis de lata com rodas a menos, palhaços mutilados, carruagens dum comboio descarrilado... Arrumada a cozinha, começavam no desfiar moroso das horas lentas, as angústias da noite: tão certo era que, de noite, sempre o termómetro acusava uma subida da febre. Maria Eulália, que bem desejaria poder estar sempre á cabeceira do doentinho,— «ah! se o patrão não fosse tão esquisito!» — sentava-se no mocho da cozinha e ali ficava atenta ao menor ruido lá de dentro. A senhora bem lhe dizia, condoída:

— O' rapariga, deita-te!

Maria Euállia recusava, insistia, negava que tivesse sono. Queria estar álerta, pronta a servir. Ela, que havia já um rôr de anos não entrava numa igreja, a não ser na missa do galo, rezava agora com fervor e, um dia mesmo, fôra prometer duas velas a Nossa Senhora das Dôres. Na convalescença do menino, foi tão grande a sua alegria ao vê-lo de novo na casinha da costura remexendo com as suas pequeninas mãos, muito fraquinho, nos cavalinhos e nos automoveis, que à noite, ao deitar-se, a senhora disse ao marido:

— Tu embirras com a Maria, mas olha que ela foi de uma grande dedicação e é doida pelo nosso filho... Sabes o que ela fez? Precisava de uns sapatos e foi gastar quinze mil reis em brinquedos para o pequeno! Coitada! Se concordasses, eu aumentava-lhe o ordenado: dava-se-lhe mais dez mil reis por mês. Olha que a criada da Maria Cristina — que não cozinha melhor do que esta — já ganha...

Ele aquiesceu. Maria Eulália passou a ganhar mais dez escudos mensais: mas tambem esses primeiros dez escudos de aumento ela os foi deixar na loja onde se lembrou de comprar uma carrocinha para o menino.

Uma noite, já o Carlinhos ia fazer cinco anos, o sr. Gomes chegou a casa tarde. Chamou a criada, que estava deitada, preguntou-lhe se havia ovos em casa, ficou de mau humor por ela lhe dizer que os ultimos os havia estrelado para o almoço e se esquecera de o dizer á senhora. Secamente, mandou-a fazer chá e torradas e sentou-se á mesa batendo com os nós dos dedos no rebordo do movel. Parecia nervoso, irritado. Maria Eulália, estremunhada, acendeu o fogão do gás, foi buscar o bule. Mas quando tudo ficou pronto o sr. Gomes achou que as torradas estavam queimadas de mais e encontrou um cabelo no pires.

— Estas torradas não se podem comer! Faça outras!

Tornou a esperar. Tornou a bater com os nós dos dedos sobre o rebordo da mesa. E, quando as segundas torradas chegaram, desesperado, atirando com o prato, rompeu, furioso, numa reprimenda descompassada: «Não havia duvida... Ela fazia de propósito. Então êle tinha dito que não queria torradas queimadas, recusara as outras por isso, e a criada; naturalmente porque tinha tido de que sair da cama, onde ressonava como um animal, trazia-lhe outras queimadas de todo?!

— Ó sr. Gomes, mas eu...

— Cale-se!

— Se o senhor me tivesse dito...

— Não lhe admito desculpas! Tá enganada! Da senhora faz você o que quere. De mim não faz!

Deu duas passadas na casa de jantar, exclamando:

— Era o que faltava! Era o que faltava!

Maria Eulália tentava atenuar o seu descuido, explicá-lo se possível fôsse:

— Ainda ante-ontem, quando o sr. Gomes me mandou fazer torradas p'r'o almoço...

Mas o sr. Gomes cortou-lhe a defesa:

— Não! Eu vou acabar com isto. E de vez! Era o que faltava!

— Como o senhor quiser!

— Está despedida! Pela manhã, rua!

E no dia seguinte, quando se levantou, com um ar contristado, a senhora disse-lhe:

— Ó Maria! Para que respondeste mal ao senhor?! Estavas aqui tão bem!... Eu ainda lhe pedi... Mas o sr. Gomes disse que não, que tu lhe faltaste ao respeito...

Maria Eulália chorava, balbuciando:

— Ó minha senhora! Deixe-me ao menos ir dar um beijo no menino! Peço-lhe por tudo...

Quando chegou à porta da rua, com o saquitel dos trapos debaixo do braço, deteve-se uns momentos a pensar. Depois, com passo rápido, desceu a rua, voltou à esquina e entrou na vacaria a pedir que lhe deixassem ficar ali o saco da roupa. O sr. Joaquim, um homem de bigode farto, que tinha um forte sinal de cabelo na face, preguntou-lhe:

— Então? Saíu da casa?

Ela disse que sim, que saíra. E como quer que o sr. Joaquim sempre a tivesse tratado com atenção, sem maldade, Maria Eulália, vencida, de golpe, a hesitação, pediu-lhe se era capaz de vêr se no *Seculo* pediam alguma criada.

— Não tenho *O Seculo*. Mas tenho aqui o *Notícias*, que para isto de anúncios ainda é melhor...

— Pois é isso. No jornal é que eu queria dizer...

Solícito, o sr. Joaquim, num pedaço de papel, tomou nota de duas casas que pediam criada para todo o serviço. E explicou-lhe o que devia fazer. Maria Eulália agradeceu e saíu.

— Amanhã ou depois venho buscar o saco.

— Não ha novidade, menina Eulália.

Á tarde, descendo dum «electrico», ao vêr que todos os passageiros saíam do carro, Maria Eulália, sem saber para onde ir, surpreendida pelo movimento que havia no Rossio áquela hora, pôs-se a olhar à volta, espantada. Havia gente que se precipitava para os carros, em tropel — homens bem vestidos com embrulhos na mão, operários de fato sujo que tinham largado o trabalho, senhoras *chics*, todas cheias de pó de arroz e de labios pintados que, ao subir para os carros, mostravam as pernas até o joelho. Estava em Lisboa já há anos e, todavia, aquele espectaculo aturdia-a. Durante quási seis anos que servira naquela casa, na Estrela, nunca mais viera à Baixa senão com os patrões, trazendo ao colo o menino. Parecia-lhe maior agora a balbúrdia ruidosa da cidade. Tanto automóvel! De repente, uma voz de homem, por entre dentes, disse-lhe ao ouvido:

— Vamos?

Indignada, afastou se. Mas, já refeita da grande surpresa espectacular da praça áquela hora de vai-vem e de tumulto, Maria Eulália começou a sentir que havia qualquer coisa de vicioso nos olhares de muitos daqueles homens que estavam ali mirando as mulheres e chegando-se a elas Percebeu mesmo que algumas não eram sérias. Decidiu atravessar a praça. Ao pé dum lago, uma rapariga descalça, de lenço caído para a nuca, com o cabelo lustroso, vendia violetas a uma senhora alta e magra, que parecia estrangeira. Quando a senhora, depois de pagar, se afastou, Maria Eulália preguntou à rapariga:

— O' menina, diga-me para onde fica a Avenida?

Orientada, seguiu na sua direcção. Defronte do teatro dois *chauffeurs* que estavam encostados a um carro rindo e chalaceando, meteram-se com ela, atrevidões, jogando-lhe as mãos aos seios. Para lhes fugir, ia ficando debaixo dum automovel que deslisava sem ruido. A correr, quási esbaforida, alcançou o passeio do outro lado e, sempre a

olhar para a direita e para a esquerda, confundida com tanto barulho, com passo lesto, descendo do *trottoir* ao passar junto dos cafés cheios de homens, relanceou a estação e, sempre com a malinha muito apertada na mão, foi andando até deparar a Avenida. A tarde esmorecia, mas como se estava na primavera, o céu tinha ainda uma claridade muito fina e luminosa, embebida dum azul muito lindo. A'rvores de flores roxas, dum lado e doutro da rua central, espalhavam na atmosfera uma beleza rara e tocante. Ela foi seguindo sem destino, mas um banco deserto tentou-a. Sentou-se.

Não se tinha empregado. Numa das casas de que o sr. Joaquim da vacaria lhe dera nota havia apenas duas velhotas, todas de preto, que lhe tinham feito quizília. Para aturar rabujices de velhas não estava, e ela que bem percebera de que força elas eram! «A menina tem namôro? Tem? E vai á missa, vai? Olhe que isto aqui é casa de muita devoção! Relaxamentos não consentimos!» E a respeito de ordenado—uma ridicularia! Na outra casa disseram-lhe que já estavam servidos. Que fazer? Talvez o sr. Joaquim, que era um homem que conhecia bem Lisboa, lhe desse um bom conselho... Não sabia que horas eram, mas pensando que já seriam sete, sentiu uma grande angústia. Nesse momento já o Carlinhos, com o babeiro no pescoço, sentado na sua cadeira alta de bébé, estava tomando a sopinha com a sua pequena colhér de prata. Como que alucinada Maria Eulália via-o tal qual o veria se o estivesse espreitando por uma fechadura. Quasi cinco anos! Parecia-lhe um sonho! Tanto se afeiçoara àquela casa por môr da senhora e, sobretudo, do pequenino, que ela ajudara a lavar quando nascera, que se esquecera de que um dia, quando menos o esperasse, ela poderia ser escorraçada. E afinal tinham sido quási cinco anos, cinco anos da sua mocidade que ela consumira debaixo daquele tecto, servindo aqueles patrões e adorando aquele inocente. A gracinha dêle quando, mal sabendo falar, a chamava com a sua pequenina e graciosíssima voz:

— Mia! O' Mia!...

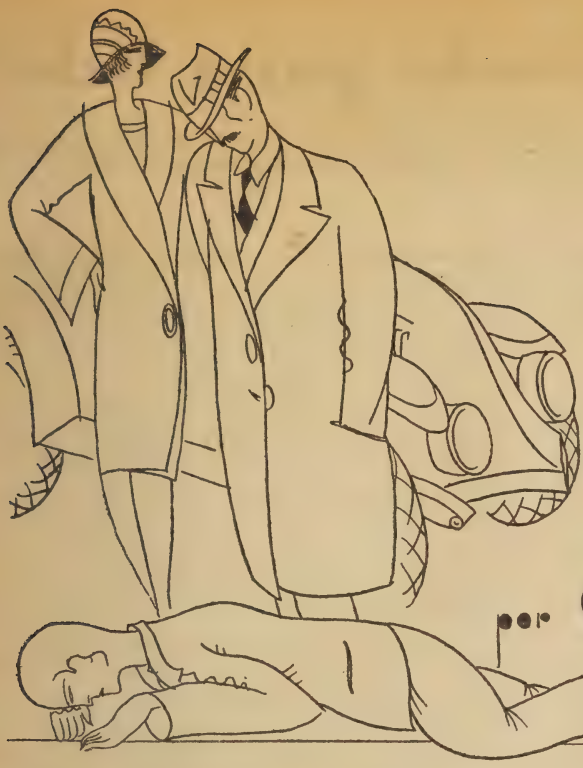
Um sujeito de idade, que vagarosamente, encostado á bengala, vinha subindo a Avenida sentou se no mesmo banco, dando-lhe as boas tardes. Tipos que passavam olhavam-na com insistencia e ela reparou que esse mesmo sujeito idoso que se sentara á sua beira, não tirava os olhos dela. «Está desempregada, menina?» — preguntou o velhote. Ela respondeu que estava. Então, o sujeito, chegando se mais, libidinoso, tacteou.

Disse-lhe:

— Se calhar a menina tem precisão...

Maria Eulália compreendeu que não podia parar fosse onde fosse sem que lhe surgisse um paspalho a tentá-la. Até os velhos. Sem dizer palavra, levantou-se e pôs-se a andar muito depressa em direcção ao Rossio. Ainda os candeeiros não estavam acesos, mas já as sombras tinham adormecido nas árvores copadas a passarinhada irrequieta. Atravessou a praça quási a correr, sem fixar uma só pessoa. Os cafés resplandeciam. Meteu por uma rua direita onde todas as lojas estavam fechadas, sem se deter diante de nenhuma montra iluminada. E desembocando no Terreiro do Paço avistou faróis de navios. Caminhou para o cais. Chegando junto da muralha estacou. Para o largo as luzes das embarcações faziam arabescos na água; junto da parede, no escuro, a água do rio mal se divisava e percebia-se apenas pelo chap-chap de encontro á pedra. Inclinou-se sôbre o parapeito a perscrutar essa escuridão que a custo divisava movediça. A noite tinha poucas estrêlas. De repente, Maria Eulália, pondo um pé no assento de pedra subiu á parede e precipitou se — para desaparecer no lodo fundo.

Nêsse mesmo sítio arremessara ela, havia quási seis anos, embrulhado em jornais, e sem que ninguém a visse, o cadáver do filho que matara á nascença.



João Ardina

por Campos Monteiro

QUANDO o João Ardina atingiu a portela de Espinho, no Alto do Marão, pulsou mais forte no peito o seu coração de adolescente, entusiasta e generoso. Em sua frente dilatava-se um extenso panorama de montanhas, em meio do qual avultava, como tranquilo bando de pombas poisadas num penhasco, o casario de Vila Real. Estava o sol já muito inclinado ao poente, e no vale pitoresco que da Campeã descia, buscando a foz do Cabril, projectava-se uma vasta toalha de sombra. Toda a vertente oriental da serra tomava uma côr de indigo carregado, contrastando estranhamente com as largas pinceladas de oiro escorridas nos pendores onde ainda incidiam os raios solares. Nadavam em fumo acinzentado — horas de ceia — as povoações amodorradas pelas encostas. A vegetação luxuriante do Minho, de um verde cantante, e tão profusa que não deixava transparecer a menor mancha de terra, suspendia-se ali subitamente; e eram já outras as árvores, a cultura das chãs, a propria temperatura da atmosfera. Estava em Trás-os-Montes, e Trás-os-Montes era a sua província querida, aquela em que nascera, de onde partira ainda infante, e à qual regressava agora após sete anos de ausência.

Tirou o chapéu, soltou um brado de saúdação, que reboou nos píncaros sobranceiros à estrada. Depois, como levasse os pés magoados e o peito ofegante das cinco léguas de ininterrupta subida, sentou-se num pedregulho tirou do bolso uma côdea de brôa que os seus dentes sôfregos entraram de mastigar, e ficou olhando ao longe, para os lados do nascente, no anseio de já descortinar dali a terra que lhe fôra berço.

Vã esperança! Ficava ainda muito longe o povoado raiano que devia ser o têrmo da sua jornada. Mas, para o João Ardina, estar em Trás-os-Montes era já tudo. Tinha boas pernas, acostumadas a calcurriar as ruas da cidade, e que com mais valentia haviam de palmilhar o caminho a percorrer. E' verdade que o minguado pecúlio com que abalara do Porto estava quási no fim. Mas, em meio daquela boa gente transmontana, que não sabe negar hospitalidade a ninguem, escusava de recear a fome. E os seus lábios sorriram, emquanto os olhos se fitavam com mais ternura na adorada província.

Saíra de lá, da aldeia da Lagoaça, onde seu pai fôra guarda-fiscal, com oito anos

novela para todos
edições C P

incompletos. Não conhecera a mãe, que morrera dando-o à luz. Mas encontrara uma segunda mãe na avó Tomásia, que o aleitava ao «biberon», lhe acompanhava solícita a infância turbulenta, e se revia nele com um afecto profundo. Sna irmã, cinco anos mais velha e precocemente desenvolvida, era já uma rapariga desempenada quando o pai, transferido para o Porto, teve de carregar com a familia por esse vale do Douro abaixo. João lembrava-se da alegria intensa que sentira quando, na Barca de Alva, se viu dentro do comboio, à portinhola de uma carruagem de terceira classe, vendo pessar em baixo, numa descida célere, o rio barrento e murmurante. Todo êsse dia, até desembarcar em Campanhã, foi para êle de festa. Mas quando, horas depois, se viu metido num casebre quási miserável, ao fundo de uma *ilha* escura e mal-cheirosa, as lágrimas correram-lhe devagarinho, com saüdades de Lagoaça. Lá, é certo, a casa que habitavam não era muito melhor. Mas tinha ar puro, horizontes dilatados, e das janelas do seu quarto, voltadas para leste, divizava-se toda a bacia verdejante das arribas, a fita doirada do rio, um convento que entre ciprestes se alcandorava na margem oposta, e em cima, onde o planalto espanhol começava, as negrustas moradias de Mieza.

Passaram anos. João e Maria Clara foram crescendo. Ela estava já — como a avó dizia — «uma senhoraça» quando entrou para a Camisaria Confiança, como costureira. Êle andava na escola oficial, e ía fazer a seu primeiro exame, na altura em que o pobre guarda-fiscal morreu quási subitamente, de uma congestão pulmonar contraída em frigida noite hibernal, na sua guarita da Circunvalação. Era a miséria. A avó Tomásia, que durante alguns anos accionara ainda com os seus pulsos débeis a máquina de fazer meias, estava pouco menos que entrévada. O salário de Maria Clara não chegaria para os três. E então, o rapazote, com dez anos apenas, atirou-se heroicamente ao trabalho. Não tinha ainda a idade legal para se inscrever numa fábrica. Mas, se Deus quisesse, passarinhando pelas ruas da cidade havia de ganhar com honra o pão que comia.

Ás seis horas da manhã, tiritando de frio, dentro do seu acanhado casibeque de cotim, já êle se encontrava na redacção do *Notícias*, esperando que o jornal saísse da máquina. Corria em seguida ao *Janeiro* e ao *Comércio*, e largava a deambular pelas ruas, anunciando em voz estrídula as folhas acabadas de imprimir. Perto do meio dia, quando a venda entrava de fraquejar, postava-se á porta dos cafés e das casas de negócio, pronto a fazer os recados de que o encarregassem. E apenas desembocava em S. Bento o «rápido» de Lisboa, aproximava-se pressuroso do balcão, tomava sob o braço esquerdo o seu pacote de jornais e deitava a correr Clérigos acima, para chegar primeiro que nenhum outro á Praça Carlos Alberto, onde era segura uma abundante colheita de tostões.

Ao caír da noite regressava a casa, que era para as bandas do Bonfim. Fatigado, sim, mas contente. Espalhava no regaço da velha Tomásia as moedas que ganhara e bradava, pulando de alegria:

— Ámanhã não nos há de faltar que comer, avòzinha!

— E não faltava,—tanto mais que, no fim das semanas, Maria Clara entrava com o salário para o pecúlio comum. Mas, a alturas tantas, a rapariga, que sempre revelara cabeça leve e um certo desequilíbrio moral, começou atrasando-se. O dinheiro com que Tomásia contava para as despesas do lar, despejava-o ela noutro servedoiro, que eram vestidos caros, joias falsas, sapatos de verniz, meias de seda... A velha repontava, verberava-lhe a mania estulta de se aperaltar daquela forma, sendo uma simples costureira. Maria Clara, porêm, fazia ouvidos de mercador; e sempre que vinha á baila o seu mester de costureira, afirmava-se farta da profissão e ansiosa por mudar de rumo. O João Ardina, se adregava de assistir áquelas

discussões, apoiava com veemência a avòzinha. Conhecedor da vida, apesar dos seus poucos anos — a existência citadina é uma grande mestra — não lhe cheirava bem aquilo, temia que a irmã, continuando naquelas disposições, viesse «a dar em droga». E isto pungia-o como um grande desgôsto, a êle, que jurava seguir os dítames do pai, do honesto servidor do Estado que aproveitava todos os ensejos para incitar os filhos a viverem com dignidade.

Não se enganou nos seus pressentimentos. Maria Clara abandonou certo dia o lar e a oficina para se instalar numa casa de pensão. Durante meses foi uma das heroínas da vida galante portuense. Depois, o ardina soube por uma camarada que a irmã saíra do Pôrto, em companhia de um «senhor» que se apaixonara por ela. Foi êste o último desgôsto de Tomásia. Fulminada pela notícia, tombou no leito onde gemeu seis meses, até que a levaram para a cova.

João Ardina gastou as suas pequenas economias com o entêrro da avó. Deviam uns meses ao senhorio: pagou-os com a pequena mobília que povoava o tugúrio. Depois, desgostoso, sòzinho no mundo, odiando a cidade que tão madrasta lhe fôra, lembrou-se que tinha uns tios em Lagoaça. Atormentava-o agora mais fundamente a nostalgia do berço natal. Lá também havia trabalho, mais decente, e até mais útil, arroteando a gleba, colhendo os frutos, sob um sol mais luminoso e um céu mais azul. Restavam-lhe no bolso uns poucos de escudos, que não chegavam para o comboio. Mas as suas pernas eram rijas e mais rija a sua alma de trasmontano que, tomada uma decisão, não recuava perante as dificuldades. Foi ao cemitério despedir-se dos dois entes queridos que lá deixava. Depois, sem pena e sem saüdades, meteu-se ao caminho.

* * *

Quando, no pico do Marão, se sentou mirando o horizonte já a sua minguada algibeira se encontrava quási exausta. Teria, quando muito, dinheiro bastante para cear essa noite em Vila Real. Dormir, não lhe dava cuidado. As noites estavam quentes e a sua hospedaria, desde que iniciara a jornada, era qualquer portal aberto ou qualquer edifício em construção. Tinha de andar ainda cêrca de três dias, durante os quais necessitava de comer. Mas os trasmontanos eram hospitaleiros — asseverara-lhe o pai — e não o deixariam morrer á fome. De resto, lá estava Deus para olhar por êle — esse Deus a quem ele rezava todas as noites, enroscado no regaço da avó.

* * *

Sob o sol candente — que ali tem revérberos de fornalha — João Ardina atravessava a Vilariça. Os seus pés doloridos, tumefactos como os de um nefrítico, pisavam com passos vacilantes a tira rectilínea da estrada. Latejavam lhe as têmporas, estrangulava-o uma sêde ardente — e não encontrara, desde a estação de Abreiro, um fio de água que o dessedentasse. Atordoava-o um zumbido insistente dos ouvidos, emquanto uma dor terebrante, como de um punhal espetado no epigastro, o atravessava de lado a lado. Havia quási vinte e quatro horas que não comia. Acabara-se-lhe o dinheiro em Abambres, a nordeste de Vila Real. Mas no Pópulo, cinco léguas adiante, deparara-se-lhe um lavrador caritativo que lhe dera de jantar. Foi este mesmo quem lhe indicou um caminho mais curto, fugindo á estrada nacional, por Pegarinhos e Candedo. Ao cair da noite estava em Abreiro, cheio de calor e de cansaço. Aí o albergou um humilde trabalhador de enxada, pai de cinco filhos, que repartiu com êle o leito do rapaz mais velho e o dessorado caldo de todos. Comera mal: carneś quasi cruas, de infusão num liquido lôbrego onde boiavam raras bolhas de azeite. E, ao romper do dia, abalava de novo, descendo a rude calçada que leva á ravina do Tua.

Ruíra tempos antes a ponte, minada por uma cheia. Passou-o

o barqueiro para a outra màrgem, pelo amor de Deus. E ei-lo a trepar, sob a torreira do sol, a ladeirenta vereda que desemboca no Vieiro.

Nem aqui, nem nos pequenos povoados de Freixiel e Samões, encontrou vivalma. Andavam todos para os campos, no trabalho das ceifas. Um velhinho trôpego, sentado á sombra de uma faia no largozito de Samões, foi o único ser vivente que se lhe deparou durante a árdua travessia. Dele recebeu a indicação do caminho a seguir: que metesse pelo atalho á direita, marginando o olival, e continuasse depois sempre em frente. Dentro de uma hora, entestaria de novo com a «estrada do govêrno», junto do Cruzeiro.

Agradeceu, continuou marchando. Mas, quanto mais se internava na província, menos povoações, menos casais avistava, — e todos ao longe, longe da fita de macadame que descia a montanha em coleios ofídicos. Tampouco se ouvia um murmúrio de água correndo, o chôro blandicioso de qualquer fonte rústica. Restolhos apenas, amarelecendo ao sol sobre um acinzentado solo argiloso que se erguia a um lado e a outro em corcovas monstruosas, como se o convulsionasse um pesadelo dantesco. Trazia já quási quarenta léguas de marcha, e a fome, a sêde, o calor e a fadiga abatiam-se a um tempo sobre o seu frágil organismo. Começava de faltar-lhe a energia que o animara nos primeiros dias do trajecto. Doíam-lhe pavorosamente os pés. Agachou-se, descalçou os sapatos, já de solas e gáspeas desconjuntadas pelo piso dos caminhos, e atirou-os para longe.

Ao endireitar-se sentiu em ambas as pernas uma caimbra violenta que quási o paralisou. Reagiu e prosseguiu caminhando. Atravessou a passo rápido a ponte da Junqueira, cujo taboleiro, lançado sobre uma torrente que secara, lhe escaldava as plantas dos pés. E banhado num suor profuso, arquejando já uma polipacia precursora da insolação, meteu á estrada plana, onde o acariciava a perspectiva de umas árvores de ramaria densa, a meio quilómetro dali.

Mas a opressão física que o vinha asseteando aumentava de minuto para minuto. A sêde, agora, assumia as proporções de uma verdadeira augústia. Tornara-se mais intensa a gastralgia qne o apoquentava desde Freixiel. O zumbido auricular, que semelhara a principio o zoar do vento nos fios telegráficos, lembrava agora uma trovoada ribombando. Era através do nevoeiro que divisava os objectos. Sentiu os joelhos vergarem-se. E deixou-se caír, quási inanimado, na concavidade da valeta.

* * *

Esteve assim pouco tempo. Um automóvel que surgira ao fundo e se aproximava velozmente, parou junto dele. Ouviu vozes, mas que lhe pareceram vagas e indistintas, como vindas de muito longe:

— E' um rapaz desmaiado!

— Coitado! Quando Deus quere, foi o calor que lhe fez mal.

— Vá vêr, Manuel! — bradou o dono do carro para o *chauffeur*.

Mas já uma linda mulher, elegantemente vestida, com um pequeno chapéu de palha coroando a cabecita loira, se apeava e corria para o Ardina. Atrás dela saltou o outro passageiro, quarentão bem apessoado e levemente obeso, empunhando uma boquilha de âmbar e oiro, onde ardia um charuto caro.

João abriu os olhos, ainda um pouco esgaseados, e fitou-os nos dois. Leu na cara do homem uma expressão compadecida. Mas no rosto e nas pupilas dela, que o fixavam com insistência, viu gravada uma expressão diversa: a máscara imperiosa de quem exige silêncio.

O Ardina afirmou se melhor, através da névoa que ainda lhe toldava a vista. Reconheceu-a. E reconheceu ainda, sem sombra de dúvida, a sua voz musical, tantas vezes ouvida, que dizia para o outro:

— Pobrezinho do rapaz! De onde será êle?

Mas o latejar das suas artérias transformara-se subitamente numa cefalalgia atroz que o obrigou a cerrar de novo as pálpebras. E lívido, transpirando agora um suor gelado, desfaleceu.

* * *

Quando voltou a si, encontrou-se numa cama. Era já noite, e quási todos os seus incómodos tinham desaparecido. Todos menos a fome que continuava a atenazar-lhe o estômago, e uma ligeira dôr de cabeça. Sentou-se no leito. Onde estaria? Pela bandeira da porta, que dava para um corredor iluminado, filtrava-se luz bastante para poder discernir as coisas que o rodeavam. Achava-se num quarto modesto, mas decente. Um pequeno toucador, um lavatório de ferro, uma mesa redonda sôbre a qual floria um ramo de dálias. De uma sala perto vinha um ruido de talheres e animada conversação.

Ergueu-se, deu alguns passos para experimentar as forças — e logo uma velhota entrou, de face bondosa, sustentando na mão um candeeiro de petróleo.

— Boa noite — disse. — Então já completamente bem?

— Muito obrigado. Sinto-me bem. Mas se me fizesse o favor de me dizer onde estou...

— Ora, onde hás de estar! Estás em casa do sr. Sales Pereira, que te encontrou desmaiado quando recolhia de Vila-Flor, e te trouxe no automóvel.

O rosto de João Ardina ensombrou-se. Voltava-lhe a memória. E, na ânsia de saber tudo, dissimulou:

— Ah! Já me recordo! Um cavalheiro que viajava com uma senhora... provavelmente sua esposa.

A velha teve um sorriso levemente malicioso:

— Se o não é, é como se o fôsse, percebes?

— Poderei agradecer ao sr. Sales Pereira a bondade com que me tratou?

— Está a jantar. E tu vais jantar tambem. Foi o que a senhora D. Maria Clara mais me recomendou: que te desse de comer apenas acordasses.

Depois, num gesto docemente autoritário, ordenou, apontando o lavatório:

— Escova-me bem essa roupa e lava a cara, enquanto eu vou buscar a comida.

Saíu, para voltar ao cabo de cinco minutos com um taboleiro de choupo onde fumegavam um prato de sopa, um tassalho de carne assada e uma travessa cheia de barbos fritos. Dispôs tudo sobre a mesinha do centro, onde loirejavam um grande pedaço de sêmea e uma garrafa de vinho branco. E voltando-se para o Ardina, que se debruçava à janela, espreitando a noite:

— Vamos! Toca a manducar, que bem precisado deves estar de paparoca!

* * *

Tendo ficado só, João dirigiu-se ávidamente para a mesa. Tomou nas mãos o grande pedaço de sêmea, que exalava um aroma convidativo, e partiu-lhe um canto, precisamente aquele que apresentava a côdea mais tostada. Ia para metê-lo à boca quando da sala de jantar chegou uma risada de Maria Clara, alegre, argentina, mas onde vibrava um timbre nervoso. E ficou-se encostado à mesa, com o bocado de pão na mão, imóvel.

Aquela gargalhada, falsa e à sobreposse, dizia-lhe lucidamente a impaciência que estava torturando a irmã. Vira-o estendido na estrada, tivera para com êle o gesto espontâneo que se tem para um semelhante necessitado de auxílio. Mas, ao reconhecê-lo, o seu semblante de dó transmudara se na fisionomia despótica de quem impõe segredo. Envergonhava-se, ela que conquistara pela desonra uma situação desafogada, e viajava de automóvel, de ter um irmão vendedor de periódicos e jornadeando a pé. E agora que o acaso lho metera pela porta dentro, deitava o na cama de um criado,

fazia-o comer à parte como a um mendigo de arribação, — e todo o seu receio era que ele se denunciasse, fazendo conhecer ao amante o laço de sangue que os unia! Estava ansiosa, sem dúvida, por que êle se restabelecesse e partisse. E se não fôsse o generoso movimento de Sales Pereira, metendo-o no carro e trazendo-o consigo, talvez ela o tivesse deixado ficar onde o encontrara, de face contra a terra e com o sol recozendo lhe os miolos. E que muito era que abandonasse o irmão à morte certa quem, com o seu descaroável abandono, matara a pobre avó?

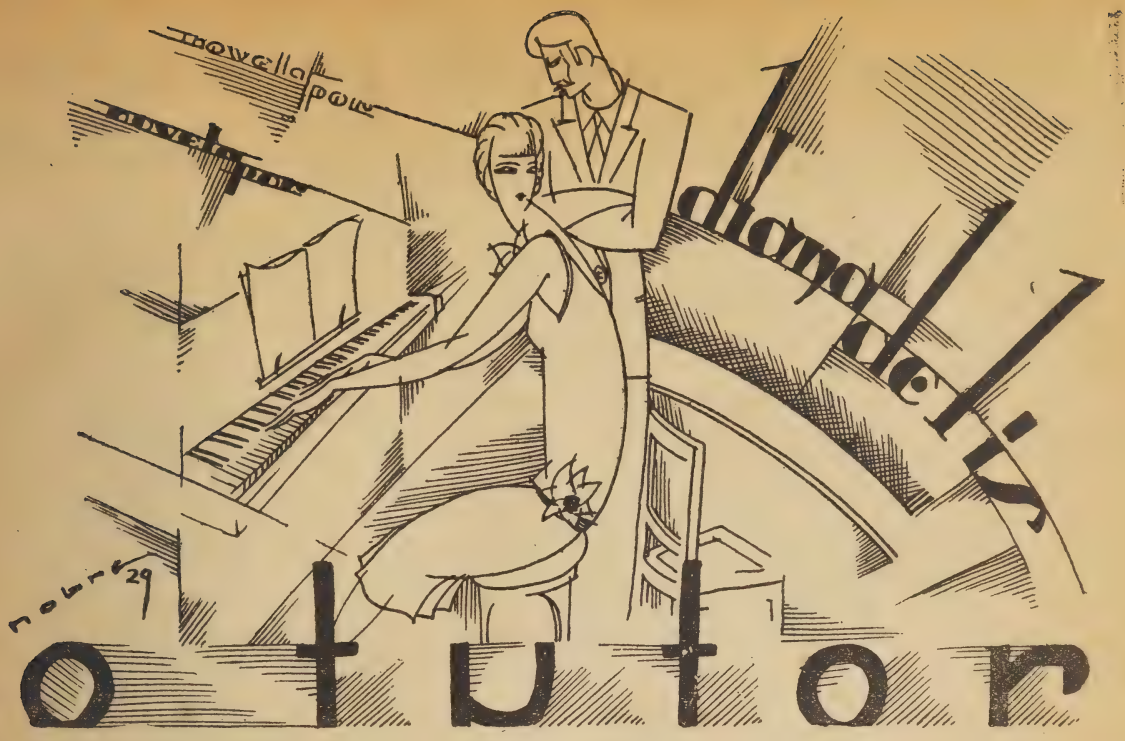
Continuava sendo a mesma, egoista e perversa, frivola e ambiciosa. De quantas falsidades se teria ela servido para captar o bondoso ricaço que a sustentava agora? Parecia-lhe estar ouvindo o embuste da praxe em mulheres tais, filtrado por aqueles lábios encantadores, habituados a mentir aos homens. Filha de um oficial do exército, ou de um alto funcionário, que a orfandade reduzira à pobreza... Era assim que ela se apresentava nos clubes do Pôrto, fôra certamente assim que ela embuira o crédulo Sales Pereira. O aparecimento de um irmão miserável, morrendo de fome e de fadiga numa valeta, seria um desmentido que, porventura, lançaria por terra todos os seus cálculos.

Ah! Podia ficar descansada! Nada diria.

Maria Clara renegava-o por ser um maltrapilho. Ele, por seu turno, renegava-a a ela, porque nada queria ter de comum com uma cortesã. Que seguisse a sua sorte, já que atirara às ortigas os conselhos do pai e a sua memória sagrada. Não! Nada diria! Mas também não tocaria naquela comida de infâmia, naquele pão que a desonestidade ganhara e só bocas impuras, acostumadas a mentir e a beijar sem amor, poderiam comer.

Aceitaria a esmola de um proprietário, o magro caldo de um proletário rural, continuaria aceitando todas quantas lhe dessem, desde que fossem ganhas lisamente e oferecidas por mãos isentas de mácula. Porêm aquela, a esmola de Maria Clara, não a aceitaria, para que lhe não queimasse os lábios, para não sentir, apenas saciado, o desprêzo de si próprio!

Abriu os dedos, deixou caír o pão no soalho. Mas, como uma navalhada que lhe perfurasse o ventre, de novo a gastralgia o tomou, aguda e tenaz, exigindo alimento que a calmasse. No prato côvo, a sopa evaporava-se com um aroma estonteante. João Ardina teve medo de ceder à tentação. Correu para a janela, cavalgou o peitoril, atirou-se para fora. E, mergulhado na treva, entre o côro estridulo das cigarras, meteu estrada adiante, direito a uma povoação que fosforejava ao longe...



ANTES de saír do meu quarto, naquela noite inolvidável, demorei-me muito tempo frente ao espelho. Recordo-me de ter ajeitado a gravata e alisado com a mão os meus cabelos grisalhos. Encontrei poucas rugas no meu rosto; verdade seja que o quebra-luz, côr de laranja e prêto, era muito benévolo e pouco transparente...

Minha irmã, saíra, havia pouco. No outro extremo da casa, sòzinha no salão de música, Lídia tocava piano. Pareceu-me que executava a «Marcha Heroica», aquela marcha de acordes vibrantes, intensivos, que animava os meus nervos doentes, excitando-me, electrizando-me. Caminhei para a porta resoluto. Brotavam-me no cerebro, espontaneamente, todas as palavras que, dali a alguns minutos, deveria dizer a Lídia: — «Ouve, Lídia: tu tens visto em mim, até hoje, apenas o teu tio e teu tutor. Vais fazer vinte anos e ha oito que vives nesta casa. Pela tua cabecinha inexperiente nunca passou a ideia de que eu sou um apaixonado da graça e da beleza e que, ao vêr que te metamorfoseavas de criança gentil em mulher adorável, tinha forçosamente de transformar-se em paixão exaltada o meu antigo afecto calmo, quási paternal. Ha meses que penso fazer-te esta confidencia, submeter-te o meu destino, tornando juiz desta paixão outonal a tua mocidade radiosa. Resolvi, hoje, dizer-te tudo. Que irá suceder? Serei sempre, para ti, o tutor que já fez quarenta anos, que te conheceu pequenina, que tem alguns cabelos brancos, algumas rugas e não poucos desenganos do mundo? Ou quererás lembrar-te de que, fazendo-me a dádiva inebriante da tua alma em flôr, serias, a um tempo, uma rainha a quem eu beijaria os pés em horas de comoção profunda, uma boneca com quem eu brincaria infantilmente, ás vezes; um ídolo a quem eu adoraria de joelhos, em momentos de amorosa devoção? A minha idade dobra a tua, é certo; mas tambem é verdade que dêvo morrer muito antes de ti. Poderias, talvez, depois de haver feito a ventura suprema dos meus últimos anos, gozar ainda uma segunda vida, conhecer novos amores. Não sou, bem vês, muito egoista... Seja o que fôr que penses, peço-te que mo digas, com a tua ingénua e habitual franqueza — porque eu aceitarei sem discutir, esmagado pela dôr ou entontecido pelo júbilo, a sentença que tu proferirás.

E dispunha-me a dizer-lhe tudo isto... Deslisei pelo corredor; entrei no salão de música. Lídia já não tocava a «Mar-

Novela para todos
Edições

cha Heroica». As suas longas mãos premiam o teclado plangentemente, numa canção russa, melancólica e derrotista. Fraquejou-me o ânimo, ao ouvi-la... Fechei devarinho a porta; Lídia não me ouvira entrar.

Avancei, pé ante pé, e coloquei-me quási por trás dela; continuava a tocar, sem dar por mim. Quis interrompê-la, obrigá-la a cessar aquela música depressôra, que gelava todo o meu *entrain* inicial. Mas não logrei pronunciar uma palavra e conservei-me imóvel, fitando imbecilmente uma jarra de velho Japão que luzia as exóticas pinturas sôbre uma estante baixa, entre duas janelas. Consegui desviar dali os olhos, que se fixaram logo, sem razão aparente, no fecho de platina que segurava, na delicada nuca de Lídia, as duas pontas do seu colar predilecto. Tornei, depois, a olhar para o jarrão; pareceu-me que as figuras que o adornavam iam crescendo, aumentando, até tomarem proporções inverosimeis; o quimono de uma delas já excedia, em muito, a superficie da jarra...

Lídia voltou a página. Fitei, de novo, o fecho do colar; de pequenino e cilíndrico tornara-se volumoso, irregular, de formas extravagantes... E eu não estava ébrio; o que me alucinava era o desespero íntimo de sentir que a minha resolução de falar se desvanecia numa onda de cobarde timidez. Compreendi que se não falasse naquela noite não falaria nunca — e teria de perder Lídia, Lídia, a imperatriz dos meus sonhos, que dentro em pouco abriria às tentações do mundo a sua alma a florir.

Os meus olhos subiram da nuca de Lídia ao jarrão; o quimono, de uma atenuada côr de rosa, tornara-se de um vermelho sangue...

Lídia cantava agora, baixinho, uns versos franceses adaptados à canção do Volga. E eu tive, então, a certeza enlouquecedora de que não falaria — nem naquela noite nem nunca — de que Lídia seria de outro, sem suspeitar, em toda a sua vida, do amor insensato que eu lhe tinha. Fiz um esforço supremo, adiantei um passo — e entreabri os lábios. O meu olhar encontrou, nêsse segundo, o espelho oval da parede fronteira. A luz do salão não era mentirosa, como a do meu quarto... Vi numerosas rugas em tôrno dos meus olhos, vi como a fadiga me vincara as feições. Nunca tinha visto tão nítidamente, nem mesmo nos dias de mais claro sol, a devastação irremediável que me desesperava agora... Soltou-se-me dos lábios um gemido; fugi para o meu quarto como louco. Ouvi ainda um grito da assustada Lídia.

.....

Não falei nunca — e Lídia vai casar. Envelheci ainda mais, tornei-me misantropo. Ela própria acha-me insuportável. Rasguei o quebra-luz côr de laranja e prêto que havia no meu quarto. Trago o meu coração preso às grilhetas do raciocínio e quando êle, insubmisso e revolucionário, se debate, corro ao espelho. Logro assim, dominar êste escravo com alma de Espartaco que mora no meu peito. O espelho é hoje o meu fiel, o meu único amigo...

O sol espreguiçava-se voluptuosamente sobre a terra vermelha e ressequida da clareira, deixando escorrer a sua luz ainda morna por entre a ramaria cerrada dos ibondeiros que se erguiam em volta, como guardas gigantes da floresta imensa e misteriosa.

A manhã anunciava se esplendorosa e ardente; a ligeira neblina que pairava lá em baixo, sôbre o Cunene, ia subindo lentamente, no ar ainda mal embebido em claridade.

Dir-se-ia uma cortina muito leve, que a luz esfarrapasse, ou um bando de fantasmas nocturnas, que se afastasse com pena, expulso pelo dia vitorioso!

De pé, num dos baluartes do forte, que se erguia solitário e agressivo, no alto dum pequeno morro, como um padrão de guerra na serenidade inquietante daquela grandiosa paisagem sertaneja, Helena contemplava mais uma vez o despertar maravilhoso da terra africana, refeita dos ardores causticantes do sol, depois da carícia tépida e embaladora do mistério da noite.

Naquele dia, porêm, ou porque o amanhecer tivesse, realmente, mais encanto e magia, ou porque qualquer fenómeno psíquico desse à sua sensibilidade um maior poder de exaltação, Helena principiou por aborrecer, com seus olhos ávidos e deslumbrados, o horizonte infindável, sentindo reflectir-se-lhe na alma a beleza reveladora daquela hora casta; depois, numa transição imperceptivel, foi se alheando de si mesma, absorvida ela própria pela paisagem magnífica, e sentiu um desejo louco de confundir se com a natureza, integrar-se por completo naquele scenário grandioso, embrenhar se na floresta e aspirar longamente o perfume acre, sadio, do capim ainda húmido de cacimba, a oferecer-se, viçoso ao beijo matinal do sol.

O marido partira pouco antes para a caça, atravessando o rio, e só ao fim da tarde estaria de regresso. Costumava ausentar-se assim, durante muitas horas, e Helena, cujos dezanove anos buliçosos e saüdáveis não podiam conformar-se com a imobilidade forçada daquela vida de reclusa num forte, onde só podia contar com o seu espírito inventivo, a leitura e o trabalho ligeiríssimo de alindar tanto quanto possível a casa pequena e desconfortável que lhes servia de habitação, para se distraír, sentia-se morrer de tédio, naquele *degredo* a que voluntáriamente se condenara, para acompanhar o marido durante a sua permanência em Africa.

Poderjam ter ficado em qualquer cidade do litoral, onde não lhes faltariam divertimentos, relações, enfim, todos os prazeres acanhados duma pseudo-civilização,

novelas para todos
edições

com as inevitáveis intriguinhas, maledicências e escândalos.

Porêm, Helena achou preferível seguir para o interior, conhecer as belezas inéditas selvagens, do sertão, levar uma existência diferente daquela a que estava habituada e ela própria entusiasmou o marido para que aceitasse o comando daquele forte perdido nos confins de Angola, numa região recentemente pacificada.

E partiram, seguidos por uma legião de carregadores, para quem o espectáculo duma mulher montando a cavalo com o desembaraço dum homem, era motivo de grande pasmo, ao mesmo tempo admirativo e trocista.

Durante duas semanas caminharam através de extensas planícies desertas, onde o calor era asfixiante, o isolamento parecia maior e mais pesado o silêncio; atravessaram florestas grandiosas, nalguns pontos dos quais só a pé, e dificilmente, podiam abrir passagem. Apenas de longe em longe, o canto estridente dos galos, uns milharais raquíticos, ou os tectos ponteagudos dalgumas cubatas, assinalavam a existencia de pequenas aldeias habitadas por seres humanos, em paragens tão remotas, que, dir-se-ia pertencerem a um mundo diferente,

A curiosidade de Helena parecia insaciável, sempre interessada por tudo, fôsse uma ave exótica cruzando o espaço, uma gazela fugindo assustada, as pégadas recentes duma fera, ou um caçador indígena, de corpo reluzente e toucado bizarro, que encontrassem no caminho.

Mas, depois de chegar ao termo da viagem, passada a azafama de transformar em casas habitáveis as barracas a que davam o pomposo nome de *residência* do comandante; quando os dias principiavam a suceder-se, terrivelmente iguais, sob um sol esbraseante, consumidor de energias morais e físicas, Helena perdeu o entusiasmo e sentiu-se prisioneira, naquele forte, fora da vida, dominada por uma tristeza mortal. A princípio acompanhava algumas vezes o marido nas caçadas; mas, compreendeu que êle considerava a sua presença um embaraço e uma complicação, no caso de surgir um perigo. Abundavam por ali as feras, era preciso usar de prudência, e ela passára a ficar em casa, dias inteiros, sem uma pessoa para conversar, sem outras visões para os seus olhos ansiosos que não fôssem os rostos negros, inexpressivos dos soldados que compunham a guarnição da fortaleza.

As vezes, pela tardinha, descia até o rio, pela *Avenida principal*, como ela graciosamente chamava ao caminho estreito e íngreme, que se alongava, entre duas filas de palmeiras desgrenhadas, até à margem duplamente traiçoeira—pelos mosquitos e pelos jacarés,—demorando-se ali o indispensável para refrescar os olhos na agua rumorejante que deslisava com uma lentidão que a enervava por entre canaviais e fetos gigantes.

Noutras ocasiões ficava parada na ponte levadiça, sobre o fôsso vazio e pouco profundo, que ela obrigara, já, o seu cavalo a transpor dum salto, arrancando exclamações de espanto aos pretos boquiabertos; espiava dali o horizonte, na esperança de ver aparecer, ao longe, no fim do largo enorme e despido de toda a vegetação, que se estendia em frente do forte, um visitante inesperado que fôsse um traço de união entre ela e o mundo, alguêm que desencantasse a sua vida adormecida, como a Bela do conto de fadas, que lhe embalara a imaginação nos tempos da meninice. Mas, esse alguêm, fidalgo ou mendigo, gentil ou desgracioso, jovem ou velho, não aparecia!...

E os dias continuavam a arrastar-se ardentes, solitarios, intermináveis...

Só, de mês a mês, a chegada do correio punha o seu espirito em alvoroço.

O negro portador do miserável saco de linhagem que encerrava tesouros de saudade, notícias, alegrias e tristezas, era sempre recebido com o sorriso mais belo, com o olhar mais brilhante de Helena.

Durante dois ou três dias, o marido não

a deixava só, tornava-se mais comunicativo e amável, dava-lhe a ilusão da felicidade que ela sonhara no casamento e no amor e que de sonho não passára...

Mas, esgotada a leitura, ei-lo que voltava ás suas digressões, ás suas caçadas, sem reparar que a mulher se definhava lentamente, esmagada pela monotonia e inacção daquele incrível viver, tão contrário ao seu temperamento, tão oposto ao que a sua mocidade ardentemente reclamava.

Nessa manhã, porêm, Helena sentiu a necessidade absoluta de reagir e resolveu aproveitar as horas em que o calor não era, ainda, asfixiante, insuportável, para se agitar um pouco, desentorpecer os membros, dar alguma expansão aos seus nervos aniquilados.

Mandou selar o cavalo enquanto mudava de traje e partiu a galope, ao acaso, por um dos caminhos estreitos, de pé posto, que se perdiam, em labirinto, na floresta densíssima.

Logo que os ramos das árvores começaram a fustigar-lhe o rosto, meteu a passo e seguiu devagar, já toda rosada, bem disposta pela breve corrida; respirou fundo e desapertou um pouco mais a gola bastante afogada da blusa branca e ligeira.

Um macaquito saltou duma árvore para outra e ela — que detestava os macacos — sorriu, achando-lhe graça.

Como era bom viver, sorver voluptuosamente o ar tépido da manhã, ter saúde e ser jovem!

Esqueceu, por instantes, a tortura de muitos dias, a desilusão que lhe viera daquela permanência no interior, onde julgara encontrar continuamente sensações imprevistas, aventuras extraordinárias e pasmosas!

Como era grandiosa e bela a floresta!

Mas... eis que os seus olhos se abrem desmedidamente e no seu rosto transparece uma expressão de surpresa e pavor impossivel de descrever.

Num gesto rápido, quási inconsciente, susteve a marcha do cavalo, para logo em seguida o lançar a galope, sem mesmo se lembrar de voltar para trás e regressar ao forte.

Porêm, ousadamente, alguêm segurou as rédeas do animal, obrigando-o a estacar.

E Helena viu, então, frente a frente, uma figura estranha — homem, monstro? — que a fitava com uns olhos enormes, onde perpassavam clarões sinistros, ameaçadores, ressaltando dum rosto pálido, terroso, quási completamente oculto pela barba negra emaranhada e a cabeleira hirsuta, que lhe chegava aos ombros.

Das antigas vestes restavam-lhe uns farrapos que lhe deixavam a descoberto quási todo o corpo, magro, esquálido.

Era alto, bem conformado e Helena notou que as mãos lhe tremiam convulsamente e os músculos dos braços se lhe retezavam num esforço supremo, como se a estranha criatura tivesse reunido toda a sua energia para consumar aquele acto de violência.

Sem saber porquê, readquiriu a serenidade. Visto de perto, aquele homem, cuja aparição tanto a assustara, inspirava-lhe mais piedade do que medo, apesar de olhar esgaseado que ele não mais desfitara do seu rosto.

— Que desejas?—atreveu-se a preguntar, erguendo um pouco a cabeça, com altivez, num gesto, quasi de desafio.

Ele respondeu-lhe com uma gargalhada arripiante, trágica, que lhe rasgou o rosto, pondo a descoberto uma dentadura alvíssima, inconcebível em semelhante farrapo humano. Depois, numa transição brusca, disse em voz rouca:

— Tabaco!—E percorreu avidamente, com a vista, aquela que o interrogara, como se pretendesse adivinhar onde guardaria ela o que êle acabava de lhe pedir e, decerto, desejava com avidez.

— Vem comigo. Dar-te-hei todo o tabaco que quiseres.—Helena pressentiu um grande infortunio e tomou a direcção do forte, sem que o pobre homem tentasse, sequer, impedir-lhe a passagem. Pelo contrário,

soltou as rédeas do cavalo e foi andando também, num passo vacilante, incerto, sem pronunciar mais uma única palavra.

Helena observava-o em silêncio, toda excitada com aquele incidente que se lhe afigurava fantástico, comovidíssima com o aspecto miseravel, quasi repelente, daquela misteriosa criatura.

Quem seria? Como fôra ali parar? Que personalidade se esconderia sob aquela aparência desgraçada? Seria um anormal?

Era um branco, um irmão de raça; por que mistério se encontraria ele, quási nú, na floresta imensa, longe de qualquer povoado?

Ao mais pequeno ruido o homem olhava em redor, desconfiado, e acabava sempre por erguer os olhos enormes, dilatados ainda pelas olheiras rôxas, para Helena, que sentia um grande desejo de lhe perguntar como ele se chamava, donde vinha, que viver era o seu.

Receava, porêm, provocar qualquer protesto com as suas preguntas e continuou silenciosa.

Chegaram, enfim, junto da fortaleza. Alguns soldados, que por ali se encontravam, correram ao seu encontro, espantados de a verem tão singularmente acompanhada.

— Dêem tabaco a este homem! — ordenou Helena; e, saltando para o chão, ligeira, nervosa, entregou a montada a um dos pretos.

Entretanto, já o desconhecido apertava nas mãos trémulas uma onça de tabaco e um livro de mortalhas, e ria, ria convulsamente, mostrando novamente os dentes muito brancos, duma brancura horripilante, entre o negrume das barbas e da cabeleira selvágem.

— E' um doido! E' um doido! — exclamaram os soldados, impressionados.

Helena murmurou também, como se confirmasse a si propria a suspeita que tivera:

— E' um pobre louco!

Em segu da recomendou:

— Tragam-no para a fortaleza, mas não lhe façam preguntas, não o macem.

O louco, alheio ao que o cercava, ia andando, como um autómato, no meio dos soldados, rindo sempre, com o tabaco apertado de encontro ao peito.

— Não o deixem sair. E' preciso que o senhor comandante o veja — disse, ainda, Helena, quando já estavam dentro do forte.

O desgraçado deixara-se cair no chão, extenuado.

Tremia, tremia, como se estivesse acometido de sezões.

Foi preciso que lhe preparassem os cigarros, que ele fumou, um após outro, com uma tão grande sofreguidão que chegava a dar-lhe um aspecto quasi irracional.

Depois, olhando desconfiadamente para tudo o que o rodeava, como se só então desse conta do sítio para onde o tinham conduzido, articulou, em voz cava, estas palavras:

— Tenho fome!

Devorou a comida que lhe apresentaram e adormeceu profundamente sobre a terra batida, como um animal saciado e feliz.

Helena esperava, cheia de ansiedade, o regresso do marido. Quando ele chegou o louco dormia ainda.

Era indispensável conservá lo ali, sob vigilância, até se saber quem seria e que destino se lhe deveria dar.

Ao despertar, já noite cerrada, vendo na sua frente um oficial fardado, o doido ergueu-se bruscamente e teve um lampejo de inteligência no olhar desvairado.

— Quero ir-me embora! — exclamou.

— Não pode ser. Ficarás aqui alguns dias; depois, veremos... — respondeu o comandante.

— Eu não quero estar preso! — tornou o louco já exaltado. E avistando Helena, à luz braça do lampeão que os alumiava, teve um acesso de cólera, abriu ainda mais os olhos e gritou:

— Foste tu que me atraiste a esta cilada! traidora! E's mulher, eu devia desconfiar! Foi

por uma mulher que eu me perdi! Malditas sejam as mulheres!

E escondendo a cara nas mãos, começou a soluçar alto, como uma criança.

Fecharam-no numa casa, para que não fugisse, e foi preciso amarrá-lo fortemente, porque tentava agredir todos que se lhe aproximavam.

Helena, compadecida, recomendava:

— Tenham cuidado! Não o magôem!

E, nessa noite, não conseguiu dormir.

Na manhã seguinte foram enviados telegramas para os postos mais próximos, mas não houve forma de descobrir a identidade do louco.

Devia ter vindo de muito longe!

Como pudera ele resistir á fome, ás feras, ao calor, durante semanas, meses sem duvida?

Como vivera durante todo esse tempo, sòzinho, errante, nas florestas sem fim daquela região!

Mistério que nem ele, agora, pobre demente, saberia desvendar.

Era urgente fazê-lo seguir para a sede do distrito, a fim de ser hospitalizado e tratado convenientemente, mas o desgraçado ardia em febre, delirava, não podia de forma alguma fazer uma tão longa viágem.

Helena tratava dêle com o maior carinho. Ela própria lhe preparava o alimento e lhe dava o quinino, acompanhada pelo marido ou por um soldado, não fôsse êle agredi-la, numa das suas fúrias.

Mas, não! O infeliz louco mal se ouvia, e os seus lábios, requeimados pela febre, murmuravam apenas palavras soltas: — amor, paixão, crime, ciume, degredo! — e um nome: — Margarida! — certamente o da mulher que o fizera desgraçado.

Não havia dúvida que se tratava dum degredado, evadido de qualquer fortaleza longinqua, do norte da província.

Depois que lhe haviam cortado o cabelo e rapado a barba, o seu aspecto mudara completamente. Ninguêm diria que aquêle homem, de feições correctas e traços delicados, embora com uma expressão muito acentuada de tortura e desespero, era o fantasma humano, a criatura selvagem que Helena encontrara na floresta.

Os dias passavam e o doente não melhorava. Helena era incansável. Já nem sentia o seu isolamento, a nostalgia da pátria distante, a lembrança saúdosa da vida movimentada, alegre, de Lisboa, para se preocupar, apenas, com o sofrimento moral e físico daquêle infeliz, de quem não sabia o nome, sequer.

Uma noite, por entre aflições medonhas, o enfermo sentou-se no leito, teve gestos de desespero, exclamações de angústia, que foram um verdadeiro tormento para a sua dedicada enfermeira.

Depois caíu num abatimento profundo e reclinou a cabeça na almofada, exausto, sem forças para mais, agonizante.

Helena julgou-o morto e curvou-se para êle, ansiosamente.

Nêsse instante, o infeliz abriu os olhos, que pareciam iluminados por um brilho estranho e seu rosto exangue teve, momentâneamente, uma expressão de doçura e serenidade que o transfigurou.

Helena não teve tempo de erguer-se. Êle segurou lhe a cabeça com as mãos já muito frias e murmurou, devagarinho:

— Margarida! Meu amor! Chegaste, finalmente; eu sabia que virias! Dá-me um beijo para eu morrer feliz!

Helena sentiu-se possuída duma compaixão tão sincera, dum enternecimento tão profundo, que não teve coragem para negar ao mísero louco, uma ilusão — a última! — que lhe transformaria a hora terrivel da agonia, talvez, no único instante feliz da sua atribulada existência. Curvou-se mais, trémula, num transporte quási místico, e pousou os seus lábios rubros na fronte empapada de suor do moribundo.

O contacto daquela pele viscosa morna, trouxe-a, de novo, á realidade.

Recuou um passo, horrorizada, fora de si;

mas a sua piedade reteve-a, ainda, junto do leito. Aproximou-se novamente e viu desprenderem-se das palpebras semi-cerradas do desconhecido, duas lágrimas, que lhe rolaram pela face cadavérica.

Lagrimas de suprema felicidade e de perdão; lagrimas redentoras dum crime de amor!

Sôbre a dobra do lençol as mãos pesavam-lhe inertes. Na boca entreaberta desenhara se-lhe um sorriso indefinível, de paz e ternura.

Estava morto!

.....

Ha quantos anos isto foi! Helena regressou a Lisboa. Viveu, sofreu, amou! Na sua alma têm rugido tempestades e tem brilhado, embora fugidiamente, o sol da alegria; o seu coração tem sangrado de dor; muitas e variadas emoções fizeram vibrar a sua sensibilidade; no entanto, entre as recordações, boas e más, que passam, como uma ronda de sombras melancólicas, no jardim da sua saúdade, a lembrança do pobre louco é, sem dúvida, a mais viva, a mais pertubante e angustiosa.

Quem seria? Existirá, ainda, aquela Margarida que ele tanto amou? Parece-lhe, ás vezes, que ha qualquer coisa de comum entre ela e essa mulher desde que os olhos do moribundo *viram* no seu rosto o rosto da outra e ele recebeu dos seus lábios o beijo da morte, que, por um verdadeiro milagre de amor, a visão palpavel, real, de Margarida, transformara em vida!

E sucede, não raro, Helena quedar-se absorta, intimamente perturbada, a pensar no desconhecido que o destino, por um insondável desígnio, lhe fez morrer nos braços e repousa lá tão longe numa sepultura rasa, sem cruz, sem flores, sòzinho com o seu mistério, num recanto tristonho do sertão africano!

A TRAIÇÃO

NOVELA POR ALBERTO GHIRALDO

— Volta hoje, sem falta. Olha que te espero para jantar. Tens um comboio ás cinco horas; podes perfeitamente estar em casa ás sete.

— Não falto, Luisa. Bem sabes que não costumo faltar. E agora, adeus. Tenho só vinte minutos para chegar á estação e o assunto que me obriga a fazer esta viagem é importante, já to disse. Adeus.

— Até logo.

Um beijo rápido e ruidoso corta o diálogo.

Segundos depois ouve-se o bater de uma porta, um estalido de chicote e a carruagem que conduz António Aubert á estação do Norte, roda serena e velozmente, no pavimento sonoro.

*
* *

Luisa está nervosa. Reflexiona.

— De qualquer maneira — diz — isto tinha de mudar, tarde ou cedo. Eu não sei se o amo.

Creio que não. Ha entre nós, certamente, o hábito, a adaptação, talvez um certo afecto... De ha treze anos para cá, todos os dias, ao despontar, nos vemos um ao outro. Ele olha para mim e eu olho para êle; e assim chegámos a convencer-nos de que isto seria eterno.

Mas amor, verdadeiro amor, têl-o-hemos, na realidade, sentido?

— Ah, sim! — exclama em seguida, com um estranho gesto, mixto de triunfo e remorço —: êle não mente; êle ama-me; demonstra-mo a toda a hora, por todas as maneiras, em todas as coisas, de forma tal que, tornando-se a minha sombra, se tornou tambem, para mim, um pesadelo...

Mas eu não... eu nunca o amei, não o amo nem hei de amar... E passei treze anos, os melhores da minha mocidade, os mais belos da minha vida, iludindo-o a êle, que é tão bom, — iludindo-me a mim pró-

novela para todos
EDIÇÕES

pria, iludindo toda a gente, as minhas amigas, os seus camaradas! Até sua mãe nos perdoou, acreditando na minha paixão, acedendo ás minhas súplicas, aos meus rogos, convencida da minha exemplar constância, da sinceridade do meu amor!

Hoje mesmo, já decidida a um rompimento, não deixei de ser coerente com o passado, mentindo-lhe ao despedir-me. Os meus lábios disseram: — Até logo. E a minha alma dizia, entretanto: — Nunca mais.

*

* *

O vapor, no qual Luísa devia embarcar para o Rio de Janeiro, tinha a partida fixada para as seis horas da tarde. Uma hora depois, António estaria em casa. Havia tempo bastante para uma fuga calma, sem sobressaltos. O golpe fôra bem calculado. Até a passagem tinha sido adquirida em nome suposto para o que desse e viesse. Aquilo era um crime — bem o sabia ela! — com premeditação e aleivosia. Mas Luísa tinha uma lei sua, estava dentro da sua lógica especial. O que fazia estava bem feito.

Um momento antes de sair, surgiu-lhe um imprevisto embaraço; o irmão de António veio procurar este. A's vezes ficava para jantar e Luísa, só de pensar nisso, sentiu-se vivamente contrariada. Tratou, porêm, de dissimular e disse-lhe que António estava ausente, em lugar não distante e que só regressaria no dia seguinte. Disse mais, que êle lhe confiara um encargo em virtude do qual ela se via forçada a sair imediatamente. Logrou assim vencer o inesperado obstáculo sem traír os seus desígnios. E logo se preparou para a fuga.

Quando saía da alcova para o terraço, o seu pé, fino e breve, calcou a cauda de *Diana*, a cadela, guarda temível e solícita da casa. O formoso animal nem sequer ganiu; estava olhando, tristemente, havia muito tempo, para os preparativos da dona; ergueu-se e sacudiu-se apenas. Luísa, então, bateu-lhe com fúria.

II

A tarde estava esplêndida. O céu parecia de cristal azul, arredondado em magnífica abobada. Descia sobre a terra uma imperturbável serenidade, que impregnava os espíritos de doçura e desejos de solidão. Ao atravessar a ampla avenida que dividia a parte central da cidade, Luísa cruzou-se com um grupo de crianças que saltavam e riam.—Se houvéssemos tido filhos! — pensou.

Qualquer coisa como uma lágrima lhe assomou aos olhos azuis, habitualmente húmidos. Depois, encolheu os ombros, aninhou-se no interior do velho *coupé* que momentos antes tomara e, numa viragem que exprimia indiferença, disse: — «Talvez seja melhor assim». O *coupé* rodava. As ruas pareciam novas a Luísa, como se nunca as tivesse visto. Ia lendo maquinalmente, sem dar por isso, as taboletas das casas comerciais diante de cujas fachadas passava.

Houve um minuto em que o seu próprio procedimento a assombrou. Observava-se, julgava-se, como a outra pessoa. Analisava o seu acto, chegando a esta conclusão: procedia sob uma poderosa influência que ela não podia explicar mas que era imperativa, irresistível, única. Seria culpada? Não. Qualquer outra, no seu caso, teria feito outro tanto.

Merecia perdão? Não... tambem era certo.. A verdade é que não encontrava atenuantes para a sua conduta... Contudo, culpada não era...

O *coupé* rodava, rodava. Por um fenómeno cerebral, Luísa antecipou o futuro; Buenos Aires figurava no seu destino como uma recordação, uma coisa já vista, uma cidade em que já vivera. E já de lá saira; considerava-se muito distante, noutras terras novas, desconhecidas, longe, muito longe, fugindo...

Sofria? Nem lhe era possível classificar uma espécie de sentimento muito íntimo que se ia apoderando de todo o seu ser. Era uma dor prematura, uma nostalgia antecipada de coisas pretéritas, daquilo que se abandonou para sempre, que se perdeu e nunca mais se verá e que, no entanto, continúa a existir.

*

* *

Chegara ao cais. O vapor lá estava. A bagágem tambêm, junto da sua amiga e cúmplice, a sua companheira de viágem, essa a quem António albergara, saciando-lhe a fome, em tempos de miséria e abandono. Traidora, tambêm!

— Pronta? — pregunta-lhe da amurada, onde se recosta com ar provocante.

— Pronta — responde Luísa. Em três saltinhos felinos passa a ponte e pisa a coberta. Na sua mão, a sombrinha de seda, de côres vivas, brilha sob os últimos raios do sol poente.

Momentos depois, o vapor larga.

III

António Aubert não pôde cumprir desta vez, a promessa feita a Luísa. Ela, decerto, o esperou até muito tarde... Malditos negócios!

Teve de jantar num hotel caro e detestável. Irritou-se com os criados, que não o serviam bem. Tudo por não voltar para casa mais cêdo. Perdeu o comboio das cinco e viu-se forçado a esperar o das nove para regressar á cidade. Em súmula, quatro aborrecidíssimas horas de espera, passadas, incómodamente, numa aldeia triste onde não tinha amigos — enquanto Luísa o aguardava num ninho amoroso e confortável.

Felizmente, ei-lo em frente de sua casa, em frente da felicidade. Acabaram-se as más impressões. Tocou a campainha. Esquecera-se da chave. Como tencionara voltar cêdo, nem pensou em metê-la no bolso. Mas Luísa está atenta, decerto.

Parece que a campainha não toca. Não respondem... Toca de novo e bate duas pancadas. *Diana* responde com alguns ladridos. Mas a porta não se abre.

Então, bate com força. Uma, duas, três vezes.

Diana torna a ladrar; agita-se no saguão corre ao terraço; volta, depois, açoitando a porta com o corpo, como se quísesse abri-la ganindo de modo estranho.

António Aubert sente o coração palpitar com desusada violência. Pressente qualquer coisa de mau, não sabe o quê. — Talvez Luisa esteja enferma — pensa. Mas, se assim fôsse, Joaninha, a criada a dias, teria ficado em casa nessa noite. Não pode ser. Uma sombra lhe obscurece a fronte. Apela agora para todas as suas forças. Ha de abrir a porta, certamente. Coloca um ombro á altura do ferrolho, prepara os músculos e, com todo o corpo, dá um encontrão. A lingueta range, salta um parafuso, torce-se um pedaço de ferro. Mais outro esforço e a porta, com o brutal choque, abre-se e vai esbarrondar a parede.

Diana abana o dono com o corpo. Parece não querer que êle entre sem lhe explicar o que quer que seja. Ele afasta-a e segue. Não ha luz alguma em toda a casa. Vai á alcova e grita;

Luísa! Luísa!

Ninguem lhe responde. *Diana* continúa a abaná-lo; está louca; vai morder-lhe; enfureceu-se.

Êle corre ao escritório. Lá estão duas linhas de Luísa, escritas, ao partir, com grandes letras, em papel do ofício. Que lhe diz? Que não a procure; quis evitar-lhe esse trabalho...

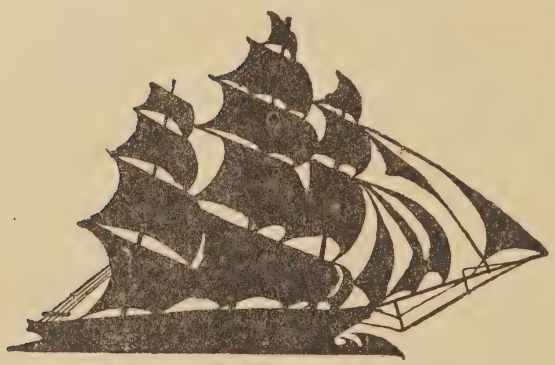
António Aubert sai para o terraço. A atmosfera interior asfixia-o. Tem numa das mãos um papel — a carta de Luísa; na outra o seu revólver. Que irá fazer?

Diana não pode conter-se; salta-lhe ao peito, tolhe-lhe os movimentos; volteia-lhe em redor das pernas, coloca-lhe as patas na mão que empunha a arma e continúa ganindo estranhamente. António Aubert quere matar-se. Mas *Diana* é um obstáculo a «êsse designio. Agora o cano niquelado do Smith - Wesson resvala scintilando, sobre o peito negro da cadela que, tentando erguer-se até à altura da cabeça do dono, lhe detem o impulso instintivo do braço..

Ouve-se um tiro, em seguida a queda de um corpo e um latido angustioso enche o espaço.

António Aubert está de pé. O sangue de *Diana* corre, abundante, manchando o marmore do terraço. A carta de Luísa caiu sobre um dos coágulos vermelhos que principiam a formar-se. António Aubert está, agora, à porta da rua. Receia que a detonação atraia curiosos.

Ninguem aparece. Então oculta a arma, encosta a porta e afasta-se, lentamente, daquela casa, ainda ontem ninho dos seus amores, refúgio da sua alegria e onde apenas resta, hoje, o cadaver de um cão.



Escritor de rara sensibilidade e grande amigo de Portugal — pois mantem, por iniciativa sua, no A B C, *de Madrid, uma secção literária, onde trata, com o maior carinho, das nossas letras — José Maria de Acosta é um romancista e novelista nato, cujo nome já passou, de ha muito, a fronteira dos Pirineus.*

As suas obras encontram-se traduzidas em diversas línguas, e, cada vez é maior a sua reputação, quer no seu país, quer no estrangeiro.

Justo é que Portugal conheça José Maria da Acosta, não só porque se trata de um amigo nosso, mas, também, porque não devemos ignorar um dos mais brilhantes e rácicos escritores do país vizinho.

NAQUELE pátio sevilhano, revestido de azulejos de reflexos metálicos e de pavimento de mármore, tudo era algazarra e bulício.

O piano modulava umas alegres «sevilhanas», e aos sons do mesmo, um lindo par de jovens exibia o seu garbo e gentileza com os elegantes e graciosos movimentos do clássico baile andaluz.

Raparigas e rapazes ofereciam aos grupos de convivas as bandejas cheias de doces e pasteis, as salvas que sustinham as taças de odorífero Jerez, de ambarina maçanilha ou os copos de fresca «sangria».

Repicavam as castanholas, brotavam espontâneas as trovas sentimentais, estalavam os inflamados galanteios, e por todo o lado corria, corria sem medida, sob diversas colorações, o sumo das uvas.

Tudo era algazarra e bulício naquele pátio sevilhano.

E, contudo, Don Miguel Centeno, dono da casa e em honra do qual se celebrava a festa por ser o dia do seu santo onomástico, contemplava melancólicamente o vai-vem das formosas jovens, a algaraviada das crianças, o sereno falar das grandes matronas.

Êle, tão bulhento e loquaz, com tão justa fama de conquistador, olhava, pela primeira vez na sua vida, com olhos embaciados pela tristeza, a alegria duma festa. Nunca lhe havia sucedido uma coisa parecida.

Era êle sempre o mais estouvado, o mais chocarreiro, o mais dansarino, o mais bebedor, o mais enamorado, e hoje...

Nunca até áquele momento lhe havia ocorrido reflexionar em que tocava já os degraus da velhice, em que os seus cinqüenta anos, embora bem conservados, come-

novela para todos
edições

çavam a nevar-lhe o coração. ¡Que insólita tristeza o havia invadido inesperadamente!

¿Seria o primeiro cabelo branco a assomar no seu espírito?

Com a sua melancolia havia subido ao andar principal, e debruçado numa das varandas que davam para o pátio, olhava distraídamente o folguedo.

Daquele seu posto de observação via sua mulher, D. Elena, tão afável, tão prazenteira, tão bondosa, tão humanamente bela e exuberante, falar vagarosamente com outras senhoras amigas; distinguia sua sobrinha Rocío nas suas incessantes correrias pelo pátio, indo estouvadamente de aqui para acolá e trasbordando mais do que o regular do licôr da vida.

¡Que jóvem aquela! Ainda não contava dezasseis anos, e que desenvolvida estava sua sobrinha, e, sobretudo, que bonita que ela era!

¡Que perfeição de graça e de malícia tinha aquele feiticeiro semblante, que duas formosas tranças de ébano emolduravam!

¡Quanta alegria e mocidade transpareciam nos seus olhos scintilantes, naqueles olhos tão negros e profundos!

¡E que caracter tão veemente e assombroso tinha a preciosa jóvem!

Desde alguns meses antes ele a observava muito mais sisuda e concentrada.

¿Ter-se-ia alojado o amor naquele ingénuo coração?

Oh! Certamente o amor não teria tomado a forma de Currito Revuelta, seu adorador constante, pois que Rocío tratava-o desdenhosamente!

Agora mesmo êle observava como Currito a cortejava e como ela o desdenhava e repelia, sem lhe dispensar a menor atenção.

Quatro anos haviam decorrido que, Rocío, havendo perdido em poucos meses seu pai e sua mãe, irmã de D. Elena, esta e seu marido a trouxeram para sua casa como filha.

Em sua esposa havia a pobre orfã encontrado uma segunda mãe e nêle, não diria que um pai, porque não era dêsses homens que se entregam em absoluto á ternura familiar, mas sim um irmão mais velho ou, para melhor dizer, um bom amigo, um companheiro.

Assim era que, de tanto chalacear com ela a jóvem não tinha por ele o mínimo respeito.

Por vezes sua mulher o censurava:

— ¡Miguel, não te fazes respeitar pela pequena!

A «pequena» para eles era Rocío.

¡Como se êle tivesse nascido para fazer-se respeitar por alguêm!

Porêm, de algum tempo a esta parte vinha notando que a jóvem se esquivava ás suas brincadeiras e até quási lhe fugia.

¿Que demónios a haviam azoinado?

A êle não lhe atormentava a consciência de lhe ter feito coisa alguma.

¡O diabo são as mulheres! Quem quiser que as compreenda!

*
* *

D. Miguel era alto, magro e bem proporcionado.

O olhar franco e jovial; o cabelo, negro e encrespado e com as madeixas povoadas de cabelos brancos.

Sevilhano endinheirado, frequentava todas as «tentas» de reses bravas que se celebrassem em dez léguas em redor, e era daqueles que mais facilmente lhes faltaria tempo para comer do que para assistir a uma corrida de toiros.

Amigo intimo de muitos «ganaderos» e de alguns «astros» de coléta, frequentador assíduo das mais afamadas «borracheras» e das tabernas locais mais conhecidas, era um noctivago tão reincidente que recolhia a casa de madrugada, quando recolhia.

D. Miguel era tão popular em Sevilha como a Torre do Ouro.

No conhecimento de mulherio sevilhano havia sido o *non plus ultra* dos *cicerones*: conhecia todas as cigarreiras bonitas e todas as mulheres de vida duvidosa que existiam em Sevilha.

Podia, finalmente, organizar o cadastro, por bairros, de todas as mulheres bonitas que adornavam aquele pedaço de solo espanhol, sem que lhe esquecesse uma unica, afirmando que sevilhana e bonita eram sinónimos.

¡Havia uma na Alameda de Hercules!... Existia uma outra na Porta da Carne!... Residia ainda uma outra no bairro de S. Bernardo!... ¡E senão, aquela rapariguinha que parecia mais uma mancheia de cravos na sua janela do bairro da Cruz, na mesma rua de D. Raimundo, quási à sombra da Giralda!... E assim descrevia as flores mais garridas que embelezavam aquele pomar regado pelo velho e caudaloso Betis.

Eis por que era inacreditável que um homem como êle, que havia sido um autêntico *D. Juan* de Sevilha, pois que eram inúmeras as mulheres com as quais tanto havia dado que falar, se tivesse isolado, fugindo daquele estouvado ruído, no primeiro andar, e ali permanecesse, de mãos cruzadas, sem que a contemplação daquelas mulheres que alegravam o seu pátio, o estimulasse a descer e a dizer a alguma delas «que lindos olhos tens!»

¡Era para pasmar! Que estivesse sem galantear qualquer mulher formosa quem passou a maior parte da sua vida conquistando todas; levava os seus amigos e conhecidos a afirmar que jamais haviam visto uma coisa tão extraordinária.

E é certo que a sua figura esbelta e arrogante, a sua lábia graciosa e ponderativa e o seu olhar ainda fogoso, poderiam causar, todavia, estragos na femenina grei congregada no pátio.

D. Miguel, porêm, não estava muito disposto a galanteios nem a conquistas.

Pela primeira vez, ¡que oportuna ocasião de filosofar!, meditava na inutilidade da sua vida, repartida entre esbanjamentos e manceebias; pela primeira vez reparava no seu egoismo; pela primeira vez contemplava com remorso a sua bondosa esposa, que ele havia torturado com tantas infidelidades.

Todavia, D. Elena jamais lhe havia faltado com um sorriso indulgente para lhe perdoar as suas leviandades quando por casualidade estas chegavam ao seu conhecimento.

Tão enamorada esteve sempre daquele bom homem que tinha por esposo, que a cada infidelidade parecia querer-lhe mais.

A verdade, porêm, era que Deus não lhe perdoava por haver feito sofrer tanto aquela santa...

Sumido nestas amargas reflexões, não notou o nosso retraído personagem uns passos que, em pontinhas dos pés, se aproximavam dêle; apenas deu pela próxima presença de outra pessoa quando viu uns torneados braços, cujas mãos nesse momento lhe taparam carinhosamente os olhos por detrás.

Sentiu sôbre as suas pálpebras a pele fina e o agradavel calor dumas mãozinhas juvenis e femininas, e junto aos seus ombros adivinhou a aproximação dum corpo bem formado, de formas precócemente acentuadas.

Uma fragrância deliciosa a juventude e um ténue aroma a essência de heliotrópio, aquele que sua sobrinha Rocío usava, o fizeram não duvidar.

— ¡E's Rocío!—disse.

— Sim, tio. ¿Por que me reconheceste?— preguntou a jóvem, tirando lhe de sôbre os olhos a adoravel venda e encostando-se junto a êle sobre o corrimão da varanda.

—¿Por que te reconheci? ¡Nem eu sei! Por tudo e por nada! O teu perfume é inconfundível: é o aroma do capulho que principia a abrir-se, da rapariga que começa a fazer-se mulher. E' um aroma que chega primeiro á alma do que ao olfato.

— ¡Ai, que bonito, tio! Não sabia que fazias madrigais tão preciosos! — exclamou Rocío, aplaudindo. — Ouve, ¿e pode-se saber por que estás esta noite tão sensaborão, que pareces fugir da gente?

— E' que chega um dia, Rocío, em que nos divertimos muito mais vendo os

outros divertirem-se... Na minha idade, a alegria, como a luz da lua, tem de ser reflexa.

— Estás filosófico e poético! E tambem tens a garridice de te julgares um velho, quando muitos rapazes invejariam a tua saúde e a tua apresentação... Desconheço-te; tu que eras o *D. Juan* mais *D. Juan* de Sevilha, o mais louco e patife, estás esta noute, como se te houvessem dado uma sova... Não protestes! ¡Patife, sim; disse-to e mantenho! ¡Bastantes patifarias tens feito às sevilhanas e às que não são sevilhanas!

Falalava vivamente, com uma loquacidade encantadora; e os seus olhos adoráveis fixavam-se por instantes nos de seu tio.

— ¿Quem te contou tais disparates, sobrinha?

— E' que eu tenho um passarinho que me diz tudo... Solto-o, e no seu regresso conta-me um por um todos os teus passos... ¡E êle ainda me disse coisas piores a teu respeito! ¡Tive, por vezes, de tapar os ouvidos para o não escutar!

— Pois olha, menina, guarda bem na sua gaiola o teu passarinho e não o deixes voar, porque êle não te diz senão tolices e mentiras.

— Não, tiozinho, eu sei bem que tu és bom... O que tens feito é derivado a não teres encontrado nunca uma mulher que te queira como havia de querer-te para te prender, que te queira como tu o mereces...

— Mas, menina, que coisas tão disparatadas te ocorrem esta noite... ¡Uma criança discutindo psicologia! ¿O que sabes tu da vida, Rocío?

— ¡Mais do que tu supões! ¿E continuas a julgar-me uma petiza? Pois estás enganado; fica sabendo que penso e sinto como uma mulher!

— ¡Já sei que és uma mulher! Uma mulher feita e perfeita! Como mulher e não como petiza, te transformou o juizo esse maroto de Currito — disse lhe seu tio, que costumava combater sempre as pretenções do desdenhado galã.

— Não me fales, por favor, de Currito! ¡Que «indigestão» de rapaz! ¡Que aborrecimento me causa! ¡E' capaz de estar falando desde hoje até amanhã e não chega a dizer o que pretende!... ¡Não se parece com o meu tio! Porque ¿haverá quem tenha mais meiguice do que tu, meu maroto? — disse Rocío com requebro.

— Não me envaideças, sobrinha, que posso acreditar!

— De sobejo o sabes tu, hipócrita! Ouve; até certo ponto desculpo as tuas loucuras, porque, como te disse, adivinho que nunca tropeçaste com uma mulher que tenha sabido preencher por completo o teu coração...

— ! E ela a teimar!? Que sabes tu da minha vida?! Bem digo eu que bebeste um poucochinho de mais!...

Continua...

— ! Juro-te que não estou embriagada, tio Miguel!

Houve um breve silêncio. E de súbito, Rocío, cortou-o numa brusca transição, dizendo:

— Se soubesses como eu sei que ha uma mulher que te quere com toda a sua alma...

— ? Uma mulher? — preguntou D. Miguel, a que a trémula inflexão de voz de sua sobrinha, mais do que as suas palavras, deixara pensativo.

— Sim, uma mulher; acontece, porêm, que tu nunca reparaste nela, porque... porque a consideras ainda uma garôta...

Falava a impulsos, balbuceante e envergonhada. Estava muito mais bela ao fazer a sua declaração; vermelha como as cerejas e com os olhos voltados com insistência para o lado oposto áquele onde se encontrava seu tio.

Porêm, como este, não querendo compreender, não respondesse e a olhasse, abrindo desmedidamente os olhos, como portões de catedral, ela, a quem as suas próprias palavras aturdiam cada vez mais, prosseguiu apaixonadamente, um pouco mais disparatada:

— Sim, uma mulher que está doida por ti... ¡Uma mulher que não pensa senão em ti! ¡ Que vive só para ti!...

? Não acreditas ?... Pois essa mulher sou eu!

Já não desviava os olhos; pelo contrário, olhava-o fixamente, para dar maior força ás suas palavras, e com uma ligeira expressão de angústia no fundo das suas pupílas.

— ¡ Tu ! — exclamou perplexo D. Miguel. — ¡ Com bastante razão te digo que, não estás simplesmente embriagada, mas sim como um tonel!

— ¿ Embriagada, eu? Não. Acredita-me; quem te quere de verdade, quem te quere com toda a sua alma e mais do que às meninas dos seus olhos, sou eu...

— ¡ Era o que faltava ! Que não quizesses a teu tio ! — exclamou D. Miguel, desvirtuando propositamente a conversa.

— Não, não é isso... E' que eu quero-te como... se fôsses meu noivo... ¿ Queres ser meu noivo, tio Miguel ?

— Rapariga ¿ tu juraste enlouquecer-me esta tarde, ou estás ensaiando comigo o que pensas dizer a Currito ?

Mas não; D. Miguel compreendia de sobra, que a jóvem, ao falar-lhe, lhe saltava o coração pela boca; via-o claramente no seu modo sincero e apaixonado, na angústia com que o olhava, no anseio com que aguardava as suas respostas.

— Nunca falei mais claro — afirmou sinceramente Rocío. — Bebi um pouco, sim; mas foi para perder a vergonha e poder dizer-te o que te disse... Porque a teu lado me torturava, vendo que não me adivinhavas, que era quási uma estranha para ti... Será uma loucura, será o que tu quiseres; mas ¡ quero te, quero-te e quero-te ! E este afecto não me cabia já no peito; e se o ocultasse por mais tempo, despedaçaria o meu coração... ! Quero-te, sim; quero-te ! Dias e dias necessitei para me convencer de quanto te quero... Dias e dias tentei dar outro qualquer rumo ao meu coração... ¡ Mas foi inútil ! Quero-te, quero-te acima de tudo ! Queres ser meu noivo, tio Miguel ?

Ficou silenciosa, com o olhar cravado no dêle com dolorosa intensidade.

— Basta de brincadeiras, Rocío ! Quando te passar a embriaguez falaremos.

— ¿ Não me acreditas ? ¿ E se eu me atirasse desta varanda para o páteo, acreditar-me-ias ? — perguntou com súbito arrebatamento.

Êle adivinhou nos seus olhos a inquebrantável resolução de fazê-lo á sua menor indicação...

Um arrepio de frio lhe sacudiu a espinha.

Aquela garota, que considerava como filha; que desde pequenita convivia com êle; aquela imaginação fogosa e exaltada era a a vítima ! terrivel vítima do seu prestígio de *D. Juan.* ¡ Triste prestígio de conquistador !

— ¡ Rocío, minha filha, não sejas louca! — disse-lhe com ternura. — Raciocina...

— ¿ Poderei ordenar ao coração que raciocine ?

— Eu quero-te como a uma filha, sempre te considerei como tal...

— ¿ E nunca poderás querer-me de outro modo ?

— ¡ Rocío !

— ¡ Nunca poderás amar-me ! ¡ Compreendo-o, adivinho-o ! ¡ Que tristeza !... Talvez até me fiques odiando por te haver declarado o meu amor... Porêm, ¡ eu não o podia calar por mais tempo !... Não me queres, não; nunca me quererás... ¡ Que desgraçada sou, mãe da minha alma !

E os seus lindos olhos toldavam-se pelas lágrimas e o seu peito arquejava de soluços, e a jóvem enamorada começou a chorar, a chorar desoladamente.

Chorava como uma criança a quem tiram um brinquedo ou contrariam num desejo; mas o seu pranto não era, por isso, menos confrangido. D. Miguel contemplava-a confuso, sem saber o que fazer nem o que dizer-lhe.

— ¡ Quem me diria que vinha a ser esta a minha ultima conquista ? — dizia êle com amargura.

Porém, neste

momento, uma rapariga amiga, a mais velha das do Gordillo, que do pátio olhara para cima e viu a jóvem chorar, preguntou-lhe:

— ¿O que tens tu, Rocío?

A pequena apressou-se, muito envergonhada e chorosa, a retirar-se da varanda e deixou-se cair sôbre uma cadeira das que existiam no corredor.

D. Elena, informada do que acontecia, subiu apressadamente.

— ¿O que tem a pequena? — preguntou a seu esposo, sempre tão confiada e ingénua.

— ¡Não sei! Certamente bebeu de mais, e deu-lhe para estar triste.

— ¿O que tens, Rocío, minha filha?

— Não sei; sem saber porquê senti desejos de chorar... ¡Vê lá que loucura!

«Vou encostar-me um pouco; doi-me a cabeça...

E sem entrar em mais explicações nem olhar para seus tios, começou a correr, feita uma Madalena, para o seu quarto.

II

Na manhã seguinte, D. Miguel repousava tranquilamente no seu leito, quando D. Elena entrou sobressaltada na sua alcova.

— ¡Miguel! ¡Miguel!

— ¿O que tens, mulher? ¿Que horas são? — preguntou este, despertando de mau humor e esperguiçando-se.

— Acontece que a pequena se dirigiu esta manhã á igreja de S. Salvador a fim de ouvir a missa das oito e já passa das onze horas e ainda não regressou.

— Talvez se haja demorado na igreja.

— Não; mandei alí procurá-la e não está; mandei tambem a casa das do Gordillo e tampouco ali se encontra, e não sei onde possa estar...

«E o mais extraordinário é que entrei no seu quarto e notei a falta de um retrato de seus pais e dum outro teu, que ela tinha sobre o seu toucador.

— ¡Demónio! — exclamou D. Miguel, coçando a cabeça em sinal de profunda preocupação.

— ¿E já viste se ela levou a sua roupa ou mais alguma outra coisa?

— Apenas dei pela falta dos retratos.

Precisamente a conversação que tivera com Rocío e o estranho proceder desta não haviam deixado adormecer D. Miguel até próximo da madrugada.

E forçoso era agora relacionar a ausência da jóvem com o acontecido na véspera.

¿Para onde poderia ter ido Rocío?

¿Teria sido capaz de atentar contra a sua existência, como na noite anterior demonstrara ter coragem para o fazer?

Esta suspeita fez empalidecer D. Miguel.

¡Tinha um génio tão veemente a pequena!

Vestiu-se apressadamente, êle que costumava fazê-lo com tanto cuidado e esmero, e saiu.

No pátio encontrou sua esposa, que, muito atribulada, falava com a criada.

— Vem de casa da minha prima Elvira e de casa das Lopez, e em parte alguma se encontra — disse-lhe esta. — Ai, Miguel, receio uma desgraça!

— Não digas disparates, mulher!

— Não reparaste nela ontem á noite. Primeiro demonstrava uma alegría, um estouvamento extraordinários; depois uma tristeza e um pranto bem estranhos...

«Aquela rapariga tem qualquer coisa. Sabes, porventura, o que seja?

— ¡Que hei de eu saber, mulher!

«Talvez tenha encontrado alguma amiga na igreja e fôssem ambas dar um passeio.

— Um passeio a estas horas! Estás de perfeito juizo, Miguel? E' muito exquisito tudo isto; nunca vi coisa parecida.

— Vou dar uma volta a vêr se a vejo; mas tranquiliza-te, que não ha motivo para te assustares.

Em vão D. Miguel tratava de dissimular a sua inquietação.

novela para todos
edições CPTP

Lançou-se para a rua ao acaso. Não se encontrando a pequena em nenhum dos sítios onde sua mulher havia mandado procurá-la, não presumia sequer onde ela pudesse estar.

Caminhava gesticulando, fazendo e desfazendo mil conjecturas. Quem o visse desta maneira e observasse o seu descuidado vestuário, pois que até o nó da gravata levava por fazer, ter-se-ia suposto vítima duma visão ao reconhecer o próprio D. Miguel Centeno, sempre tão altivo e bem posto.

De súbito, o seu rosto iluminou se; acabava de recordar-se de Milagros, a ama que havia amamentado Rocío, e a quem esta professava grande carinho ¿Se ela estivesse no domicílio da ama? Era o único lugar provável em que faltava investigar.

A ama Milagros vivia no bairro de Triana; D. Miguel meteu-se num trem na praça de S. Francisco e ordenou ao cocheiro que o conduzisse ali.

— Depressa! Darte hei uma boa gratificação! — disse-lhe ao subir para a carruagem.

— Esteja descansado, senhor!

Porêm, por muito que o cocheiro fustigasse o cavalo, a D. Miguel parecia lhe que o trem caminhava lentamente.

Na ponte, D. Miguel avistou, caminhando em direcção contrária á que êle levava, a ama Milagros, e ordenou ao cocheiro que parasse; mas antes de que êste o fizesse, com uma agilidade imprópria da sua idade, saltou ràpidamente do trem para o chão.

— Ia á sua procura, senhor D. Miguel; a menina...

—¿Está em sua casa, ama?—interrompeu-a impaciente, o senhor Centeno.

—Sim, meu senhor, e à viva força insiste em não sair de ali...

D. Miguel respirou tranquilo; ¡que pêso lhe haviam tirado de cima!

Sentiu desejo de abraçar a ama. Felizmente, aquela suspeita martirizadora de que a pequena se tivesse suicidado carecía de fundamento.

D. Miguel, não obstante a resistência da ama, obrigou a a subir para o trem. E já sentada à sua direita, enquanto o veículo continuava dando tombos a caminho da vivenda da ex-criada, esta contou-lhe:

—Esta manhã, muito cedo, apresentou-se em minha casa; disse-me, chorando, que queria ali ficar, que queria viver comigo, pois havia tido um desgosto com os senhores e não podia voltar a sua casa... Eu, meu senhor, com muita satisfação a teria na minha companhia, porque o senhor já sabe que lhe quero como se quere a uma filha; mas, a verdade, me parece que não está bem que uma menina prendada viva com uma pobre numa casa de vizinhos, sem as comodidades a que está acostumada.

—¿E que mais lhe contou?

—Nada mais, senhor D Miguel; eu aconselhei-a que voltasse para junto dos senhores, que são como seus pais; mas, conforme lhe dizia, ela me respondia sempre, chorando, que não, que isso não era possível...

«E eu, em vista disso, sem lhe dizer meia palavra, saí, e dirigi-me a sua casa a fim de lhes contar o que se passava e que me indicassem o que devia fazer... Não foi capaz de me dizer qual fôra a causa do desgosto que tivera com os senhores... A mim, parece-me que será questão de namoro, algum que ela tenha e que os senhores se oponham, e isso terá motivado a zanga... ¿Não é isso, meu senhor?... Mas, não a castiguem; se ela é um anjo de bondade, D. Miguel da minha alma. Falem lhe ao coração e verão como responde... Nestas cousas de amores, o senhor o sabe muito melhor do que eu, porque tem mais conhecimento e mais experiência da vida, a violência é o pior...

Aquela boa mulher falava mais do que um dentista, e enquanto ela falava pelos cotovelos e D. Miguel a escutava preocupado, chegou o trem à porta do pátio onde a antiga ama de leite tinha o seu albergue.

Deu-se, porêm, o caso que, ainda bem a ama Milagros entrou na sua habitação, Rocío, ao vêr que ela vinha acompanha-

da de D. Miguel, começou a correr como alma levada pelo diabo.

Seu tio correu atrás, dela.

— ¡Rocio! ¡Rocío! ¡Rocío!

Sim, sim; Rocío, a quem sem dúvida haviam nascido asas nos pés, corria como se a perseguisse um touro de Miúra, e não parou na sua correria até encontrar um escuro caramanchão que se encontrava na outra extremidade da vivenda, e ao qual dava acésso uma desmantelada escada. E não contente com isto, fechou violentamente a porta daquele tugúrio, correu por dentro o ferrolho e ainda apoiou a ela o seu corpo gentil, como se receasse que tentassem forçar a entrada.

— ¡Rocío! ¡Mulher! Não sejas criança, temos que falar!

Mas, por muito que D. Miguel a chamasse e por mais que batesse na porta, o mais espantoso silêncio reinava no interior.

— ¡Rocío! ¿Não me ouves? ¡Responde!

Igual silêncio.

D. Miguel pensou que talvez sua sobrinha não quisesse falar diante da ama Milagros, que se encontrava junto da escada, e, por isso, em voz alta, ordenou a esta:

— Escute, ama: vá você fazer-me o favor de se meter no trem que eu deixei à porta e ir a minha casa tranquilizar minha mulher, que ficou aflitíssima... Diga lhe que a menina veio visitá-la e que, depois, irá comigo para casa... Não é preciso dizer mais do que isto; a senhora teria um grande desgosto se soubesse que sua sobrinha não quere voltar para junto dela... E quando lá chegar, mande-me o trem para nos conduzir.

A ama Milagros saíu a cumprir a ordem, e D. Miguel tornou a chamar sua sobrinha.

— ¡Rocío! A ama foi-se embora. ¿Ouves-me?

Detrás da porta, Rocío articulou tão debilmente, que mais parecia suspirar:

— ¡Sim!

— Abre, que precisamos falar.

Com mais firmeza de voz, Rocío, respondeu:

— ¡Não!

— Bem; falaremos assim. ¡Que remédio?... ¿Que demónio de «bicho» te mordeu? ¿Por que não queres voltar a viver connosco.

D. Miguel esperou em vão uma resposta.

— Vamos, Rocío, não sejas criança e responde: ¿que mal te fizemos para não quereres continuar a nosso lado?

¿Que razão de queixa tens?

— Nenhuma. E' que depois do que ontem à noite se passou não posso continuar a viver em tua casa.

— Mas, ¿o que foi que se pasou ontem à noite? Que te embriagaste e disseste alguns disparates, como se dizem sempre quando os vapores do vinho nos sobem à cabeça... Disparates a que ninguem dá, como é natural, importância alguma... Eu, nem me lembro do que disseste... Quiseste brincar comigo, e nada mais.

A jóvem agarrou-se aquele cabo que lhe estendiam.

— Sim; disse, por certo, muitas tolices e despropósitos, estava muito variada.

... ¡Vês!

— ¿E' verdade que não te recordas das minhas descabeladas e loucas palavras?

— ¡Claro que não, tonta! ¿Quem presta atenção a um ébrio? ¡E tu embriagaste-te deveras! Muito mais do que eu que, embora não tivesse bebido demasiado, estava tambêm bastante transtornado. Foi por isso que subi para o primeiro andar. ¿Era por essa tolice que querias saír de casa? ¡Ora! Que loucura! ¡E' preciso não estar boa de cabeça! Já vês que tudo se remedeia falando. ¡Vamos, abre!

— Abrir, não.

— ¿Porquê?

— Porque tenho muita vergonha de olhar para ti.

— ¡Não sejas criança!

— Não e não!

— ¿Mas não queres voltar comigo para casa?

— ¡Não!

— ¡Rocío, não sejas tonta! ¿Não compreendes que não podes ficar aqui? Além disso a tua saída de casa prestar-se-ia a comentários, e deves calcular o desgosto que nos causarias... Ainda se houvesse um motivo, uma razão... Mas não ha... Anda, sai evamo-nos!

Ouviram se dentro do caramanchão uns débeis soluços.

— Mas, Rocío, ¡por Deus! ¿Porque choras? ¿Que mal te fizemos? Não teimes em atormentar-me sem motivo. ¡Anda, mulher; não sejas criança! Já deve ter voltado o trem!

Entre soluços ouviu-a balbucear:

— ¡Contigo não vou, não!

— Mas, ¿porquê?

— ¡Já te disse: porque me dá muita vergonha vêr-te!

— Bem, Rocío, como queiras. Não irás comigo; mas mandarei dizer à ama que venha buscar-te. ¿Prometes que irás com ela?

Houve um silêncio. Por fim, ouviu a custo esta lacónica expressão:

— ¡Sim!

— ¿Palavra?

— ¡Palavra!

— Bem; então vou-me embora, e em seguida virá a ama buscar-te... E não sejas pateta; não tornes a brincar com a embriaguez, para que não te faça dizer disparates, como aqueles que disseste, e dos quais nem eu nem pessoa alguma se lembra já. — E desejando conceder algum tempo à pequena para que serenasse, acrescentou: — Olha, dize a tua tia que não espere por mim para almoçar; estou convidado para ir comer com os amigos na venda Eritaña.

III

Rocío regressou, como havia prometido, a casa de seus tios; mas, dêsse dia em diante foi extremamente cauta e reservada com D. Miguel, cuja presença evitava sempre que podia, sobretudo, quando ficava só com êle.

Porêm, o mais estranho foi que desde então começou a aceitar os galanteios de Currito, e dentro em pouco namorava o até ali desdenhado pretendente.

E estes amores os levou a jóvem tão a peito, que não tardou muitos meses em casar-se. E aquele que fôra objecto das suas troças, por sensaborão e desajeitado, a conduziu ao altar.

Esta inexplicável conduta trazia apreensivo D. Miguel.

Sua sobrinha, ¿havia estado realmente apaixonada por êle?

Aquela embriaguez, que êle piedosamente havia acreditado, ¿não seria por acaso verdadeira, e resultado dela a declaração apaixonada que a jóvem lhe fizera naquela noite memorável? ¿Ou ou não seria, talvez, por um fenómeno de reflexo, bem depressa dissipado pela realidade, que sua sobrinha, na sua inexperiência, tivesse tomado por amor o que apenas era um afecto familiar?

Estas hipóteses verosímeis não deixavam de mortificá-lo no mais intimo da sua alma, e não era só o seu amor-próprio de conquistador o mortificado...

O que não admitia discussão alguma era que, apesar de ser homem habituado a conviver com mulheres de todas as idades e condições, D. Miguel não sabia o que pensar. Terminada a cerimónia nupcial, D. Miguel aproximou-se a felicitar Rocío.

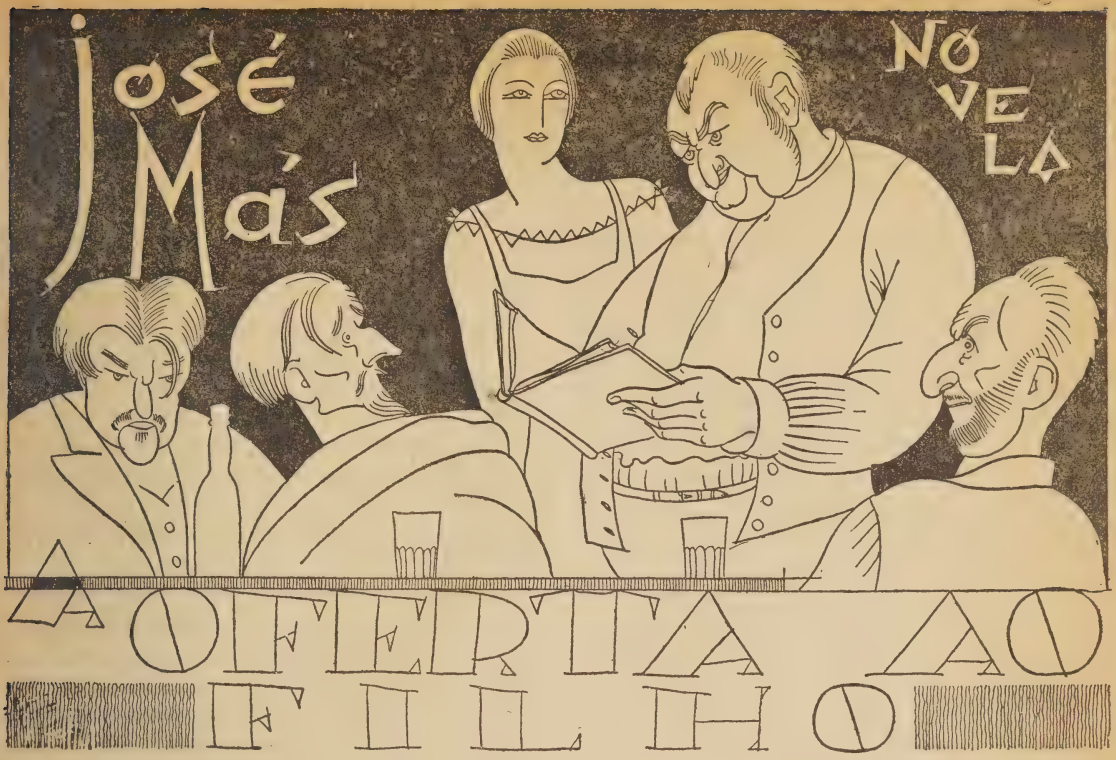
— Ouve, tio — disse-lhe esta, cujos olhos scintilavam como naquela noite inolvidável, — vejamos se de hoje em diante te consagras em absoluto à tia Elena; que já não estás em idade de fazer loucuras mas sim de comêr-sopas e beber bom vinho, em sossêgo.

Estas palavras estabeleceram ainda muito mais confusão no espirito de D. Miguel.

¿Rocío seria sincera ao exprimir-se daquele modo, ou seriam as suas palavras uma ironia ou uma censura? ¡Mistérios da alma feminina! Seu tio continuou com as suas dúvidas ainda mais acentuadas.

D. Miguel viu partir da sua casa a recem-casada com esse mixto de tristeza e de alegria que nos invade quando, com uma vontade hercúlea, conseguimos dominar os nossos desejos; porque desde aquela noite de outrora o namoradeiro principiou a querer a Rocío dum modo bem diferente daquele como lhe queria até ali... Se a jóvem esteve enamorada, o zombador não se atreveu a zombar daquela vez... O gavião não se apoderou da incauta pomba, E assim, com o coração angustiado, o conquistador contemplou aquela que se afasta-va e que talvez fôsse a sua última conquista... A última, porque D. Miguel, desde aquele lance, cortou definitivamente a coléta de *Juan Tenório*, segundo êle dizia numa locução tauromáquica.

Trad. de
A. Vitor
Machado


José Más
NOVELA
A OFERTA AO FILHO

Descendente duma família que muito se dedicou à literatura, entre a qual figura seu pai, Benito Mas y Plat, autor de La tierra de Maria Santissima, *José Más ocupa nas letras espanholas contemporâneas um lugar de grande destaque.*

E' este escritor ilustre quem melhor sabe interpretar a alma e a paisagem da Andalusia.

Novela para todos *tem o máximo interesse em vulgarizar no nosso país uma das figuras mais típicas da literatura do país vizinho.*

— ¡Irmãos na arte! Brindemos por todos os grandes homens que nos precederem na exaltação da beleza, sob os seus diversos aspectos: literária, artistica, arqueologica, monumental, humana...

— ¡Muito bem, muito bem!

— ¡Viva o pintor de Linares!

— ¡Esfolem-no!

— Vamos, companheiros, um pouco de calma e alguma serenidade. pois se insistem nessa incongruente algazarra, ver-me hei obrigado a suspender o meu brioso e vibrante discurso.

— ¡Suspenso! — gritou um.

— ¡Mas pelos pés! — exclamou outro!

— ¡E ao tecto! — disse uma voz rouca e aguardentada.

— Em vista destas interrupções anti-parlamentares e quasi homicidas, volto a sentar-me no meu escano e a saborear estes incomparáveis pitéus, honra e glória da cozinha do nosso anfitrião, senhor Licínio, o «manchego».

Um côro de risadas e buzinadas acolheu as últimas frases de Abelardo Arias, conhecido pelo pintor de Linares. Era um homem de rosto magro, amarelado e de olhos pardos. Seu olhar tinha esse raro estrabismo de que só costumam padecer os alcoolizados. Abelardo Arias passava já dos cinquenta anos e era tão abundante de cabeleira como escasso de estatura.

Indiferente, como se não tivesse sido êle a causa unica da algazarra produzida momentos antes, sentou-se e, beatífico, engulia impávido os saborosos bocadinhos da «torta de pastor», juntos com as não menos saborosas talhadinhas de coelho.

novela para todos
edições

A pequena habitação parecia mais reduzida pelo numero excessivo de comensais. Era uma espécie de camarote, onde apenas cabia a mesa e nove a dez pequenos bancos. O tecto quási se tocava com a mão. Embora estivéssemos na primavera, a luz ali entrava amortecida. Da rua ela tinha que passar primeiro pelo salão da taberna e introduzir-se depois, dum modo dissimulado e misterioso, por um corredorzinho que, ziguezagueando, vinha morrer nesta recôndita e minúscula estância. A pequena casa de jantar tinha, alêm dum armário quasi de brinquedo, uma portinha que dava acesso a um pequeno pátio convertido em adega, mas nem por este buraco entrava claridade alguma. Tão discreto, tão escondido estava este camarote no coração do edifício que podia ali haver discussão ruidosa sem que na rua se ouvisse o menor grito.

Esta salinha era iluminada de dia e de noite com luz electrica; mas aos sabados, quando ali se reuniam os boémios, desdenhavam-se estas comodidades do progresso, e Criptana, a bela filha do senhor Licínio, trazia quatro típicos candeeiros de azeite, tão limpos e areados que pareciam de ouro. Assim, os boémios, em volta da mesa, evocavam os tempos gloriosos e sonhadores da nossa literatura picaresca e, naquelas imaginações, acalentadas pela recordação avassaladora, surgiam as figuras de Rinconete e Cortadillo, de Gil Blas, de Guzmán, de Alfarache e de Marcos de Obregón. Mas havia alguma coisa de inclassificável, que excitava a curiosidade do visitante quando punha os pés na salinha: eram os frescos, os mavilhosos frescos que serviam de adôrno às paredes e ao tecto, obras genialíssimas do incompreendido Abelardo Arias, o artista enciclopédico: pintor, poeta e orador de castelariana palavra.

Abelardo Arias tinha consumido em fazer aquelas preciosidades uns quinze anos, os mesmos que levava comendo, dormindo e bebendo na pousada do senhor Licínio. Agora começaria na sala grande da taberna o que ele chamava a sua obra prima, pois, segundo confissão própria do autor, ia ali criar algo de novo, assombroso, duma tecnica desconhecida. Talvez não conseguisse a celebridade em vida, mas êle era um artista de coração e de casta que se tratava por tu com Romero de Torres. A senhora Posteridade encarregar se-ia de lhe fazer justiça, e os artistas vindouros ajoelhar-se-iam perante a sua obra; estava seguro.

Deliciosos frescos os de Abelardo Arias! Pela multiplicidade de bonequinhos grotescos e de letreiros absurdos, as paredes e o tecto pareciam estar forrados com folhas de papel de aleluias, mas pegados ali de qualquer maneira e tão revoltos que mareavam a vista como um princípio de bebedeira. E as côres? Não era possível sofrer na retina aquele desconcerto, aquela endemoniada mistura de tonalidades mal conhecidas ¿E as figuras? Nem as crianças de quatro a cinco anos, que pintalgam e são a delícia dos cegos e bondosos pais, chegarão nunca a tal grau de candura e irresponsabilidade. Mas ¿e os versos? Ai dos frades pintados, não com pincel mas com uma pastilha de chocolate, sem duvida, que, enquanto comem muito tristes um bocado de carne, sustentam este elevadissimo e engenhoso dialogo:

— Refastele-se irmão! que finura, que sabor,
Que presuntinho tenro, magro e tentador!
— Pois não sabe que nesta casa, amiguinho,
O presunto é presunto e não toucinho?

Um homem muito obeso e de rosto incendiado como uma chama, dizia a outro, duma magreza inverosímil e de cara chupada e terrosa:

Da casa do «Manchego» gasto o vinho
E, como vês, minha pança é de porquinho.

Num dos recantos da salinha delineava-se uma pintura em que o pintor-poeta tinha querido fazer representar a praça de Cebada mas que, na realidade, era uma jaula; dentro dela ha duas criadas com a cesta das com-

pras no braço e estes versos, dignos de serem esculpidos em mármore e em bronze

— Fizeste já as compras, Sinforosa?
— Agora mesmo acabei,
— Pois minha Rosa
Este trabalho já cansa
— O que me vale é que eu sei
que em casa de Licínio ha comida saborosa
um rico vinhinho... e siga a dansa.

Uma das mais celebradas pinturas intenta ser a Côrte Celestial, ressaltando no centro o senhor Licínio no supremo instante de ser coroado pelo Deus Padre. Os anjos parecem corvos, tão fúnebres e bizarras são as suas figuras, e os santos dir-se iam que sairam duma carvoaria, tão mascarrados estão. O Padre Eterno, de longas barbas brancas que quási arrastam pela nuvem rosada, sentado no seu tamborete, sustento de toda a côrte célica, diz nessa atitude hierática e sublime, o que sintetiza toda a arte excelsa e personalíssima do pintor de Linares:

Oh Licínio! Com teu vinho alegraste o mundo!
Por isso te cinjo a fronte com rosas, oh mortal!
E desde agora tu me farás com teu saber fecundo
As tortas, o empadão e o «sauflé» ideal!
E já que na Terra tentaste dar ao artista corpanzil rotundo
E já que petiscos fazes dum sabor tão fenomenal
Nomeio te cozinheiro perpétuo da Corte Celestial!

Sucediam-se nas paredes e no tecto tão profusamente estas engenhosas provas artísticas e literárias, que o cérebro o mais potente e mais normalizado terminava por sentir uma espécie de náusea ou de loucura repentina, tendo que desviar os olhos de tão peregrinas imagens e abstraír-se delas um bom bocado se queria saír dali tranquilo e sereno.

Depois da peroração falida, Abelardo Arias continuava comendo como um verdadeiro selvágem, e com uma frequência um pouco suspeita e inquietante para o senhor Licinio, levava aos labios a jarrinha tolaverense com esse rico vinhinho, elogiado de tão gentil modo nos incomparáveis «frescos» da salinha.

Em tôrno da mesa havia sete boémios, sem contar com o pintor-poeta, vários eram ainda muito jovens, alguns sem buço e outros com cicatrizes suspeitas, máculas hereditárias ou duma vida própria irregular. Iam mal vestidos de largas gravatas pretas pendendo-lhes sobre o peito pelo uso continuado, como fúnebres e desfiados galhardetes. Todos eram magros, demonstração talvez do dominio do espírito sobre a matéria ou da escassez de alimentos. Havia frontes amplas, olhos inteligentes, bocas em que as durezas da existência deixaram já vestigios dolorosos, e havia também frontes acanhadas, pupilas duras e bocas de cachorros. Presidia Agustín Haro, irmão mais velho desta confraria de boémios, alguns sem lugar conhecido e todos sem ocupação que lhes produzisse com que viver dignamente.

Agustín Haro tinha já trinta anos. Os outros nem sequer tinham ido ai da ao sorteio da vida militar. O primeiro, devido à sua idade, gozava de certa preponderância entre os jóvens.

O confrade mais velho era tão má pessoa como péssimo artista. Os contínuos fracassos tinham-lhe endurecido o coração. Nem um sentimento nobre o seu peito guardava. Hipócrita, era valente com os que lograva enganar com a sua fanfarrice, e cobarde com os que troçavam das suas ameaças e que não retrocediam perante seus cómicos desplantes de ferrabraz. Gabava-se de gentil e conquistador e imaginava que não havia mulher impossível para êle. Viuvas, casadas, solteiras, todas caíam sob o influxo avassalador de seus olhos negros e do seu bigode mosqueteiral. A flecha lançada pelas suas pupilas trespassava não só o coração das mulheres não muito novas, como tambem os das ternas cordeirinhas. Fracassado no jornalismo, dedicava-se agora, segundo êle dizia, à novela; mas a verdade é que não tinha publicado mais de duas novelas pequenas em revistelhas de má morte. A derrota também, como novelista, exacerbou

os seus maus instintos e o ódio contra os que até então foram seus companheiros. Para êle não havia em Espanha escritor que merecesse a pena ler-se. Eram todos uns idiotas. Quando se inteirava de algum triunfo alheio vertia todo o seu fel em comentários canalhas. De todos os que lutavam em Madrid para alcançar a glória e que foram seus amigos, agora não queria ouvir falar deles. Se via nalgum jornal artigos dos seus antigos camaradas, com ira atirava ao chão aquelas folhas impressas.

Falava com enfase duma grande obra que lhe borbulhava na imaginação, muito superior ao «Quixote», qualquer coisa de novo que riscaria todas as imbecilidades escritas pelos literatos seus contemporâneos; mas aquela obra portentosa não se começava nunca e, sem dúvida, seguiria borbulhando-lhe no cérebro toda a vida, sem que chegasse a converter-se em realidade. Era, em suma, um pobre iludido, com a vontade atrofiada, impotente para toda a acção que necessitasse de esforço. Tinha-se casado muito novo ainda na sua aldeia; mas tinha abandonado a sua companheira e dois filhos, fruto daquele desgraçado matrimónio. Cada vez se enterrava mais no lodaçal da sua existência. Sem hábitos de trabalho, ia deslizando pelo plano inclinado dos vícios. Agora, explorava os seus trinta anos, seus olhos negros e seu bigode de conquistador; numa palavra: vivia das mulheres.

*
* *

— ! Licença, lincença, senhores! — disse naquele momento outro boémio que entrava na salinha seguido de Rodolfo Liñan, já afamado nas letras, — Venho com o insigne autor da «Pomba ferida». Não o conhecem, senhores? Não ha direito. — O boémio, que era argentino e tinha umas melenas muito ruivas, quasi vermelhas, continuou a sua arenga — ¡Um banquinho e um lugar na mesa! Hoje é dia grande, temos entre nós um triunfador. E agora virá aqui todos os sabados. Hoje veio à sobremesa mas na próxima semana acompanhar-nos ha durante a comida. Desisto das apresentações banais e inúteis, aqui somos sete boémios que aspiramos à glória e um pintor-poeta de Linares, prodigioso pintor e cantor destes frescos mais prodigiosos que se poderão contemplar estendendo a vista para estas paredes e este tecto, dignos de Miguel Angelo.

Rodolfo Liñan ia estreitando mãos que se estendiam cordiais.

A luz insuficiente dos candeeiros de azeite deixava na penumbra alguns rostos, razão por que o literato triunfador não tinha sido advertido da presença de Agustin Haro, que conhecia muito bem, porque tinham começado ambos a escrever ao mesmo tempo.

— ¿Tu aqui, amigo Haro? Ha um século que não te vejo. ¿Que é feito de ti?

Sem efusão, com uma secura que quási raiava em descortesia, o escritor fracassado respondeu:

Pois tenho estado em Madrid, fazendo trabalho pela calada, que parece ser o mais valioso.

— ¿Vocês conheciam-se? — interrogou alegremente o argentino.

— Sim; há quatro ou cinco anos fomos redactores da «Fusta», jornal das esquerdas — respondeu Liñan.

— Mas você tornou-se notável — disse em voz baixa o argentino ao novelista triunfante, com um sorriso malicioso.

Rodolfo Liñan sentou-se perto de Abelardo Arias e teve que agüentar-lhe um discurso, quasi apenas murmurado sobre o que era arte; murmurado porque o pintor de Linares temia que o ouvissem os outros e começassem a apupá lo, como era costume.

Criptana, a bela filha do senhor Licínio trouxe as chavenas para o café. Rodolfo Liñan dissimuladamente observou a rapariga, enquanto os boémios davam vivas de entusiasmo, rendendo homenagens à gentil aparição,

O argentino, uma vez esmorecidas aque-

las exclamações de alegria, levantou-se do seu banco e, tomando a mão a Criptana, fez a apresentação do novelista.

A rapariga sorriu às frases galantes de Rodolfo Liñan. Foi só um momento. A mecha fumegante dum dos candeeiros incidiu nas pupilas de Agustin Haro, onde acabavam de acender-se chamas de ódio, desespero e raiva.

II

— Mas isso que você me conta é proprio dum folhetim e da epoca mais exaltada do romantismo.

— É como você está ouvindo, amigo Liñan.

Continuavam o seu passeio descendo a «calle de Segovia». Ouvia-se o tilintar de tranvias em caótica mistura com estalidos e chiada de carros. Dum lado casas com paredes sujas e desmoronadas; do outro manchas verdes e descuidadas de pequenos jardins. Corria um vento muito leve e aprazível e aquela tarde de Abril era tão amena que parecia de Junho. Agora, no espaço via-se delinear a aranha colossal que o viaduto parece ser.

— Vamos por partes, amigo Solari. ¿De modo que o senhor Licínio «manchego», é homem grosseiro, sem instrução alguma, que não compreende arte nem artistas?

— Sim senhor; é tão ignorante dessas coisas como um carreiro ou um trabalhador do campo.

— Então, meu amigo, tem mais mérito o que faz.

— Na sua vida de trabalhador, de homem que reuniu um capital á custa de inumeráveis sacrifícios, só recebeu uma punhalada: a morte do filho. Mas ouça antes a vida do «manchego», porque é uma carreira completa e um canto prodigioso ao esforço e ao que se pode chamar uma vontade bem dirigida. Licínio, hoje o senhor Licínio, chegou a Madrid, vindo dum pequeno povoado da Mancha e sem um centavo na algibeira. Veio a pé estrada fora. Aqui, na mesma pousada que hoje dirige, entrou como criado. Em pouco tempo criou tanta amizade aos antigos patrões que, quando deixaram a pousada, já velhos, riquíssimos e cansados do negócio, trespassaram-na ao fiel servidor.

Tanta astúcia teve o criado, já convertido no senhor Licínio, que em pouco tempo a sua pousada era a mais concorrida da rua de Toledo, e os ganhos, como é lógico, aumentavam de dia para dia.

Amando a sua pequena terra, um ano quis presencear as festas da sua aldeia, e ali, com a sua larga pupila de homem prático, casou-se com a mulher que você já conhece, trabalhadora e honrada em absoluto. A ajuda desta companheira, inteligente e laboriosa, fez com que em pouco tempo pudessem ficar com a taberna actual, que comunica, como você sabe, com a estalagem. Hoje, o «manchego» não se deixaria enforcar nem com trinta mil duros.

¿E', assim tão rico?

— Sim, senhor. A pousada e a taberna são já suas, pagou as duas propriedades com os ganhos obtidos durante trinta e tantos anos dum trabalho exaustivo.

— Bem; mas tudo isso faz ainda mais incompreensível o que você me contou.

— ¡E' claro, claríssimo, meu amigo! Êste homem, rude e néscio até á demência, tinha uma fraqueza! O filho, que lhe morreu quando menos o esperava. Quási enlouqueceu nos primeiros dias da desgraça. Êle, que nunca se comovia senão quando perdia dinheiro nalgum negócio mal planeado! O que demonstra que em certos casos a gente ignara tem uma sensibilidade muito fina. O filho (está aqui o curioso) para que não nos fiemos na lei da hereditariedade, em vez de nascer estalajadeiro, nasceu artista. Durante a sua vida tão curta gastou alguns milhares de duros em academias, pinturas, quadros, e principalmente em convidar os companheiros dêle que comiam á custa do senhor Licínio.

(Continúa no proximo n.° 3)

O melhor conto de Amor

1.º Concurso de NOVELA PARA TODOS

Novos e consagrados! **Tratai o problema do coração português!**

No intuito de se tornar cada vez mais atraente e variada, *Novela para todos* inicia hoje um interessantissimo concurso. Trata-se de classificar o melhor conto de amor que nos seja remetido até 30 de Junho proximo. Os trabalhos enviados não deverão exceder 8 folhas dactilografadas dum só lado. O assunto — um tema eterno: o amor. Os contos enviados devem girar em redor dum episodio sentimental, de que é tão rica a alma portuguesa. O ambiente deve ser português e portugueses, serão todos os personagens, pelo menos um dos :: :: :: principais :: :: ::

Os premios a conferir

:: :: :: Um juri :: :: :: de categorisados homens de letras apreciará os trabalhos enviados, concedendo os seguintes premios: *1.º premio* — 500$00 Esc. e a publicação do respectivo conto — *2.º premio* — Um objecto de arte e a publicação do respectivo conto — Os contos classificados em 3.º, 4.º, 5.º e 6.º logares serão tambem publicados com a respectiva menção honrosa. Todos os trabalhos devem vir assinados com um pseudonimo e acompanhados dum envelope fechado, trazendo por fora o mesmo pseudonimo e dentro o nome e a morada dos concorrentes.

Os contos devem ser enviados para *CONCURSO* de *Novela para todos* — Sociedade Portuguesa de Publicações — Largo de S. Domingos, 11 Lisboa

1$50

NOVELA PARA TODOS

EDIÇÕES CPTP

SUMARIO

ARTUR MC-WALKER
O TOPAZIO FATAL

A. SAVELIÉFF
A INGRATIDAO

EDUARDO FRIAS
HISTORIA DUMA CREANÇA

JAYME DE BALSEMÃO
O CASO DE MADALENA X

JOSÉ AGOSTINHO
O RASGO DE GONÇALO ESTEVAM

MARIO DOMINGUES
UMA PERSONAGEM Á PROCURA DE DRAMA

JOSÉ MAS
A OFFERTA AO FILHO

I ANO 30 DE ABRIL, 1929 N.º 3

3 7 9

NOVELA PARA TODOS

EDIÇÃO DA SOCIEDADE COMERCIAL PORTUGUESA DE PUBLICAÇÕES E TELEGRAFIA L.da
LARGO DE S. DOMINGOS - 11 • LISBOA • TELEF. N. 5351

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DE NOVELAS

I Ano — 30 de Abril de 1929 — N.º 3

A S S I N A T U R A S

ANO 33$00 SEMESTRE 17$00

Assine NOVELA PARA TODOS. De seis em seis meses terá, encadernado numa elegante capa, um tomo onde se reunem os maiores escritores de todo o mundo.

ALGUNS COLABORADORES DOS PROXIMOS NUMEROS

ALBERTO GHIRALDO, ALBERTO VIVIANI, AMERICO DURÃO, ANA DE CASTRO OSORIO, ANTONIO FERRO, ARTURO CAPDEVILA, ARTUR PORTELA, ASSIS ESPERANÇA, AUGUSTO DA COSTA, AUGUSTO FERREIRA GOMES, BOURBON E MENESES, DR. CAMPOS LIMA, DR. CAMPOS MONTEIRO, CASTELO DE MORAIS, CESAR DE FRIAS, CHIANCA DE GARGIA. CONCHA ESPINA, «DIANA DE LIS», EDUARDO FRIAS, FERNANDA DE CASTRO, FERREIRA DE CASTRO, GUEDES DE AMORIM, «JOAO VERDADES», JOSE AGOSTINHO, JOSÉ FRANCES, JOSE MARIA DE ACOSTA, JOSÉ MAS, LOURENÇO CAYOLLA, LUIGI PIRANDELLO, MARIO DOMINGUES, NOGUEIRA DE BRITO, NORBERTO DE ARAUJO, DR. NORBERTO LOPES, OLIVA GUERRA, PANTELEIMON ROMANOFF, RAMON GOMEZ DE LA SERNA, R. CANSINOS-ASSENS, REINALDO FERREIRA, «ROSA SILVESTRE», SARA BEIRÃO, DR. SOUSA COSTA e YOLANDA DE YORMILLE

NOVELA PARA TODOS é uma obra de difusão cultural é tambem um explendido entretenimento.

Comp.te imp. na SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA — Rua do Século, 59 — LISBOA

AVENTURAS DO DETECTIVE AL BROOKS
POR ARTHUR McWALKER
O TOPAZIO FATAL

NOVELA POLICIAL

HA alguns anos, encontrava-me eu em Paris, onde viera em procura dum burlão que tinha fugido de Londres, depois de ter lesado uma boa parte da população, por meio de grandes fraudes, quando uma manhã me bateram á porta do quarto. Em resposta ao meu *entre* apareceu-me um criado de cara alvar a quem preguntei impaciente:

— Que diabo queres tu? não vês que me estou a lavar?

Olhou espantado para a bacia, fez menção de se retirar, mas, recuperando o sangue frio, disse:

— Está lá em baixo uma senhora que pregunta por V. Ex.ª.

— Uma senhora! — exclamei surprêzo — quem é?

— Isso agora é que eu não sei — replicou o criado. Mas se o senhor quiser, vou saber.

— Deus te livre... Essa senhora não te disse o nome?

— Tenho uma vaga idea que sim, mas passou-me. No entanto, posso ir dizer que o senhor está ocupado e lhe é impossivel recebê-la hoje; que volte ámanhã, e, como esta noite, ás nove horas, o patrão deixa Paris...

Pronunciou esta frase num tom de familiaridade que me desagradou. Atirei para o lado a escova com que alisava os ultimos cabelos que ainda me restavam e exclamei furioso:

— Saia daqui, seu atrevido, e diga a essa senhora que estarei ao seu dispôr daqui a cinco minutos.

— Ah, respondeu despreocupadamente, seja como quiser. Muito bem, vou tratar de lhe arrumar as malas. Dá-me licença que acenda as velas?

Todas estas atenções tinham em mira a gorgeta; portanto mandei-o embora com modos sacudidos e acabei rapidamente a minha *toilette*, curioso, no entanto, sobre quem seria aquela mulher e o que me

novela para todos
edições

quereria. Embora a minha vida de «detective» se tivesse passado quási tanto em Paris como em Londres, poucas relações travara ali, excepto as que o meu oficio me impunha. Era, portanto, com profunda surpresa e alguma curiosidade que scismava em quem seria tal senhora e qual a missão que a trouxera até mim.

Revolvia no espírito mil teorias diversas, emquanto descia as escadas que levavam à sala do hotel, onde encontrei, sentada junto duma mesa tosca, tendo diante de si um horario de caminho de ferro, uma linda mulher, ainda muito nova, quási uma criança, que dava sinais de grande agitação. Era muito branca e levemente rosada, os olhos maravilhosamente azuis e os cabelos castanhos com reflexos dourados davam maior realce á sua beleza. Envolvia-se numa capa cinzenta guarnecida de peles, que não conseguia dissimular uma figura impecavelmente modelada. Procurava aparentar serenidade e calma.

Quando lhe dirigi a palavra fez-se muito córada.

Apresentei-me:

— Sou o «detective» Brooks, e, se posso ser-lhe útil de qualquer forma, ponho-me inteiramente ao seu dispôr.

— Mil vezes obrigada! — disse, com uma ligeira acentuação estrangeira que dava um encanto especial ao seu inglês. A minha amiga, a condessa de Portsmouth, tem-me falado muitas vezes de si, dizendo que foi muito amavel com ela quando do roubo da famosa opala do marido.

— Tive imensa pena da condessa nessa ocasião, — repliquei. E' sua parenta?

— Não,... apenas minha amiga. O meu nome é Yvonne Trévières e vivo só com minha mãe. Vai, de certo, rir-se de mim quando lhe contar o motivo que me traz aqui. Venho pedir a sua opinião sobre um caso muito curioso e sobre o qual só o senhor me poderá aconselhar.

— Estou às suas ordens.

Como era a hora do jantar e não estava ninguem no salão, não hesitou em abrir um pequeno estojo mostrando-me uma fita de ouro liso onde refulgia um enorme topazio côr de rosa rodeado de turquesas.

Depois de ter admirado a joia observei:

— E' lindissima a sua joia, mas não foi com certeza para a vender que veio ter comigo.

— Nunca a venderia — replicou com vivacidade — é um presente de meu noivo, Jaime Berger, que talvez conheça de nome.

Era encantador ver o enleio e o rubor que o nome do noivo lhe fizera subir às faces; a voz vibrava-lhe de orgulho ao pronunciá-lo.

— Conheço muito bem de nome o sr. Jaime Berger. O busto de Carlos Dickens, que ele expôs o ano passado, é uma das obras de arte modernas que mais admiro. E agora, conhecendo-a, devo de novo felicitá-lo.

Estas palavras fizeram-na rir, mas foi breve o seu riso e o olhar retomou aquela expressão de pavor que eu já lhe notara. Percebi que lhe estava custando a expor francamente o seu caso, por isso quis auxiliá-la.

— Ainda não me revelou o motivo da sua visita. Trata-se de qualquer coisa que se relaciona com essa pulseira, não é verdade?

— Assim é, mas receio muito que se ria de mim. Queria preguntar-lhe se, por acaso, conhece esta pulseira e, se, examinando-a, encontra qualquer inconveniente em que eu a use no baile da Opera esta noite.

Ao fazer a pregunta ficou muito embaraçada, quasi não se atrevendo a olhar para mim emquanto falava. Com uma das mãos brincava nervosamente com o livro que estava em cima da mesa e com a outra apertava convulsivamente a pulseira.

Conhecendo bem as superstições femininas a respeito de certas joias, não me deu vontade de rir o dilema que ela me expunha e disse, gracejando, para a distrair e sossegar:

— Vamos, confesse que tem estado a ler qualquer livro que trata da influência misteriosa das joias. Olhe que se o topazio é em-

blema da fidelidade é também muito poderoso contra as más digestões. Por outras palavras, os antigos, que eram muito sensatos, diziam que o estomago tem uma certa acção sobre o coração. Use esta noite a sua joia e considere-a como um antídoto para os dôces que comer.

Escutou-me com um sorriso constrangido, e depois fez menção de se levantar, como dando por finda a entrevista, mas no seu olhar lia-se uma impressão de medo. E pelo tom da réplica percebi que as minhas palavras não tinham conseguido tranquilizá-la:

— Estava quási certa que me responderia por um gracejo. Emfim, despeço-me... estou a roubar-lhe o seu tempo. Desculpe a maçada...

A minha única resposta foi fechar a porta da sala que estivera aberta durante a nossa conversa e aproximar mais a minha cadeira da dela. Disse-lhe então:

— Mademoiselle Trévières! a parte mais importante da sua visita ainda não me foi revelada. Decida-se a ser franca comigo e garanto-lhe que, sem sua licença, não me lembrarei de nada que me tiver dito.

— Muito obrigada — respondeu tranquilamente, parecendo ter recuperado o sangue-frio — mas nada tenho que ocultar. Há uma semana meu noivo deu-me esta pulseira, pedindo-me que a usasse no baile da Opera. Há dois dias recebi, porém, uma carta que hesitei mostrar-lhe por recear que esse acto fôsse uma injustiça para o homem a quem amo.

Estendeu-me uma folha de papel muito suja e do mais ordinário, no qual estava escrito, em péssimo francês, o seguinte aviso:

«Se levar a pulseira de topazio ao baile da Opera, leva a morte enroscada no braço».

Li e reli a carta, e á medida que repetia as palavras, parecia-me vêr aquela rapariga tão simples envolta no manto dum mistério profundo e insondável. Não procurei ocultar-lhe a minha surpresa e espanto.

— Mostrou esta carta à sua família?

— Não tenho senão um parente neste mundo, respondeu-me. E' minha mãe, que está paralítica, e a quem nunca me atreveria a falar em tal, pois morreria de medo.

— Não tem a mínima suspeita nem a mais leve idéa do que teria provocado esta carta?

— Nem mesmo tento adivinhar.

— Não terá qualquer amiga capaz de lhe fazer essa brincadeira de mau gosto?

— Isso sim! Nenhuma das minhas amigas teria essa triste idéa, pois creio que todas elas me são dedicadas.

Eu passeava pelo salão num verdadeiro redemoinho de conjecturas e teorias e, na verdade, o problema apresentava tantas dificuldades que merecia bem prender a atenção de quem, como eu, levava a sua vida a desvendar mistérios. Parando de súbito em frente de M.elle Tréviéres preguntei:

— Quem me disse tê-la aconselhado a vir falar comigo?

— A condessa do Portsmouth. Dirigi-me a essa minha amiga logo que recebi esta carta, e, como ela sabia que Mr. Brooks estava em Paris, não descansou emquanto não prometi procurá-lo. Ter-me-ia acompanhado se não estivesse adoentada.

— E não tem ninguem mais a consultar sobre o caso?

— Ninguem.

— E se fosse esta noite sem a pulseira?

Ergueu para mim os olhos rasos de lágrimas e respondeu:

— Jaime nunca me perdoaria.

— E não pode arranjar uma desculpa para não ir a êsse baile?

— Não me diga isso! — exclamou lastimosamente. Há um ano que a idéa dêsse baile faz a felicidade da minha vida.

Era uma razão feminina, mas não lhe resisti. E vi imediatamente que ela iria ao baile, dissesse eu o que dissesse.

— Já que está decidida a não faltar ao baile, faça-me o favor de me dar a direcção do seu noivo.

— Pelo amor de Deus, não lhe diga nada! Iria perturbá-lo no seu trabalho.

— Oh, minha senhora! Compreendo perfeitamente o seu escrúpulo. Que triste diplomata me julga! Quando falar com êle, creia que nem mencionarei o seu nome.

— Promete-me?

— Sim! Até lhe faço a promessa de que êle nunca saberá que V. Ex.ª me veio consultar. No entanto, exijo-lhe, em troca, que me faça igualmente uma promessa: é que não levará a pulseira ao baile sem que eu lho consinta.

— Mas Jaime...

— Com certeza êle não deseja que a sua vida perigue. Em todo o caso, antes das onze horas da noite telefonarei para V. Ex.ª. Calculo que não vai para a Opera antes da meia noite...

— Não! O meu noivo prometeu vir buscar-me á meia noite e um quarto.

Peço-lhe, todavia, que se até a essa hora não tiver recebido qualquer recado meu, esconda a pulseira por baixo da capa. Encontrarnos-hemos no baile. Agora, tenho outra pregunta a fazer-lhe. Peço-lhe que a perdôe a um homem que poderia ser seu pai. Antes de ficar noiva de Jaime Berger, não houve... sim... não pensou em mais ninguem?

Olhou para mim e nos seus olhos lia-se a mais profunda sinceridade quando me disse:

— Nem por um instante. Há um ano que saí do convento, e, nêsse intervalo, parece-me que não cheguei a falar com meia dúzia de rapazes.

— E' tudo quanto desejava saber. Agora vamos ambos jantar. Mas antes de mais nada mostre-me outra vez a sua pulseira.

Entregou-me o estôjo. Fui buscar a minha lente e examinei-a a uma luz mais forte. Fiz uma descoberta, que me tinha escapado no primeiro exame. Numa das fendas do fecho havia uma mancha inconfundivel — uma mancha de sangue — mas de tal modo escondida pelo trabalho em relevo qne não me admirou que tivesse passado despercebida á raparíga. Quando lhe entreguei de novo a joia, era tão grave a minha expressão que exclamou:

— Descobriu qualquer coisa de novo? É preciso dizer-me o que foi.

— O que vi foi apenas um lindo topazio — respondi com um sorriso forçado. Tenha confiança em mim. Afaste todas essas preocupações do seu espirito e só torne a pensar nêste assunto quando eu lhe der licença para isso.

— Está dito! — concordou. Não tenho palavras para lhe agradecer. Não imagina que peso tirou de cima dos meus ombros.

Estas palavras terminaram a entrevista; emquanto as trocávamos tinhamos chegado á porta.

Meteu-se num carro que a esperava. Perto de nós só se via o guarda-portão e um homem muito moreno, atarracado e metido num fraque.

Quando a carruagem se afastou, pareceu-me que êste homem me observava com muita atenção, o que me fez examiná-lo mais particularmente, mas ao encontrar o meu olhar rodou precipitadamente sôbre os calcanhares e dirigiu-se para o café do hotel, emquanto eu ia jantar, num estado de espirito verdadeiramente confuso. Nunca encontrara, em toda a minha longa vida de trabalho, um caso tão complicado como este em que se não achava o minimo fio conductor, a não sêr que se quisesse atribuir ao misterio uma origem passional. Sendo, contudo, o ciume a razão do aviso, preguntava a mim mesmo qual seria a significação da mancha de sangue na pulseira. E se a joia se prendia a qualquer prévia ligação de Berger, porque a teria ele dado á noiva?

Resolvi pois fazer uma visita imediata ao escultor.

Acabei de jantar seriam umas dez horas, e ao sair de casa tornei a ver com supresa o mal-encarado italiano; chamo-lhe italiano porque tinha todos os traços caracteristicos da raça. De novo pareceu querer evitar-me, e, como eu estivesse com pressa, não lhe fiz qualquer reparo.

Ao passar pela Opera vi que se estavam

fazendo preparativos para a festa. Estuguei o passo, mas quando cheguei a casa do escultor informaram-me que tinha saido e que só deveria voltar no dia seguinte.

Debalde preguntei, implorei informações. Por fim, vendo que me estava tornando ridiculo, tomei o caminho da casa de Mlle Tréviéres numa ultima esperança de ali encontrar o noivo. Uma decisão já eu tinha tomado: era que a noiva de Berger não usaria a pulseira ainda que para tal me visse forçado a estar junto dela até á meia noite.

Saindo para a rua no propósito de realizar o meu intento dei de cara com o italiano pela terceira vez e nesta ocasião não me evitou. Num subito impulso dirigi-me para êle e disse-lhe no melhor francês que tinha ao meu dispôr:

— Desculpe a pregunta, mas revela um tal interesse nos meus movimentos que me despertou a curiosidade. Veio na minha peugada do hotel até aqui, não é verdade?

— Sim, realmente segui-o — replicou num francês muito pior do que o meu. Sim, tem razão; como muito bem diz, vim na sua peugada.

— Mas dá-me licença que lhe pregunte com que proposito o fez?

— Para o avisar.

— Para me avisar... a mim?

— De certo, visto que traz consigo a pulseira de topazio.

— Eu! — exclamei desnorteado pela conclusão a que o homem tinha chegado. Ah! é por isso? mas está enganado; essa joia não se encontra em meu poder.

— Dio mio! exclamou o italiano. Então ela não lha entregou!?

— Afianço-lhe que não.

— Vai, portanto, usá-la esta noite?

— Com toda a certeza.

— Madre di Dio! Então é uma mulher morta!

Pode-se muitas vezes reconhecer pela vibração de uma voz se ela vem de amigo ou de inimigo. Nesta ocasião conheci, pela nota simpatica que vibrou naquela exclamação, que estava falando com uma pessoa animada de boas intenções para com a minha cliente. Avaliando pelo seu trajo, que era pobre e coçado, joguei uma ultima cartada:

Olhe lá! a ocasião não se presta a perdas de tempo com conversas. Entre aqui no café comigo e compro-lhe as suas informações por dois mil francos. Se adquirir a convicção que as suas palavras podem prestar um serviço á menina Trévières dou-lhe o dôbro.

Consultou o relogio antes de me responder; depois disse:

— A proposta é boa, mas não preciso do seu dinheiro. Temos duas horas para a salvar, mas antes de o acompanhar exijo que me jure que não se servirá contra mim do que lhe vou dizer, nem aqui nem em qualquer outro país. — Juro-lho; o meu interesse é apenas o de servir a senhora de quem tratamos.

— Tambem o meu, respondi.

Entrámos num pequeno café, escolhemos uma mesa vaga, mandei vir um absinto para ele e uma chavena de café para mim. Mal tinha acebado de acender um cigarro, quando começou a contar-me a seguinte extraordinaria historia:

— Em primeiro lugar a menina Trévières falou-lhe duma carta que recebeu?

— Não só me falou como tambem ma mostrou.

— Pois bem; fui eu quem a escreveu.

— Já o tinha desconfiado pelas suas palavras E, naturalmente, houve razões fortes que o obrigaram a escrevê-la?

— Vai ouvi-las — disse, sorvendo lentamente o absinte. A última pessoa que usou aquela pulseira foi Alice Valée, num baile em Marselha, baile donde saiu em braços, á uma hora da madrugada, cruelmente apunhalada. Morreu encostada ao meu peito aquela que dali a uma semana devia ser minha mulher.

— E o assassino? preguntei.

— Em vão foi procurado pela policia. Eu proprio ofereci tudo quanto possuia a

quem o prendesse, mas apesar da actividade desenvolvida por todos nós não foi possivel encontrá-lo. Mas voltemos ainda mais para trás... E' bem doloroso para mim fazê-lo porque êsse retrocesso recorda-me a unica paixão da minha vida, paixão ao lado da qual esse amor de Marselha desaparece. Deus bem sabe que a memoria da mulher a que me refiro, ainda hoje me dilacera o coração. Era uma italiana: morreu aos 16 anos e o mundo nunca conteve criatura mais bela. Pois bem! usou essa pulseira há um ano e meio, talvez, num baile de terça-feira gorda, em Milão e morreu ali, na minha presença, uns dez minutos depois de ter entrado na sala. Tinha bebido uma chavena de café envenenado. Só há no mundo uma pessoa que conhece a mão que lhe ministrou a morte.

— Só uma pessoa? E pessoa, quem é?

— Sou eu!

— Então sabe tambem quem dirigiu o golpe contra a outra vitima de Marselha!

— Sim, sei... Mas saber e prender são duas coisas diferentes.

— Tem qualquer ideia sobre o paradeiro actual desse homem?

— Conheço-o perfeitamente. Ha três dias esse homem encontrava-se aqui em em Paris, hoje está de novo aqui. E é mais do que certo que esta noite se encontrará no baile da Opera.

Antes que dissesse mais nada, mandei chamar o chefe dos criados e escrevi uma mensagem urgente numa folha da minha carteira, que enviei por um taxi à menina Trévières. A minha mensagem era um pedido instante para que se abtivesse de usar a pulseira naquela noite, se tinha amor á vida.

— Agora — contiuuei — podemos conversar à vontade. Disse-me que se encontrava em Marselha há 14 mezes. Conte-me os capitulos da sua vida ocorridos antes d'essa epoca.

Acabara o absinto; pediu um outro calice e só então prosseguiu na sua historia:

— Fala-me de coisas que desejaria bem esquecer, mas tenho suficiente confiança em si para pôr nas suas mãos a minha vida. A historia não é longa. Ha três anos estava eu em Milão, esforçando-me por ganhar a vida como pintor; metade da minha existencia passava-a estudando as pinturas da catedral e a outra metade adorando Lucia Dominici, filha dum ourives muito rico. Inutil descrever-lhe a pobreza em que me encontrava e quanto era grande a minha confiança em mim proprio. Habitava o castelo de sonhos que todo o artista edifica no início da sua carreira. Esses sonhos eram apenas interrompidos pela garridice da mulher amada, pela sua inconstancia feminina, e pelo terror da fortuna dos homens que a cortejavam. Não vale a pena demorar-me mais no assunto. Este episódio só tem lugar na minha história como explicação do motivo que me induziu a roubar o topazio, se é que se pode chamar roubo ao que fiz.

Após uma pequena pausa, o italiano continuou:

— Mas, adiante... Em Janeiro do ano passado a Ordem dos Dominicanos contratou-me para ir retocar uns quadros no seu convento do Vale Santo e convidou-me a residir ali emquanto estivesse trabalhando para ela. O convento era situado na falda duma linda serra. O trabalho teria sido um recreio para mim se não fôra o ter deixado Lucia perseguida pelas atenções dum desalmado negociante, muito rico, e pelas súplicas do pai para que o aceitasse. O novo namorado enchia-a de valiosos presentes e esfalfava-se a dizer e a prometer tudo o que um velho rico diz e promete quando está apaixonado. Eu nada lhe podia dar senão a promessa dum futuro brilhante, coisa que não tem preço no mercado. Lucia, quando estava comigo parecia amar-me, mas, no entanto, ia recebendo a côrte do outro. Assim a deixei com o calor dos seus beijos e das suas palavras a aquecerem-me a alma, emquanto a lembrança do seu impudor me dilacerava o

coração. Durante três semanas trabalhei sem descanso e a minha arte elevava-me acima de todas estas misérias da vida.

«Foi ao fim dêsse tempo que, de súbito. se deu um caso que o senhor mesmo não poderá deixar de achar estranho e me trouxe de novo à terra e à recordação de Lucia. Um domingo, perto da meia noite, caminhava por um atalho de onde se desfrutava uma dessas paisagens que faz rejubilar a alma duma artista; um pouco cansado, sentei-me no tronco duma arvore; abaixo de mim via blocos de marmore preto, branco, vermelho, emfim, de todas as côres; e, embora o inverno não tivesse ainda acabado, por todos os lados já surgiam lindas flores. Deixei-me estar ali por bastante tempo até que pos fim retomei o caminho do convento, mas notei que a vertente por onde descia agora era muito mais ingreme do que aquela por onde subira; descia pois, cautelosamente, quando escorreguei por uma ladeira quasi a pique; agarrei-me às hervas e às plantas que encontrei e no momento em que chegava ao fim dessa ladeira, uma das plantas a que me tinha agarrado cedeu e rebolei por ali abaixo de mistura com muita terra macia até uma especie de vale em que não reparara e onde cheguei com os ossos a doerem-me horrivelmente.

«Por alguns minutos conservei-me sentado e atordoado sem compreender bem o que me tinha acontecido. Qnando recuperei o sangue-frio e pude olhar em volta de mim, vi um espectaculo curioso. Sobre um torrão da terra que tinha destruido com o meu peso estava um crucifixo de ouro. Embora coberto de terra e manchado pelo tempo emque estivera enterrado, o valor do objecto era indiscutivel. Rubis representavam as gôtas de sangue; a corôa de espinhos era de brilhantes e toda a cruz embutida de pedras preciosas, cujo fulgor se via mesmo através da terra humida que o maculava. Não lhe preciso dizer que me arrastei como pude até junto do torrão onde brilhava aquela preciosa relíquia. Entretanto o crepúsculo dera lugar à noite cerrada, mas, contudo, distinguia ainda o bastante para o que desejava fazer e para poder verificar o desapontamento que me esperava.

«O pedaço de terra que derruira deixara a descoberto uma especie de caverna pequena, provàvelmente aberta havia já muito. Mas do tesouro que lá devia estar escondido pouco ou nada vi; o que havia espalhado junto da abertura eram apenas alguns dos objectos que serviam para o culto. Um cibório de prata, uma grande patena de ouro e duas mais pequenas do mesmo metal; um relicário ornado de lindissimos brilhantes, um admiravel topazio e um cálice de ouro bastante amolgado. Imaginei logo que estas coisas tinham sido ali enterradas em tempo de guerra; era tambem evidente que deviam pertencer aos dominicanos, cujo convento estava ali perto, e que, ou a sua existencia lhes era desconhecida ou as conservavam ali escondidas por motivos só deles conhecidos. Em todo o caso, era indiscutivel que as pedras preciosas que ornavam o relicário tinham grande valor, mas, na minha qualidade de italiano sou supersticioso, portanto, durante muito tempo nem ao de leve me passou pelo espírito a lembrança de tocar naqueles objectos. Por largo espaço ali me conservei, olhando atónito para tudo aquilo, até que a humidade da noite me despertou do meu torpor. Então, ocorreu-me ao pensamento que os topazios e os brilhantes deviam ficar muito bem nos braços de Lucia. A minha imaginação evocou a sua imagem querida pedindo-me que lhe desse êsse presente. Ri das minhas primeiras impressões e confessei a mim mesmo que se não me apoderasse daqueles objectos era o imbecil mais imbecil da Europa. Rapidamente, sem me dar tempo para mais reflexões, agarrei em todos aqueles objectos e dispus-me a partir, deixando apenas o crucifixo e o cálice em que não tive coragem de tocar.

«Parece-me que já vai percebendo para onde se encaminha a minha historia;

no entanto, ainda não cheguei à parte mais extraordinaria. Como lhe disse, a noite caíra; preparei-me para deixar aquele local; compreenderá facilmente qual teria sido o meu espanto quando vi dançar através a neblina que se espalhava pelo monte a luz bruxuleante duma lanterna. Um instante mais tarde defrontava-me com um homem ainda novo, mas todo esfarrapado e com grandes barbas desgrenhadas. Na mão vacilava uma lanterna emquanto fixava ferozmente as joias que se espalhavam aos nossos pés. Havia nêsse monge não sei que força oculta que me subjugou; não lhe posso mesmo explicar qual o sentimento que ele me inspirava. Terror, o terror humano, o pavor que todos conhecemos não descreve o que eu senti naquele momento. Todo o meu ser parecia dominado por um receio que me torturava e escaldava o cérebro. Santo Deus! ainda hoje, quando falo dessa hora, a recordação faz-me tremer. E já o vi por três vezes, a esse monge, e de cada vez que o vejo, o meu pavor parece aumentar.

«Defrontava-me pois com aquele homem que, de súbito, abriu a bôca para deixar cair sôbre mim uma catadupa de imprecações. Agora estou firmemente persuadido que êsse frade era um louco dementado por longos jejuns. Seja como fôr, o que é certo é que ainda hoje as suas palavras me sôam, lugubres, aos ouvidos. Nem que percorresse todo o mundo, nem que lesse a maldição lançada contra Barba-rôxa e todos os volumes sôbre anatemas que se tenham escrito desde o principio do mundo até hoje, nunca encontraria palavras iguaes ás que pronunciou aquele homem ao vêr o relicário na minha mão. Foram tão terriveis que vacilei perante elas, e, perdendo a serenidade, dei-lhe um sôco e fugi.

«No dia seguinte deixava aqueles sitios e uma semana mais tarde o topazio encastoado num bracelête pelo proprio pai de Lucia, scintilava no braço desta e os brilhantes reluziam-lhe nos dedos. Cobriu-me de beijos reconhecidos e embriagadores; pelas suas dôces caricias esqueci o louco da montanha, e a minha melancolia desvaneceu-se.

«Conhece o resto da historia. Lucia usou o topazio num baile de terça-feira gorda e morria dez minutos depois de ter entrado na sala. Um ano mais tarde, havendo fugido da Italia para Marselha, encontrava-me de novo para casar. Um homem pode ter muitos amores, mas só tem uma paixão na vida. Não me sentia verdadeiramente apaixonado por Alice Valée, mas ela era rica e teve a paciencia de aprender umas palavras tecnicas sôbre escultura, que me divertiam. Um dia viu no meu «atelier» o meu topazio. Pediu-m'o... Dei-lh'o e... Já lhe contei de que forma encontrou a morte.

Eu, pobre como sempre, mas agora acossado pela maldição do louco, vim para Paris e vendi a pulseira ao sr. Berger, negocio de que me tenho arrependido e que mais lastimo desde que vi a linda rapariga que vai ser mulher dêle. Quando ha três dias, na rua em que mora M.elle Yvone Trévières deparei com o louco que me amaldiçoou, resolvi salvá-la mesmo á custa da minha liberdade».

* * *

Acabou de beber o absinto emquanto eu, estarrecido, sentia redemoinhar-me na mente toda essa estranha aventura que acabava de ouvir. De súbito levantei-me, exclamando:

— Vamos para a Opera, porque se o quadro que acaba de me pintar não tem as côres demasiado carregadas, não ha tempo a perder. Vamos para a Opera! É quasi meia noite e meia hora e bem sabe o que são mulheres... É muito possivel que, apesar de tudo quanto lhe disse, a menina Trévières leve a pulseira.

— Deus a preserve! — disse o italiano.

Saímos. O tempo estava frio e enevoado; ás esquinas o vento chicoteava-nos como látegos e as luzes que iluminavam o vesti-

bulo do grande edificio bruxuleavam vacilantes, deitando reflexos vermelhos.

Uma vez lá dentro ficámos deslumbrados perante as luzes e as côres. Redemoinhando, dançando, os mascarados faziam grande alarido, afogando quási no seu tumultear, o barulho ensurdecedor do *jazz-band*.

O magnifico vestíbulo irradiava com a scintilação das joias e dos deslumbrantes trajos. Reis, Raínhas, palhaços, enxameavam pelas escadas, lutando, clamando, empurrando, sem atender a coisa alguma, todos entregues á loucura da hora presente.

Com dificuldade consegui encontrar o camarote do meu amigo e dali contemplei a loucura do Carnaval.

Ao principio não consegui discernir mais do que uma amalgama de forma e côr, uma horda deshautinada de pares, costureiras e pastores, sôbre cujas cabeças choviam *confetti* e serpentinas. Era-me impossivel naquela balburdia diferençar qualquer pessoa ou coisa. O italiano, mais feliz do que eu, apontou-me quem procurávamos. M.elle Trévières estava num camarote muito perto de nós, e conversava, com uma alegria quasi infantil, com o escultor, que se sentava ao seu lado. Não era possivel imaginar nada de mais encantador do que essa lindissima menina trajando um singelo vestido branco, guarnecido de preto, tendo em volta do pescoço um colar de perolas e segurando na mão um formoso ramo de rosas. Mas, ao contemplar aquele quadro, estremeci aterrorizado, porque lhe descobri no braço o maldito topazio que parecia iluminar a sala com o fulgor dos seus raios.

O italiano e eu vimos ao mesmo tempo a joia. O pobre homem, convulso, agarrou-me no braço, exclamando:

— Pelo amôr de Deus! vá ter com eles, conte-lhes a minha historia, não se preocupe comigo. Vá talvez já não reste áquela mulher mais de dez minutos de vida!

De repente saltou por cima das cadeiras, empurrou-me e saiu desvairadamente. Vi-o precipitar-se tresloucado no camarote do escultor, ao mesmo tempo que ouvia atravessar os ares um grito estrídulo.

Corri tambem para o camarote e, ao entrar ali, achei-me envolto numa nuvem de fumo. Deparou-se-me uma visão lucida de rostos transtornados e formas negras, destacando-se entre elas a figura de Berger debruçado sôbre o corpo inanimado de sua noiva, que julgava morta.

E então, por entre o vozear da multidão, o soluçar das mulheres e o grito dilacerante do escultor — o mais dilacerante de todos êsses sons, vi levantar-se do chão uma forma ensanguentada e ouvi uma voz que me dizia:

— Agarrem o estudante de capa negra. Foi êle quem atirou!

E o italiano caiu de novo, ensanguentado, morto por uma bala no peito.

*

* *

A tragedia da Opera deu muita que falar em Paris. Durante algumas semanas, a policia pôs-se em movimento, descobrindo por fim, que dois dias depois da scena passada na Opera, um frade italiano, meio louco, se suicidára, atirando-se para de baixo dum comboio.

O italiano, morrendo pela rapariga, resgatara as suas culpas.

O escultor e sua mulher vivem hoje, contentes e felizes, numa quinta nos arredores de Paris. Mas Yvonne nunca mais usou o topazio: essa joia brilha agora aos pés dum crucifixo numa igreja de aldeia.

CONTO PARA CRIANÇAS

Continuando o seu proposito de revelar alguns dos mais altos valores da literatura estrangeira, desconhecidos no nosso país, Novela para todos *publica hoje o conto* A ingratidão, *do russo A. Savelieff que,n a descrição cheia de ternura da alma simples do povo eslavo, mantem um lugar eminente entre os seus compatriotas.*

CAMINHAVA pelo campo um Mujik levando consigo uma bolsa vazia e uma daquelas foices que usam os camponeses russos para ceifar ceriais.

Como era de dia, o Mujik não receava qualquer perigo. Porém, já é sabido: «a desgraça vem sempre quando menos se espera.» De repente apareceu, dum monte próximo, um enorme lobo, correndo a toda a velocidade para o camponês.

—¡Ai de mim! — pensou o Mujik, tremendo de susto. — A fera vae devorar-me. A foice não serve para amedrontá-la.

Porém, o lobo, ao aproximar-se do Mujik, não o atacou. Parecia até mais assustado que o homem.

— Meu querido Mujik — disse com uma voz suplicante — salva-me dum perigo mortal.

— ¿O que te acontece? — perguntou o campónio, recuperando um pouco do seu sangue-frio.

— ¿Pois, não ouves? Escuta: soam no monte as trompas dos caçadores e uma matilha de cães ferozes ladram e úivam procurando-me. Escapei-lhes milagrosamente; mas os meus inimigos não tardarão em lançar-se em minha perseguição e, já sabes, em campo aberto, os galgos podem alcançar-me. Salva-me, pois, da morte cruel que me espera.

O Mujik prestou atenção e disse:

— E' verdade; ouvem-se as trompas dos caçadores e os uivos dos cães. A coisa está muito séria para ti, amigo lobo. Mas, não sei como auxiliar-te. ¿Que poderei fazer eu, só, contra tanta gente armada e seus ferozes

novelas para todos
Edições CPP

cães, que devem ser muitos? Melhor seria que continuasses correndo, lobo; talvez conseguisses salvar-te com a ajuda das tuas ligeiras pernas.

Assim disse o Mujik, pensando que o lobo recomeçaria a correr, livrando-o da sua perigosa companhia. Porém, o lobo, cansado de tanto correr, não quis separar-se do Mujik e disse:

— Já que tens uma bolsa vazia, esconde-me dentro dela.

— Está bem — disse o Mujik, abrindo a bolsa —, mete-te aqui dentro se queres.

Mas antes que concluísse esta frase, o lobo já estava dentro da bolsa.

Então o Mujik amarrou-a com uma corda e sentou-se ao lado do fardo. Poucos momentos depois apareceu, saindo do monte, uma matilha de galgos que, como uma nuvem de flechas, passou perto do Mujik sem se deter. Aos cães seguiram-se varios ginetes, que também não deram conta de que a sua presa estava dentro da bolsa.

Uma vez que se perderam de vista os cães e os caçadores, o Mujik, desatou a bolsa deixando o lobo sair de dentro dela.

— Acabo de salvar-te a vida — disse — ¿Qual a recompensa que me dás? ¿Pensaste nisso?

O lobo, já mais tranquilo, respondeu, mostrando ao Mujik os seus enormes dentes:

— Sim; pensei nisso emquanto estava dentro da bolsa.

— ¿E qual será, então, a tua recompensa? — perguntou o Mujik.

O lobo respondeu ferozmente:

— A minha recompensa será esta: comer-te-hei vivo.

— Mas, amigo lobo, ¿Será possível que não tenhas vergonha de dizer tamanha barbaridade?

¿Porventura, não acabo de prestar-te um inolvidavel serviço? — exclamou o Mujik com assombro, e, por sua vez, com medo.

O lobo baixou a cabeça como se estivesse um pouco envergonhado, e uivou:

— Costuma-se dizer-se:

«Esquecer é vulgar
A dedicação,
Na Vida o que ha mais
E' ingratidão.»

— ¡Ah... ah... ah!... — exclamou o Mujik. E' certo; esse ditado existe. Mas na vida não é assim. Consultaremos sôbre este assunto o primeiro que encontrarmos; se êle e mais dois te derem razão, então não haverá nada a fazer: comer-me-hás.

O lobo aceitou a proposta e ambos se puseram a caminho. Mais adiante encontram-se com um cão tão velho que mal podia mexer-se. Estava fraquissimo e, talvez, doente.

— Boas tardes, cão — saúdou o Mujik. — Vem cá, a fim de sêres nosso juiz.

O velho cão arrastou-se até junto do Mujik e, gemendo com dôres, deitou-se-lhe aos pés.

— ¿De que se trata, meus amigos? — perguntou.

Então o Mujik explicou-lhe o assunto, dizendo:

— Este lobo foi perseguido pelos caçadores e por uma enorme matilha de cães. A sua morte era inevitavel; eu, porém, escondi-o dentro desta bolsa e assim lhe salvei a vida. Acontece agora que, em vez de agradecer-me, o lobo quere comer-me vivo. ¿E' justo? Dize o que pensas a tal respeito.

O cão sorriu tristemente, e, movendo a sua velha cabeça, disse:

— Ha vinte anos, não havia nesta comarca um cão mais robusto, mais abnegado ou mais fiel a seu amo, do que um tal Gulay. O seu dono era caçador e vivia sòzinho num enorme monte, povoado de toda a especie de feras. ¿O que Gulay não fazia para servi-lo e agradar-lhe? Acompanhava-o durante a caça, procurando com o seu finissimo olfato o rasto de animais selvagens, que seu amo matava imediatamente. Na ausencia deste, cuidava-lhe fielmente do gado, da sua choupana e de todas as suas coisas. Esteve, muitas vezes, prestes a perder a vida em defesa de seu amo.

«Uma vez, um enorme urso atacou o caçador e, com uma pata, deitou-o ao chão.

«¿O que teria sucedido áquele homem se o urso tivesse tido tempo de lhe dar outra sapatada? Ter-se-ia convertido numa costeleta ensanguentada. ¿Não é verdade? Pois bem: sem vacilar um só momento, Gulay decidiu sacrificar a sua própria vida pela do seu dono: cravou valentemente os seus dentes numa das patas traseiras da fera, com o único objectivo de atraír para si a sua furia.

«Juro-vos que conseguiu o seu nobre propósito. O urso deixou em paz o homem e arremessou-se contra o cão.

«Naturalmente, naquela época, Gulay era forte e agil; mas, apesar disso, foi por milagre que se salvou das garras da fera.

«Mas, ¿para que contar-vos todas estas proezas?

«Basta dizer-vos que durante vinte anos Gulay trabalhou para seu amo como escravo fidelissimo.

«Toda a sua vida foi uma cadeia interminavel de serviços a favor do seu dono.

«Mas, quando o nobre cão já estava velho e fraco, o seu amo adquiriu um outro muito mais novo, e ao pobre Gulay pô-lo fora de sua casa sem piedade alguma. Foi esta a recompensa.

— ¿E onde se encontra agora esse desventurado Gulay? — perguntaram ao mesmo tempo o Mujik e o lobo.

— Gulay está aqui para vos servir — respondeu o velho cão, movendo tristemente a sua velha çabeça.

E prosseguiu:

— Aqui o tendes, velho e desamparado, sempre com fome e correndo o perigo de, a cada instante, ser devorado por alguma fera. Não é em vão que se diz:

«Esquecer é vulgar
A dedicação,
Na Vida o que ha mais
E' ingratidão.»

A razão está, pois, ao lado do lobo.

Este alegrou-se e disse ao Mujik:

— Ganhei.

Agora, vou comer-te.

— ¡Não tenhas pressa! — exclamou o Mujik. — Faltam ainda duas respostas.

— Ah, é verdade — disse o lobo, um pouco envergonhado; — esquecia-me devo de que ganhar três vezes. Vamos caminhando.

O Mujik e o lobo despediram-se do velho cão e prosseguiram a viagem.

Pouco tempo depois encontraram um cavalo, tão velho e tão fraco que só a muito custo podia mover-se.

— Boas tardes, cavalo — saúdou o Mujik. — Vem cá para sêres nosso juiz.

Com o visivel sofrimento que lhe produziam os seus achaques, o velho cavalo arrastou-se até junto do Mujik e perguntou:

— ¿De que se trata, meus amigos?

O Mujik disse-lhe:

— Acabo de salvar a vida a este lobo; mas êle, em lugar de agradecer-me, quere comer-me vivo. ¿Será justo? Dize o que pensas a tal respeito.

Sorriu tristemente o velho cavalo, mostrando os seus dentes largos e amerelos, e disse assim:

—Ha vinte anos, não havia em toda esta comarca um cavalo mais veloz nem mais resistente do que um tal Dogonãy.

«O seu amo era um riquissimo comerciante, e Dogonãy prestou-lhe, durante vinte anos de constante trabalho, inolvidaveis serviços. Não vale a pena contar-vos todas as suas proêzas. Contar-vos-hei apenas esta:

—Encontrava-se o comerciante numa cidade longinqúa, onde realizara um feliz negócio que o tornara duas vezes mais rico. Muito bem; com uma arca cheia de ouro empreendeu o regresso ao seu povoado. Naturalmente, montava Dogoñay. ¿Quem é que não sabe que uma arca cheia de ouro pesa muito? Mas, Dogoñay não se queixava do excessivo peso da carga, pois, como acabo de vos dizer, além de ser ligeiro, era muito resistente.

«A meio do caminho, o comerciante ouviu o galopar de muitos cavalos atrás de si. Voltou-se e viu que eram bandidos que o perseguiam. Então assustou-se e disse: «estou perdido; irão roubar-me todo o dinheiro e, porcerto, matar-me-hão. Não poderei fugir, porque o meu cavalo está muito cansado.

«Mas Dogoñay não era daqueles cavalos que se deixam vencer facilmente. Seria mais facil rebentar de fadiga e salvar o seu amo. ¡Adiante!

«Correu, pois, com tanta velocidade que os bandidos, depois duma tenaz perseguição, o perderam de vista. Então o comerciante disse:

— Meu querido Dogoñay, acabas de salvar a minha fortuna e mais alguma coisa: a minha vida.

«¡Nunca esquecerei este serviço, juro!

«Pois bem; passaram anos e Dogoñay envelheceu e ficou doente. Então o comerciante adquiriu um outro cavalo mais novo, e ao velho Dogoñay pô-lo fora sem piedade.

«Foi esta a recompensa que tivera.

— ¿E onde se encontra agora esse pobre Dogoñay — perguntaram ao mesmo tempo o Mujik e o lobo.

— Está aqui, para vos servir — respondeu o velho cavalo, sorrindo tristemente e mostrando os seus grandes dentes amarelos.

E prosseguiu:

— Aqui estou, velho e ao abandono, arrastando-me pelos caminhos, sempre esfomeado e sempre correndo o perigo de ser devorado por alguma fera. Não é em vão que se diz:

«Esquecer é vulgar
A dedicação,
Na Vida o que ha mais
E' ingratidão.»

A razão, pois, está do lado do lobo.

Bastante satisfeito, este disse ao Mujik:

— Ganhei outra vez. Agora, vou devorar-te.

— Não tenhas pressa — respondeu o Mujik —, ainda nos falta ouvir a terceira resposta.

— E' verdade — disse o lobo, um pouco envergonhado. — Havia-me esquecido que devo ganhar três vêzes. Vamos caminhando.

O Mujik e o lobo despediram-se do velho Dogoñay e prosseguiram a sua viagem.

Pouco mais adiante encontraram um raposo.

— Boas tardes, raposo — saudou o Mujik — sê nosso juiz. Este lobo era perseguido por caçadores e por uma enorme matilha de cães ferozes. Salvei-lhe a vida, escondendo-o nesta bolsa. Ele, porém, em lugar de agradecer-me, quere comer-me vivo.

«¿Será justo? ¿O que pensas a tal respeito.

O raposo sorriu alegremente e disse:

— ¿Como é possivel que um lobo, tão grande como este, caiba numa bolsa tão pequena? Não posso acreditar.

O Mujik, invocando o testemunho do lobo, jurou dizer a verdade. Porêm, o raposo tornou a dizer:

— E' impossivel.

— Então, ¿o que queres que façamos para te convencer? — perguntou o lobo.

O raposo disse:

— Só poderei acreditar, vendo-o com os meus proprios olhos.

Então o Mujik abriu a bolsa e o lobo meteu-se novamente dentro dela.

— Já vês, raposo — disse ele — que caibo perfeitamente.

— ¡Que milagre! — exclamou o raposo. — E' verdade caberes na bolsa, mas, no entanto, seria impossivel fechá-la.

E prosseguindo:

— Pois bem; mostra-me agora, Mujik, como conseguiste atar a bolsa. Quero ver, para poder convencer-me.

— Ata, pois, a bolsa — gritou o lobo, perdendo a paciencia. — ¿Não vês que se aproxima uma tempestade? E . . . já é a hora de comer.

— Não tenhas pressa — resmungou o Mujik, atando a bolsa.

— ¡Que milagre! — exclamou outra vez o raposo.

«E' verdade; o lobo está dentro duma bolsa bem atada . . . Mas, dize-me, Mujik: ¿o que tens tu na mão?

— ¿Pois não vês? E' uma foice.

— E, ¿para que te serve?

— Para ceifar o trigo.

— ¡Que milagre! ¿Com uma coisa tão simples se ceifa o trigo? ¿E, como fazes? Quero vêr com os meus próprios olhos para convencer-me.

Compreendeu, finalmente, o Mujik, o que o raposo queria, e respondeu alegremente:

— Faz-se assim. Vêde bem, raposo.

E ditas estas palavras começou a dar golpes de foice no lobo. Em poucos minutos lhe moeu todos os ossos, até o deixar morto.

Então, o raposo disse ao Mujik:

— Acabo de salvar-te a vida. ¿Como pensas recompensar-se?

O Mujik baixou a cabeça e ficou pensativo.

Estava, finalmente, salvo de todo o perigo, e isso alegrava-o deveras,

Tambem o alegrava poder vender a pele do lobo.

Porém, a pele do raposo agradava-lhe muito mais do que a do lobo.

— ¿Qual será a tua recompensa?— repetiu o raposo.

O Mujik levantou a foice e, dum só golpe, matou o raposo, dizendo:

«Esquecer é vulgar
A dedicação,
Na Vida o que ha mais
E' ingratidão.»

Neste momento, porém, desencadeou-se a tempestade.

Ribombou o trovão, que fez tremer a terra e um raio caíu ao lado do Mujik.

Atordoado pelo estampído e deitado no chão, o Mujik viu aproximar-se dele uma jovem, tão bela que seria impossivel descrevê-la com palavras.

O seu vestido branco era adornado de reluzentes diamantes e maravilhosas flores. O seu rosto, porém, parecia triste e duas grandes lagrimas lhe caíam dos seus formosos olhos.

O Mujik, tremendo de medo, ajoelhou-se e disse:

— ¿Quem és, formosa jovem?

Uma voz dulcissima respondeu:

— Sou a Vida.

— ¡Oh, que bela és! — exclamou o Mujik. —Mas, dize-me, ¿porque estás chorando?

— Choro porque acabas de praticar uma má ação, e supores que a culpa é minha, dizendo que «na Vida o que ha mais é ingratidão». E quando eu choro, chora comigo todo o mundo.

E era verdade. O Mujik reparou então que tambem estava chorando. E não só era ele que chorava, mas tambem o velho Gulay e o pobre cavalo Dogoñay, que estavam á sua esquerda; e o lobo e o raposo, que, sãos e salvos, se encontravam á sua direita.

Alegrou-se bastante o Mujik vendo estes ultimos com vida; e então, a bela jovem sorriu e tornou-se tão formosa e atraente, que o Mujik exclamou:

— ¡Quero vêr-te sempre assim, com êsse sorriso divino!

E a Vida respondeu:

— Um sentimento nobre acaba de passar pela tua alma. Eis por que sorrio de contentamento. E quando eu mostro o meu inefavel sorriso, sorri todo o mundo.

E era verdade; o Mujik reparou que tambem sorria de regozijo, e com ele sorriam o velho cão Gulay, o pobre cavalo Dogoñay, o lobo e o raposo.

Sentindo que o invadia uma felicidade sem limites, o Mujik exclamou outra vez:

— Quem me dera que do teu divino rosto jámais desaparecesse o teu lindo sorriso.

E a Vida respondeu:

— Isso depende apenas de ti; pratica sempre o bem e sempre me verás sorridente.

— Assim o farei, enquanto fôr vivo, juro — disse o Mujik, com uma voz que se extinguia.

A formosa jovem havia desaparecido. E não só ela desaparecera, como tambem tudo o que rodeava o Mujik: o velho cão Gulay, o pobre cavalo Dogoñay, o lobo, o raposo, o campo, o céu e a luz...

O Mujik morreu porque havia sido atingido pelo raio.

— Imagine, meu caro amigo, que essa mulher tinha um nome singular. Chamava-se Bárbara, e poucas mulheres terão tido, na sua existência, mais perfeita concordância entre o seu modo de ser e o significado do seu nome ou apelido. Os homens tinham medo dela. O destino de muitas vidas, a liberdade de muitos homens, a várias horas do dia, encontravam-se suspensos de uma simples palavra, de um insignificante gesto desta extraordinária senhora Bárbara. Era tal qual como eu estou dizendo. A senhora Bárbara esboçava um gesto, e sem que ninguem o percebesse, um empregado saía detrás do balcão, desaparecia, e, passados poucos minutos, aparecia um agente de polícia, e logo a pessoa indicada com o olhar quási inexpressivo da senhora Bárbara seguia o caminho do mais próximo calabouço. Ninguem saberia dizer, ao certo, qual era o género do negócio da senhora Bárbara. Ela tinha no seu estabelecimento um balcão, umas grandes balanças para pesar grandes fardos de papel, de lã, sucata, e até ossos, mas toda a gente sentia que lá muito para o fundo obscuro da casa haveria qualquer outra maneira de ganhar dinheiro, e era essa maneira que causava estranheza e até medo.

De vez em quando, apareciam agentes de polícia passando busca à casa. Outras vezes, a senhora Bárbara era chamada a dar a sua opinião sôbre o retrato de um malfeitor, e dêste misterioso conjunto de circunstâncias resultava que para toda a gente, mesmo aos menos capazes de fantasiar dramas ou conceber a existência de vidas tenebrosas, a senhora Bárbara tinha qualquer ligação, fôsse ela qual fôsse, com os homens terriveis que frequentam as prisões, acusados dos piores delitos.

Portanto, compreende-se que uma mulher capaz de dirigir um estabelecimento com esta reputação, uma mulher que, durante o dia aceitava a convivência de homens esfarrafados, de olhares obliquos, a barba suja, que ali deixavam pedaços de ferro, de latão e uma infinidade de objectos despedaçados, numa verdadeira incongruência de naufrágio; essa mulher só poderia muito justamente ser uma criatura capaz de honrar o seu nome, isto é: ser bárbara.

* * *

Uma tarde, estava a senhora Bárbara mudando a alpista a um pintassilgo, quando transpôs a porta um homem envergando um

novela para todos
edições

velho capote militar, ao qual o seu corpo parecia servir de cabide, porque o recem-chegado era extremamente magro. O seu rosto cavado, exprimia tão grande fraqueza, que dava a impressão de que o pescoço vergava ao peso da barba.

A senhora Bárbara, acostumada a receber clientes com êste aspecto, continuou a soprar a alpista do comedouro do pássaro, pendurou a gaiola, e com uma voz aflautada, um olhar perfurante, preguntou ao *homensinho* o que desejava.

— Senhora Bárbara... Eu queria... falar consigo.

A senhora Bárbara chamou o seu empregado que, já habituado a êste mistério nas conferências com certos clientes, retomou o seu lugar no balcão, emquanto que ela e o homem esfarrapado deram entrada num cubículo, ao fundo da casa, defendido por um comprido corredor eriçado de novelos de arame, montões de mobília escaveirada e enormes fardos de papel.

— Pode falar à sua vontade...

Então o recem-chegado, disse:

— Senhora Bárbara... Vocemecê, sabe bem que eu não tenho nem casa, nem família, nem a ajuda de Deus, porque vivo como não vivem os cães. Ando escondido, como toda a espécie de sobejos, e durmo com três homens como eu, dentro daquela casa que começaram a deitar abaixo, aqui ao pé das terras, onde estão os fornos da cal. Estavamos esta manhã, muito sossegados, a repartir as nossas pontas de cigarros, a deitar cálculos à vida, quando, de repente, sentimos mexer, ao pé do buraco, por onde nós entramos de noite, para recolhermos. Pensámos logo que seria a polícia rondando desconfiada, ou que fosse algum mestre de obras, apalpando as paredes, para nos dar cabo do cortiço. Por isso, não tujimos nem mujimos, como se costuma dizer... e ficámos à espera do que desse e viesse. Lá quando nos pareceu, um de nós pensou em vir de gatas até a um bocado da parede ainda de pé, e de ali espreitar para vêr se havia quem rondasse a nossa toca. Nisto... Ah!... Senhora Bárbara... Ouvimos a choraminguice de uma criancinha. O pobre anjinho devia de estar muito próximo do sitio onde nós nos encontravamos. Não quisemos saber de mais nada. Pulámos, eu até saltei sôbre um grande buraco aberto no soalho, para mais depressa chegar ao pé da criancinha que chorava, agora com mais força... Ah!... Senhora Bárbara... Não imagina o que nós sentimos. Lá estava próximo do buraco, embrulhado numas roupinhas, um anjinho, com a boquinha, o nariz, os olhinhos, muito pequeninos e tão bonitos... Agarrámos logo na criança, e levámo-la para dentro, quasi sem pensarmos no que faziamos. Sabe lá, senhora Bárbara, o que nós sentimos. Um de nós, beijava-lhe os pésinhos, outro chorava, eu tirei o meu capote e embrulhei o inocentinho, porque me pareceu que êle tinha muito frio. Foi uma loucura!... Um dos meus companheiros pôsse joelhos, a rezar pelo menino, e todos nós, com lágrimas, sentimos a nossa miserável situação. Nada podiamos fazer pela criança. Não tinhamos nada para lhe dar, nem um lugar para, ao menos, ela ficar connosco. Porque nós não pensámos mais afastar-nos dela. Çhorámos todos, senhora Bárbara... Antes de vermos ao pé de nós, esta criança, viviamos como brutos... Nada já nos importava nêste mundo, e só esperávamos a morte. E era agora, quando nós sentiamos fôrças para voltarmos a ser gente, como os outros homens, que deveriamos deixar aquela criança, que apareceu junto de nós, onde nada aparece, donde tudo foge... Ah! senhora Bárbara... Lembrei-me de vocemecê... A senhora é mulher... Deve conhecer melhor que qualquer dos meus companheiros, como poderemos tomar contar da criança... Vocemecê indicava alguem que tratasse dela... Nós iamos vê-la às escondidas... Nós pagavamos tudo... Tudo... Ainda que tivessemos que roubar...

— Cale-se, homem... Vá buscar a criança! Você é o diabo... Eu nunca chorei assim na minha vida.

De facto, a senhora Bárbara tinha os olhos cheios de lágrimas.

* * *

— E afinal, como acabou essa história singular, mas romanesca, Teodóro?

— Estavamos no fim de um jantar alegre de boémios impenitentes. Não faltavam no grupo psicólogos, novelistas, um filósofo, um praticante de astrólogo, e ainda um indivíduo, recentemente apresentado e com o qual, sem sabermos porquê, mantivemos uma grande frieza. Era um homem alto, com um bigode muito cuidado, como se só êle absorvesse todas as preocupações do seu possuídor. Era de todos nós quem seguia com mais interesse a narrativa de Teodóro. Êste prosseguiu, dirigindo-se para o homem do bigode muito cuídado:

— Pois imagine o meu caro amigo, que a senhora Bárbara interessou-se tanto pela criança que ela modificou por completo o seu caráter. Os desgraçados habitantes daquela toca de vagabundos não faltaram ao prometido. Ora um ou outro, em dias certos, iam visitar a senhora Bárbara e levavam dinheiro para custear as despesas com a criança. E uma vez, que um dêles levava uma miseravel quantia que à senhora Bárbara se afigurou avantajada para as posses daqueles pobres homens, teve esta exclamação:

— Olhe que êsse dinheiro é roubado e eu não o aceito... Com a criança não quero essas coisas... Ela há de crescer seja como fôr, mesmo assim... Não quero que deva nada a... negócios desonestos.

E um dia, com o pretexto de uma suspeita sôbre a proveniência do dinheiro oferecido por aqueles homens que andavam sempre sôbre a vigilância da polícia, a senhora Bárbara recusou o auxílio dos vagabundos, e ela, só, cuidou da criança abandonada. E era um fera, meu caro amigo, esta senhora Bárbara... Mas que tem você?... Sente-se mal?

O homem do bigode muito cuidado estava pálido, tremia.

— Que tem, meu amigo? — Insistíamos nós...

Êle, a custo, murmurou:

— Você, Teodóro... Conheceu essa criança?

Saímos quási precipitadamente, porque o nosso amigo estava mais pálido, e confiavamos que o ar o reanimasse. Na rua dividimo-nos em grupos e então, perto de Teodóro, eu preguntei-lhe:

— A história que nos contaste é verídica?

O Teodóro não respondeu à minha preguntou. Apenas lhe ouvi êste comentário:

— Fiz talvez mal em contar esta história... Ámanhã, aí às oito horas, êsse nosso amigo, que vai tão enfiado, vai-me bater à porta, para que eu diga onde está a criança que foi abandonada.

E mais baixo, o Teodóro ajuntou:

— É tal qual a cara dêle...

O Doutor Fortes contou-me, outro dia, um caso singular da sua vida. Haviamos acabado de jantar; acendemos os charutos. E, enquanto êle silenciosamente se ficou, olhando o fumo airoso do havano, eu notei uma vez mais o ar triste do seu rosto barbeado e magro, os seus cabelos brancos, cuja finura me confirmava um temperamento sensivel e delicado. A sua vida, que eu havia muito conhecia, não abrigava uma aventura amorosa, o que era estranhavel. Em tempo algum me fez qualquer dessas revelações que são naturais aos homens, sobretudo solteiros, quando semanalmente se avistam. Fora dos cuidados da sua clinica, toda consagrada aos diabeticos, passava a sua existencia entre o convivio de alguns amigos e os livros da sua biblioteca. Especializára-se nessa enfermidade, por ser bondoso e banido de ambições monetarias e honorificas, e por tal doença só carecer de inteligencia. Explicá-la pacientemente a um enfermo é realizar curas e alivios, quasi gratuitamente, pela impossivel interferencia de rendosas assistencias farmaceuticas e cirurgicas.

O doutor Fortes possuia, portanto, um amigo em cada cliente. Mas a sua reserva perante os sentimentos amativos da humanidade forçava-me, involuntariamente, a preocupar-me com o seu misterio. E, nessa noite, como eu houvesse sofrido um rude embate, por uma afeição que me torturava, e me encontrasse a sós com ele, o que não era freqüente, comecei falando-lhe do amor e do que dele pensara Platão: «O amor considerado tal como todos os dias os nossos olhos o vêem, é uma coisa que seria a mais ridícula do mundo, se não fosse a mais funesta e a mais odiosa. O amor é o impulso de todos os seres para o prazer, para a realização dessa promessa. Sendo, portanto, assim, é naturalmente ciumento, tiranico e perseguidor, porque persegue um bem de que teme furiosamente privar-se. O amante é desconfiado, irascivel, mau, e, essencialmente insaciavel. E' inimigo do genero humano. E' um triste motivo. Alem, contudo, destes defeitos fatais, o amante é

novelas para todos
edições

unesto áquela que ama. No seu intento de possuir e para assegurar essa posse, deseja poder suprir a todas as carencias da conivente. Portanto, quere que ela não sómente não veja as suas faltas, como não pressinta as suas pechas. A ignorancia, o disparate e outras imperfeições ainda, que o amante observe no ente que ama, não farão mais do que alegrá-lo, por ter encontrado nos outros essas proprias miserias. Consequentemente, o amante proibirá á pessoa amada todas as relações que possam aperfeiçoá-la. Esforçar-se-há por mantê-la na ignorancia, para que os seus olhos só possam vê-lo. Assim, os bens que colhe são feitos à custa dos seus mutuos prejuizos, porque ambos vedam o espirito a tudo que possa esclarecer as suas almas. Sobre o ponto de vista moral, não ha pior guia nem pior companheiro do que um homem amoroso. Ele verá perecerem, com prazer, os pais, os parentes e os amigos, que êle considera como censores e obstáculos à sua ventura. Além destas macabras indiferenças, sempre desconfiado, porque sempre teme, êle perseguirá a que ama numa continuidade inquisitorial, ora louvando com adulações despropositadas, ora acabrunhando com exprobações insuportaveis. O homem ou a mulher que ame, enquanto durar a sua vertigem, será um vivente tão desagradavel quanto funesto.»

E, depois desta exortação inutil, eu esperei do doutor Fortes a comunhão que se aguarda de alguém que assiste na vida aos tumultos dos nossos dias. Tanto mais que não há um homem encanecido na solidão, que não faça suas as opiniões do divino mestre de Aristoteles. O doutor Fortes não demonstrou, porém, a menor emoção. Quebrou no cinzeiro a cinza do charuto, olhou-me da mesma forma de sempre: tranqüila e inexpressiva; e, instalando bem a cabeça contra a pequena almofada da poltrona, replicou:

— O amôr de que fala Platão é horrivel, quando para nós êsse assunto enternecedor não motive os acontecimentos ternos dos trágicos gregos, a história de Heloisa e de Abelardo, «Sapho» de Daudet, «Zara», de Berton, os dramas de Bataille... Porque nós nunca podemos atentamente observar os nossos próprios sucessos ou catástrofes. E' por êsse facto que a multidão será eternamente impossibilitada de corrigir-se, ao lêr num livro ou ao vêr num teatro os seus ridículos chasqueados ou o seu futuro ameaçado.

«Os filósofos não dão receitas. Platão diz: «O amor é a maior das desditas humanas». E, contudo, êle, que fizera as delícias da minha mocidade, não me impediu que amasse um dia. Aristoteles disse: «A mulher é uma irregularidade da Natureza». E, contudo, eu busquei a mulher. E porquê? Eu que fôra propenso sempre à meditação! Eu que julgara fortalecer o meu espírito, porque Epicuro proferira: «O dever do homem consiste no bem-estar». Eu sabia que o bem-estar é possivel, quando a sabedoria nos demonstre que êste mundo seria mais benigno com menos prazeres, porque a ventura dos sentidos é fugaz e, portanto, dolorosa! A ventura só existe nos sentimentos: renunciar a todas as delícias, para sanear o corpo pela frugalidade, pela continência; e a alma, pelas doçuras da imobilidade e do desapêgo. Não é pelas teorias que os homens dirigem as suas acções. O meu mutismo é feito sómente de ponderação, ou seja: medo. Não medo instintivo, mas medo «que se recorda», a mais salutar das virtudes.

«O amor é a maior escravidão que possa agrilhoar os homens. O escravo dos tempos antigos é sempre um liberto, comparado a um amo soberbo e amoroso. São infinitas as miséria do amor. O ciume da mulher que nos ame não tem parença em suplícios, em vexames, em abdicações das nossas vontades, das nossas preferências, com a mais clássica escravidão. E' incapaz de compreender que se possa estar, por um lapso de tempo, absolutamente só. Desterra os amigos porque não compreende os convívios. Contudo, eu sentia-me completamente amado, e, portanto, menos desditoso do que os outros supunham.

O doutor Fortes quis emudecer; mas as recordações assaltaram-no; e, com um rosto que se metamorfoseara, continuou:

— A minha vida com Madalena foi continuadamente contrariada pelos seus ciumes. Calculava o tempo em que eu percorria o caminho de casa à Faculdade; e, assim que eu lá chegava, telefonava-me, para certificar-se de que me não desviara. Depois, durante o dia, comunicava repetidas vezes comigo, indiferente aos risos dos meus colegas, que ela ouvia atravez dos fios. Quando o meu serviço terminava, eu era forçado a avisá-la, para que ela pudesse, verificar o percurso do meu regresso. Se o tempo contudo era excedido por qualquer acaso de tráfico, ou porque eu com alguem houvesse conversado um instante, sabia antecipadamente que seria recebido pelas suas invectivas. Em casa, à noite, se um cansaço me tomava ou eu mostrava desejos de sair, Madalena, julgando prover a todos os meus desejos, iniciava logo uma discussão enfurecida, ciumenta de todas as razões que pudessem, afora ela, interessar-me. Enfim — acontecia o que sempre acontece, quando entre qualquer homem e qualquer mulher existe amor. Era ciumenta de qualquer pessoa ou de qualquer objecto que pudesse aparentemente interessar os meus olhos. Era ciumenta dos meus silêncios. E então eu, que fui sempre propenso a pensar, perante os infortunios: «podia ser peor», resignava-me. Mas era muito infeliz, abdicando penado dos meus intentos e da minha vontade, fatalmente, sempre comedidos. Madalena, a quem eu mentalmente dera a suave classificação de amante, ou seja «aquela que elegemos e mantemos voluntariamente pelos seus prestígios», personificava êsse ente iroso e belicoso, do qual o homem por vezes foge: a esposa monstra e bulhenta. Madalena vulgarizava-se. Mau grado, retinha-me pelos seus ciumes. Amava-me!

— Como eu sei bem!... coitado! São todas iguais, como os homens, quando amam.

Mas o doutor Fortes prosseguiu:

— Talvez se surpreenda, meu amigo, com o caso de Madalena. Madalena não era igual às outras mulheres.

Eu, todavia, certo de que Fortes falava assim por carência de prática — não era a sua vida passada e longa já, banida de aventuras?! — comentei a sua ingenuidade; quis certificá-lo:

— São todas; todas idênticas. Eu sei bem. Não me convenço que Madalena fôsse diferente. Todas nos torturam igualmente...

Mas Fortes não perdia o interesse em revelar o seu velho segrêdo. O seu rosto permanecia animado pela primeira discussão que lhe conhecia. E, interrompeu-me:

— Se bem que a minha vida com Madalena fôsse intoleravel, eu nunca pensei que a sua separação me fôsse ainda mais dolorosa. O que eu sofri! O que eu sofri!...

— Naturalmente; porque o meu amigo amava essa mulher. Compreendo perfeitamente.

— Sim, porque todos os homens amam as mulheres que dêles são ciumentas! Queixam-se como eu me queixava. Contudo, pelas observações que tenho feito desde então, sôbre todos êsses martirizados, obtive a conclusão de que é, com uma disfarçada voluptuosidade, que todos êles se lamentam, como eu me lamentava. Se bem que a percentagem de mulheres existentes na Europa, para não dizer em todo o Universo, seja muito superior aos homens, os homens são, em tolice, em puericia e em pretensão, muito superiores numèricamente. A substância de D. Juan Tenório, irresistivel e arrogante, é palpitante e permanente, para gritar aos tempos as suas façanhas, ou inventadas, porque se cuide da saude, ou realizadas, porque se tenha simplesmente tempo e sestro, o que é facilmente possivel a qualquer marujo vigoroso e sem bravata. As modernas Messalinas, as Teodoras e as Carlotas Joaquinas sufocam, no entanto, os seus prazeres faceis nos seus silêncios. Mas eu lamentava-me! Ah! Tudo é fugitivo... Da vida só se guardam os arrependimentos. Tudo passa como a água sôbre os seixos. Depois, sentimo-nos regelados, perante aquilo que outrora nos queimava...

«O meu rápido desinteresse agravou-se dia a dia, não porque me cingisse aos sistemas dos filósofos, que não governam, nem dirigem, da sombra, que é o seu elemento; mas simplesmente porque temia. O medo tolheu-me as emoções. E' pelo medo do sofrimento que

os meus doentes regularizam as suas dietas e que são a sua cura. A minha cura, não obstante, é perfeitamente futil, como futeis foram as proezas da minha vida passada. Prefiro hoje as ficções quinhentistas aos conselhos inuteis das filosofias; não porque elas chasqueiem os maridos, os amantes e os clérigos, mas porque sendo dum comentário profundo, são duma ironia serena e divertida.

E eu, querendo confortá-lo:

— Sim, meu amigo. Não procurou mais êsse jôgo, porque um exemplo lhe bastou. Pode dar-se por feliz. Se bem que, com uma mulher assim ciumenta, um homem esteja certo, ao menos, da sua fidelidade. E' a compensação!...

Então o doutor Fortes, retomou o aspecto inexpressivo. Extinguiu cuidadosamente, no cinzeiro, os restos do seu charuto; levantou-se, e disse-me, sem calôr, pondo sôbre os meus ombros as suas mãos, como é freqüente aos homens inofensivos quando vão proferir umasentença honesta:

— Madalena enganava-me, enquanto eu estava na Faculdade. Era por isso que me telefonava, para que em minha casa os seus coloquios não fôssem perturbados. Era engenhosa!...

Então, ajudei o doutor Fortes a envergar o seu sobretudo. Despedimo-nos no patamar, silenciosamente, num apêrto de mão significativo. Contudo, depois de o ver descer tranquilamente alguns degraus, lembrei-lhe:

E quem sabe se ela o amava! E êle deteve-se; olhou-me um instante e respondeu-me, serenamente surpreendido:

— Talvez! Bôa noite!!..

O RASGO DE
GONÇALO
ESTÊVÃO
por
José Agostinho

GONÇALO ESTÊVÃO, homem alto e esguio — chamavam-lhe o «Esqueleto» — ouvia o operário com um ar muito carrancudo, palitando profundamente os dentes, estorcendo os olhos esverdeados num gesto de enfado e mau humor, de tédio e altanaria.

E o Alberto ia dizendo, quási sufocado pela amargura e pela luta contra os soluços e as lágrimas, de tronco derreado, com calafrios pungentes na medula:

— O patrão acredite... o salário não chega a nada com esta carestía da vida... E ainda se o patrão pudesse pagar os serões... Sim, que eu não me importava de trabalhar até o romper do dia... Gosto do trabalho... Queria vêr os meus com pão e desafogo... Mas assim... Ora eu não vinha a mais nada... Como hei de eu viver, se o patrão me vai reduzindo ainda o salário?... O patrão veja bem. A mulher anda arrasada dos rins. Meu filho tem grande queixa do peito, precisava doutra alimentação... Vai fazer 15 anos, e parece que tem 12. A minha Laurazinha — não imagina o patrão como ela é meiga em mosa — tem 8 anos, é o encanto da casa, e nunca a vejo alegre, nunca a vejo rir. Parece já uma flôr desfolhada, coitadinha... E que vai ser agora, se o patrão baixa o salário? Devo ao padeiro... Sabe Deus o que me custa a pagar a renda da casa...

Alberto parou, abafado, cadavérico, esperando uma resposta. Estava de olhos húmidos, de lábios gretados, de fisionomia convulsa, com todo o coração num apêrto. Parecia oscilante, como árvore batida pelo vento. Tremia e gaguejava.

Mas Gonçalo Estêvão, sombrio e calado, acendera lentamente um charuto, piparotava com desdém a lapela do casaco, limpando-a do pó, fincava os dentes, na atitude de quem chupa e medita, e nada volvera. O seu olhar, verde e oblíquo, traduzia dureza e egoismo. O seu rosto, opado, verdenegro, imovel, dava lembranças duma máscara da côr do azebre, posta ao alto duma estaca.

E então o operário, num esforço ainda de humildade e sinceridade, continuou, a meia voz, sempre persuasivo:

— O patrão bem o sabe, porque até o tem dito... Não tem razão de queixa... E' de mim que confia os trabalhos mais difíceis. A toda a gente elogia a minha habilidade e a

novela para todos
edições C.P.T.P.

minha honradez. São favores, bem sei, mas a consciência não me acusa. Sem mais salário do que os companheiros, dirijo, como o patrão ordenou, os trabalhos... Sim, grande responsabilidade... Para mim, não há as 8 horas... Não olho ao tempo... E sabe Deus a minha saúde... sabe Deus!

Mas Alberto não pôde continuar. As palavras eram cada vez mais mutiladas e desconexas, mais impulsivas. Na alma do operário havia convulsões de uma revolta que lhe ía toldando o cérebro e aritmando o coração. Subjugava a custo dois impulsos, dois sentimentos, duas crueZas: a voz da consciência a gritar-lhe a injustiça e o horror de tamanho martírio e o clamor longínquo, mas persistente, da pobre mulher, sempre ansiada, lívida, desconsolada, a murmurar com acerbitude e espanto, de olhos envidraçados pela dôr:

— Tanto que trabalhas, Alberto, e afinal ganhas menos do que muitos mandriões!

As lágrimas embrotaram enfim dos olhos do operário que, diante da mudez quási rancorosa do patrão, teve intenso mêdo de si mesmo, sentiu perdido o domínio dos nervos, e invencível a febre que o corroia e pustulava. Mas, magnânimo, de índole abnegada e sensitiva, conteve-se, logo, ao desabafar em lágrimas. E, entre lágrimas, de cabeça baixa, como se criminoso fôsse, continuou a esperar uma palavra de Gonçalo Estêvão. E houve um silencio terrível, asfixiante, enorme. A alma de Alberto estertorava, sofria desvarios. No animo do patrão corria uma onda de atrocidade e pertinácia. Os olhos verdes de Gonçalo chispavam de soberba e desdêm. Lançara fora a ponta do charuto e altiara de golpe a cabeça, a fronte angulosa, o busto disforme, cheio de ossos agudos e mal articulados.

E a sua voz sêca, rápida, voluntàriamente agressiva, detonou enfim. O altivo industrial estivera engendrando e coordenando uma explicação solene, extensa e decisiva. Alberto compreendeu que ía ouvir uma espécie de sentença, qualquer coisa da precipitação brusca do destino, e quedou-se, muito pálido, de olhos fixos na parede do escritório, mordendo muito o bigode, mas já com os olhos completamente enxutos e parados, já com a nevrose num colapso de grande torpor.

I

— A crise industrial é grande — disse Gonçalo com a sua voz de quarentão experiente, espaçando as palavras, ostentando lógica, análise fria, saber, penetração.—E a crise comercial não é menor. Tu sabes, Alberto, que todos hoje reduzem as suas despesas. E' uma necessidade cruel? Decerto, mas irremediável. Tu trabalhas muito, e até demais, confesso. Tens habilidade. Ninguem ta pode negar. Tens uma actividade rara, é certo. E és leal e cordato. E's tão honrado como inteligente. Mas eu não trabalho menos. Tenho enterrado na fábrica quási todo o meu capital. Tenho três filhos. Que gozo eu? Umas viagens ao estrangeiro, um mês no campo ou à beira-mar, o teatro e o cinema, onde mais durmo do que gozo, uma escapulidela até a um restaurante, a vêr se abro o apetite que, aos 40 anos, parece embrotado como o dum velho?... Sim, dize lá, que gozo eu? Se passeio, penso em negócios. Se adormeço, ou se acordo, é a pensar em negócios. Insonias, sobressaltos, uma faina que esgota.

«Bem sei que o pão dos meus está assegurado, graças a Deus. Mas seria justo que não o estivesse, se os hábitos dos meus foram sempre de regular abastança? E que queres tu? Hei de deixar os meus sem o futuro garantido para ouvir sentimentalismos? Achas justo que eu, habituado a confortos, me prive dêles para dar aos meus inferiores? Se tiveres um cão e te entrar a penúria em casa, vais reduzir a tua côdea para o animal não ter fome? Vais-lhe dar a única tijela de caldo para êle não ganir de fraqueza?

Gonçalo Estêvão parou, esperando uma réplica submissa de vencido, mas Alberto, de olhar fixo e dolorosamente irónico, nada respondeu. Parecia ouvir-se mais a si próprio do que a seu amo, capcioso e curto de visão.

E o industrial prosseguiu em tom

catedrático, impondo a sua grandeza e justiça julgando esmagar o adversário:

— Não tem remédio o que é irremediável. O meu dever é cortar em despesas. Tens dois filhos? O de 15 anos pode já ganhar pão. A pequenita pode fazer recados. Tua mulher pode esfregar salas. Que demónio! Quem precisa, sujeita-se. E nada de desalentos. Isto ha de melhorar. E então, terás bons interêsses na fábrica, como há muito te prometo. Olha lá: quem mais pode desejar do que eu que tu vivas feliz e contente? Seria sinal de que o meu dinheiro rendia bons juros. Vocês falam, falam dos patrões. Mas que culpas têm êles nas crises económicas, nas guerras e nas doenças? . . . Alberto, deixemo-nos de idealismos.

«A vida está como está e eu preciso de fazer muitas obras na minha vivenda e de comprar varias coisas indispensáveis. Imagina tu que a sala de visitas é acanhada. Enche-se com qualquer bailarico. Minha filha Maria, coitada! pede ha muito um piano de concerto. Meu filho Rodrigo precisa de espairecer. Tenciono mandá-lo até Paris e Londres para se fazer homem. A vida é isto. Temos de nos limitar ao que possuimos. Aonde hei de eu ir buscar numerário para tantas despesas inevitáveis? . . . Já vês: a minha vida não é de rosas. Ora, se eu tenho tantos espinhos, como é que tu os não has de ter? . . . Que, se pensares bem, és muito mais feliz do que eu. A tua casa é modesta, mas todos a acham limpa e confortavel. Não aturas criados. Não tens de dar bailes e jantares. Ninguem repara se sais de fato novo ou usado. Vives á vontade. Quanto dinheiro não vale essa ventura? Reflete bem. Quanto não vale isso?

Gonçalo Estêvão tornou a parar, contando com a adesão do contendor, mas Alberto, quási hirto, duvidoso entre a cólera e a resignação, nada replicou. Esperava ainda, ou um impulso decidido ou o milagre duma reconsideração humanitaria do industrial, dum remorso justiçador e oportuno.

III

E Gonçalo imobilizou-se então a reflétir. Que significaria o silêncio rígido e obstinado do operário? Recaldearia êle o rancor e estaria iminente uma explosão audaz? Estaria Alberto aturdido e sucumbido?

E, nisto, com rapidez e dureza inexorável, empolgou secretamente a consciencia, a desalgemar-se dos sofismas com que êle a subjugava e tentava iludir, pretendendo bani-la e exterminá-la.

— Refinado impostor — dizia ela, com nitidez perfeita, sem subterfugios, sem convenções, sem hipocrisias. Tu pensas só em ti. Para ti só tu existes. Não ha para ti maior dôr no mundo do que a de qualquer enxaqueca ou de qualquer dôr de dentes, que ás vezes te apoquentam. O trabalho de duas horas grava-te o labor exaustivo de dois anos. Qualquer esmola mesquinha, que fazes, te parece um espantoso esbanjamento, apenas util por te dar fama de bom e de comovido, de poderoso benfeitor. Para que estoiras tu tanto o raciocínio se, afinal, o que tu tens dentro de ti é uma miserável dureza do coração? Para que afectas tu tanta estima e entusiasmo pela honradez dedicada, se tu vives, enredando a vida em imposturas, em comédias, em ficções impenitentes? Dá o balanço ao teu trabalho. Que valor tem êle? O de mandar trabalhar os outros, pagando-lhes o menos possivel, sacrificando-os sem compaixão e sem justiça, numa indiferença estupenda pelas suas enfermidades e agonias, pelos seus infortúnios. Mas, por iludires o mundo, julgas tu que iludes Deus? E, se o não iludes, julgas tu que a justiça divina, por se ter demorado tanto, é venal e iniqua como a justiça humana? Enfim, se a tua soberba te faz envergonhar de ser bom, pensas tu que não deves ter, ao menos, temor de Deus? Pobre Gonçalo Estevão! Que pigmeu tu és, nessas basofias de gigante!

O industrial ouviu, pela primeira vez, isto dentro de si. Quem ousava dizê-lo? Transmissão mental do pobre Alberto, que continuava silencioso e lívido? Voz infernal a chibatar-lhe a vaidade, a duplicidade, a avareza, o egoismo? Não o sabia, mas, quási de repente, um desespêro alucinado o sacudiu, enfureceu e sa-

tanizou. Aquela voz deprimia-o, aviltava-o, como que o aconselhava, e êle julgava-se grande, invencível, super-homem sem par. Era demais!

— Que é isto? rugiu então num rude desequilibrio, de punhos cerrados, avançando para o operário, como se Alberto o tivesse insultado e ferido, espumando como se um mal muito ruim o empolgasse.

E, num desvairo, desencadeou, ás golfadas, encarniçado, entumecido de veias, perdido:

— Sabes, ingrato? Sabes, malandro? Eu não tenho medo das vozes do mundo. Que me afrontem! Que me ataquem! Eu rio-me de quem me chama impostor, egoista e duro! A minha consciência está limpa e serena. Ouviste?

Mas deteve-o espantosamente uma convulsão nervosa e indomavel. A voz cortou-se-lhe num espasmo, entre ânsias horriveis. Uma estranha vontade de rir lhe convulsionou a gorja e logo desfechou em muitas casquinadas sem tino. Gonçalo Estêvão ria, ria, ria, com tanto estridor e incontinência, que o Alberto, apiedado, abeirou-se dêle, atraíu-o a si, e disse-lhe com doçura e pausa, com remorso de o ter mortificado, com muita pena de o não poder salvar da demência e da angustia:

— Mas que é isso, patrão?... Tem mulher, tem filhos... Faz falta... Caia em si. Para que se ha de afligir?... Está bem... Não ha outro remedio, senão cortar as despesas. Não falemos mais nisso. A crise é grande... Olhe, Deus não desampara ninguem... O meu salário é-lhe pesado, mesmo que o reduza? Concordo. Patrão, eu procurarei trabalho noutra parte... Os operários que ficam estão bem instruidos... Não faço falta... Animo!... Não, não sou ingrato... Deu-me o pão...

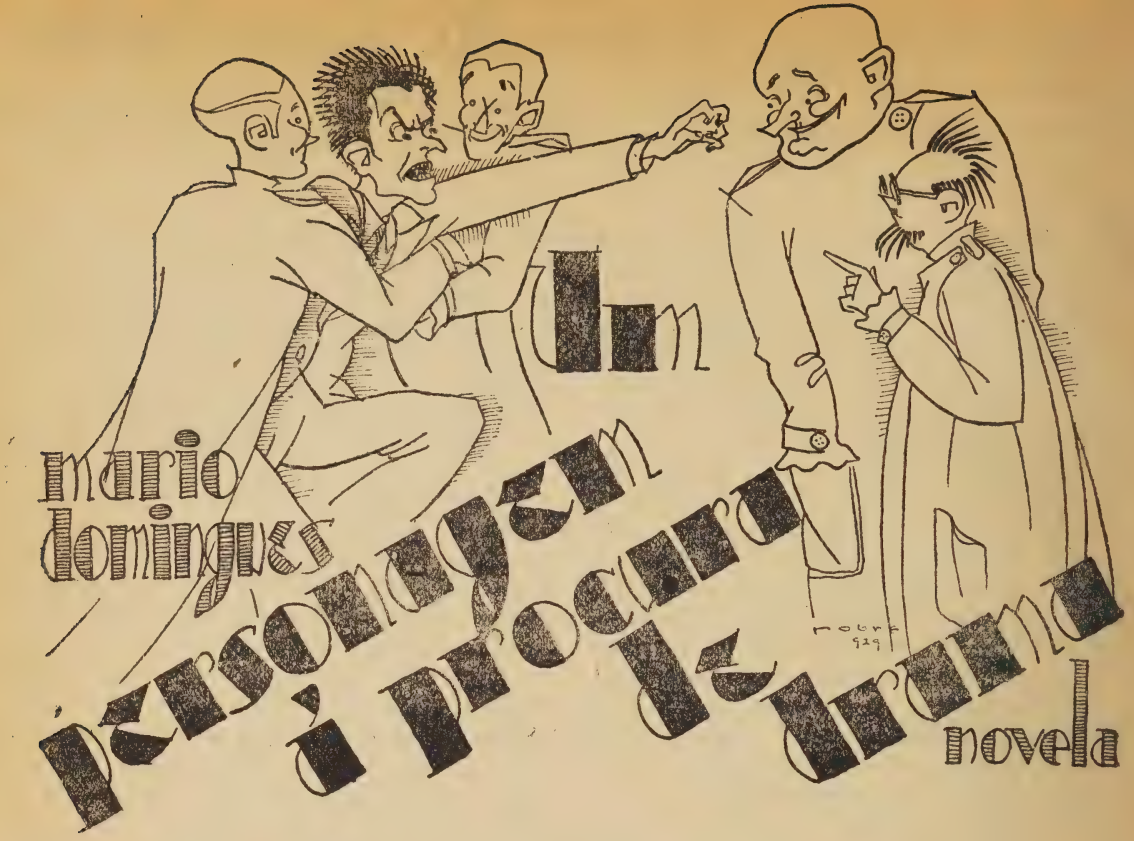
E Gonçalo Estêvão deixou logo de rir. Contemplou penetrantemente o Alberto e volveu-lhe com ar satisfeito e aliviado, em voz amorável, como se tivesse desempenhado um papel trágico, sem comoção interior, muito á sobreposse:

— Sempre me pareceu que havias de entender-me... Vai, rapaz, procura vida... vai... Ninguem mais do que eu deseja que tenhas muita felicidade e muito dinheiro... E deixa lá dizer que ha falta de trabalho. Um homem como tu tem sempre a fortuna na mão... Impõe-te... Tem cautela com os exploradores... Olha que o mundo é dos patifes... E's muito ingenuo... Cautela...

E, metendo a mão ao bolso falso, tirou a carteira, abriu-a e colheu uma nota de 5 escudos, alçando a fronte, dando á voz uma sonoridade majestosa e magnánima:

— Aí vão para fazerem uma festa em casa! Um dia não é dia... Pelo bem dou o sangue dos braços! Vai, rapaz, sê feliz! Bem o mereces.

E acendeu mais um charuto com quietação, ironia e grande vontade de rir.



I

Em seu leito de mogno, imerso na penumbra morna da alcova, António Antunes amadorrava. Era de invernia desaustinada aquela manhã de Janeiro. O vento entoava uma cantilena tristonha e a chuva murmurava nas vidraças segredos terriveis. Enovelado nas roupas, Antunes encerrava-se dentro de si mesmo, e os pensamentos lugubres em seu cérebro e a sufocante angustia em seu coração faziam dêle um pobre farrapo humano.

Nem um criminoso que expiasse seu remorso, nem um apaixonado infeliz, nem um estremoso chefe de familia em luta com a última miséria, nem um condenado em vesperas de execução, sofreriam tanto como aquele jóvem de vinte e cinco anos, solteiro, rico e sem enfermidades. Era uma grande angústia moral que o obrigava a tapar a cabeça com as mantas e a cerrar os olhos com fôrça para não ver a claridade débil daquele dia de inverno; era um aborrecimento, um invencível tédio pela vida que o amarrava ao leito, todo encolhido e imóvel como um morto; era um desejo imoderado de penetrar num mundo desconhecido que deveria existir para além da morte, onde os sentidos todos inertes o fariam conhecer o gôzo supremo do não ser.

Odiava a vida. O simples dispêndio de energia para se deixar viver docemente, entre trezentos contos de renda, a adulação dos literatos que simulavam uma grande admiração pelo seu talento de principiante e a «coquetterie» das mulheres que lhe ambicionavam a fortuna, o faziam desanimar. Faltava-lhe a coragem para enfrentar as maçadas do convívio social. Erguer-se todos os dias do leito para comunicar com o mundo fatigava-o mais do que a Jesus o caminho áspero do calvário.

Estimaria que todos o esquecessem ali, naquele leito fôfo e morno e, embalado pelo vento gemebundo, como as lamentações de sua alma, e pela chuva taciturna e sombria, como os seus pensamentos, ir perdendo, pouco a pouco, a noção da vida, através de sonhos

novela para todos
edições CPP

cada vez mais brandos, mais efémeros, mais ténues, até alcançar a insensibilidade absoluta.

Foi então que o seu espirito sorriu pela primeira vez à idea que fulgurou entre melanco ias amargas, como um raio de sol entre nuvens tenebrosas: o suicídio. Sim, o suicídio seria a suprema libertação. Cortar num momento o fio da existência como quem corta com um machado as amarras de um navio que vai perder-se no desconhecido, seria o ideal. Sim, o suicídio era um belo gesto que o arrancaria de sùbito das sombras da mediocridade para elevá-lo aos píncaros da fama. O grande público, os seus amigos, os seus colegas mais velhos que lhe chamavam prometedora esperança, depois de morto, aclamá-lo-iam assombroso talento, génio taciturno que labirínticas locubrações filosóficas levaram a pôr termo à vida por suas próprias mãos. Para rodear de maior mistério o seu desaparecimento, deixaria escrita e amarrotada sôbre a secretária uma carta impecavel de estilo, profunda de amargos conceitos em que, troçando da existencia banal e reles do nosso século, êle, António Antunes, êle, filósofo de superior mentalidade arremessava fora o ultimo sôpro vital com o gesto negligente de pessoa de apurado gôsto que deixa tombar dos dedos um cigarro execravel.

Punha-se a pensar nos termos, nas frases, nas imágens luminosas com que traçaria essa missiva de penumbra e de mistério. E acudiam-lhe à memória os pensamentos em tão grande tumulto e abundância que lhe parecia melhor, em vez de uma simples carta, deixar ao mundo um testamento literário, uma peça lapidar, imorredora, que lida, pelos mais sábios e competentes, os fizesse exclamar:

— Que pena êste belo talento ter morrido aos vinte e cinco anos!

Estava decidido, suicidar-se-ia. Seu pensamento pretendia enveredar agora pelo caminho das coisas práticas: suicidar-se-ia, quando e como? Os problemas do *modus faciendi* surpreenderam António Antunes. Ele nunca fôra um homem de acção. A sua grande fortuna, as enormes facilidades de existência que ela lhe grangeava, o seu temperamento sombrio, comovido e reservado, haviam feito dêle um meditativo. A morte de seu tio, ocorrida há dois anos, atirara-o para uma solidão tranqüíla, que o isolava no grande casarão deserto onde vivia longe do contacto do mundo. Não convivia — não lutava. Trabalhava lentamente na sua obra literária, da qual respigava, de espaço a espaço, em jornais insignificantes ou em revistas caras de pouca duração, uns pequenos excerptos, que o elevaram á categoria mental de «prometedora esperança». O amor parecia-lhe uma comédia indigna de ser representada por um homem que alimentava o seu espirito com doutas filosofias e bons manjares intelectuais. Tudo concorria para o inferiorizar como homem de acção.

Como e quando suicidar-se? Esta interrogação desorientou-o, por momentos, — e a desorientação aumentou-lhe as íntimas torturas. Sentiu-se mais desgraçado, mais sacrificado por uma existência agreste que êle não solicitara de seus pais — seus pais falecidos havia muito tempo.

E António Antunes que, servido por temperamento mais alegre, poderia considerar-se venturoso por ter tido um tio rico que o fizera herdeiro de sua imensa fortuna, e por não ter pensão de família, nem vício absorvente, nem paixão desvastadora, achava-se o mais desventurado dos mortais e, naquela manhã melancólica e chuvosa, mais se torturava por não encontrar de pronto maneira de deixar a vida do que por lhe custar viver.

Um grande relógio antigo, lá fora no salão, depois de gorgear um minuete alambicado, bateu lentas e pesadas as onze da manhã. Antunes contou-as uma por uma. Considerou que já não era cedo, mas como a quietude lhe agradasse e o seu grave problema íntimo ainda não estivesse resolvido, quedou sem mudar de posição.

Voltou a concentrar-se no plano do suicídio. Para lhe dar maior retumbância pública—nunca o preocupara tanto a opinião alheia — julgou conveniente ir preparando am-

biência propícia, carregando mais, junto dos amigos, as tintas do seu pessimismo. Mostrar-se-ia desiludido da vida, insinuando que sua mentalidade era tão alta e pura que o contacto das coisas terrenas se lhe tornava odioso. Faria discretamente o elogio do suicídio, qualificando de herois os que voluntàriamente procuravam na morte a tranqüilidade absoluta, a ventura suprema. Afectaria guardar o segrêdo de um desgôsto enorme, profundo como um abismo. Depois arremessar-se-ia heròicamente para a morte.

Estes pensamentos dolorosos devam a Antunes um voluptuoso e amargo prazer. E embora não houvesse, na realidade, motivo para sentir um grande desgôsto, a-pesar-de os seus sofrimentos não sairem dos domínios da imaginação, o certo é que êle começou a sofrer horrivelmente; mais: a aperceber-se de que todo o dominava um maior desejo de mergulhar num drama esmagador.

Urgia procurar um drama. Era necessário que na sua existência, até ali tão calma, tão monotona, se produzisse algo de extraordinário, de estupendamente dramático. Este desejo foi tão intenso, que, num gesto brusco, arremessou as roupas para o lado e postou-se perante o espelho, em «pijama» listrado de azul.

Espreitou a sua imágem. Os olhos escuros e grandes estavam febris e orlados de grandes olheiras roxas; os labios breves, descorados; o cabelo castanho, em desalinho; e as espessas sobrancelhas pretas, que se juntavam sôbre o naríz sem interrupção, pareciam mais encrespadas e negras na tês pálida. Seu vulto magro e esguio evocava o espectro de um António Antunes que já houvesse procurado há muito entrar na imortalidade pela porta do suicídio.

O aspecto trágico trouxe um sorriso quasi venturoso à boca exangue do jóvem. Mas urgia procurar o drama. Apossou-se dêle uma pressa febril, um estranho frenesi. Urgia procurar o drama. Vestiu-se num momento, almoçou num ápice e saiu do seu palacete da Graça, a passo rápido, quasi gimnástico até a Baixa. E, ao entrar no Martinho, onde queria fazer o primeiro palco para representação da sua tragédia, apercebeu-se de que, ao contrário dos seus desejos, um bom sorriso de ventura lhe bailava norosto. E entristeceu subitamente, por milagre de vontade.

Percorreu o café com o olhar. Lá ao fundo estava o Andrade; escolheu-o para primeiro espectador. Aproximou-se da sua mesa, a passo lento, carregou o sobrôlho espesso, cumprimentou-o em silêncio e sentou-se.

— Vens sombrio — disse-lhe o Andrade. — Será do dia? A manhã esteve horrivel — mas agora faz sol — e o sol é a alegria, homem!

António Antunes desenhou no ar, com a mão nervosa e trémula, um gesto vago, misterioso — um gesto que significava um grande desalento de alma. Soltou um suspiro, meditou uma frase funérea e quando ia para proferi-la, o outro, que parecia não ligar grande importância áquelas atitudes, antecipou-se-lhe:

— Antunes, tristezas não pagam dívidas. A melancolia é doce quando um homem se sente enamorado. Tu não o estás, pois não?

António Antunes ia para dizer que não, que não estava enamorado, mas que um grande drama íntimo o fizera descrer da vida; ia mesmo iniciar o seu amargo elogio ao reino das trevas, onde a paz envolvia as almas docemente — mas Andrade não fez caso dos preparativos do seu amigo para o discurso, lançou-se em considerações sôbre o que vai por êsse mundo.

— Nada mais divertido — disse — do que o espectáculo da vida. Observando-o, esquecemo-nos de nós próprios. Tu já reparaste na decadência do Império Britânico? E' flagrante. Olha para a India. Meu caro Antunes, atenta bem na India. E' um vulcão revolucionário. O pacifismo de Tagore falhou. Os indianos começam a convencer-se de que os opressores não se combatem com beijos, mas com balas. Não tenhas a menor dúvida, a India está sôbre um vulcão; mais dia, menos dia... Que tomas? Café? O café excita, enerva e torna-nos mais clarividentes... Adoro o café. Que me dizes aos chineses, hein? Tremenda revolução! Mais um revés dos nossos fieis aliados! Já não chegam à China com uma malga de arroz na si-

nistra e um chicote na dextra, para de lá trazerem mil e uma riquezas orientais. O caso mudou de figura. Os chineses elaboram e meditam tratados de comércio, batem o pé, e já não querem fumar o ópio que adormece as energias. A Inglaterra deixou de ser a senhora do mundo. A libra vai abrir falência. A Russia brinca com os diplomatas britânicos e despreza a rainha dos mares; invade-lhe os dominios com prospectos subversivos. Adeus, velha Albion! Já lá vai o tempo em que uma peça de mau riscado de Manchester valia uma barra de ouro ou um punhado de pérolas. Que tens tu, Antunes, estás triste? Não penses nisso, rapaz. Mergulha na vida e goza-a. Espectáculo único, o do nosso século! Vai-se à América de Zeppelin, com tanta comodidade como num transatlântico. Agora por América. Há de ser ela quem dará o golpe final na Grã-Bretanha. Mas já se vislumbra no horizonte o poderoso inimigo da América. O Japão matará os Estados Unidos, como estes a Inglaterra. Na sucessão dos tempos a velha China virá a esmagar o Japão. A invasão amarela não é um mito, é uma ameaça próxima. Um século, dois seculos — e seremos todos lacaios do Oriente. Vais-te embora? Estás indisposto?...

Efectivamente, Antunes erguia-se com o mesmo ar fúnebre com que entrara e, na impossibilidade de romper a barreira impenetravel da dialética tumultuosa do amigo, estendia-lhe dois dedos ossudos e retirava-se.

Quando vinha já a meio do estabelecimento, Andrade chamou-o:

— O' Antunes! Antunes!

Voltou-se. O outro acenou-lhe de lá com a mão enluvada para que se aproximasse. Contrariado, tornou atrás. Quando o teve bem ao alcance de voz, Andrade preguntou-lhe baixinho, muito interessado:

— Que me dizes às comunicações inter-planetárias? Acha-las viaveis?

Um rubor de indignação subiu ao rosto de Antunes. Entre dentes, começando por uma praga, rosnou:

— E's uma carraça!

— Ofendes-me!

— Ofendo-te, sim. E's um animal! Não tens espirito, não tens alma, não tens nada! Bruto!

O Andrade ergueu-se, lívido. Das outras mêsas, balouçando apressadamente as largas calças da moda, acorreram alguns conhecidos, que, temendo uma scena de pugilato, pretendiam evitá-la. Mas chegaram tarde. Uma chávena de café arremessada pelo Antunes foi estilhaçar-se contra uma coluna. Grande reboliço de cadeiras, gritos do Andrade. E o Antunes agitava os braços no ar, clamando:

— Bruto! Bruto! Bruto!

Alguns amigos arrastaram-no para a porta, dando-lhe conselhos, tentando acalmá-lo. Ele, então, sentindo-se acarinhado, foi desabafando para os espectadores:

— Vem uma pessoa torturada de casa, por problemas íntimos, problemas de vida ou de morte, e aparece-lhe pela frente um cavalheiro a querer interessá-la nas comunicações interplanetárias. E' um bruto! E' incapaz de me compreender.

E erguendo a mão em gesto misterioso, repetiu:

— E' um bruto incapaz de me compreender.

Olharam para êle assombrados. Antunes, animado pela admiração dos outros e pelo seu nervosismo interior, soltou uma grande gargalhada, farfalhante, interminavel e, rompendo o cêrco dos amigos, num movimento brusco correu para o meio do café, onde estacou. Levantando o braço para o canto de Andrade e em voz declamatória, gritou:

— O' bruto, tu és incapaz de me compreender! Ouviste?!

E arrancando o peitilho da camisa, com forte empuxão:

— Não podes supor, sequer, o que está aqui dentro!

Batia tão fortes punhadas no peito que produziam éco na sala silenciosa e estarrecida. Percebeu então, através daquele silêncio, que o olhavam com assombro, que talvez o tomassem por doido—e apoderou-se dêle uma vontade irresistivel de convencer os circunstantes de que se encontrava realmente louco.

— Tenho pelo mundo o máximo desprezo!

Riu novamente com fortes gargalhadas, em meio do estabelecimento, gesticulando como um palhaço em pleno circo:

— Sou capaz de dançar um «charleston» sôbre as mais sábias leis humanas.

E dançou. Dançou um «charleston» frenético, desengonçado, como um artista que quisesse arrancar ao público delirantes aplausos. Mas apenas suscitava desconfianças. Murmurava-se em torno:

— Está doido...

— E' melhor segurá-lo...

—Levem-no para o hospital!—gritou uma voz.

Antunes interrompera o bailado para voltar a discursar:

— Tenho o maior desprezo por todas as filosofias! Em breve ouvirão falar do António Antunes; vou dar que falar. Vou dar brado!

De súbito, três matulões caíram sôbre êle — e levaram-no para um automovel. Ao lado do «chauffeur» sentou-se um polícia. E o carro desapareceu no bulício da cidade.

I I

A permanência no Manicómio apurara-lhe a sensibilidade mórbida. Durante os primeiros dias aquela vida de louco, fazendo-o sofrer, divertia-o. O hospital de loucos, a própria loucura atraíam-no como um abismo.

Quis desempenhar ao vivo o papel que lhe haviam distribuído. Afectava fúrias epiléticas com tão grande convicção que acabava por se enfurecer de facto, lutando valorosamente com os enfermeiros que a custo o dominavam. Depois vinham as longas horas de isolamento em celas impenetraveis, vigiado por um postigo e recebendo os alimentos por uma pequena abertura da porta. Tinha de comer com as mãos, porque não lhe davam garfos, nem facas, nem colheres, com receio de que se ferisse mortalmente. E, como vinham as comidas saturadas de brometos, dormia horas interminaveis numa enxêrga reles, onde sonhava mais belos sonhos, mais luminosos e ridentes do que na fofa cama do palacete da Graça. Sentiu as torturas da sêde, e os brometos, eliminando-se pela epiderme, irritavam-na, obrigando-o a coçar-se constantemente e com tal violência que breve o corpo se lhe cobriu de pequenas feridas purulentas semelhantes às da sarna.

Durante a noite, cercado de treva densa, chegavam à sua cela os gritos horripilantes dos doidos — aqueles sinistros gritos de alma que só êles sabem soltar — e os gemidos tétricos do vento, que dir-se-iam a voz da própria fatalidade. Se não fossem os medicamentos ingeridos que o obrigavam a dormir muito, Antunes durante essas longas noites de inverno sufocaria de terror. Ao cabo de alguns dias de absoluto isolamento, Antunes, vencido, estenuado, desejou a liberdade como um pobre enamorado pode desejar uma mulher linda e inacessivel. Chamou a si todas as energias para convir um plano de libertação. Esperou uma manhã que lhe levassem a comida para falar ao coração do servente.

— Cavalheiro — disse-lhe com a mais comovente entonação — faça-me a fineza de dizer ao enfermeiro que necessito consultar o médico. Sinto-me muito doente do coração. Sou um cardiaco.

Antunes viu através da grade do postigo um olho desconfiado que o fitava; depois uma voz, que lhe pareceu de troça, prometeu-lhe:

— Fique descansado. Lá direi tudo isso.

As horas decorreram muito lentas. Antunes não despregava os olhos da porta na esperança de vê-la abrir-se. Foi vã a esperança até o momento do jantar.

Quando, ao postigo, o mesmo olho desconfiado voltou a assomar, chamando a si toda a calma, Antunes perguntou, humilde:

— Então, disse alguma coisa ao enfermeiro? Avise-o, não se esqueça. Gratificá-lo-hei como merece.

—Fique descansado—repetiu-lhe a mesma voz.

Fechou-se o postigo. Passou-se o resto do dia, toda a noite. A impaciência de Antunes aumentava e o seu isolamento parecia-lhe mais atroz.

Raiou a manhã sem que pudesse pregar olho. Á hora do almoço, repetiu suas lamentações.

— Que diabo — disse êle, tentando dar ás

palavras uma lúcida e calma inflexão — você afinal esqueceu-se do meu pedido. Veja se hoje se embra de mim. Se estivesse na minha situação... O empregado prometeu que daquela vez não se esqueceria. Antunes deixou-se vencer pelo sono. Acordou noite fechada, aterrorizado. O outro doido clamava:

— Canalhas! Biltres! Bateram-me!

E aquela voz repercutia-se de éco em éco, pela noite sem fim.

Tateando na obscuridade, descobriu a comida que devorou às mãos cheias, como um selvágem esfaimado.

No dia seguinte, à tarde, surpreendeu um diálogo junto da porta. Dizia uma voz:

— E êste aqui, quem é?

— E' o cento e treze — respondia uma outra voz. — Ainda não foi examinado por Vossa Excelencia, senhor doutor.

— Que sintomas apresenta êle?

— Epilepsia... — a voz baixou um pouco e Antunes não pôde compreender o final da frase.

A chave entrou na fechadura e aporta abriu-se.

Ao limiar assomaram dois homens. Um velhote, de óculos pretos, mirrado e trôpego, outro, quarentão, nutrido e sanguíneo.

—Então — perguntou o velhote, dirigindo-se a Antunes, que se erguera polidamente da enxerga — como se sente você?

E sem lhe dar tempo a que respondesse:

— Um pouco só, isolado, não é verdade? Tenha paciência, a culpa não é nossa, é da falta de alojamentos. Mas logo que haja vaga da enfermaria você passa para lá.

Pegou-lhe no pulso e concentrou-se num silêncio meditativo.

— Fraco, você está fraco — disse. — Não tem tomado os ovos?

— Não, senhor doutor — respondeu Antunes.

— Ora essa? Então que lhes tem feito? Mandei-lhe dar três ovos por dia. Onde os meteu?

— Nunca me deram ovos, senhor doutor — arriscou timidamente o rapaz.

O médico dirigiu um olhar inquiridor ao enfermeiro. Este teve, como única resposta, um sorriso cheio de comiseração pelo doente e um encolher de ombros que significava:

— Coitado, come os ovos e não se lembra de que os comeu. Pobre louco!...

Antunes, num relance, compreendeu tudo. O médico receitava-lhe os ovos e o enfermeiro não lhos dava. A cólera turvou-lhe a razão.

— Senhor doutor, êsse homem, com um simples gesto, acaba de mentir infamemente. Ele nunca me deu ovos. Juro-lho!

O enfermeiro não se alterou, repetiu o sorriso e o encolher de ombros. O médico teve um gesto rápido para cortar a discussão.

— Está bem — disse. — Não discutamos.

— Perdão, senhor doutor. Eu não sou doido varrido a quem se engane com facilidade. Tenho conservado a minha lucidez e sei bem o que me dão para comer. Nunca vi ovos dentro desta cela.

O médico, por querer fingir de que se convencia das razões do doente, mais traía a sua incredulidade. E a indignação de Antunes trepou ao auge.

— O senhor doutor está-me tomando por louco. Não sou doido nem mentiroso. Êsse senhor é que pode ser uma coisa ou outra. Mas convenço-me mais de que seja um ladrão.

O enfermeiro empalideceu, mordeu os lábios e murmurou contrito:

— E' necessário ser-se santo para se servir numa casa destas, senhor doutor. Coitado, a gente compreende que não é êle que fala...

O médico teve um sorriso de aprovação e Antunes, um clamôr de raiva.

— Canalha! Canalha! — gritou.

Mas logo entraram dois serventes que, dominando-o, lhe vestiram um colete de forças. Sairam depois os quatro tranquilamente, enquanto lá dentro, espumando de impotente raiva, António Antunes, rugia:

— Que drama, que espantoso drama, o da minha vida...

E há dois anos que aquele drama dura sem que o seu protagonista, cada vez mais agarrado à vida, tivesse tido coragem de se suicidar.

Continuação do numero anterior

Um deles, autor dos crimes pictoricos da taberna, foi o mais intimo amigo do malogrado filho, e desde o começo daquela estreita amizade, não só lhe enchiam a barriga, como tambêm tinha cama fofa e branda na estalagem. O filho, ao morrer, não deixou mais do que alguns desenhos, que o senhor Licinio guarda como ouro em pó, e as páginas dêsse album, onde ontem você assinou e onde o pai quere que assinem todos os artistas que passem por aquela salinha, são uma oferta da sua saudade, pois assim, diz êle, o filho estará contente na outra vida e do céu abençoará o seu progenitor. E todos os sábados, como oferta ao ausente, oculto no mistério do Alêm, convida êsses artistas que lhe apresentei e continúa dando comida e cama ao pintor de Linares. Abelardo Arias, para corresponder de algum modo à liberalidade do «Manchego», quando está bem disposto e a bebedeira o não vence, borra-lhe as paredes da taberna e da estalagem e assegura-lhe, muito convencido, que no decorrer dos anos as suas pinturas geniais valerão milhões, e que os compartimentos onde traça lampejos da sua vocação, com o tempo, que tudo averigua, figurarão como monumentos nacionais.

—E a mulher, ¿percebe alguma cousa de arte?

—¡Nada, nada! É uma pobre rústica,

—¿E a filha?

—A filha, como você observou, é inteligente e prefere servir os artistas à gente baixa do bairro. Criptana faria um homem feliz; é pena que o fanfarrão do Haro a traga debaixo de vista. Não se conforma só com lá comer quási todos os dias. Quere fazer partida a essa familia que não cometeu outro pecado senão o de favorecê-lo.

—Mas ¿sabe você com certeza que êle persegue a rapariga?

—Estou certo disso. Aliás, como é muito vaidoso, não o oculta.

Tenho pena, porque a rapariga é muito boa.

—Temos que nos opôr a essa traição—disse, energico, Rodolfo Liñan.

—¿E como? Sabe você: ali aqueles rapazes estão dominados por êle; alguns até lhe chamam mestre. Unicamente eu, que não consinto chefes, poderia impedir que as cousas caminhassem, mas atraíndo o ódio do Haro e dos outros.

novelas para todos
edições

—Deixe para mim êsse cão, que eu lhe arrancarei os dentes, amigo Solari. O que Agustin Haro intenta, segundo você diz, é indigno. Não tem consciência, nem nunca a teve. Mas eu me ocuparei de o desmascarar. Tudo menos que troce dessa pobre e honrada rapariga.

— Pois desde êste momento—conte comigo. Talvez precise de ajuda.

Não se vence muito fàcilmente um homem tão ladino e com tão más intenções. Além disso, aprecio o senhor Licinio e a sua santa mulher, a senhora Remigia, e a sua filha Criptana, a palida e linda donzela, que reflete nos seus olhos serenos o ceu de Castela-a-Nova.

—Então, mãos, à obra. Vigiemos o «dogue» e inteiremo-nos se os seus amores estão muito adiantados.

— Não o creio. Parece-me que há poucas semanas que se entendem.

— Pois o meu plano por agora é de ir a todos os banquetes dos sabados e apresentar-me outros dias com frequência na taberna para atraír a confiança e a amizade do senhor Licinio e de sua esposa.

Entardecia. O sol tinha-se já ocultado e as tenues claridades do ocaso iam esmorecendo. As casas pareciam mais cinzentas e o conjunto mais miseravel. Neste velho arrabalde de Madrid, três ou quarto chaminés, fumegando como cigarros no fundo «goyesco» da paisagem, apregoavam a pobreza fabril da celebrada «villa y corte».

III

Abusam, crê-me Licinio, a busam. Ao prin cipio vinham quatro, agora já são sete, fora mais algum que se apresenta à sobremesa para tomar café. Por este caminho consumirão os ganhos da taberna e da estalagem.

— Tens razão. Eu às vezes encolorizo-me, sabes; mas recordo-me em seguida como nosso filho ficaria contente se vivesse e não me atrevo a protestar.

—Gosto deles porque foram companheiros do nosso filho, que em gloria esteja; mas abusam, crê-me Licinio, abusam e são uns viciosos e vadios.

— ¡Cala-te, cala-te Remigia! A necessidade é muito má e êles são tão novos que sonham apanhar moedas de ouro, uns com as suas garatujas e os outros com as cousas que pensam escrever nos papeis.

— Tens razão; sonham todos com a glória e não servem para arranjar com que comer num oficio. ¿Não te lembras do que dizia o Julio? O artista não pode desperdiçar a sua vida em baixos misteres; toda a sua existência é pouca para crear beleza.

— Não me esqueci — respondeu a mulher do «Manchego» resignada—. Abelardo repete-me isso quási todos os dias, sem dúvida porque o pobre teme que o expulsemos da pousada e da taberna.

— Isso nunca. Prometi-o a meu filho.

— ¿Mas quem fala de expulsá-lo, alma de Deus? Nem aos outros tampouco. E' uma obrigação que trazemos às costas como um saco; mas não te faças de mel, porque te comerão; e não os deixes muito à vontade, porque abusam, crê-me Licinio, abusam.

— Bom, Remigia, estou inteirado e não me repitas mais essas palavras que me ressoam na cabeça como dobres fúnebres.

Estavam os três na cozinha da estalagem. Na parede da chaminé estavam penduradas umas vasilhas de lata e de louça que reluziam de muito limpas. Por uma janelinha via-se o patio cheio, àquela hora, de arrieiros, de carros e de cavalgaduras. Sob um alpendre, com os lados cobertos de lona, apareciam às vezes umas patas redondas muito brancas e grossas como troncos de árvores e, por vezes, o começo de uma trompa com um diabolico e monumental ponto de interrogação. Eram vários paquidermes de uma companhia de circo ambulante que, quando se detinha em Madrid, parava sempre na estalagem do «Manchego», por causa da amplidão do patio e do sitio ser central.

— Mãe, vou tratar dos macacos — disse Crip-

tana, já quási no umbral da porta da cozinha.

— Vê lá, filha, não te chegues muito ao pé dêles.

— Terei cuidado.

Quando Criptana saíu, o senhor Licinio e sua mulher ficaram silenciosos, como se cada um ruminase os seus pensamentos. Tinha desaparecido a nota luminosa, a esbelta rapariga, muito branca e fina, não parecendo filha daquêle Sancho e daquela Teresa das terras manchegas.

*
* *

A parte trazeira desta ampla casa dava para um beco de pouco transito. Um muro feito de ladrilhos impedia o acesso ao terreno da pousada e uma cancela de finos barrotes servia de porta falsa; ali costumavam ver-se e namorar-se, às escondidas de todos, a filha do senhor Licinio e Agustin Haro. Temendo que seus pais a vissem, Criptana ia intranquila às entrevistas, e seu rosto, duma brancura de leite, tornava-se mais belo porque a inquietude lhe enrubescia as faces.

Estava enamorada do boémio fanfarrão e desprezivel. Ninguem até aquela altura lhe tinha falado de amor, e Agustin Haro, que tinha facilidade em se exprimir, logrou, com veemencia fingida e espalhafato de Tenorio canalha, ir direito ao coração da donzela.

— ¿Porque me pediste para vir hoje a esta hora? Ha muitos arrieiros na pousada, podem lembrar-se vir até aqui, e calcula se vão contar.

— Aproxima-te, tonta, e não ponhas essa cara de enfado; ¿não sabes que te quero mais que às meninas dos meus olhos? Eu sim, que devia enfadar-me por aquêle bocado que estiveste de conversa com esse novelista antipático que te apresentou o idiota do argentino.

Enquanto lhe dizia estas frases em voz baixa, quási roçando-lhe a cara com a sua boca de sátiro, tinha-lhe tomado as mãos e apertava-as entre as suas. Depois, ainda mais perto do rosto desejado, fitando-lhe os olhos, acrescentou num tom de mistério e de exaltação crescente:

—Decide-te rápidamente, ¿ouviste?; temos que voar, que correr mundo. Tu não podes continuar aqui, servindo tanta besta, nem consinto que estas mãos de seda venham a tornar-se ásperas lavando pratos com baba de bebados. Pensa bem, repara que eu não posso estar mais tempo sem ti.

— ¿Mas não me enganas? — preguntou ela com aquela angustia que causa o medo ao desconhecido. — ¿Não me abandonarás? Crê que pelo prazer de estar a teu lado sacrificaria tudo; mas não me enganes; escuta-me bem: isso não te perdoaria nunca.

— Gosto muito de ti assim: raivosa e com ciumes. Vamos ser muito felizes, querida. ¡Esta nossa fuga é para que teus pais dêem o consentimento mais breve! Para que não se oponham, ¿compreendes?

— ¿E se acedessem sem fugirmos?

— E's uma criança sem experiencia da vida. Eles quererão para ti, como é natural, um homem que tenha uma posição desafogada; que leve para o matrimónio um dote na importância do teu, e eu, desgraçadamente, já sabes que não tenho mais dinheiro que o do meu trabalho artístico. O único recurso é a fuga e, uma vez conseguido o que desejamos e obtido o perdão, regressaremos a casa de teus pais.

— Farei o que quiseres. Creio em ti como em Jesus Cristo; mas agora vai-te, deixa-me pensar. Amanhã meu irmão faz anos de morto. Respeitemos a sua memória. Na próxima semana falaremos de tudo. Não podes imaginar, querido Agustin, o anseio que tenho em ser tua, tua para sempre.

— ¡Meu coração, minha vida — respondeu o boémio, enquanto, enlouquecido pelo desejo, oprimia com seus lábios ardentes a boca, tambem incendiada de febre, da rapariga embruxada.

IV

«Para falar de vários assuntos de interesse, espero-te hoje, às sete da tarde, na taberna do «Manchego» na salinha dos «frescos».

Um amigo verdadeiro»

¿Perceberia—o grande zorro? Não. Aliás a inquietude e a incerteza fariam com que viesse à entrevista.

Rodolfo Liñan recordava todo o plano urdido em vários dias para desmascarar o seu antigo companheiro Agustin Haro.

A's seis e meia chegou à taberna, onde já o esperava o argentino.

— ¿Estamos prontos? — preguntou ao entrar no sombrio camarote, adornado com as geniais pinturas de Abelardo Arias.

— Não falta um detalhe.

— Bem, mas deixe-me já, porque pode vir o outro.

— Até logo e sorte, pois que o bicho é de temer — advertiu o argentino em cordial despedida.

— ¿Está você aí? — preguntou o novelista, já só na salinha, e acercando-se da delgada tábua que marcava a passagem da pequena adega.

— Sim — respondeu uma voz trémula.

— Tenha ânimo; uma amputação a tempo, ainda que seja muito dolorosa, é conveniente, sobretudo quando não há outra forma de nos salvarmos nem de remediarmos nossos males.

— Tem você razão; mas é muito triste o que me acontece — respondeu aquela mesma voz, cortando as palavras com soluços.

— ¡Cale-se, cale-se, suplico-lhe, ouço passos!

Efectivamente era êle. Com a sua figura fanfarrona enchia o exiguo espaço do corredorzinho. Já nos umbrais da salinha deteve-se.

— ¡Entra, entra sem receio algum! Sou eu quem te espera. Perdoa, amigo, o mistério do bilhete, mas tinha necessidade de falar-te hoje e sabia que excitando a tua curiosidade não deixarias de vir. De modo que sentemo-nos e vamos tomar uma cerveja antes que entremos no assunto.

* * *

—Já bebemos; agora diz-me o que queres de mim, porque não posso desperdiçar, tempo — disse desabridamente Agustin Haro.

— Vejo que continuas tão atencioso como quando nos conhecemos. Bem dizem que génio e figura — até à sepultura...

— Os discursos só dão resultado nas obras dos clássicos. Deixa-te de ingenuidades e vamos ao assunto.

— Tens razão. Vamos ao assunto, sem discursos, nem ingenuidades. Em duas palavras pôr-te hei ao corrente de tudo. — Tirou uma fumaça do cigarro e, muito sereno, Rodolfo Liñan começou desta maneira: — Disseram-me que entre as pessoas que vêm comer aqui aos sabados sem pagar um centavo, se encontra um artista que com muita cautela trata de seduzir a filha do senhor Licinio.

— ¿Que pretendes dizer-me com essas palavras? — gritou pondo-se de pé, com atitude agresssiva, Agustin Haro.

— ¡Calma, calma! Um pouco de paciencia e ouve-me até ao fim. ¿Não vês como estou tranquilo? Alem disso, sabes que te conheço desde criança. Se é que desejas renhir, renhiremos; mas antes ouve-me, porque se não me escutas obrigas-me a apregoar por aí que o boemio a quem aludi foi e será um chantagista, jogador de trafulha, cavalheiro de indústria, sem contar os estupros e baixezas. ¡Como vês, sei tudo que interessa! ¡Ah!, e advirto-te que tenho provas tão convincentes contra êsse individuo, que, se quisesse, amanhã mesmo o meteria na cadeia.

Abatido, o aventureiro deixou-se caír sôbre o seu assento e, com o rosto entre as mãos, continuou ouvindo a voz inexorável de Redolfo Liñan.

— Sim, amigo

novela para todos
edições CPTP

meu; êsse «artista», que desceu a escala de todas as indignidades, pretende também aqui conduzir-se da mesma forma, até ao extremo de corresponder aos benefícios recebidos com a mais cruel das ingratidões. ¡E se fôsse por amor o que intenta! ¿Mas quem se fia nos sentimentos dum homem como êle, que contraíu matrimonio na sua aldeia e abandonou a mulher e os filhos após poucos anos do seu enlace? Além disso, ¿amor num homem que se vangloria de troçar de todas as mulheres que tem encontrado e que hoje vive delas? Um «chulo» desprezível. Por isso rogo-te que te unas a mim para o desmascarar e principalmente para que não leve a cabo a deslealdade que pensa cometer com a filha do senhor Licinio.

Chamei-te para êste fim. Agora responde-me com franqueza: queres ajudar-me ou não?

De improviso, Agustin Haro levantou-se. Do assombro e abatimento em que caíra momentâneamente tinha passado ao furor mais terrível, à ira mais espantosa.

—¿Quem és tu para me falares nêsse tom? ¡Imbecil! ¡Idiota! ¡Novelista para meninas cloróticas e banais! ¡Vai-te, vai-te e lambe os pés aos editores e a êsse público da classe média que lê, porque é tão estúpido e vasío como a tua literatura! Pelo visto gostaste da rapariga e queres meter-te a redentor. Pois já sabes que os redentores se crucificam. Seduzirei a rapariga porque a trago louca e virá comigo até ao fim do mundo. Quando a abandonar, deixando-a feita num farrapo, chamar-te hei para que a recolhas e cases com ela; e depois, para te demonstrar que és um cobarde e um poltrão, partir-te hei a cara.

Rodolfo Liñan, perdida por completo a paciência, lançou-se a êle para o esbofetear.

Nesta altura abriu-se de repente a porta da adegazinha e apareceu Criptana.

Sem tremores, sem lágrimas, notando-se a sua emoção apenas pela palidez quási marmórea do rosto, olhou com desprêzo o homem de quem tinha recebido o mais iniquo das desenganos e gritou, altaneira e vingativa:

—¡¡Canalha, canalha!! ¿Tão fácil julgas seduzir-me? Pensas que me apanhavas e rejeitavas como se fôsse um trapo? ¡Antes te tivesse arrancado os olhos! Ladrão! Agradeço-te que tenhas falado tão claro, porque nem ao menos me fizeste sofrer.

Uma mulher pode morrer de pena quando conserva a ilusão, quando a recordação da pessoa querida se conserva em seu peito como uma reliquia: ¿Mas que sagrada lembrança tua pode haver no meu coração? ¡Infame, valdevinos! ¡Acabei de ouvir aquelas palavras de «chulo» ascoroso e mesmo assim custa-me a crêr que tenham saído de teus lábios, desses lábios que eu toquei com os meus! ¡Que nojo! Não é desprêzo o que sinto por ti, é repugnância. Trouxeste para aqui esses boémios que se aproveitam dos bons sentimentos de meu pai e duma santa recordação para nos explorarem. ¿E julgas-te artista? Um homem que não tem vergonha não pode ser um artista. És um vádio e um explorador.

—¡Criptana, ouve-me, explicar-te hei, é necessário que me ouças! —exclamou Agustin Haro encaminhando-se para a filha do «Manchego».

—¡Quieto, não te aproximes! Entre nós acabou-se tudo, tudo!

Não voltes mais aqui, ouviste? Nem tu, nem êsses parasitas que têm comido do bom e do melhor à custa de meu pai! Vai-te, vai-te, senão sou capaz de chamar agora mesmo para que te expulsem a pau como um cão sarnento.

Agustin Haro, lívido de raiva e vendo-se despedido tão desprezivelmente, pôs em prática o seu inato cinismo. E, rindo-se, respondeu à jovem, já sob os umbrais da porta:

—¿Crês tu que eu necessito de ti? Nem tu podias aspirar mais alto e eu descer a mais baixo. Uma criada como tu não serve senão para passar o tempo. Pregunta ao teu defensor, ao novelista insignificante. So-

bram-me mulheres para gozar com elas e sobram-me estalagens onde comer e dormir à perna solta. Não te envaideças, pequena: se te casares ou te amancebares será com algum desses arrieiros que veem à tua pousada e que dormem na cavalariça ao lado das mulas.

— ¡ Canalha, canalha! — repetiu a jovem intentando saír em perseguição do boémio; mas neste momento Rodolfo Liñan deu um salto de tigre e, na mesma passagem curta e estreita, agarrou Agustin Haro pelo fato e esbofeteou-o brutalmente.

O literato fracassado não pôde ou não teve ânimo para repelir a agressão. Mas já perto da saída, tapando a boca e o nariz cheios de sangue com um lenço, disse como se mascasse as palavras:

— Os homens que não são cobardes guerreiam na rua. O que acabas de fazer custar-te há a vida. Na Porta de Toledo espero-te para te partir a alma. ¡ Fantoche! ¡ Quadrúpede!

*

* *

— ¡ Vamos, Criptana, acalme-se, não seja criança! Alegremo-nos com o que ocorreu. Se em vez de saber isto hoje só o viesse descobrir depois de se ter consumado, ¿ que fariamos então? São convenientes êstes fracassos do destino, pois eles nos ensinam a viver e, mais, capacitam-nos a aguardar serenos a felicidade e as desditas.

— Mas eu é que tive a culpa de que você se comprometesse. Vai furioso. Temo uma nova infamia.

— Não se arrelie, Criptana. Conheço-o bem. Estará agora, pelo menos, já no outro extremo de Madrid. Tomou o «metro» e não parou até «Las Ventas».

— ¿ E' assim tão cobarde?

— Como uma galinha. Não se atreve nem a matar um mosquito. Más intenções, como teve ocasião de ver, não lhe faltam; mas precisa em absoluto de brio. Fui, em tempos passados, seu amigo e companheiro e, em várias questões de jornalismo, onde se repartiam estocadas, via-o sempre escapulir-se de um modo muito lamentavel.

— Não confie, Rodolfo. Dum canalha daquela classe tudo há a esperar.

— Agora preocupe-se apenas consigo mesmo, Criptana. Vá descansar, serenar um pouco, que bem o precisa. Eu vou procurar o meu amigo Solari, o único boémio do banquete dos sabados que ainda conserva a vergonha. ¡ Calma, e até àmanhã!

— ¡ Até àmanhã e creia que nunca esquecerei o que fez por mim!

Um soluço fez quebrar-lhe a voz na garganta.

— ¡ Vamos, vamos, louquinha, volte à vida! Não pense em nada doloroso, pois durante o dia, cada vez que abre uma flor e murcha outra, morre um amor e nasce outro. Quando você menos o pense, a fada do amor verdadeiro abrirá com a sua varinha mágica o sacrário do seu coração.

*

* *

Depois de ter deixado a jovem mais tranqüilizada, Rodolfo Liñan encaminhou-se com rapidez para a Porta de Toledo. Mas era indubitavel que o «chulo» literato tinha tomado o «metro» com direcção a «Las Ventas».

O novelista sorriu; a tragédia convertia-se em comédia. Agustin Haro não estava por aqueles arredores.

Era já noite quando Rodolfo Liñan voltou vagarosamente para o centro da povoação.

V

Sentados em rústicos tamboretes, tomavam sol, reunidos no pátio da pousada, Rodolfo Liñan, o «Manchego» e o boémio argentino.

O senhor Licinio, de blusão azul e calças de veludo de algodão, parecia um dos arrieiros que, com freqüencia, passavam para um tanque próximo para dar água às cavalgaduras.

Do enorme telheiro já tinham

desaparecido os elefantes e os macacos que iam àquela hora entre móveis e objectos de circo ambulante, a caminho de Illescas, onde trabalhariam ao domingo. Viam-se no amplo recinto do pátio carros com as varas ao alto e outros com elas inclinadas para a frente e, no interior, mantas, sacos de palha, molins, retrancas, redeas, arreios, todos os enfeites dos pobres animais que comiam e descansavam nas cavalariças da estalagem, para brevemente voltar a caminhar com mais vigor. Donde estavam sentados viam tambem uma janela da cozinha onde, às vezes, se delineava a silhueta da estalajadeira ou de sua filha, pois ali continuavam lidando como sempre.

A cara do «Manchego», gorda e flácida, adquiria um tom rosado e uma expressão mais candida ao ser banhada por aquela luz de ouro que enchia o espaço.

— ¿Mas será possivel que haja gente tão infame no mundo, D. Rodolfo? ¡E artistas! Então o meu desgraçado filho não estava em seu juizo quando me dizia que todos os artistas tinham um grande coração.

— Os artistas, talvez, meu amigo — respondeu o salvador de Criptana — mas aqui, aparte este bom companheiro, não havia artistas, mas sim vários valdevinos que, inteirados do seu sentimentalismo, abusavam do senhor. Não deve portanto sentir nenhuns remorsos. No sabado êles aparecerão sem dúvida, pois os egoístas trocaram a promessa de fingirem que ignoram o ocorrido com o canalha do Haro para continuarem aproveitando-se, e o senhor deixa-os de cara á banda. Eu, senhor Licinio, não me perdoaria nunca se o fizesse passar pela dor de renunciar à oferta feita ao seu filho desde o triste dia da sua morte. Continue com o culto pela memória dêle, mas com artistas verdadeiros, e esse album do filho perdido na força da juventude iremos enchendo-o de assinaturas, mas de valorosos literatos, musicos, pintores e escultores que possam permitir-se o luxo de contribuir êles proprios com algumas pesetas para o banquete de todos os sábados. Deixe o senhor isso entregue a mim e verá como na sua pousada e taberna se acabam os parasitas e vagabundos, fauna que vive e se ampara na boemia, nome que nos evoca tantas cousas, umas boas e outras más, mas que cada dia o enlameiam e o prostituem mais. Repare bem, senhor Licinio: ¡Rua, rua com todos êles, pois quando os aconselhamos a fazerem qualquer cousa para se manterem, respondem muito tranqüilos que o trabalho não rima com o seu temperamento!

— ¿Mas, vou expulsar tambem o pobre pintor? — E logo, abatido e esforçando-se por evitar que as lágrimas lhe saltassem, ajuntou tremulamente: — Meu filho, antes de morrer, pediu-me que não abandonasse o seu companheiro, porque não tinha ninguem no mundo. Parece-me estar a ouvi-lo: «Repara que é um artista infortunado que sonhou sempre com a glória e vê desaparecer a sua juventude, sem conseguir nada, absolutamente nada. É artista de coração, porque sente, mas não consegue expressar-se. ¿Compreendes como é terrivel o seu drama, meu pai? Sentir uma cousa, compreendê-la e, quando se deseja converter o sonho em realidade, esbarrar-se contra as dificuldades invenciveis da expressão. ¿Haverá maior tormento?

Aí tens a tragédia de Abelardo Arias e doutros artistas como êle que andam pelo mundo.» — E continuava dizendo com grande pena: — «Perdoa-lhe ser bebado, é a única cousa que acalma a sua dor. Já é velho, tem pouca energia e crê-se o artista mais genial da terra. ¡Deixa-o, deixa-o sonhar! E, como é incapaz de ganhar uma peseta, morreria sem ao menos pedir auxílio. Nunca o expulses de casa até que terminem com êle os anos e a bebida. ¡Infeliz! Tem sempre compaixão da sua desgraça e não o abandones.»

— ¿Sabia o pintor alguma cousa do que tramava Agustin Haro?

É o único que ignorava — respondeu com presteza o argentino à pregunta de Rodolfo Liñan, e continuou: — Abelardo Arias é uma especie de sonambulo. Ensimesmado na sua arte, não ouve, não vê, nem entende. Escar-

novela para todos
edições CPTP

neos sangrentos e obscenidades desapiedadas nunca as chegou a compreender nem mesmo nos momentos em que o alcool deixa o seu cerebro em paz. Abelardo Arias, talvez pelas durezas da vida, é um distraído, mas não é um canalha, nem tem más intenções.

— Não é mau homem, e aqui em casa respeita-nos a todos. Quando está bêbado deita-se. Tem atenções — afirmou o senhor Licinio, sempre com voz trémula.

— Pois muito bem. Continue dando quarto e sustento ao pintor. Assim cumpre o senhor o que prometeu a seu filho; quando eu vier aos sábados com os meus amigos, tambem lhe guardarei um logar na mesa. E, já sabe, o custo do jantar de Abelardo Arias tambem o senhor mete na conta. Terminaram as comidas gratis. Além disso asseguro-lhe que a sua pousada, devido a meus amigos e a mim, em breve será famosa. E quando tivermos que homenagear algum artista triunfante viremos aqui. ¡Verá, verá senhor Licinio, como em três ou quatro meses encheremos o álbum de assinaturas! E o senhor passa a ganhar dinheiro em vez de o perder como até agora. ¿Que lhe parece?—disse, rindo, Rodolfo Liñan, enquanto com afecto passava um braço pelas costas do estalajadeiro.

Então o homem rude e grosseiro, que por sua figura parecia a antitese da espiritualidade, não pôde por mais tempo conter a emoção, e, com um absurdo e grotesco lenço, limpou várias vezes os olhos.

VI

Passada a primavera, os banquetes do salãozinho dos «frescos» passaram a ser celebrados no patio da pousada, devido ao grande calor. Ainda não haviam decorrido dois meses e já era célebre em Madrid a estalagem do «Manchego». Nos centros literários falava-se com freqüência do simbólico álbum que o senhor Licinio guardava com tanto amor, onde os escritores de grande nome assinavam complacentes e alguns juntavam frases sentidas e pensamentos muito belos dedicados à memoria do malogrado filho. ¡Que orgulhosos estavam o estalajadeiro e a boa de sua mulher, a senhora Remigia! ! Estes que vinham agora, sim, que eram artistas e pessoas decentes! ¡Nem a brincar aceitavam um favor! ¡E pagam em bons duros de contado e sonantes! E até um dos mais assiduos comensais publicou uma crónica na «Esfera». Como uma joia de valor inapreciavel, o senhor Licinio tinha guardada a luxuosa revista onde vinha êle, sua mulher e Criptana. Todos os dias tirava «aqueles papeis» da gaveta mais alta da comoda e chorava recordando o seu filho. ! Como êle seria feliz se vivesse!

O estalajadeiro tinha seguido o plano traçado por Rodolfo Liñan. Aquelas más criaturas de ruins intenções, que se diziam artistas e não eram mais que infames e cobardes, foram despedidas com vento fresco pelos empregados do senhor Licinio.

Como para aquela classe de boémios o estômago era o principal, iniciaram protestar e até mais dum daqueles miseráveis disse frases ofensivas para o dono da taberna. As frases ofensivas e os protestos não foram mais além porque um dos empregados pegou num pau e, como por encanto, desapareceram os descontentes.

Agustin Haro, desde que apanhara as bofetadas que lhe dera o novelista, não mais apareceu na estalagem, nem nos arredores. Sabia sem duvida que turras com Rodolfo Liñan eram perigosas e de gravissimas conseqüências.

Dos antigos comensais ficavam, por junto, nos novos banquetes, o argentino e Abelardo Arias, o pintor-poeta, cada vez mais velho, mais bêbado e mais louco.

*

* *

Tinha-se efectuado naquele dia o primeiro banquete ao ar livre. O novelista conseguiu que um dos primeiros poetas de Espanha presidisse à mesa.

Continua no proximo numero

O melhor conto de Amor

1.º Concurso de NOVELA PARA TODOS

Novos e consagrados! **Tratai o problema do coração português!**

No intuito de se tornar cada vez mais atraente e variada, *Novela para todos* inicia hoje um interessantissimo concurso. Trata-se de classificar o melhor conto de amor que nos seja remetido até 30 de Junho proximo. Os trabalhos enviados não deverão exceder 8 folhas dactilografadas dum só lado. O assunto — um tema eterno: o amor. Os contos enviados devem girar em redor dum episodio sentimental, de que é tão rica a alma portuguesa. O ambiente deve ser português e portugueses, serão todos os personagens, pelo menos um dos :: :: :: principais :: :: ::

Os premios a conferir

:: :: :. Um juri :: :: :: de categorizados homens de letras apreciará os trabalhos enviados, concedendo os seguintes premios: *1.º prèmio* — 500$00 Esc. e a publicação do respectivo conto — *2.º premio* — Um objecto de arte e a publicação do respectivo conto —Os contos classificados de em 3.º, 4.º, 5.º e 6.º logares serão tambem publicados com a respectiva menção honrosa. Todos os trabalhos devem vir assinados com um peseudonimo e acompanhados dum envelope fechado, trazendo por fora o mesmo pseudonimo e dentro o nome e a morada dos concorrentes.

Os contos devem ser enviados para *CONCURSO* de *Novela para todos* — **Sociedade Portuguesa de Publicações — Largo de S. Domingos, 11 Lisboa**

1$50

NOVELA PARA TODOS

EDIÇÕES SPTP

SUMARIO

ASSIS ESPERANÇA
PARA ALÉM D'AQUELA PORTA

AUGUSTO FERREIRA GOMES
O BOBO DA CORTE VERMELHA

E. PHILLIPS OPPENHEIM
O HOMEM DA CAPA CINZENTA

JOSÉ FRANCÉS
UMA HISTÓRIA TRISTE

RAMIRO RUIZ DE DULANTO
DE CAPITÃO A CORONEL

R. CANSINOS-ASSENS
O FILHO DO SUL

SARA BEIRÃO
NOIVADO TRAGICO

SOUZA COSTA
ABEL E CAIM

IOLANDA D'IOMILLE
O DINHEIRO

JOSÉ MAS
A OFERTA AO FILHO

I ANO 15 DE MAIO 1929 N.º 4

520

NOVELA PARA TODOS

EDIÇÃO DA SOCIEDADE COMERCIAL PORTUGUESA DE PUBLICAÇÕES E TELEGRAFIA L.da
LARGO DE S. DOMINGOS - 11 • LISBOA • TELEF. N. 5351

PUBLICAÇÃO QUINZENAL DE NOVELAS

I Ano — 15 de Maio de 1929 — N.º 4

ASSINATURAS

ANO 33$00 SEMESTRE 17$00

Assine NOVELA PARA TODOS. De seis em seis meses terá, encadernado numa elegante capa, um tomo onde se reunem os maiores escritores de todo o mundo.

ALGUNS COLABORADORES DOS PROXIMOS NUMEROS

ALBERTO GHIRALDO, ALBERTO VIVIANI, AMERICO DURÃO, ANA DE CASTRO OSORIO, ANTONIO FERRO, ARTURO CAPDEVILA, ARTUR PORTELA, ASSIS ESPERANÇA, AUGUSTO DA COSTA, AUGUSTO FERREIRA GOMES, BOURBON E MENESES, DR. CAMPOS LIMA, DR. CAMPOS MONTEIRO, CASTELO DE MORAIS, CESAR DE FRIAS, CHIANCA DE GARGIA. CONCHA ESPINA, «DIANA DE LIS», EDUARDO FRIAS, FERNANDA DE CASTRO, FERREIRA DE CASTRO, GUEDES DE AMORIM, «JOAO VERDADES», JOSE AGOSTINHO, JOSE FRANCES, JOSE MARIA DE ACOSTA, JOSE MAS, LOURENÇO CAYOLLA, LUIGI PIRANDELLO, MARIO DOMINGUES, NOGUEIRA DE BRITO, NORBERTO DE ARAUJO, DR. NORBERTO LOPES, OLIVA GUERRA, PANTELEIMON ROMANOFF, RAMON GOMEZ DE LA SERNA, R. CANSINOS-ASSENS, REINALDO FERREIRA. «ROSA SILVESTRE», SARA BEIRAO, DR. SOUSA COSTA e YOLANDA DE YORMILLE

NOVELA PARA TODOS é uma obra de difusão cultural e é tambem um explendido entretenimento.

Comp. e imp. na SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA — Rua do Século, 59 — LISBOA

Para além daquela porta

POR ASSIS ESPERANÇA

FATIGADO de fôrças por haver caminhado em todo esse dia, êle punha de há muito resistencia feroz à tentação de sentar-se à mesa dos cafés, a essa hora da noite alacres e bulhentos. Rondara-lhes as portas, espreitara aos vidros. E só quando, exausto, a indiferença do cançasso amolentou o receio de que o reconhecessem, lhe garantiu salutar distração a música e o bulicio dum «bar» ruïdoso.

Ensaiou gestos, pretendendo dar-lhes a naturalidade de quem freqüenta todos os meios; puerilmente, desabou mais para a testa o chapeu largo, e ergueu, a tôda a altura, a gola do sobretudo. Isto fê-lo notado quando abriu o guarda-vento e procurou um logar discreto. Sentiu que centenas de olhos o espionavam, examinando o seu trajo. Intruso no meio deles, intimidaram-no tôdas aquelas bocas que nesse instante falavam alto com palavras desarticuladas, apenas sons, parecendo inquirir quem era êle, de onde vinha e para onde ia. Calavam-se os violinos e até certo ruído seco dos aplausos o remetia a um mundo que êle não imaginára nunca. Arriscou apenas meia dúzia de passos em direcção a um canto vasio da sala, e logo o tomou a sensação deque muitas mãos o detinham, o sacudiam pedindo-lhe responsabilidade de acções que êle não praticára nunca. Não pôde mais. Quis gritar, mas resolveu fugir. Correu para a saída...

O frio da rua acalmou-o; o silêncio espargiu tranqüilidade. Enviesou para uma travessa solitaria, um desses escuadores das grandes artérias, e foi subindo-a dolorosamente.

Doridas, as pernas recusavam-se, porém, a ir mais longe. Não havendo tomado qualquer alimento durante êsse dia, o mais insignificante esforço lhe era agora doloroso. Deteve-se. Um pouco alêm, um «restaurant» escancarava as bocarras de duas grandes portas iluminadas. A scena repete-se:

novela para todos
edições CPTP

vacilações e, apoz elas, a resolução firme de descançar um pouco. Um garotelho apregoou jornais. Ele certifica-se de que ninguêm o observa...

— Quero um jornal que traga as notícias de hoje!

— O Diário?... o Povo?...

— Tanto me faz! quero um que traga as notícias de hoje!

A voz é dos tons roucos das ansiedades dolorosas. O jornal desaparece rápidamente na algibeira larga do sobretudo ,e porque tenha pressa de ler ou porque tenha vencido difinitivamente a sua timidez, entra, sem deter-se, no «restaurant» e toma um logar num gabinete ..

— Sim! sim! quero jantar!

Para se isolar mais, corre a cortina do gabinete e vai depois folhear ansiosamente o jornal. O rosto empalidece subitamente. Demora-se a ler uma local que descreve a fuga andaciosa dum louco, e as mãos enclavinham-se quando sabe que o procuram afanosamente.

— Malditos! malditos!

Sôbre a sua personalidade desaba o mundo; como se o tivessem metido entre punhais, qualquer movimento lhe é doloroso. Novamente lhe apetece gritar o seu ódio contra quem o enclausura, contra quem pretende dar-lhe por scenário único uns acanhados palmos de terra sem perspectivas ou horizontes em que a vida é morte lenta pelo tédio, e ensaia blasfémias mas a garganta não emite sons. Paralisa-o o medo. Anseia libertar-se e receia os seus próprios movimentos; pretende fugir e tudo o demora no mesmo logar porque, um passo alêm, êle sabe que o deterá uma multidão ululante. Qualquer ruído o assusta; das portas que batem, o ar repercute ecos de penitenciária. Chocalham grandes chaves; ouve-se um arrastar de correntes. E novamente mãos em garra o tomam pelos ombros e o sacodem violentamente.

— Não quero voltar! não quero!

Aos relâmpagos, a memória recorda as torturas da sua clausura num hospital de alienados. É um grande dormitório onde os vigilantes impõem silencio e socêgo; é a cêrca, de espaço delimitado por muros altos; é a convivencia tétrica com os loucos, cada qual com sua mania. Êle que, por forma violenta, fôra internado no manicómio para que uns parentes chegados pudessem usufruir a sua fortuna, sentira sempre o cérebro onerado pelas scenas que presenceára em convivência com maníacos. E, como não estava doido, e como não podia suportar mais que cada um lhe repetisse em todos os dias a mesma história, os mesmos lances, as mesmas tragédias, planeára a sua fuga e realizára-a metódicamente numa aspiração indomável de readquirir a sua liberdade e gosar junto dos homens seus irmãos uma vida livre, saudavel e fecunda. Gastara meses e meses amealhando esmolas dos visitantes; pedinchara dinheiro aos parentes que o visitavam, inventando vícios de fumo e guloseimas. E quando acreditou ter havido às mãos o suficiente para viver largos dias em liberdade, sem recorrer a ninguêm, deu-se afanosamente a procurar um disfarce que lhe permitisse a fuga. Soube onde os mestres das oficinas guardavam os seus fatos e, numa manhã, à luz plena do sol, transpôs sem dificuldades o portão largo do manicómio.

Durante horas e horas calcurriou estradas e veredas que retalham os campos que fazem os arredores de Lisboa. Uma sensação de felicidade dilatava-lhe o peito; os olhos sorriam deliciados ao encanto da paisagem e recorte donairoso das árvores. A noite conheceu o caminho da cidade e, como se esperasse dela a redenção, veio de corrida até avistar as primeiras luzes. Tudo o deslumbrava. Quis deter os primeiros homens que passavam à sua ilharga e dizer-lhes da sua felicidade...

— Sinto-me seu irmão!

Tragavam-os, porêm, a todos, os portais escuros duns prédios muito altos, mas era por tal forma definitiva a sensação de que eles o tratariam carinhosamente, que resol-

veu dirigir-se ao primeiro que passasse e abraçá-lo...

— Mas quem é o senhor? quem é?

— Sou um seu irmão!

— O senhor está doido, com certeza!

Ele ficara-se imovel, aterrorizado. — Reconheciam-no! reconheciam-no! — E então fugiu dos homens. Só muito depois, quando readquiriu uma relativa calma, se dilatou novamente a sua ansia de tomar contacto com a cidade. Aproximou-se dos cafés e sitios freqüentados, mas tomou as suas precauções. Derrubou o chapeu para os olhos, ergueu a gola do sobretudo...

— O senhor chamou? — inquiria o creado.

— Sente-se! gostava de conversar!

*

* *

A polícia, organizada e sempre vigilante, não se demorou em busca do louco evadido; e ele, passados os primeiros dias de sobresalto, começou espairecendo em sítios freqüentados. Tentavam-no a alacridade, ruido e bulicio das palavras, mas sempre, e principalmente, o contacto, a estabelecer, com os homens seus irmãos. Sensatos, muito havia que aprender com eles; ousados e empreendedores, todas as suas falas provariam a ansiedade especial de quem vive apenas para transformar e dar beleza ao mundo.

A sua avidez de conhecer tudo desprezava agora precauções. Os dias que ele gastara, receando de todos, exigiam o resgate da ampla convivência. Começou aparecendo nos lugares públicos e procurou chegar-se àquêles homens que êle via mais inquietos no falar. Ambicionava integrar-se no seu mundo e gosar os espectáculos que eles predicavam. Esplendores e galas — queria-os usufruir tal qual eles os usufruiam. Escutá-los era deleitar-se com os seus raciocínios e deslumbrar-se com os seus planos! E, para começar realizando esse intento, escolheu um café ruidoso onde um homem herculeo discursava aos seus discípulos:

— Senhores! nós não podemos consentir que a nação esteja sujeita á tutela dos políticos. O País não é duma clientela de palradores, mas de todos os portugueses! A baixa política é uma prova de que só os ambiciosos e aventureiros podem viver aqui!

Ele escutáva-o àvidamente, mas começou a desinteressar-se. Mais do que aquele homem corpulento, havia no manicómio um louco interessante, que se considerava semideus omnipotente mas piedoso, interessando-se em afastar os maus...

Mudou de logar. Atraía-o o falar pausado de certo cavalheiro idoso, de boas maneiras...

— O ultimo escândalo é a protecção descarada à indústria dos petróleos! Não ha vergonha neste desgraçado país!

— E os jazigos de diamantes de Angola?! — sorria um outro.

— As nossas colónias só têm servido para enriquecer os desonestos!

Ele duvidava do que ouvia. Certamente o seu cérebro guardava ainda as reminiscencias das lutas, dos terrores, dos agravos e dos lamentos, dos escândalos e dos latrocínios que ouvira narrar aos loucos e aos maníacos. Os homens seus irmãos, vivendo uma vida de contacto com a Humanidade e com a Beleza, não se reuniriam ali para derimir casos de interesses mesquinhos ou criticar acções ou caracteres. Ele ouvia mal! certamente ouvira mal! Aproximou-se mais.

— Nêste negócio do trigo embolsou mais de cem contos!

Duzentos ganhara ele com o fornecimento de gados!

Não pôde mais. Sofrendo porque duvidava de suas faculdades, não soube dominar-se e interrogou:

— Os senhores discutiam interesses? E quem é êsse homem? Certamente ouvi mal!

Surprezos, os outros fitaram-no com os olhos acesos de indignação. Todos eles, homens superiores, afeitos a mandar, não

compreendiam que alguem, que eles não conheciam, ousasse intrometer-se na sua palestra. E tal qual aquele a aquem o louco quisera abraçar na sua primeira visita de liberdade, inquiriam:

— Quem é o senhor?

Ele ficava-se sem resposta. Os maníacos com quem convivera nunca lhe tinham perguntado de onde vinha nem quem êle era. Cada um entregue a suas preocupações e planos, ninguêm tivera curiosidade, e todos o receberam como amigo querido e de muitos anos. Perplexo, balbuciava desculpas.

Saiu. Pôs-se a caminhar, pretendendo impôr calma a seu espírito. A seus ouvidos soava ainda a nota predominante do que escutara: escândalos e roubos, em que ele não queria, não podia acreditar. Gastou muito tempo, muito, a acalmar-se. Vagabundeando, pôs-se a escutar conversas de rua... Aqui soube de uma mulher infiel; alêm dum assassinato, acolá de um roubo. E sempre predominando a politica, negocios e interesses. Cotejou:

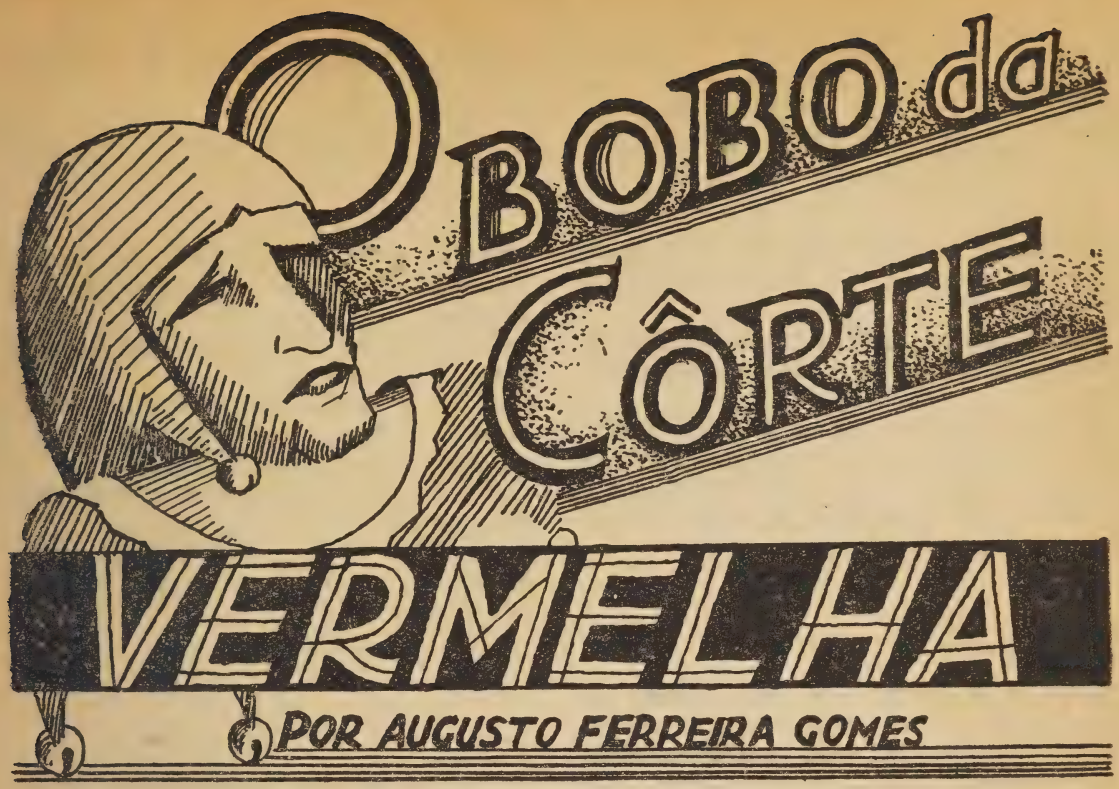
Convivia no manicómio com um louco heroico que afugentára apenas com a sua presença os exercitos que tinham feito a grande guerra; conhecia um inventor que mostrava a todos os planos grandiosos duma fabrica de perfumes e flores!; tivera por amigo um imperador que apenas pensava no bem-estar dos seus súbditos: ofereço-te o meu palacio; era amigo dum engenheiro que construïra um elevador colossal que chegava até ao Inferno, propondo-se massacrar todos os diabos para que definitivamente reinasse apenas o Bem sobre a Terra; e muitos e muitos mais, entregues a preocupações de varia ordem, mas oscilando todas entre a ausência, nesse dia, de uma ave de penas lindas, e a visita á noiva, mulher eleita da Formusura e graças...

Cotejou...

.....

...e no dia seguinte, manhã cedo, bateu às grades do manicomio hospitaleiro:

— Abram! Abram! Não quero! — não quero mais saír daqui!



NESSA noite, enquanto ouvia com a alma estonteada o ritmo da chuva que caía na rua, depois de bebidos até ao fim, em pequenos sorvos, três cálices de aguardente, Custódio olhou para o pequeno relógio do botequim. Já ia sendo tarde. Tardavam os mensageiros da associação, êsses que lhe deveriam trazer a grande nova ou a sentença de mais uma esperança esfarrapada...

Nunca, como hoje, êle sentira tão grande certeza no triunfo... A sua vida já cançava de trabalhos e ralações. A vagabundagem em que sempre vivera, vendendo livros pelos cafés, os frios e febres das insónias e fomes passadas em silêncio tinham feito do seu corpito estreito um albergue de desilusões... Nunca acreditara que pudesse ser gente. Continuamente vencido, sem qualidades de luta, sem ânimo, sentia-se um títere abandonado por uma companhia de nomadas saltimbancos...

Nessa noite, porém, enquanto ouvia o ritmo da chuva, cada vez mais forte, nas pedras da calçada, bebido em pequenos goles outro cálice de aguardente, Custódio sentiu-se inundado de uma esperança imensa. A propria demora na resposta era um íntimo argumento de boa decisão... E foi com o peito estreito a soerguer-se um pouco que pediu o quarto cálice de bagaço.

Davam dez e meia quando chegaram os companheiros. Apesar da chuva, dos chapeus pingantes, os rostos traduziam uma certa alegria. Alvoroçadamente, sem preambulos, um gritou:

— Está aceite... Falas no domingo... Foi um trabalhão... O Pereira e o Silvestre não queriam... Mas conseguiu-se, homem... Falas no domingo..

Uma onda alegre nimbou o rosto amarelado do Custódio. Queria dizer qualquer coisa e não acertava com as palavras... Era então certo. Ia falar... Em breve deixaria a vagabundagem dos cais e dos cafés, vendendo livros... Seria gente e util aos seus ideais .. Chegara a hora, ha tanto esperada, de poder erguer a voz, frente a uma assembléa de camaradas. No seu sonho via-os já atentos, empolgados pelos argumentos da sua palavra quente... Seria um triunfo, — estava certo disso.

Veio mais aguardente. A conversa alas-

novela para todos
edições

trou-se como uma nódoa de azeite. A chuva continuava a cantar lá fóra uma melopeia de desalento.

Houve abraços, gestos largos, pupilas inflamadas e punhos cerrados contra a burguezia...

Quando saíram, a chuva já tinha parado. Só as goteiras esparrinhavam grossos pingos de agua barrenta e pelo ceu, agora azul e calmo, a noite dobava serenamente o linho puro da «via lactea».

*

* *

A meio da Calçada do Monte-Agudo parou. Lá para baixo via-se a cidade enlevadamente cingida por uma poalha luminosa. Um automovel passou rápido e alguns pingos de lama salpicaram-lhe a andaina de sempre.

— Burgueses! — grunhiu. E voltou-se para dentro de si próprio, a bolir com o sonho que lhe fazia carícias na alma escangalhada de falhado.

— Agora, sim — pensava — até os meios associativos falariam nele e — quem sabe? — talvez conseguisse o retrato publicado. Era o caminho aberto, o futuro á espreita com laureis de glória, a vida assente, com almoço e jantar todos os dias... Via tudo para breve, alegremente, numa senda de êxitos, uns após outros... Afinal, êle tinha valor, Se não fôsse assim, não lhe aceitariam a proposta.

Quando chegou a casa, lá em cima, num quinto andar da Graça, a chuva voltou a crepitar nos vidros da janela. Não havia dúvida, tudo o protegia. A propria Natureza o respeitara pois até lhe dera tempo para chegar ao quarto. E o Custódio sorriu e ergueu o pequenino corpo anguilosado num esboço de importância e de volume.

De repente, gritos cortaram o silêncio da escada. Alguêm gritava exaltadamente e, entre as palavras soltas, alguns gritos saíam, dolorosos, alucinadamente pejados de medo.

Custódio foi até ao patamar. Ao lado alguem comentava:

— E' o vizinho que veio para casa como sempre. E como já não tem que beber, bate na desgraçada da Angélica...

E o Custódio, de novo no quarto, por sua vez, rematou:

— Todas estas misérias hão de em breve acabar... Eu velarei por ti, Humanidade em chaga!...

*

* *

. . . . . .

...Estava num grande salão cheio de colunas, onde ao centro uma fonte gemia uma dulcíssima e monótona rima. Tinham-no vestido de vermelho, um fato de veludilho novo, com guizos. Os cabelos — os seus antigos cabelos dos comicios e das sessões solenes — estavam agora ignóbilmente rapados á navalha. Chorava.

Afinal — como os seus sonhos tinham sido cinza levada doidamente pela mão do vento!... Como se arrependia de ter tido uma vida toda de sacrificios, a pensar nos outros, a querer salvar a Humanidade dêsses vícios que a envolviam em apertado e indissoluvel abraço. Chorava pela memória do seu gesto, levando multidões e fazendo, pela sua fé e pelas suas palavras de fogo, a nova era, o novo domínio dos desgraçados... Recordava-se das barricadas, das lutas e das fomes. Via o dia da Grande Confraternização, o grande dia que dera ao Mundo os Novos Horisontes. E chorava pela forma como lhe tinham recompensado os seus esforços.

A voz da fonte confundia-se com os soluços de Custodio. De repente, passos metálicos tiniram ao longe sôbre o mosaico do grande salão. Um grupo de guerreiros apareceu. Vinham buscá-lo. Ia ser julgado.

Do bélico grupo um homem destacou-se imponente no seu brilhante capacete de co-

bre vermelho, que no alto mantinha, salientes, um martelo e uma foice.

— Acompanha-nos — disse em voz funda.

O pobre Custódio ergueu-se. Nos olhitos pardos, inchados, uma sombra medrosa passou. Que iria ser dêle? Era assim que lhe recompensavam as horas da propaganda, os discursos inflamados, os seus enormes sacrifícios... Prendiam-no. E porque? Sòmente por a sua voz — a sua voz sonora e canora — se ter erguido ao ver que os seus ideais não eram cumpridos pelos dirigentes da Grande Confraternização. E falara com as lágrimas nos olhos como naquela noite em que pela primeira vez pisara um estrado de associação, naquele domingo, entre camaradas que o ergueram depois em triunfo... Corriam-lhe pela memória, numa névoa longínqua, todos os transes da sua odisseia de homem querido das massas populares... Via detalhes... Relembrava factos... Quando uma vez, de fato novo, fôra falar a um sindicato dos arredores da cidade... O que então dissera do sagrado povo, dêsse povo que agora o tinha a ferros, e que o ia julgar... O que êle dissera, e que triunfo o seu, então, sob o fogo do seu verbo quente...

*

* *

O julgamento fôra breve. Condenado ao fogo por indesejavel. A côrte vermelha ia ficar sem o seu bobo. Fôra êsse o lugar que o Comissario do Povo lhe dera no dia da Grande Confraternização. E, como bobo, ia ser lançado á pira para que ainda na morte pudesse, com os esgares das suas mãos crispadas e com as contorsões da boca sêca, fazer rir, talvez pela primeira vez, os senhores da côrte vermelha, os homens que tinham como simbolo a foice e o martelo.

Pesou-lhe uma vontade de orar. Buscou nos longes da lembrança o ritmo de uma oração que sua mãe lhe ensinara mas que êle esquecera... E balbuciou-a em algumas palavras trocadas.

E depois o crepitar do fogo... Dores fundas fincadas nos pés. O fumo a envolvê-lo num abraço apertado, muito negro e denso. E ainda algumas palavras da oração materna lá muito longe, na memoria e na aldeia onde nascera...

. . . . . .

— Fogo... Fogo...

Havia bulha na rua. Chegavam viaturas. Um clarão vermelho esclarecia o quarto. Estalavam as vidraças debaixo da fôrça daquela atmosfera de forja.

O Custodio deu um pulo na cama. Havia fogo no predio. Na escada, gritos. Os vizinhos baldeavam os degraus numa ansia de salvação. O Custodio seguiu-os, depois de envergar à pressa o fato num igual atabalhoamento, transido de susto, apesar do calor. E lá foi para a rua de gangão, mas tendo dentro de si o contentamento de que tudo — afinal — o que se passara não fôra senão um sonho, um sonho mau que a febre lhe tinha encastoado no cérebro combalido.

E do corpito magro e tosco gestos saíam, nervosos e diversos, preguntando ao mesmo tempo a um grupo que estava em frente, vendo o findar do incêndio...

Fôra o sapateiro, o marido da Angélica, que, com a bebedeira, pegara fogo ao catre... Mas já estava apagado. Os bombeiros mesmo iam-se embora.

Rejubilou. A noite estava linda, limpa pela chuva que parecia ter lavado o ceu. E voltou para casa.

Passou, entre as conversas dos vizinhos. Novamente pensou nos seus próximos triunfos. De novo a alma se lhe inundou de esperanças e da sua alma de salvador êste pensamento saíu, solene como o aprumo que o seu corpito tomara ao pensá-lo:

— Eu velarei por ti, Humanidade em chaga...

UMA História triste

por José Francés

CONHECERAM-SE nos dias felizes e tranqüilos de 1913, durante uma excursão dominical ao campo. Na ida, foram no mesmo vagão, sentados no mesmo banco, um ao lado do outro. No regresso, voluntàriamente, tornaram a juntar-se, entre o silêncio dos outros passageiros, que vinham fatigados, vendo atravez das janelas da carruagem os prados e os pomares, que mergulhavam na sombra da tarde.

Ela—era loira, franzina e palida; êle—moreno, forte e de olhos azuis.

Ela—era filha de um engenheiro belga, empregado numa fábrica espanhola; êle—filho de uns judeus alemães, que se dedicavam ao comércio de joias.

Rápidamente, sentiram-se atraídos um pelo outro, e estabeleceram-se entre ambos relações de boa amizade, que breve se transformou em paixão amorosa.

Maria gostava de passar muitas horas, bordando e fazendo outros trabalhos delicados, que as suas mestras e amigas lhe ensinaram em Courtrai, sua terra natal. Vivia numa dessas ruas socegadas, cheias de écos e nostalgia, perto da igreja de S. Tiago.

Otto acostumou-se a passar por ali, ao entardecer, quando o pai de Maria saía de casa, para ir ao café.

A princípio, o alemão enamorado rondava-a, cerimoniosamente, à moda da sua terra. Depois, ia e vinha—passeava ao longo da rua—com o olhar azul sempre preso no rosto de Maria, que suspendia o seu trabalho, para o ver e para lhe sorrir.

Já noivos, Otto acompanhava-a, passeando com ela, aos domingos, e às tardes, em alguns dias da semana. O pai da Maria era um gigante. Homem sanguíneo e jovial, gostava muito de cerveja e passava as suas melhores horas a ouvir histórias alegres e boa música.

No inverno e no outono, êle e sua familia sentavam-se à brazeira, durante parte do dia e da noite; na primavera e no verão, faziam excursões às aldeias próximas e à serra, onde Maria se ia robustecendo, pouco a pouco. E, quer houvesse frio, quer calor, não perdiam um único concerto, trocando impressões Otto e Maria, que ficavam sempre juntos e que cada vez se sentiam mais

novela para todos
edições C P

presos pelos laços da simpatia e do amor.

O moço alemão freqüentava a casa com regularidade. Em alguns dias de festa, jantava lá. A mãe de Maria, alta e fraca, já lhe chamava filho, e êle enternecia-se a tal ponto que chegava a chorar.

Sôbre o trinchante, havia uma litografia iluminada, que reproduzia a Praça Maior de Courtrai, num dia de mercado.

Maria indicava ao noivo a casa onde tinha nascido.

— Esta casa é nossa — disse ela a Otto, sorrindo.

Quando nos casarmos, não deixaremos de passar ali uns dias com a tia Guylene.

— Coitada! disse o engenheiro.

Era a sua irmã mais velha, que cegára há seis anos e que, apesar disso, percorria todas as ruas da cidade e ia às igrejas, sem auxilio de ninguêm.

*

* *

De repente, estalou a guerra! Chegou a sombra caliginosa do mês de Agosto de 1914. Voaram os primeiros aeroplanos alemães sôbre Liège. Há sobressalto na fronteira. Cem mil soldados do exercito germânico atravessaram o Luxemburgo, e em Bruxelas a multidão cantava o hino belga e a *Marselhesa*. Otto já tinha partido... Só se despediu de Maria e de sua mãe, na igreja de S. Tiago. O pai não quis mais vê-lo! Os noivos mal podiam separar-se; tinham a voz tremula, as pupilas humedecidas, as mãos apertadas nervosamente e, assim, profundamente tristes, prometiam fidelidade um ao outro, entre suspiros dolorosos.

— Ai, Otto! Porque é isto?

Ele não respondia.

Pensava na colera do engenheiro belga, quando lhe ouviu dizer: «Por que razão não nos deixam os belgas passar?»

— Isto separar-nos-ha para sempre, Otto... E' o que me diz o coração.

— Não... Tu verás...

E' uma questão de dias ou de um mez...

Talvez eu nem sequer chegue a disparar um tiro...

E olhavam-se com vivo interesse e com funda mágua; ora apertavam, ora soltavam as mãos. A scena, por demasiado torturante, não podia prolongar-se mais.

*

* *

Otto voltou em 1920. Conheceu todos os horrores da guerra. De nenhum serviço foi dispensado. Esteve meses nas trincheiras; entrou em combates violentos; foi ferido várias vezes; no fim de uma batalha, foi levado para o campo inimigo, com um grupo de prisioneiros, etc. E, quando regressou a Espanha, fraco e com o braço direito mutilado, quis logo saber o paradeiro de Maria e de seus pais. Na fabrica, disseram-lhe que o engenheiro belga tinha morrido em 1915.

Na casa que a familia habitava em Agosto de 914, não lhe souberam dizer onde se tinham refugiado a viuva e a orfã.

E êle sentia o mesmo amor de outro tempo!...

Inutilmente, procurou a noiva durante seis ou sete meses, em toda a cidade de Madrid.

Talvez ela e a mãe tivessem voltado para a Belgica e vivessem na casa de Courtrai, com a tia cega, irmã do pai...

E um dia, inesperadamente, ao passar por uma rua estreita e escura, uma dessas ruas em que só vive gente pobre, e nas quais, à noite, se vêem rameiras a fumar e a proferir inconveniencias, Otto julgou vêr Maria. Era no último andar de um predio modestissimo e muito mal conservado, sem dúvida, um dos piores de todo a rua. A belga, franzina e loira, bordava, como dantes.

Ela pressentiu o olhar e, como nos dias passados, procurou no ar fresco da tarde outonal o rosto amado. Mas, como era diferente a sua expressão!

novela para todos
edições CPTP

Maria sentiu uma comoção fortissima, ao reconhecer Otto, que a saudava sorridente e cerimonioso. Levantou-se de um salto e desapareceu no mistério negro da habitação. Ele esperou dez, quinze minutos, meia hora. E, quando se convenceu de que ela não voltaria mais, pensou em subir a escada. Não teve, porém, coragem para isso. Era melhor escrever-lhe. E, no dia seguinte, em um postal ilustrado, que ela lhe tinha oferecido, e no qual se via a Praça Maior de Courtrai, escreveu apenas esta palavra: «Perdão?». Maria respondeu em outro postal, perfeitamente igual áquele; e em vez de uma palavra escreveu duas: o nome e o apelido do noivo. Otto, então, compreendeu que tudo tinha acabado!

NOVELA PARA TODOS honra-se publicando hoje um admiravel conto do grande escritor inglês Phillips Oppenheim, que é um dos mais celebres e categorizados novelistas da Grã-Bretanha.

O HOMEM DA CAPA CINZENTA é um trabalho deveras sugestivo e empolgante.

A noite estava tempestuosa. Benskin tirou o impermeável, dependurou-o dum cabide e deixou-se caìr numa poltrona, com um suspiro de alívio. Pouco depois, premiu o botão de uma compaínha, para chamar a senhora Adams, em cuja casa habitava um dos principais compartimentos.

— Esta noite não saio — disse Benskin á senhora Adams, que viéra imediatamente. — Póde arranjar-me alguma coisa de comer?

— Da melhor vontade, senhor Benskin — respondeu a dama. — Posso arranjar-lhe umas costeletas de vitela, um pastelão...

— Muito bem.

A senhora Adams ia a retirar-se quando se lembrou de qualquer coisa que tinha para dizer a Benskin,

— Ah! — esquecia-me de uma coisa; esta tarde veio aqui uma mulher ainda nova, á sua procura. Qneria falar-lhe, mas como o senhor não estava, foi-se embora.

— Não deixou recado?

— Nada.

Poucos minutos depois de ter saído a senhora Adams, ouviu-se a campaínha da porta da rua. Benskin dispunha-se a descançar uns momentos enquanto preparavam a ceia, quando a senhora Adams lhe tornou a bater à porta.

— Está aí outra vez a tal mulher.

— Mande-a entrar — respondeu Benskin.

Um instante depois, a senhora Adams entrou novamente, acompanhada por uma mulher dos seus trinta anos, nada feia; examinou-a minuciosamente, indicando-lhe ao mesmo tempo a poltrona na qual Benskin descançava, e retirou-se, com discrição.

— A senhora queria falar comigo? — interrogou Benskin.

A mulher olhou para êle em silêncio, durante um certo tempo. Parecia agitada, ou pela pressa com que viera, ou por qualquer intensa comoção. O seu aspecto exterior

denunciava a sua condição social: era uma mulher humilde, uma das muitas mulheres do povo que trabalham penosamente para ganhar o sustento diário. O guarda-chuva, rôto, não pudéra preservá-la da chuva, que caía a cântaros naquele momento. Os vestidos escorriam. Os sapatos que, noutros tempos, havia sido claros, estavam agora ensopados, como as roupas, e tornavam ainda mais confrangedora a figura da mulher.

— A senhora queria falar comigo? — repetiu Benskin.

— Ouvi dizer que o senhor é detective; é verdade, pois não é? Foi o senhor quem tratou daquele crime da rua Dunster, não é assim?

Benskin acenou afirmativamente com a cabeça.

— O senhor vive como um fidalgo — observou a mulher, percorrendo com o olhar todo o compartimento.

— Que deseja? — perguntou Benskin, interrompendo as observações da mulher.

— Eu tinha um hóspede — móro ali em baixo no largo; sou quasi vizinha do senhor. Aluguei um dos dois compartimentos da minha casa. Mal conhecia o meu hóspede; talvez nem chegasse a trocar uma dúzia de palavras com êle.

— E... que sucedeu ao seu hóspede?

— Está morto; foi assassinado há-de haver pouco mais ou menos uma hora.

Benskin olhou fixamente para a mulher; compreendendo que se tratava de um caso grave, advertiu:

— Continue e tenha cuidado com o que diz.

— Eu não tenho nada com aquela morte — assegurou ela. — Há cêrca de uma hora, entrei no quarto do meu hóspede para lhe dizer que ia saír e perguntar-lhe se precisava alguma coisa. Ai! Se o senhor visse o estado em que o quarto estava! O meu hóspede estava estendido no chão. Vi imediatamente que estava morto. Então, fechei a porta à chave e vim procurar o senhor.

— Porque não se dirigiu ao policia da esquina?

— Porque me lembrei do senhor. Todos os dias o vejo passar e sei quem é. Calculei que havia de gostar de sêr o primeiro a lá ir, antes que a policia intervenha; e, assim, vai sêr o primeiro a entrar depois de o assassino ter saído. Então não pode realizar melhor, desta maneira, as suas observações?

— Talvez — admitiu Benskin, erguendo-se. — Vou acompanhá-la. Vamos.

E, renunciando ao repouso e à ceia, vestiu de novo o impermeável e pôs o chapeu. Poucos minutos levaram a chegar até à casa do crime. Guiado pela mulher, Benskin subiu a escada de madeira, já muito deteriorada, e parou depois de atingir o primeiro andar.

— É aqui — disse a mulher. São estes dois quartos. Este é o do meu hospede. Aqui tem a chave.

— Há luz electrica? — preguntou Benskin.

— A esquerda, na parede, ao pé da porta, está o interruptor.

Benskin introduziu a chave, abriu a porta e mergulhou a vista no interior do quarto, completamente às escuras. Pareceu-lhe que alguma coisa se movia e, apesar da escuridão, julgou distinguir, diante dêle, os contornos de um vulto humano. Quis abrir a luz, mas, antes de ter tempo de alcançar o interruptor, recebeu em pleno queixo um tremendo sôco que o arremessou violentamente contra a grade da escada. Quis endireitar-se mas fraquejaram-lhe as pernas e, se a mulher o não houvésse amparado, certamente teria caído pela escada abaixo.

Quando Benskin voltou a si, viu a mulher ajoelhada junto dêle e esforçando-se por vedar, com uma toalha não muito limpa, o sangue que lhe corria de uma pequena ferida na cabeça. Aquela ferida devia-se, decerto, à violenta pancada que êle dera contra os varões. O vento frio que entrava pela porta da rua, aberta, acabou de reanimar Benskin.

— Ora esta! — exclamou. — Aquele é que era o seu hóspede?

— O meu hóspede está morto e bem morto. Aquele homem que saíu, a corrêr, depois de ter batido no senhor, não era outro senão o assassino. Tenho a certeza disso. Aquilo estava escondido, quando eu entrei; deixei-o fechado, sem saber.

— Reconhecia-o, se o tornasse a vêr?

— Isso sim! Levava a cara tapada com uma capa cinzenta. Não lhe vi senão os olhos — e que olhos! Luziam, que metiam mêdo.

Benskin fez um esfôrço e ergueu-se.

Abriu a luz do quarto e viu, com efeito, um homem morto, estendido no chão. Era um sujeito de mediana estatura, mais baixo do que alto, modestamente vestido com um fato ordinario, já muito usado. A julgar pela sua aparência física, não devia ter sido muito dificil liquidá-lo; a pancada que recebeu na cabeça certamente lhe causára morte instantânea. Contudo, havia vestígios de luta e via-se claramente que o quarto, apesar de muito mal composto, fôra revistado. Tôdas as gavetas do armário estavam abertas e o seu conteüdo espalhado pelo chão; o colchão tinha sido arrancado da cama e esfarrapado num dos cantos.

*
* *

Benskin, ainda um tanto estonteado pela pancada recebida, deu à mulher algum dinheiro, para que ela fôsse comprar uma garrafa de conhaque. — «Do melhor que encontrar» — recomendou. Com a cabeça encostada às mãos, o detective ficou-se a observar a desordem daquêle quarto. O rosto do morto patenteava feições notávelmente grosseiras; teria uns quarenta anos e facilmente se descortinava a pobreza através do seu vestuário. Pobre, indubitavelmente — pensou Benskin — mas possuindo o que quer que fôsse de muito interesse para quem o matara, visto que este tinha submetido o quarto a uma pormenorizada inspecção.»

As conjecturas de Benskin fôram interrompidas por um ruido quási imperceptivel mas que chamou a atenção do investigador. Alguêm subia a escada, procurando fazer a menor bulha possivel. Mas os passos ouviam-se, distintamente, fazendo ranger a madeira; interrompiam-se, de quando em quando, como se a pessoa parasse para escutar, e recomeçavam depois. Benskin, de pé, concentrou a atenção naqueles passos. Sentia-se ainda entontecido e amparou-se á parede. Foi-se aproximando lentamente da porta e abriu-a, num movimento rápido, tentando ao mesmo tempo fazer luz no vestibulo. Desorientado, porém, não encontrou o interruptor.

Os passos cessaram e o dectetive ouviu, a um escasso metro de distancia, uma respiração agitada.

— Quem é? — preguntou.

Niguêm respondeu.

— Quem é? Que deseja? — repetiu Benskin, em voz mais forte.

Só obteve, em resposta, um completo silencio.

Uma rápida sucessão de passos denotou a precipitada fuga do visitante misterioso.

Benskin conseguiu ver uma figura de mulher vestida de escuro, quando ela passava sob o raio de luz projectado na escada pela lampada do quarto. Quando conseguiu fazer luz no vestibulo, era tarde; não havia ninguêm na escada.

A dona da casa voltou, trazendo triunfalmente a garrafa de conhaque, um sifão e dois copos que fôra buscar préviamente ao seu quarto. Desarrolhada a garrafa, ambos se serviram, bebendo àvidamente.

— A senhora não viu na rua uma mulher, agora quando entrou?

— Nem vivalma. A rua está deserta. Com uma noite destas!

— Mas veio alguêm aqui, durante a sua ausência. Consegui vêr que era uma mulher. Subiu a escada em pontas de pés e fugiu apressadamente, logo que ouviu a minha voz.

A interlocutora de Benskin olhou para êle, entre risonha e incrédula.

— Naturalmente, a pancada fez-lhe mal... Parece que tem visões, agora...

— Havia alguma mulher entre as relações do seu hóspede? — preguntou Benskin, sem ligar importância á observação.

— Veio aqui uma, aí umas duas vezes. Mas as conversas eram curtíssimas; de dois ou três minutos, se tanto.

— Há quanto tempo morava êle aqui?

— Há umas cinco semanas. Pagava-me o aluguer adiantado, às semanas. Disse-me que se chamava Jorge Mulhigar e que era criado de servir, mas actualmente estava desempregado. Ele, a dizer a verdade, não me era nada simpático, mas eu não tinha razões para lhe querer mal.

— Pelo visto, há pessoas que não pensam como a senhora — disse o detective, indicando a cabeça do morto, sobre a qual lançára uma toalha.

A mulher encheu de conhaque outro copo e bebeu, deliciada.

— Parece-me que não valia a pena fazer mal ao homem — disse.

— Pareceu-lhe isso? Ora olhe para ali — e indicou-lhe a parte superior do fogão.

A mulher abriu os olhos pasmados e levantou-se, como se uma mola a impelisse.

— Ai, meu Deus! — exclamou — É dinheiro!

Benskin aproximou-se do fogão, tomou o dinheiro e contou-o.

— Cem libras esterlinas — disse, guardando as notas no bolso interior do casaco É uma quantia muito importante para um homem que vivia da maneira que a senhora diz... e tambem muito importante para que o assassino a não levasse.

— Não me vai deixar sòzinha aqui, pois não? — preguntou a mulher, um tanto assustada, ao vêr que Benskin punha o chapeu e se dirigia para a porta.

— Não. Vou procurar um médico e um policia. A senhora não ficará sòzinha: há-de estar aqui uma pessoa durante toda a noite. Amanhã, de manhã, o cadaver irá para a Morgue. O melhor que a senhora tem a fazer é retirar-se para o seu quarto.

A mulher apoderou-se da garrafa de conhaque, antes de se retirar.

— Ai, que o levem quanto antes! — disse. — E' uma companhia bem pouco agradável.

— Antes da senhora se levantar, já o terão levado — prometeu Benskin.

*

* *

Oito dias após estes acontecimentos, Benskin estava, certa manhã, no gabinente do chefe da secção de investigações, conversando. Em cima da mesa via-se uma capa cinzenta e um pedaço de uma carta, escrita em papel rosa-pálido, que parecia ter sido cortado com um canivete. No papel havia algumas palavras soltas, traçadas, evidentemente, por mão feminina.

— Atendendo ao tempo que decorreu e visto que você foi a primeira pessoa que compareceu no local do crime, parece-me que pouco adiantou no sentido de esclarecer o caso, Benskin.

O detective conhecia bem o seu chefe e não ligou grande importância a estas palavras, que poderiam passar por uma crítica.

— Talvez se tenha feito mais do que o senhor julga — respondeu. — Por agora há isto: aqui está a capa que o criminoso levava. Deitou-a fóra na primeira esquina, julgando, provávelmente, que seria imprudência continuar com ela. Como o senhor vê, conserva ainda a etiqueta, o que denota ter sido adquirida recentemente. Depois de algumas averiguações, conseguimos saber em que estabelecimento foi comprada. E um empregado dessa casa recordou-se de ter vendido, com efeito, na mesma noite do crime, esta capa ou outra igual, a uma rapariga vestida de escuro e que tinha uma tosse pertinaz.

— Esses factos levaram-no a alguma conclusão? — preguntou o chefe.

— Levaram, sim, mais tarde. Quanto ao dinheiro...

— Notei que você se mostrou muito reservado na declaração relativa a êsse pormenor.

— Filo muito propositadamente. Não me foi difícil averiguar de onde provinha êsse dinheiro. As notas estão numeradas e isso, como é natural, facilita muito as pesquisas. Gastei dois dias para saber que êsse dinheiro fôra retirado da conta da menina Leticia Moran.

— Essa senhora que está para casar com o duque de Rochester?

— Exactamente. O casamento está anunciado para àmanhã. Este pedaço de carta que o senhor aqui vê, encontrei-o eu no canto do colchão, que foi cortado com um canivete. Sabendo já a origem do dinheiro, não me foi difícil averiguar que este papel é do que a menina Moran usa e que a letra é dela, tambem. Com mais algumas pesquisas, logrei saber que as características da criada da menina Moran coincidem exactamente com a descrição que me fizeram, no tal estabelecimento: da rapariga que comprou a capa cinzenta. Soube mais que essa criada andava com muita tosse.

— Alguma extorsão?... — preguntou o chefe depois de um breve silêncio.

— Precisamente. Uma vulgar *chantage*. E' o que eu penso. Não consegui ainda, contudo, fazer uma reconstituïção exacta do que se passou e receei dar algum passo em falso. Tenho, acima de tudo, um grande desejo de saber quem é o sujeito que me aplicou um tão forte murro...

— E a menina Moran?

— Hei-de falar-lhe esta tarde. Não quis visitá-la oficialmente, por uma razão muito simples: a criada pode sêr uma boa rapariga mas pode, tambem, sêr cúmplice do homem que procuramos. Se ela suspeita a minha identidade, sendo conivente no caso, tudo está perdido. Por isso, adiei para esta tarde a minha entrevista com a menina Moran. Há, em casa dela, uma pequena recepção para exibição das prendas de noivado, ou coisa parecida; e consegui que um meu antigo condiscípulo, muito relacionado com a família dela, me leve, como simples convidado.

— Mas, decerto, você já fez deduções mais concretas e reconstituiu, em parte, o caso. Eu gostava de conhecer a sua opinião, Benskin.

— As minhas deduções são estas: a menina Letícia Moran escreveu, em alguma época da sua vida, uma ou mais cartas que ela considera comprometedoras. Essas cartas caíram em poder do assassinado, o qual se valia dessa circunstância para extorquir dinheiro à interessada. Estando para casar, a menina Moran queria reaver as cartas e, para isso, mandou entregar pela criada a Mulhigar, o morto, cem libras esterlinas. A criada entregou o dinheiro mas, por qualquer razão, não recebeu a carta — ou as cartas. Agora, o problema é este: ou Mulhigar tinha um cúmplice, ou existe ainda outra pessoa interessada em apoderar-se dessa correspondência. Quem quer que era, ficou oculto no quarto quando a mulher que me denunciou o crime fechou a porta; quando eu abri esta, tratou de fugir, dando-me o tremendo sôco que me fez perder os sentidos. A criada da menina Moran tinha deixado a capa, com certeza, no quarto de Mulhigar, e o criminoso serviu-se dela para tapar o rosto. Os passos que eu depois ouvi devem ter sido da rapariga, que voltou por causa das cartas. Há, pois, muitas coisas a esclarecer ainda, o que espero poder fazer depois de minha conversação com a menina Moran.

— Perfeitamente, Benskin. Faço votos por que seja bem sucedido. Não deixe de passar por aqui, na volta.

*
* *

Não foi empresa fácil para Benskin o obter a entrevista com Letícia Moran que, em virtude das suas relações sociais, estava sempre rodeada por numerosas pessoas amigas.

Por fim, depois de muito esperar e graças à intervenção do seu antigo condiscípulo,

que era parente de Letícia, conseguiu encontrar-se a sós com ela, numa salinha retirada.

— Apresento-te o meu amigo Benskin – tinha dito a Leticia o primo — , que deseja ter contigo uma pequena conversa. Trata-se de umas informações que só tu podes facultar-lhe... Confia absolutamente nêle.

— Com muito prazer; estou ao seu dispôr. Em que posso ser-lhe útil? Será o senhor repórter dalgum jornal?

O primo de Letícia retirára-se discretamente.

— Não minha senhora, não sou repórter — replicou Benskin, sorrindo — ; a minha profissão é muito mais desagradável do que a de jornalista. Mas eu suponho que V. Ex.ª não terá inconveniente em conversar durante uns minutos comigo, mesmo sabendo que pertenço à polícia de investigação.

A atitude da menina Moran mudou ràpidamente; os labios contrairam-se-lhe, numa visagem de desprazer, e nos seus olhos houve um reflexo de horror. Recuperou, porém, a sua anterior expressão tão rapidamente como a havia perdido.

— Eu desejo, minha senhora, conversar consigo durante dois ou três minuntos, apenas — tornou Benskin. — Vim para auxiliá-la quanto em mim caiba.

— Mas o senhor acha que eu necessito que me auxiliem? — preguntou Letícia, já recomposta da primeira impressão.

— Acho, sim, minha senhora — afirmou Benskin, gravemente. —E, se eu me enganar, queira advertir-me. Diga-me, minha senhora: não tem sido alvo de extorsões de dinheiro por causa de uma ou mais cartas suas que caíram em poder de um homem que vive na rua Mandel?

Letícia olhou para êle, assombrada, e teve um movimento de cabeça afirmativo.

— Efectivamente — confessou.

— Entregou à sua criada, para que ela por sua vez as entregasse ao tal homem, cem libras estertinas destinadas a resgatar essa correspondencia. Mas o bandido, depois de ter na mão o dinheiro, recusou-se a restituir as cartas.

—Tambem é verdade — confirmou Leticia, cuja surpresa ia em aumento. — O bandido exigiu á minha criada Maria que lhe levasse mais trinta libras, se queria a carta. Eu consegui que uma amiga me emprestasse essa quantia; mas a minha criada, quando ia entregar essas trinta libras, ouviu lá na casa umas vozes desconhecidas e veio-se embora, assustada. Eu compreendo bem esse terror. Com um homem daqueles!

— Eu tambem compreendo — disse Benskin.

— Quantas vezes eu me tenho arrependido de ter escrito aquela carta! Não há nada de extraordinario no seu conteúdo, mas o senhor bem sabe como o mundo é. Ha-de haver uns três meses que eu — continuou Leticia, fazendo girar num dos dedos um lindissimo anel, — sentindo-me imensamente cançada da vida que levava, aceitei um convite para ir para Africa do Sul. Existe um homem que sempre me estimou com afecto de irmã. Esse homem é casado, mas vive separado de sua mulher, já há tempo. Em vesperas de partir para a Africa, onde habitualmente reside, convidou-me a ir com êle. Eu pensei na felicidade que representaria, para mim, o facto de viver uma vida diferente da que então levava e escrevi-lhe, dizendo que iria com êle.

O senhor Benskin não conhece a minha familia; nós somos muito pobres, tão pobres que temos dependido sempre dos nossos parentes e amigos. Eu, como decerto calcula, estava fatigada de todas estas pequenas miserias e qualquer transformação na minha existência se me afigurava preferivel. Escrevi essa carta e enviei-a pela minha criada. Mulhigar, esse bandido, estava, então, ao serviço do homem a quem a carta era dirigida; apoderou-se da carta, em vez de a entregar ao destinatário. A pessoa em questão partiu para Africa, sem a ter recebido.

Tempo depois, o duque de Rochester, que sempre foi um grande amigo nosso mas que, até então, nunca mostrára predilecção por mim, pediu-me em casamento. Acedi e, hoje, Roches-

ter é tudo para mim. Mas, quando eu principiava a sentir-me feliz, surgiu Mulligar, que me participou que tinha aquela carta em seu poder e me ameaçou de a levar a Rochester, se eu não entregasse uma certa quantia. Todo o dinheiro que eu havia economisado para o meu enxoval foi parar ás mãos dêsse monstro. Não sei — disse, após um curto silêncio — porque lhe estou contando isto tudo mas, como vejo que está inteirado de certas coisas, desejo evitar qualquer interpretação errada... e o senhor Benskin inspira-me confiança...

— Minha querida senhora — observou Benskin — nós, os da justiça, passamos a vida a dizer a toda a gente que o deixar-se alguem submeter a uma extorsão ou *chantage* é á maior tolice do mundo. Mas, apesar disso, raras pessôas assim pensam.

— O senhor tem razão — confirmou Leticia. — Eu acabei por me convencer disso e fiz o que devia ter feito logo ao principio: contei tudo a Rochester.

— Quando? — preguntou Benskin, inquieto.

— Quando a minha criada me contou que Mulligar queria mais trinta libras. Este dinheiro emprestou-mo uma amiga e eu mandei-o ao bandido, por intermedio da Maria, como antes fizéra. Mas, logo em seguida, compreendi toda a ignomia do procedimento dêsse malvado; revoltei-me perante tanta infamia. Quando, pouco depois, Rochester entrou, contei-lhe tudo. Ele tambem compreendeu o que se passava e nessa mesma noite me provou quanto me quere. Sabe o que êle fêz?! ..

Benskin interrogou-a com o olhar.

— Nessa noite saiu mais cêdo e, sem nada me dizer, foi a casa do...

— Basta! — exclamou Benskin.

Leticia fitou-o, perplexa, com a bôca entreaberta.

A expressão bondosa de Benskin, fôra substituida por uma risagem de horrôr.

— Mas que sucedeu! — preguntou Leticia.

— Não me diga mais nada, minha senhora — insistiu o detective.

— Mas o senhor não sabe o que lhe ia dizer! O meu noivo foi directamente a casa de Milligar e conseguiu que êle lhe désse a carta... Mas, o que pensa o senhor? Que tem?

Benskin guardou silêncio por momentos. Com o olhar perdido no espaço, experimentava uma profunda depressão moral. Naquele instante odiava a sua profissão. Leticia, sem compreender, mas receosa, poisou a mão no braço do detective.

— Não sei o que é, senhor Benskin, mas olhe que estou atemorisada!

— A senhora não lê os jornais? Não sabe o que sucedeu na semana passada?

— Há mais de um mês que não leio jornais e nestes ultimos dias, muito menos. Ando tão ocupada com os meus preparativos! Mas que mal póde haver nisto tudo? Rochester leu comigo a carta; compreendeu-a e interpretou-a perfeitamente e no mesmo instante a atirou para o lume...

Benskin ergueu-se.

— Esqueça essa carta, minha senhora. Esqueça que a escreveu e que a recuperou. Esqueça-a, para bem do seu noivo.

— Eu não desejo outra coisa senão esquecê-la Mas. . para bem do meu noivo, porquê?

— Póde sêr que êle lho explique. algum dia. Mas nunca lhe pregunte nada. Esqueça, esqueça — murmurou Benskin, enquanto se despedia, á pressa, para ocultar a comoção.

*

* *

— Venho apresentar-lhe a minha demissão, meu chefe!

O chefe olhou para Benskin, com ar atonico. Homem de inteligencia clara e compreensão rápida, não duvidou, imediatamente, de que alguma coisa anormal sucedia a Benskin.

— Mas o que é isso? Que aconteceu Benskin, preguntou, com inflexão benevola.

— Não tenho tido exito. Ando com pouca sorte. Está provado que não sirvo para isto.

— Explique-se, Benskin.

— Que pensaria o senhor de um bandido que rouba uma carta a uma pobre rapariga, que ameaça destruir-lhe a sua felicidade para lhe arrebatar o pouco dinheiro que ela consegue economisar, submetendo-a a uma continuada tortura moral, prometendo-lhe sempre restituir-lhe essa carta, sem nunca lha restituir? — explodiu Benskin, sem poder conter-se.

— V. bem sabe o que eu penso dessa especie de miseraveis — respondeu o chefe.

— E que pensaria do homem que exterminasse um desses bandidos?

— Apertar-lhe-ia a mão — tornou o chefe, sem hesitar.

— Mas a justiça o que faria? Condenava-o a prisão perpetua! O chefe inclinou-se para o detective.

— Começo a compreender — disse, lentamente. — A justiça é, ás vezes, cruel. V. descobriu ..

— Não descobri coisa alguma — vociferou Benskin, perdendo o dominio de si mesmo.— Não sei quem matou Mulligar, esse ente abjecto. O que sei é que o mataram, pelo que se averiguou na autópsia, com uma pancada na cabeça, num momento de exasperação, e que o homem que o matou estava cêgo de furor e de asco. Não sei quem o matou, nem o saberei nunca! E, por isso, apresento a minha demissão!

— Não aceito a sua demissão, Benskin — disse o chefe, estendendo-lhe a mão por sobre a mêsa. — Seremos ambos humanos. O assunto vai sêr arquivado.

-Foi assim que o crime da rua Mardel não chegou a sêr julgado perante a juitiça e o homem da casa cinzenta ficou para todo o sempre ignorado.

RAMIRO RUIZ DE DULANTO

de CAPITÃO a CORONEL

I

O capitão Servén, com a calma fria e calculadora que dá a astúcia, acabava de expôr ao general em chefe das fôrças rebeldes o seu plano — um plano magnífico e tentador. Seria aquele um golpe seguro e de incalculáveis resultados para a causa.

«O velho de ouro» ia perder simultàneamente a razão do seu apelido e o próprio apelido. Os dentes de Servén, num dos seus sorrisos de triunfo, fino, acerado, branquevam sobre a côr amarelada do seu rôsto de mulato como uma orla de espuma na superficie do mar obscuro.

— Será promovido coronel, meu amigo! — disse o chefe, dando-lhe uma palmadinha carinhosa nos ombros.

Chisparam de alegria os olhos do capitão, negros como as sombras.

— A's ordens, meu general.

Saüdou militarmente, girou sobre os calcanhares e desapareceu. No compartimento silencioso ressoaram por momentos os seus passos e o choque das esporas, que se foram apagando no silêncio.

O general esfregou as mãos. ¡ Oh!, as riquezas do «Velho de Ouro» iam proporcionar meios suficientes para prorogar a campanha e — quem sabe — para chegar até ao triunfo. Era admiravel o capitão Servén. Mão firme e ôlho certeiro. Bravo rapaz. Não daria o golpe em vão. Ao capitão Servén nem o diabo em pessoa a pregava. E o general mediu o compartimento, a passos largos e sorriu. Sorria, ilusóriamente estreitando a mão contra o peito, como se estreitasse o tesouro; aquele tesouro digno, segundo a opinião de muitos, da mesa dum palácio imperial.

II

Entardecia no fértil vale, quando entrou no povoado de Lucuy um pelotão de soldados com bandeira e uniforme das tropas regulares da Rèpública. A pequena população recebeu com transportes de jubilo as fôrças leais, que, segundo se dizia, iam incorporar-se nas colunas que manobravam contra os rebeldes nos confins da província.

Eram aqueles dias de angústia e aflição para os pacíficos habitantes, expostos a todas as horas ao fluxo e refluxo dos bandos. A guerra civil ensanguentava o território com sangue de irmãos.

Não havia habitação segura. Um dia os rebeldes, outro os liberta-

ediciones G P

dores, iam levando as provisões, os cavalos, os homens capazes para o serviço das armas e até as economias dos míseros camponeses.

Sôbre o casario elevava suas fortes pilostras um palacete de severa arquitectura colonial, habitado por D. Roque Miranda, o «Velho de de Ouro», como lhe chamavam por sua riqueza, e sua filha Marta, preciosa donzelinha, criada com mimo e recolhimento. Os três filhos varões estavam muito longe, dois deles estudando na Europa e o terceiro servia com o posto de tenente a causa do govêrno na capital.

Naquela noite um capitão mulato e quatro soldados pediram alojamento em casa de Miranda. Eram tropas leais, disseram, que vinham em perseguição dum bando rebelde que, segundo confidências, intentava saquear o povoado.

Miranda viu neles a defesa da propriedade, que tão providencialmente lhe entrava pela casa dentro, e abriu-lhes de par em par a sua porta. Marta, a inocente Marta, fez as honras da casa, solícita e obsequiosa, e levou a sua gentileza ao extremo de compôr por sua mão o quarto do oficial.

Serviu-se a ceia, animadamente. De ambos os lados do velho, Marta e o capitão falaram das batalhas da guerra e das batalhas do amôr, mais perigosas do que as primeiras. A ingénua doçura de Marta, sua bondade e sua beleza comoveram profundamente o coração do militar. Êste, com seu espírito, com sua conversação estoica sobre o prazer do perigo e da guerra e com o olhar penetrante daqueles olhos tenebrosos, fascinou a incauta donzela, em cuja imaginação o via com toda a simpatia do valor e a lealdade do heroi.

Terminada a ceia, Marta acompanhou o capitão ao seu aposento, mostrando-lhe de passagem a casa, com solicitude e confiança, e, já ao despedir-se, falou-lhe suplicante:

— Peço-lhe por meu pobre pai; salve-nos capitão. Seria uma vilania vir turvar a paz dum ancião e duma mulher! Mas há almas tão vis! Você que é um cavalheiro salvar-nos há, ¿não é verdade, capitão Servén?

Um tremor de perturbação sacudiu todo o ser do militar. Parecia que baixava os olhos ao pêso do arrependimento e que voltava a levantà-los pelo impulso dum propósito generoso. ¿Que se passava no interior daquela natureza bravia?

III

No dia seguinte o sol dos trópicos inundava com suas ondas de luz deslumbrante o vale esplêndido. A população de Lucuy recomeçava as suas fainas comerciais e agrícolas. Os soldados tinham desaparecido do povoado, ninguêm sabia a que horas.

No palacete colonial de Miranda reinava ainda o silêncio. Uma velha criada foi a primeira a notar alguma cousa de anormal em casa. Havia demasiado silêncio ainda àquela hora e havendo soldados.

Notava-se desordem nalgumas habitações. ¿Que significava aquilo, Santo Deus? Foi inspeccionar os aposentos dos hóspedes e encontrou-os desertos. Lançou um grito de socorro e caíu, vítima dum ataque de nervos. Gritos, correrias, prantos.

O palácio tinha sido saqueado. Os soldados tinham levado grande quantia em dobrões, não muitos para os que tinha Miranda, e toda a riquíssima baixela de ouro e prata, digna dum imperador. Até os vasos de noite, de prata macissa, faltavam. Valia tudo aquilo a dotação dum exército.

Marta tinha caído tão repentinamente na realidade da vida como aquele que do calor do leito fosse arremessado, de súbito, ao amor gelado. No letargo do seu abatimento reconstruía as feições do mulato Servén, aquele sorriso frio e acerado e aquelas olhos tenebrosos em que adejava uma alma ignóbil.

Dias mais tarde chegou a Lucuy a notícia de que a guerra tinha acendido com novo furor nos confins da província. O ódio fratricida levantava ondas de sangue generoso. Um côro de gemidos expandiu-se pelas campinas.

A comandar a coluna de ataque vinha o coronel Servén!

DELIO DO SUL
POR
R. CANSINOS ASSENS

ERA um filho do Sul, ardente e generoso; havia nascido no seu leito de flôres e de luz, e tinha no coração toda a chama daquele sol que aquécera a sua infancia, modelando-a como num fogo vivo.

A sorte havia-o levado muito novo a um paiz do Norte, a um paiz de nevoas e de neve, onde o sol era raro, tanto no horisonte como nas almas acanhadas.

A sorte havia-o levado áquele paiz árido e frio, onde só uma vez no ano, no tempo dos grandes calôres, se viam andorinhas, e onde o coração mais cheio de doçura não podería comparar-se com uma simples laranja do Sul, das mais incipidas, daquelas que as creanças, na terra feliz, arremessam desdenhosas depois de descascá-las, como indignas de que o seu pobre sumo seja sorvido pelos seus labios.

E naquele paiz do Norte, o venturoso e desgraçado filho do Sul era como uma andorinha extraviada que, atraída muito longe por um efémero raio de sol, já não tivesse forças, de frio inteiriçada, para regressar ao seu tépido ninho nos jardins do Meio dia.

Porém, ainda que rodeado de neves na terra e nas almas, aquele filho dos climas ardentes e felizes conservava nos seus olhos e no seu coração a chama do sólo nativo, e enganado por uma remota recordação tão viva como uma presença, parecía não advertir a aridez nem a frialdade daquele ermo, entre cujos blócos de gelo se encontrava prêsa a sua vida.

Uma ardente ilusão o alheava e o impedia de reparar nas cousas exteriores.

Ele acreditava vivêr sempre no seu paiz natal, entre as flôres e a luz da sua infancia, no ardôr do estio antigo; e como se habitasse numa terra generosa, cuja abundancia jamais se exgóta, assim dissipava a sua juventude e a sua vida. Tinha perduravel na alma a visão deslumbrante do seu clima ardente e não sentia a frialdade qu o rodeava.

Na sua alma era sempre estio, e ele procedia sempre em conformidade com essa temperatura efusiva que obriga a amadurecer os mais verdes fructos.

A avarêsa e a prudencia dos mêses frios não conseguiam comunicar-lhe aquele eterno inverno em que vivia.

A sua alma era inimiga dos blócos de gelo; não podia comprehender a sua existencia, a muito menos que resistissem a um sôpro apaixonado.

O estio, tão

novela para todos
edições

demorado e bréve naquela terra do Norte, ele o supunha constantemente em torno de si com a temperatura da sua palavra apaixonada, com a sugestão d'aquele gésto ousado e festivo com que repelía todo o abrigo importuno.

¿Não acredita no estío a nudez das estatuas?

Pois assim o acreditava ele egualmente em redór de si, saudando ás neves do Norte a sua fronte e braços nús, e soltando o seu canto nativo de apaixonados tons aos écos congelados. E sob a influencia da sua voz os blócos de neve desfaziam-se prematuros e os fructos amadureciam, derretendo-se em doçuras excepcionais.

E o filho do Sul sorría feliz ante aquele milagre do seu fôgo interior, sem reparar em que as suas mãos, que espargiam chamas, se convertiam elas mesmas em blócos.

¿Que importavam esses sinais do inverno, se no seu coração, predilecto dos soes, continuava ardendo o perene estio do Sul?

Os filhos do Norte que o rodeavam maravilhavam-se da sua loucura e exortavam-no a ser prudente, recordando-lhe com um bravío orgulho, com essa amarga vanglória das creaturas que se crearam na necessidade, o árido e verde dos seus ermos natais. E diziam-lhe, compadecidos da sua loucura:

—Não sejas tão estouvado, ¡oh, filho do Sul!, não julgues que estás na tua terra ardente, em cujo regaço pode dormir confiado um pequenito nu.

¿Não vês os pincaros de gelo que nos rodeiam; não vês essas montanhas nevadas, indicio da frialdade que espreita as nossas vidas; não sentes nos teus labios a durêsa desse cristal de gelo que córre com a agua das nossas fontes? Não sejas louco e faze como nós, ¡oh, filho do Sul!, que vives agora numa terra inclemente.

Todavia, o filho do Sul não fazia caso de tais exortações, mas ainda se ria delas, como se esntisse que tinha no seu coração o mesmo sol do Sul, peréne de calôr.

E vivía nos ermos do Norte tão confiadamente como havia vivido nos pomares da sua terra. E caminhava sobre a neve tão festivamente como se desfolhasse margarídas, e conservava sôbre o seu corpo os leves tecidos da sua infancia meridional, sem advertir que o frio do Norte lhe trespassava os ossos e que o vento gelado lhe curtía as faces, avermelhando-lhas com o fôgo enganador das intempéries.

Os seus olhos, deslumbrados pela chama natal, viam o sol do Sul nos horisontes de bruma, e o halito do vento frio parecia-lhe um zéfiro fragante, pois despertava no seu olfato vestigios de antigos aromas por muito tempo aspirados.

A neve parecia-lhe simplesmente o florescer das amendoeiras, anuncio infalivel e multiplo da primavéra. E a todo o tempo o filho do Sul, caminhando sem medo por sobre a geada e a neve, cantava o bom tempo que só existia no seu coração.

E cantando, cantando um estío imaginário, o filho do Sul era ele mesmo um estío perduravel, mais duradouro que o das cigarras. E aquelas creaturas, ao ouvir cantar o fílho do Sul pelos caminhos cobertos de neve, regosijavam-se no calôr artificial dos seus lares e gosavam sem receio aquela primavéra musical que supria o silencio dos seus rios gelados. E as mulheres assomavam ás janelas das suas casas, muito aconchegadas nas suas toucas, para vêr passar o filho do Sul e aquecer as faces no seu regaço e aspirar entre os seus labios o halito de fôgo que sahia do seu coração incendiado. E sentiam que, sob o ardor do seu beijo, se desfaziam blócos no seu sangue e se derretiam em mel os seus cabelos louros, como sob a caricia dum sol ignorado.

Deste modo, o filho do Sul creava no paiz do eterno inverno um estío imaginário, mas perduravel, espargindo as areias que o sol nativo havia posto no seu coração.

Mas, ainda que arrebatado por antigas vi-

sões de luz, não deixaria de sentir o frio do Norte anavalhar-lhe a péle,

Pouco a pouco entrava-lhe aquele frio por todo o corpo, congelando-lhe insensivelmente o sangue

Tinha os pés ulcerados de caminhar sôbre a neve. As suas mãos, curtidas pelo vento, pareciam mólhos de algas. As suas faces, arroxeadas pelo frio, reverberavam como a luz do ocaso. Os que o viam, gritavam-lhe compadecidos e desejosos tambem de conservar entre eles aquela andorinha única:

—¿Estás louco, ¡oh filho do Sul!, para caminhar por entre a neve com as roupas mais léves do que as penas dum passaro? Senta-te, homem, junto aos nossos fógos, abriga-te com as nossas péles de carneiro, evita esse frio que te vae consumindo, como a nós nos consumiria o sol do teu paiz. Não sejas temerario, oh filho do Sul!

Ele porém sorria das suas observações.

Não sentia o frio do Norte; era verdade que não o sentia. Muito embora os es igmas do frio se gravassem no seu corpo, incontestáveis, ele não sentia frio algum; o beijo mortal da neve não chegava ao seu coração incendiado: fôgo maravilhoso, superior ao de todas as fogueiras.

Quando soprava sobre as suas mãos, o seu hálito de fôgo derretia os gelos mais duros. E assim, alheado por uma visão antiga de sol e meio dia, continuava despresando a neve, e os seus lábios ingénuos sorriam e cantavam canções do inalterável bom tempo do Sul.

E o milagre estival das suas canções creava um estio maravilhoso na imaginação daqueles homens que não haviam conhecido um verdadeiro verão. E os seus beijos ardentes fundiam o sangue entorpecido daquelas mulheres criadas entre gelos.

Porém, o filho do Sul ía perdendo, dia a dia, graus da sua temperatura prodigiosa.

Ele que derretia gelos ía-se convertendo em gelo. Gelaram-lhe primeiro as mãos, que lhe caíram, roxas de frio. E ele pensou alegremente — as primeiras laranjas de ouro caíram sobre a neve: ¡Primavéra! — Depois, gelaram-lhes os pés e não poude continuar caminhando; mas, sentado na neve, o filho do Sul cantou — aleluia —: ¡A primavera torna pesados os meus pés, e o seu fôgo adormecedôr é que não me deixa caminhar! Dentro em pouco as montanhas terão a pele dourada como no seu país... — Depois, o frio daquele eterno inverno paralisou as suas pernas e os seus braços, e, como um rio congelado, ficou estendido no meio da neve. E então pensou: — Não posso mover-me porque a primavera me embriaga. Eu sinto o meu coração ardente como um mês de maio no Sul. O meu coração queima como essa pinha que se arremessa ao fôgo.

Mas, por último, chegou-lhe o frio ao coração e trespassou-lh'o como um punhal. E então o filho do Sul, alvoraçado, disse: — ¡Oh, conheço-te finalmente, divino frio do Norte! Bemvindo sejas; só tu és capaz de apagar o fôgo que me abrasa! ¡Bemvindo sejas sôbre as chamas do meu agosto! E assim, até à última hora, negando o inverno, morreu o filho do Sul, e, ao morrer, o seu gesto efusivo e generoso foi todavia verão...

... E os homens e as mulheres do Norte o recordam como a esse sol de agosto que se oculta todo vermelho entre brumas, e ainda continúam acalentando os seus sonhos no seu calôr maravilhoso...

NA vasta quadra a luz esmaecia. Pelas amplas janelas coavam-se as últimas claridades do crepúsculo.

Junto do fogão, em confortaveis maples, mãe e filho ouviam em silêncio o crepitar festivo dos faúlhas.

D. Manuela, o livro descaído no regaço, poisou no filho o olhar eternecido e, encorajada talvez pelas meias sombras que iam envolvendo tudo, quebrou o silencio:

— Há muito que ando para falar contigo muito a sério, Jorge, mas tem-me faltado o ensejo.

As mães são sempre avaras do amor dos filhos e vêem com mágua partilharem com outrem o afecto que desejariam guardar para si indefinidamente. Mas a natureza tem leis inexoraveis a que temos de nos submeter. Gostava de te ver casado antes de deixar a vida.

— Que idêa, minha mãe... Temos tempo de tratar disso.

— Não, Jorge, não temos, tudo se quere no seu tempo e tu vais já fazer os teus vinte e nove anos.

— Que importam os anos se eu me sinto feliz assim?...

— Não deixarás de o ser se encontrares uma mulher digna de ti. Não achas bonita a Marta?

— Como havia de ter tão mau gôsto...

— Que linda noiva para ti, filho!

— Oh! minha mão que lembrança! Não tratemos desse assunto, peço-lho. E, sem dar tempo a réplicas, abraçou a mãe e saíu.

.....

Muito pode a vontade das mães!...

Um ano depois Jorge estava noivo.

Marta, a linda priminha, fôra pedida para ele.

Determinou-se o dia do casamento, num maio ridente, inebriante de perfumes.

A Natureza em flor vibrava ao ritmo das almas enamoradas.

Era enorme a azafama para a grande festa.

A capela gótica revestia-se de galas, sorrindo para unir aquelas duas mocidades.

As trepadeiras enlaçavam-se numa carícia demorada e as rosas toucavam-na a primor; o altar desaparecia sob as pétalas nevadas.

Os velhos tocheiros de prata cinzelada perfilavam-se em requintes de elegância e os ricos candelabros refulgiam aos raios de sol que entravam galhofeirosa dar-lhes os bom dias.

novelas para todos
Edições G.P.

Pairava no ar uma alegria doida que a todos atingia: só Jorge andava esmorecido. Uma sombra vaga mas persistente toldava-lhe o semblante; em vão tentava reagir.

Marta, naturalmente melancólica, não achava estranho que o noivo o fosse tambem.

Muitas vezes no jardim, um ao lado do outro ficavam-se esquecidos, alheados — ela siglando com a ponta da sombrinha a areia do parque, ele seguindo com a vista o vôo de alguma avezita.

Entravam quando a sineta anunciava o jantar.

Vinham serenos, como quem nada mais tem para dizer, satisfeitos, sem nada terem dito.

Tão perto a boda já!

Jorge esquecia-se de tudo.

A mãe supria todas as faltas numa actividade rara.

Choviam os presentes, crescia o entusiasmo. Jorge, porêm, cada vez mais sucumbido, a mãe apreensiva, o pae impressionado.

Não havia memória de um noivado assim.

Passava horas e horas no quarto, onde D. Manuela o ia surpreender afundado num maple, num estado dalma indescritivel.

— E' impossivel, filho, que esta união seja a teu contento, que outro amor te não absorva o espírito, tão longe te vejo dêste.

— Amores!... que idêa, mãe!... não ha amores, ha contractos e só assim se podem fazer casamentos. O coração não manda, minha mãe, as conveniências exigem e a sociedade impõe; ele, pobre coitado, tem apenas a função restrita de equilibrar a vida — nada mais.

— Sinto que me ocultas alguma cousa que te incomoda, que não confias na tua mãe; pensas que ela não nota a frieza do teu noivar?!...

— Outra idêa desta adorada cabecinha... Levantou-se, beijou os cabelos de D. Manuela e foi para a janela.

Ficou perplexo... Em frente desenrolavam-se tapetes, pousavam açafates de rosas brancas como piramides de neve.

Jorge julgou sonhar.

Era então certo que todo aquele movimento girandava á volta do seu casamento?...

Uma lágrima furtiva deslisou-lhe nas faces e foi rapidamente enxuta sem que a mãe a pressentisse.

Com intuito de comunicar ao filho a alegria que em todos se notava, enfiou o seu no braço dêle e foram dar uma volta pelo parque.

De todas as bocas, sorrisos amaveis, cumprimentos, parabens...

O feitor, muito comovido, veio desejar ao noivo largos anos de ventura.

— Como está a Raquel? — preguntou D. Manuela, — ha dias que a não vejo.

— Um pouco adoentada, muito agradecida a V. Ex.ª, uma pontinha de febre teimosa, mas amanhã deve já estar bem para ajudar ao que fôr preciso.

Recolheram satisfeitos.

A tardinha apareceu Marta com a mãe.

A mesma recepção calorosa de D. Manuela e o mesmo sorriso delicado; o tom mais frio da parte de Jorge.

Retiraram tarde.

Jorge acompanhou-as ao portão e ficou-se imovel no limiar enquanto de todo se não perdeu ao longe o rodar da carruagem.

Uma janela do feitor rangeu súbitamente.

Jorge fixou-a mas nada viu.

Voltou para casa a passos lentos, incertos.

A mãe esperava-o á entrada.

— Cada vez mais bela e encantadora a tua noiva.

— É verdade minha mãe.

— Mas como tu dizes isso!... Com que indiferença falas desta formosura em volta da qual tantos rodopiaram inútilmente.

— É feitio, mãe, bem sabe que nunca fui para grandes expansões. Cada um é como é e não com o desejaria ser. Se Mar-

ta não gosta da minha maneira, ainda está a tempo...

— Vês tu, êsse dito mesmo não é dum namorado!

— Mãe, essa observação constante é uma tortura.

Foi para o quarto perturbadíssimo. Largo tempo passeou agitado.

Ás duas horas, pancadas leves como de eza assustada fizeram-no estremecer.

— Abre — disseram de fora em voz branda como um suspiro.

Jorge correu a abrir e uma mulher entrou.

Uma longa capa escura envolvia-a completamente. Arredou o capuz e um rosto, deslumbrante de formosura, brilhou com todo o esplendor.

O olhar de Jorge iluminou-se súbitamente.

Tomou-lhe as mãos embevecido:

— Minha vida, meu grande amor!...

Um sorriso irónico correspondeu ao cumprimento.

— Palavras, Jorge, palavras vãs mas significativas e perigosas para os ingénuos e incautos. Foi com elas uqe iludiste a pobre filha do teu feitor!...

Está então decidido que vai casar?

Jorge curvou a cabeça sucumbido.

— Muito bem... é o casamento que a mamã te ordena... Noiva escolhida a primor, rica, bonita e... fidalga... Esqueceste-te de mim meu pobre amigo... Imaginavas que a filha do feitor que te amou como só uma vez se ama na vida, sacrificando-te tudo quanto de mais sagrado existe, não tinha brios tão nobres como os teus?

A honra, amigo, não é privilégio de fidalgos. Os pobres, os humildes querem-lhe mais porque é a sua única riqueza.

Porque não pediste licença à mamã para seduzir quem na tranqüilidade do seu lar nunca se lembraria de erguer os olhos para ti?...

O filho, tão exemplarmente obediente, devia ser para todos igualmente correcto.

— Raquel, tem piedade de mim.

— E quem a tem de mim? Que fizeste do nome honrado da minha família? e da pobre creança que acreditou em ti como em Deus?

Quando me educaram foi para ganhar a vida honestamente e não para amante do fidalgo.

— Raquel... eu sofro horrores...

— E eu que tenho sofrido? tu podes lá presumir a tempestade que me tem devastado a alma, os séculos de martírio que êstes últimos meses têm representado para mim!... Nisso nunca te dignaste pensar... egoista como todos os do teu sexo.

Um trapo a mais, consideraste, a revolver-se na lama. Como as outras... como todas as desventuradas que crêem em promessas.

Não contaste com a minha revolta.

Pusilanime!... cuidavas tu que ficarias de braços cruzados com a minha desonra, com a minha vida perdida?...

Enganaste-te Jorge... tu nunca mediste a grandeza do meu amor nem calculaste a enormidade da minha mágua.

Prometi a mim mesmo que não casarás e não casas.

Venho propor-te o suicídio, aceitas?

Raquel..., que alucinação!, acalma os nervos.

— Não posso nem quero. O teu casamento é depois de amanhã: decentemente não podes renunciar a ele. Matemo-nos, que é a única porta por onde podemos saír juntos.

— Raquel... que loucura!...

— Aceita, Jorge, estou decidida a tudo.

Morrerei contigo satisfeita, mas ver-te casado com outra issso nunca!

— Um pouco de serenidade, minha amiga.

— Ês tu que me pedes serenidade... tem graça... Quem teria tido mais!... tu... é verdade... tu és muito mais sereno, atirando com a desgraçada ao monturo onde se decompõem todas as infelizes como eu.

Desta vez falhou o cálculo da mãe e do filho. Não contaram comigo!... Não me

escarnecerás, juro-te! Sem coragem para arrostar com a vontade dos teus... mas na sombra... enlameando os pobres — és um valentão! Não aceitas?

Jorge, lívido emudeceu.

Raquel num gesto brusco, alucinada, ergueu o braço altivo e desfechou o revolver...

Jorge levou as mãos ao peito e, ansiosamente, implorou:

— Foge... Salva-te.

Pela escada do jardim uma sombra desapareceu.

*

* *

Todos acordados com a estranha detonação, acorreram ao quarto do desturado noivo.

Encontraram-no num mar de sangue a esvaír-se!...

— Mataram o meu filho, o meu adorado Jorge — gemia, desvairada, a pobre mãe abraçando-o, julgando prendê-lo á vida que via a desamparálo...

— Procurem o assassino.

— Não foi... — balbuciou o muribundo — limpava... o revólver... a bala partiu... veio de ricochete... cravar-se aqui...

Não disse mais...

E assim acabou aquele noivado tragico.

Quem mata com ferro, com ferro morre

I

Isto que vai lêr-se podia ser conto ou novela curta directamente tirada da fantasia. Mas não. O que vai lêr-se, se alguêm fôr tão perdulário de tempo e paciência que lhe conceda cinco minutos de atenção, é conto, sim, mas extraído de facto verdadeiro e, alêm de verdadeiro, verosímil — tendo a corroborá lo séculos de factos semelhantes. Foi a povoação de Moura, no concelho da Régoa, na província de Trás-os-Montes, o seu teatro. E foram-lhe scenário as quebradas heràldicas do Minho licoroso, do *Port-Wine* que dali é natural, que ali nasceu, ali se criou e dali parte para as copas dos reis e as viagens dos mares.

Vamos ao caso — nova confirmação da sentença popular de que *quem mata com ferro, com ferro morre;* ou da sentença do Apocalipse, que diz no capítulo III: — Aquêle que matar á espada, importa que seja morto á espada.

Em Moura, minúsculo povoado nas abas das colinas alterosas do rio Douro, em Traz-os-Montes, onde a uva de casta fidalga se orgulha de dons e virtudes singulares, viviam sob o tecto comum dois irmãos remediados emteres e haveres — o mais velho chamado Antonio, Joaquim evidentemente o mais moço.

Em certo dia, por influência de ciumes insofridos ou interesses pecuniários, os dois irmãos desirmanaram-se. Passaram a afastar-se com repugnância e a olhar-se com rancôr. Até que em triste momento de grande exaltação, romperam um contra o outro, e o António matou o Joaquim tal qual como no Velho Testamento, na segunda geração da humanidade contada e historiada no Genesis.

Não é preciso dispôr da imaginação dramática de Dante ou Shakespeare para evocar, nas suas linhas convulsas, a hora de espanto, de terror e de revolta que a repetição do primeiro sangue bíblico levou ao pequenino e calmo povoado — povoado de usos e costumes tão simples no sabor, tão iguais no correr dos lustros, que o seu Janeiro só se distingue do seu Junho pelos diversos registos do sol e pelos diferentes mimos dos pomares, este daquele ano pela abundância ou qualidade das colheitas.

Houve os prantos públicos da obrigação. Como sempre exaltaram-se as virtudes do morto e avultaram-se os defeitos do mata-

dor. E a família dos dois discutidos personagens centrais da tragedia, duplamente ferida no coração — pela saüdade e pela vergonha — chorou a ocultas a desgraça irreparavel.

Entretanto o assassino, o António, em vez de fugir, procurando em terras de Espanha a passagem clandestina aos portos do Brasil — o azilo longíquo contra a vara das justiças regulares — foi apresentar-se ás autoridades, prestou as suas declarações, recolheu á cadeia para o julgamento.

II

Toda a família o repudiara tácitamente, lanceada no amôr devido ao morto, enxovalhada na dignidade mantida com aprumo.

Só a mãe, que perdêra um filho no cemitério, ao saber do Antonio na cadeia, começa a doer-se da perspectiva angustiosa de perder o outro filho na Penitenciária:— aquele seguindo a marcha subterrânea da transformação da matéria em seiva nutriente, em fibra vegetal, talvez em flôr e em beleza; êste a trilhar a via infamante aberta ao seu passo criminoso pelo Codigo Penal, de mau a passar a péssimo, de homem feroz a fera bruta.

O seu filho na cadeia da vila, entre a malta fétida dos presos comuns, sem dinheiro, sem protecção, á certa com fome — na repugnância de aceitar o caldo e o rancho dos criminosos seus companheiros!

Não come, não dorme, não socega, sob o ferro em brasa da idêa mortificante. Resolve falar ao marido na situação do desgraçado. Custa-lhe fazê-lo — mas custa-lhe mais não o fazer.

— Han? — brama o marido, hirto de assombro e de furôr aos seus termos preambulares de misericórdia. — Então tu... tu já esqueceste o que êsse monstro fez contra o nosso Joaquim? Não! Esse não é nosso filho. Nosso filho... era o que está no cemitério!

E desandou a largas passadas. E não quis ouvir falar mais do encarcerado.

Não era seu filho! — ficou-se a considerar a pobre Mater Dolorosa, a palavra estrangulada na garganta, a dôr a extravar-lhe dos olhos. Era seu filho, era, que lá estava o coração a dizer-lho, e mais do que o coração, as entranhas ainda lembradas de quando lhe foram berço, os seios para sempre saüdosos de quando lhe foram alimento. Ele levantára-se contra o infelís irmão, que morrera sob o seu braço armado. Mas o infortúnio dêste não era alívio para o outro. E a este queria-lhe como nunca... desde que o sentia na desgraça, desde que o sabia no abandono.

— Meu Deus! Perdoai-me, se peco! — pedia, suplicava, mão postas, olhos turvos, coração amarfanhado.

Não podendo mais com aqueles transes, põe-se fóra do leito, numa manhã clara de outono, muito cêdo, a estrêla de alva ainda no ceu a ensinar o caminho ao Sol, o maior dos Reis Magos do Oriente, e mete na rota da igreja. Vai aconselhar-se com o senhor abade — que fala por êle e por Deus. Encontra-o já na sacristia penumbrosa, a paramentar-se para a missa das almas. Está sòzinho na quadra, pois o sacristão acende os lumes votivos no altar do sacrificio.

— Senhor abade!— arremete, a meia voz, mais envergonhada e confusa do que se fôsse acusar-se pecadora.

— Que deseja a senhora Elvirinha? Quere-se confessar?

— Quero. Mas já, se faz favor... — desafoga.

Seguem direitos ao confessionário, ele com a alva sob a garnacha, ela com o chale a cobrir-lhe a cabeça. E, cumpridas as regras preliminares do ritual, a senhora Elvirinha confessa o pecado do seu amor ao ao filho fratricida, e pregunta se Deus a não castigará por lhe querer acudir.

— E' natural... — murmura o senhor abade, comovido. — O que morreu era filho. Este filho é...

— Mas o meu homem diz que não devo...

— Ora, o seu

novela para todos Edições

homem! O seu homem é pai. A senhora é que é a mãe...

— Eu queria levar-lhe de comer. Tê-lo num quarto decente.

— Sim, sim. Vá, vá. Deus até ha-de gostar, que é pai de misericórdia.

E aí vai ela no trilho da casa, o coração meio descarregado do pêso que o oprimia, até mais leve do passo antes vacilante, a deitar contas ao pé de meia da arca velha, a desencantar pretexto para chegar sózinha até á vilha.

O certo é que, dois dias transcorridos, o Antonio já não está na primitiva enxovia, em promiscuidade com a malta dos presos. Já distruta quarto á parte e cama lavada. Já lhe dão roupa limpa e comida de hotel. Mais: — já tem quem o visite na cadeia, quem lhe patrocine a causa no tribunal.

E são tais e tantos os milagres de repente operados em tôrno do rapaz, as influências políticas a mexerem-se, êle a alegar que procedera em legítima defesa, que o jùri criminal da Regoa o absolve e o põe na rua.

III

Isto ocorreu há uns poucos de anos. E como não ha mancha ou estigma que o tempo não dilua e os costumes não apaguem, o Antonio, na última Pascoa, foi proclamado oficialmente noivo da mais linda e da mais rica herdeira dos sitios.

Aprazado o casamento para as vésperas do próximo Natal, o noivo quis solenizar o ajuste definivo das bôdas com uma festa rija em casa dos pais.

Assim o decidiu e assim o pôs em acção — Setembro em meio, as uvas já maduras nas videiras, as encostas altares aformoseadas por todas as galas da natureza para o *Te-Deum laudemus* das vindimas e das lagaradas.

Concorrem á festa amigos e conhecidos. As violas e as cavaquinhas cantam ao desafio as variações da *Cantiha Verde*. Os pares enlaçados rodopiam nas salas ás voltas da dança popular. O vinho aloira o vidro fosco dos copos. O doce afaga o sôfrego paladar dos gulosos.

A certa altura da noite, o Antonio chama um amigo ao quarto, abre a gaveta dum movel e mostra-lhe a sua pistola nova. O amigo deixa-o saír do quarto e, por brincadeira, abre outra vez a gaveta, tira a pistola e mete-a ao bôlso.

A festa do noivado está no fim. A madrugada anuncia-se no rubor da montanha fronteira, cujos cabeços começam a corar-se de luz. Os convidados saem na direcção dos lares. O António prepara-se para acompanhar a noiva.

— A pistola? — pregunta a si próprio, ao procurá-la na gaveta, ao encontrar a gaveta vasia.

E, lembrando-se logo do amigo a quem a mostrara, que por certo lha levara no fito de o intrigar, de maneira nenhuma na intenção de o roubar, pede licença á noiva e corre atrás do camarada.

— Ah. Foste tu! Eu logo vi.

Pede-lhe que lha restitua. O outro, ainda por brincadeira, rindo e chasqueando, nega-se a entregar-lha. O Antonio está com pressa, que tem a noiva ás espera. Insiste pela restituïção. Da insistência passa á imposição.

— Pois se te zangas, já não é hoje que ta dou.

— Dás! — assevera, de subito, irado.

Lança-se contra o amigo num rompante de leão. O amigo apara-lhe o embate, sacode-o sem rancor. Mas vendo-o levar a mão ameaçadora ao bolso, no mêdo da arma assassina qne prostou o Joaquim, alça a pistola, aponta-lha ao peito e desfecha á queima roupa.

O Antonio cambaleia, tenta manter-se de pé, caminha com rumo a casa. Dez passos andados, porêm, apezar de amparado por conhecidos e amigos que surgem da direita e da esquerda — vai tombar, e soltando o ultimo arranco, precisamente no ocal em que quatro anos antes caíra morto o irmão.

A mãe, essa, á noticia do sucedido, morreu nos braços da noiva do filho, de síncope cardíaca.

E digam lá que não ha justiça imanente!

Lisboa—1928

Gente nova
O dinheiro
por
Iolanda d'Iomille

No intuito de estimular os que começam, inauguramos, hoje, uma secção para gente nova.

Principiamos com um conto de «Iolanda d'Iomille», pseudomino duma distinta senhora que já tem colaborado em várias publicações portuguesas.

SÃO cinco horas, a hora chique a hora querida das elegantes.

A rua do Ouro, dourada pela poeira que do sol se irradia, torna-se a essa hora encantadora.

Grupos alegres, lembrando bandos de passaros, enchem de alegria a rua com as suas conversas animadas; bôcas lindas, lembrando rosas em botão, prometem coisas que jamais cumprem... e a animação vai-se contagiando.

É também a hora em que fecham os grandes escritórios. Uma multidão trabalhadora, sedenta de liberdade, invade por sua vez as ruas animadas; e então a conversa aumenta, trocam-se cumprimentos, cruzam-se frases, tudo numa alegria ruidosa.

Duma casa bancária acaba de saír o pessoal; uns despedem-se logo ali, outros tomam o carro, e alguns seguem conversando até ao ponto onde têm que separar-se.

Desse grupo destaca-se uma rapariga nova. Muito loira, lembrando na sua graciosidade uma dessas figurinhas que imortalizaram Wateau, despede-se à saída e, indiferente aos ruídos da multidão, segue em direcção ao Rossio.

Ao olhá la, uma grande tristeza invade-nos a alma, pois é fóra de dúvida, que qualquer coisa grave preocupa aquela rapariga que mais parece uma criança.

De vez em quando olha para traz e parece recear que a sigam.

Quási ao entrar na Avenida, no passeio fronteiro à Abadia, alguém lhe fala e Manuela — era êsse o seu nome — virou-se, enquanto um leve fransir de sobrancelhas mostrava não lhe ter agradado a aparição.

— Quando pensa em tomar juizo? faz favor de mo dizer — preguntou a jovem, ao ver que o seu companheiro sorria apesar de tudo.

— Quando tu deixares de ter tanto, respondeu a pessoa a quem ela se dirigia.

E seguiram, discutindo, Avenida acima — enquanto a tarde caía.

Pelos passeios, aproveitando êsse fim de tarde, descansava muita gente. Todos olhavam Manuela e admiravam-na, mas ela passava com a simples dignidade de uma mulher que sabe fazer-se respeitar em tôda a parte, de forma que ninguém se atrevia a dizer nada.

Ao chegar á rua Alexandre Herculano, Manuela já tinha feito as pazes com o seu companheiro e, ao entrar em casa, foi com um delicioso sorriso nos lábios que apertou a mão que êle lhe estendia.

É noite. Manuela acabou de jantar; e a mesma

novela para todos
edições C P T P

tristeza, que pela tarde a apoquentava, voltou de novo a persegui-la. Motivos?... São tantos.

Com a cabeça apoiada nos braços, medita vagamente. Um perfil masculino enche-lhe o pensamento de mistura com outras imagens. Está tão longe de ali, que não dá pela entrada da mãe.

— Com que então já não tens confiança em mim?!— diz a pobre senhora, enquanto lhe beija os loiros cabelos.

— Não te zangues mãesinha, não é nada de cuidado. Durante o dia só penso no trabalho, é justo que pela noite eu também divague, como as mais, não te parece?

— Estás zangada com o teu noivo...

— Não tenho noivo,— respondeu apressadamente Manuela, enquanto um vivo rubor lhe tingia as faces pálidas. — Se tivesse, dizia-to.

— Tem cuidado com o coração filha. Não o dês ao primeiro que apareça a pedir-to...

...e por sua vez foi a pobre mãe quem não pôde conter as lágrimas.

Abraçadas, chorando juntas os seus desgostos, dirigiram-se para o quarto.

Só tarde adormeceram.

Manuela pensando no presente...

Sua mãe recordando o passado...

....

Manuela tinha desoito anos e não conhecera o pai.

Era dactilógrafa numa casa bancária e quási não conhecia parentes. Havia um ano que ela se empregara e foram verdadeiramente ditosos os primeiros meses do emprêgo. Breve, porém, assomaram lágrimas naqueles lindos olhos, e uma grande mudança se operou naquele carácter descuidoso.

Luciano, o filho do banqueiro, começou a fazer-lhe a côrte; Manuela, guiada pelos conselhos maternos, apesar de sentir que o amava desde a primeira hora em que o vira, recusou êsse amor; êle, porém, não desanimara e, durante quási um ano, todos os dias pedia á linda dactilógrafa um pouco de amôr, em troca do muito que lhe tinha.

Era êsse amor que a entristecia, pois a pobre demais sabia que nunca poderia ser mulher dêle.

Isso mesmo lhe tinha repetido de tarde, enquanto subia a Avenida, mas Luciano não queria ouvir semelhante coisa.

Era êsse o motivo por que o sorriso lhe fugira dos lábios, e as lágrimas tantas vezes lhe assomaram aos olhos.

Amava-o muitissimo... mas tinha de fugir-lhe.

No dia seguinte, pouco passava das dez horas, Manuela entrou no escritório, um pouco mais pálida do que o costume.

Mais de uma vez, distraída, esqueceu a máquina e ficou pensativa, esquecida do logar onde estava.

Um pressentimento vago, a ameaça de qualquer fatalidade, pesava-lhe no coração e, pela primeira vez, sentiu vontade de deixar o escritório.

Por fim chegaram as cinco horas.

Manuela saíu, como de costume, indiferente ao que se passava.

A poucos passos do banco, Luciano deteve-a.

— Vou jantar, hoje não te acompanho.

— Nem falta me faz.

— Não comeces a zangar-te; ámanhã hei-de dar-te uma grande alegria.

— Se não fôr antes tristeza...

— Não sejas tonta. Porque dizes isso?

— Advinha-me o coração grandes desgostos. A propósito, ainda não lhe disse que minha mãe está peor? Passou esta noite muito mal, e eu temo tanto aquelas aflições... E Manuela ficou dolorosamente triste, ao pensar na doença da mãe querida.

— Não estejas a inquietar-te sem motivo, isso ha-de passar como das mais vezes. Desejo as melhoras, e até amanhã.

Despediram-se... sem saber que seria para sempre.

A jovem seguiu em direção a casa, Luciano ficou de longe a contemplá-la.

Um raio de sol, batendo-lhe nos caracoes rebeldes que fugiam do chapeu, tornava ainda mais loiros aqueles cabelos de ouro. Como era linda!

Tencionava falar nessa tarde com o pai a respeito dessa criança que adorava. Como seria recebido?

Estava distraído, pensava nessa rapariga que lhe enchia a vida, e não deu por que alguém estava junto dêle. Tocaram-lhe num ombro, virou-se e ficou surpreendido ao dar de cara com o banqueiro.

Seguiram juntos para casa e juntos entraram no lindo palácio da avenida Berne.

Os últimos raios de sol entraram tímidamente na casa de jantar; iam despedir-se das rosas vermelhas que enfeitavam a mesa; os cristais tinham reflexos metálicos.

Luciano estava melancólico, todos o estranhavam naquela tarde; distraído, respondia por monosílabos ao que lhe preguntavam e olhava tristemente as flôres

Uma rosa vermelha desfolhou-se; as suas pétalas rubras, como gotas de sangue, estavam esparsas na toalha alvíssima.

Lembrou-se dos pressentimentos de Manuela, teve medo daquele preságio.

Ao café, enquanto fumava um charuto e olhava o fumo que se espalhava pela sala, Luciano disse para os pais: — Sabem? vou casar e espero apenas o vosso consentimento.

— Com quem?—preguntaram ambos, admirados com a novidade.

— Com a Manuela, a dactilógrafa do Banco.

— Mas tu endoideceste?!—disse o velho banqueiro, receando efectivamente que a loucura tivesse atacado o cérebro do filho.

— Mas que espanto é êsse? Quem sou eu afinal? e quem é ela?

— Tu — disse a mãe muito orgulhosa, — és filho dum dos maiores banqueiros de Portugal e ela, ela é empregada de teu pai.

— É só isso? Francamente vejo que a diferença é apenas esta: eu sou rico, ela é pobre; eu mandreio, ela trabalha.

O pai, que até então estivera calado, disse por fim.

— Escusas de buscar rodeios, porque com o nosso consentimento não casas. Primeiro, porque eu não consentiria que casasses com uma rapariga sem nome nem fortuna; e segundo, porque nós já estamos comprometidos com a prima Júlia. É uma rapariga bonita, estima-te sinceramente e a fortuna dela é muito superior á nossa.

— Mas eu não gosto dela.

— Então não sei que te faça.

— Sei eu: não caso com Manuela, mas também não será a prima Júlia que será minha mulher; que guarde os milhões para quem precise deles, que para mim não os quero. Ámanhã saio desta terra, vou para onde o destino me levar, vou em procura da fortuna; quando fôr rico e independente, voltarei, e, então, mesmo sem o vosso consentimento, casarei com aquela que eu amo.

Depois, afastou o pesado reposteiro de veludo vermelho e saíu da sala. Não podia mais, a dôr era demasiado grande.

Pobre Manuela! Afinal era ela quem tinha razão. O dinheiro... sòmente o dinheiro tinha valor...

Na casa de jantar o banqueiro falava; Luciano não o queria ouvir, a sua sorte estava decidida. Ali, perto da querida orfã, não poderia fazer nada; lá longe, com a sua imagem no pensamento, trabalharia para ela.

É certo que as más novidades pressentem-se e Manuela, ao despedir-se de Luciano, sentia que coisas graves iam passar-se em torno dela. O que seria? Não podia dizê-lo, mas notava que a tempestade se aproximava.

Era com verdadeira ansiedade que subia a Avenida, em direção a sua casa.

Ao chegar, foi com verdadeiro desgôsto que soube que a mãe peorára durante o dia. A pobre senhora, vítima de uma lesão cardíaca, via que estava quási no fim da estrada da vida. Não temia a morte, mas custava-lhe deixar a filha só no mundo.

Tão nova! tão bonita! sujeita a mil perigos...

Manuela via com pesar os estragos que a doença fazia e a custo continha as lágrimas. Passou a noite á cabeceira da doente, fazendo

mil conjecturas no que seria a vida se a pobre mãe lhe faltasse.

Rompeu a madrugada. Os primeiros raios do sol nascente vieram encontrá-la pensativa, quási resignada com a vontade de Deus.

Passava do meio dia quando entrou no escritório; tinha os olhos pisados e, nas faces pálidas, notavam-se os vestígios de uma noite perdida.

Procurou Luciano e, não o vendo, sentiu o caração confranger-se.

Entre lágrimas mal contidas, contou ao velho banqueiro o que se passava e preveniu-o de que tão cedo não voltaria ao escritório.

Despediu-se das companheiras e, com passos lentos e mal seguros, desceu as escadas que conduziam á rua. Em baixo estava Luciano; a jovem viu uma expressão de tristeza naquêle rosto, de ordinario alegre, e sofreu ao ver que êle sofria.

— Está melhor a tua mãe? — preguntou no momento em que a viu.

— Está a piorar de hora a hora; vim prevenir seu pai de que tão cedo não posso vir trebalhar.

— Tenho uma má novidade a dar-te, disse Luciano com a voz velada pelos soluços.

— Que importa?! Uma desgraça nunca vem só...

— Ontem tive uma zanga violenta com meu pai, o que me obriga a saír de casa; parto àmanhã de manhã. Para onde? Nem eu próprio o sei, vou à sorte.

— E porque se zangou?—preguntou inquieta.

— Motivos de família, coisas com que não posso concordar...

Manuela respirou. Temia tanto que fosse por causa dela!

Demoraram-se uns momentos a conversar, indiferentes a quem passava; por fim separaram-se.

— E pensa voltar? — preguntou a jovem, um pálido sorriso nos seus lábios descorados.

— Sim, embora tarde, tenho esperanças de que volto.

Manuela seguiu para casa, Luciano ficou onde estava; dizia-lhe o coração que nunca seriam felizes e êle temia pelo futuro.

Depois de três dias de sofrimento horrivel, a mãe de Manuela entrou na agonia. Mostrou desejos de falar a sós com a filha e, àquela hora em que o dia morre lá fóra e o crepúsculo acinzenta o espaço, Manuela ouvia dos lábios da moribunda uma confissão que estava longe de esperar: «Não era órfã; sua mãe, bonita como ela e quando tinha tambem desoito anos, iludida pelas meigas e carinhosas palavras do primeiro que lhe falára de amor, adorou êsse homem, sem sonhar que êle mentia; sem bem saber como, encontrou-se um dia com uma criança nos braços e sem saber o que fôra feito do pai. Passados meses, recebia uma carta dêle, expedida de Nova York. Ferida no seu grandeamor, não respondeu a essa carta, nem a outras que se lhe seguiram. Educou a filha conforme pôde, não lhe revelando nunca o segrêdo do seu nascimento.»

Manuela ouvia tudo isso absorta, e lembrava-se que, na sua infância, quando ela preguntava pelo pai, a pobre mãe respondia com lágrimas nos olhos — «morreu, está no céu».

A moribunda falava ainda, mas a custo se compreendiam as palavras; num supremo esforço de energia, sentou-se na cama, agarrou as mãos da filha e articulou com a voz enfraquecida: — Não chores, queridinha; depois de eu morrer, faze por encontrá-lo. É americano... é muito rico... chama-se...— e aquele nome adorado morreu-lhe nos lábios quando a vida se extinguiu.

A mãe de Manuela deixára de existir; partia silenciosamente como viera. Morreu quando no firmamento azul começavam a aparecer as primeiras estrêlas.

Passou um mês.

Manuela voltou ao escritório, mais pálida e mais abatida.

Havia uma semana que Luciano partira e o pai prometera-lhe não despedir a dactilógrafa.

Depois da morte da mãe tornara-se muito sensivel, impressionando-se pela coisa mais insignificante.

Naquele dia, à hora do almoço, para distrair

o espírito, pegou num jornal e começou a ler maquinalmente; em breve, porém, a sua atenção foi presa por um facto terrivel.

Afundára-se um grande navio, não sendo possivel salvarem-se os tripulantes; entre êles encontrava-se um milionário americano que vinha a Portugal tratar duns negócios particulares.

Sem bem saber por quê, Manuela lembrou-se do pai.

Depois, enquanto trabalhava, no seu pensamento, como ondas revoltosas, debatiam-se milhares de ideias.

O que era a vida...

Seu pae, tão rico, talvez nem soubesse que ela existia — ela, que para viver tanto trabalhava...

O dia findara. Chegaram as cinco horas e a órfã saiu como de costume. Mas que diferença!

Luciano já não a acompanharia, fazendo-a zangar com as suas impertinências...

Em casa, já não tinha a mãe querida, esperando-a para jantar...

E agora seria sempre assim, sòzinha para toda a parte.

Uma tarde, ao chegar a casa, encontrou uma carta. Quem poderia escrever-lhe, a ela, triste órfã sem ninguém?

Era o notário de seu falecido pai, — sir James Watson, o grande milionário americano que morrera no naufrágio — a comunicar-lhe ser ela a herdeira de toda a sua fortuna na qualidade de filha legítima.

Manuela, com a carta na mão, assombrada, custava-lhe a acreditar, ainda que não restasse a menor sombra de dúvida.

Parecia-lhe um sonho, o que afinal era apenas realidade.

Ela, a pobre dactilógrafa, transformada de um momento para o outro numa herdeira riquíssima...

Quási noite. Manuela, fatigada, sentou-se num sofá junto da janela. Passara todo o dia na rua, pelos bancos, tomando posse da herança que o pai lhe legára.

Estivera na casa do pai de Luciano, na casa onde durante meses ganhara o pão dia a dia, e soubera pelas companheiras qual a razão por que Luciano partira.

Como o mundo é vil! E, dos seus lindos olhos habituados à tristeza, uma lágrima desprendeu-se vagarosa...

Pensava agora na solidão daquela casa, no velho banqueiro, que, por uma ambição mesquinha, despedaçara dois corações.

Como estava vingada!

Era agora mais rica do que êle, mais rica mesmo do que a prima Júlia. Depois lembrou-se de Luciano; agora, sim, tinha a certeza de que o não tornaria a ver.

Foi buscar um retrato e um maço de cartas. Estavam ali, na sua mão, as únicas relíquias de um amor desgraçado. A medo, como se temesse que a vissem, pousou os lábios no retrato; em seguida começou a passar a vista pelas cartas. Mal as lê, encovados os olhos pelas lágrimas que brilham neles; pousa-as no regaço e, sem notar que as horas passam, entrega-se por completo à sua dôr.

Lá fóra a chuva cafa monótona na rua e Manuela sente os olhos fecharem-se. Duas grandes recordações enchem a sua vida: a morta querida que no céu vela por ela, e o amor de Luciano que nunca esquece.

Soam lentas e vagarosas as dez horas numa torre distante e, no silêncio da noite, o seu éco tem qualquer coisa de lúgubre tristeza.

Manuela levantou-se, afastou as cortinas transparentes, olhando a rua silenciosa; raros passeantes. Há muito já se deixou de ouvir a voz dos vendedores dos jornais da noite e, de vez em quando, os electricos, o barulho dum auto que passa, o correr dos cavalos de um trem, alteram a solidão da rua deserta.

Uma chuva miudinha, contínua e frigidíssima, encharcava aqueles que não tinham por tecto mais que o céu pardacento.

Com o rosto colado aos vidros da janela, a infeliz lembra a sua vida passada.

Agora é só, não tem ninguém; nem a amizade de um parente, nem a estima de uma pessoa amiga.

Aborrecida,

enervada, deitou-se; lentamente adormeceu e, durante o sono, adormeceu, tambem as desilusões da vida.

Pela madrugada o tempo melhorou. Parou a chuva e um pálido sol de outono veio fazer brilhar as gotas de água que dormiam nas plantas.

Dir-se-ia que a propria natureza, como as simples criaturas humanas, apoz as suas amarguras, tinha horas de risos e festas.

Manuela acordou; e, ao ver o sol, um raio de esperança entrou na sua alma. Devagar, como pessoa que não tem pressa, preparou-se para saír.

Já não tem que magoar os pèzinhos nas pedras das ruas; à porta, esperando por ela, estacionava uma preciosa *limousine*. Apesar da sua grande desgraça, Manuela achava imensa graça à vida que agora levava. Supunha-se a heroína dum de aqueles contos de fadas, que em criança a mãe lhe contava, para a ter quieta alguns momentos.

Como tudo isso ia longe...

Acabou de arranjar-se, olhou mais uma vez o espelho e com saüdade disse adeus àquela casa cheia de recordações boas e de tristes lembranças. Aquilo era o passado, todo socêgo e esperança; o presente, lagrimas e desgôsto. O que seria o futuro?

Avenida abaixo, o auto desce vagaroso. Manuela olha as árvores despidas de folhas, essas árvores que tanta vez ouviram as palavras de Luciano.

Quere esquecer o passado, passar sôbre êle um espesso veu e entregar-se por completo às surprezas que a esperam.

Pela primeira vez, no fim de tantos dias, um sorriso infantil aflorou àqueles lábios vermelhos. Vai para o desconhecido e essa vida estranha enche-a de curiosidade.

A alguns quilómetros da capital, para os lados do oceano imenso, ergue-se uma soberba habitação, quási inteiramente oculta no meio de um maravilhoso oasis de verdura e flores. Chamam-lhe a «Vila das Ondas». Construida anos atrás, fôra mandada comprar pelo pae de Manuela. Ali pensava êle vir viver com a filha, que vinha procurar, quando a morte o surpreendeu no caminho.

Tem apenas dois andares; de um lado do rez-do-chão corre uma vasta galeria envidraçada a cores, dando sôbre o jardim, com os seus densos macissos de verdura. É aqui a sala de jantar. Do outro lado é o salão nobre, aposento riquíssimo, onde quási ninguém entra.

Para trás é o mar, a obra prima da natureza.

Circunda a habitação um parque imenso, povoado de carvalhos seculares, de álamos de uma altura que toca os ares, de sicomoros, de tílias e de castanheiros. Balanceiam as palmeiras ao menor sôpro do vento e, na primavera, o aroma de tantíssima flor que ali se junta chega a entontecer.

É aqui, neste calmo retiro, quási isolado do mundo, que Manuela veio viver. Aborrecida da vida da capital, veio encerrar-se naquela casa solitária. Ali, a sós com a sua grande dôr, a sua enorme tristeza, pode pensar livremente em Luciano. Que será feito dêle? Já não acalenta ilusões. Tudo os separava, ela bem o sabia; porém, também estava segura de que nunca seria mulher de outro. Com toda a sinceridade lhe tinha dado o coração e não queria recuperá-lo.

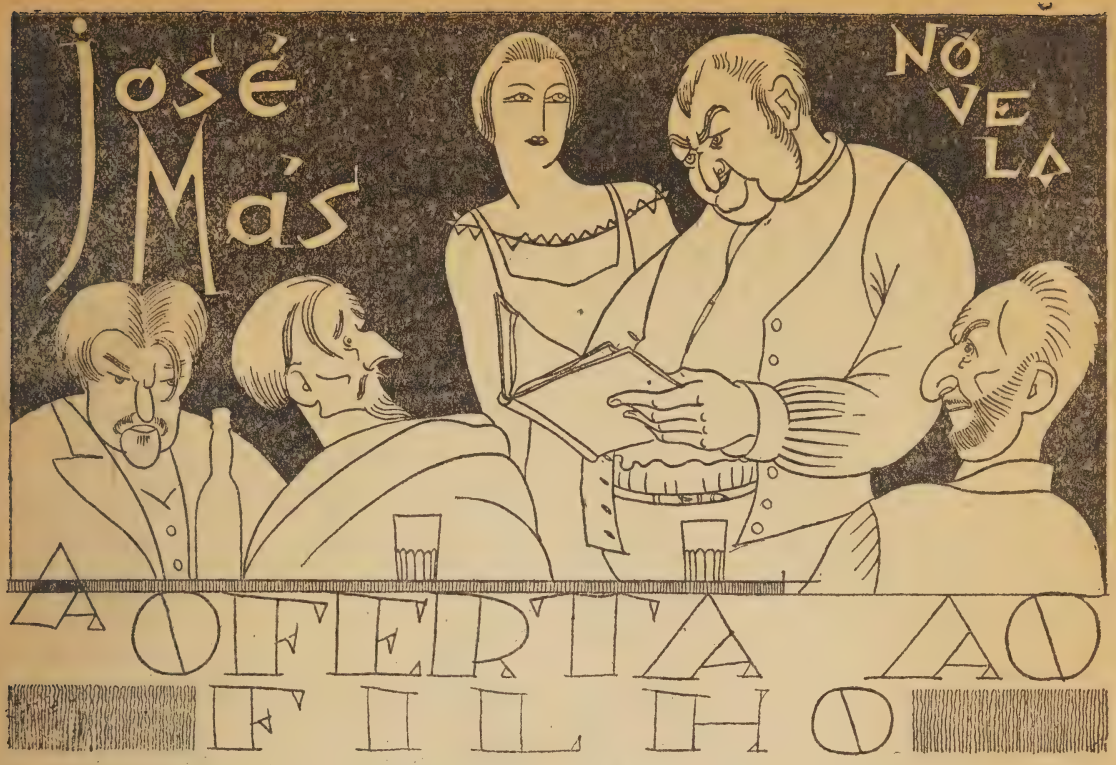
Os seus aposentos são no andar de cima. No seu quarto, esquecida, sem dar por isso, viu a noite descer, uma noite triste, melancólica, como as almas das pessoas que sofrem. O céu estava dum azul sombrio, recamado de estrêlas.

Apoiados os braços no parapeito da janela que dá sôbre o mar, contemplando as ondas que se desfaziam a seus pés com regularidade, simulando a respiração de um ser misterioso, pensou que aquele mar era o mesmo que cruzara Luciano quando partira para terras desconhecidas.

E porquê, Santo Deus?

Seu pai cruzara tambem aquele mar, e naquele vasto sepulcro, sepultura de tantos valentes, êle repousava havia meses.

Manuela ouvia o canto das ondas e no silêncio da noite parecia-lhe ouvir a voz do velho milionário pedindo-lhe perdão.



Continuação do número anterior

O «Manchego», radiante, depois de serem servidos o café e os licores, ordenou a sua filha que trouxesse o historiado álbum para que o famoso lírico o honrasse com a sua assinatura. Criptana apresentou com tanta graça o livro ao velho poeta, que os jovens aplaudiram, entusiasmados. Sorriu a donzela com deliciosa candura, e o senhor Licinio não pôde ocultar o seu contentamento e soltou uma ingénua gargalhada, que pôs a descoberto a sua forte dentadura de rústico.

Criptana estava vestida de claro e dir-se ia que nos meses decorridos desde a ruptura violentíssima com aquele patife tinha ganhado maior beleza e saúde.

O seu rosto ruborizado e seus olhos negros tinham uma expressão mais sonhadora, mais espiritual e simultâneamente mais alegre. Não se notava, como antes, o misterioso adejo da pena oculta que mina e roe sem compaixão. Suas mãos, pequenas e finas, pareciam duma senhora; e o conjunto da gentil figura, pela sua simplicidade e sua pureza, atraia e enfeitiçava.

— ¡Oh, que honra para mim! — disse o ancião ao ver que a joven lhe oferecia nos braços o álbum aberto como uma encantada flôr no país da quimera. — Isto não merece uma simples assinatura, nem um pobre pensamento, minha filha, merece um madrigal. Vou ver se o consigo fazer, estou já velho, tão velho que o pulso me treme e o cérebro está débil.

E o glorioso poeta começou a escrever, enquanto de vez em quando, para se inspirar, olhava os negros e nostálgicos olhos da jovem.

VII

— ¿Você esteve em Roma com Chicharro?

— Sim, senhor. E coube-me a honra de corrigir-lhe algumas pequenas cousas. Eramos muito amigos e êle não estava forte no desenho.

Sabe? Fui à Cidade Eterna pensionado pela Câmara Municipal da minha terra. ¡Oh, que inolvidáveis dias! Deste tempo data também a minha preferência pelo nu em Arte. ¡Veja, veja essa Afrodite que pintei sem modêlo! ¿Não lhe falou já Romero de Torres da minha obra prima?

— Neste momento não me recordo.

— Admira-me; veio aqui uma vez e ficou estonteado. Disse-me: «Ouve Abelardo,

novelas para todos
EDIÇÕES G. P.

tu és maior como artista do que eu, porque eu pinto o nu com modelos vivos e tu pintas essas carnes maravilhosas valendo-te ùnicamente a tua prodigiosa fantasia». Pensei muito nestas palavras e convenci-me que tinha razão. ¡Contemple, contemple o quadro e responda-me se não é verdade, amigo Liñan!

— ¡Que dúvida poderá haver!

— ¿Quere outro copinho?

— Agora não; deixe-me admirar a sua famosa pintura.

E o novelista levantou-se da sua cadeira e, para ocultar o riso que lhe brincava nos lábios, voltou as costas ao artista de Linares fingindo que concentrava toda a sua atenção no quadro.

O quarto de Abelardo Arias na estalagem era muito modesto. Duas malas forradas de cretones serviam de divans. Num canto descansava o cavalete e via-se uma cadeira de tesoura. Noutro canto um catre e uma mesa de cabeceira, e nas paredes toda uma fantástica constelação de pinturas absurdas e desenhos grotescos.

O quadro elogiado com a sua característica mania pelo grande pintor de alma cordovesa merecia, na verdade, ser estudado detidamente. Era uma Afrodite vesga, a cabeleira parecia de estopa e as carnes de requeijão. No rosto, umas pinceladas róseas davam a impressão de manchas herpéticas. A pintura em toda a sua extensão — e passava de dois metros — constituia um invencivel vendaval de tintas, um maravilhoso mamarracho.

— Hoje é esta a minha obra máxima; não a venderia nem por muito ouro que me oferecessem... Nem que me faltasse o vinho.

E Abelardo Arias, ao dizer isto, ficou tambem contemplando o quadro como se já se elevasse nas nuvens.

— De facto é belíssimo. Não conhecia nada tão completo nem tão magistralmente concebido — disse Rodolfo Liñan, derrotados o sorrir e a troça pela tristeza e amargura que lhe produzia o delirio incurável de Abelardo Arias.

Voltaram a sentar-se. O pintor, com avidez de alcoólico, bebeu outro copo de aguardente.

— Não beba tanto, que não lhe deve fazer bem, meu amigo — insinuou com doçura o novelista.

— Pelo contrário. Sem o alcool a fantasia não vôa e a imaginação empobrece. Creia no que lhe digo, eu que tenho o dobro da sua idade. Você faz novelas admiráveis, não o nego; mas se bebesse faria muito melhor.

No relógio duma igreja próxima soaram as doze.

— Vou-me embora, amigo Arias. Os meus parabens por todas as cousas lindas que me mostrou e vamos ver se será breve essa exposição que projecta. E diga-me ¿não voltou a encontrar-se com os boémios nem o bandido de Haro?

— Não mais vi nenhum, desde que você teve a feliz ideia de expulsá-los daqui. Em verdade muito me alegrei com o ocorrido. Eram todos muito jovens e verdadeiros artistas havia poucos. Além disso, aborreciam-me porque em nada reconheciam valor. E até se achavam no direito de me descutirem. ¡Calcule, a mim! O sem-vergonha do Haro mereceu bem os bofetões que você lhe proporcionou. Se você me tivesse inteirado do que pretendia, eu tambem lhe partiria a cara. Porque eu quero muito ao senhor Licinio e a toda a familia, tanto como ao filho que lhe morreu quando eu ia a fazer dele um artista insigne.

Comovido pela recordação evocada e pela respeitável quantidade de aguardente que tinha ingerido, Abelardo Arias começou a soluçar.

— Os homens não choram, ¡apre! — disse Rodolfo Liñan enquanto se despedia carinhosamente — ¡Eia! vá dormir e ate amanhã, que passarei um bocadinho pela taberna.

De vagar e aspirando com delicia o vento um pouco letargico daquela noite de estio, o

novelista passou perto da Fuentecilha e continuou o seu passeio pelos tipicos e estreitos becos dos bairros ordinários. ¡Quanto gozava Rodolfo Liñan com estas caminhadas nocturnas pelos bairros castiços de Madrid velho e já envoltos no misterio das sombras! Uma luz que se apagava ràpidamente no diabólico caixilho duma janelinha; os passos surdos dum transeunte sobre as pedras bicudas; o uivar funebre dum cão; um grito, uma voz, o estalido duma chave remechendo na fechadura duma porta, todos estes rumores que passam desapercebidos durante o dia adquirem em altas horas um novo significado e constituem para aquele que possui um verdadeiro espírito de artista notas dum irresistivel encanto.

Quasi todas as noites ia Rodolfo Liñan á estalagem do «Manchego», e quasi todas as noites também, ao sair e antes de se ir deitar, dava um passeio pelos becos turtuosos do bairro e regressava ao centro da povoação pela rua dos Embaixadores e pela de Santa Izabel.

Tinha saido ao Rastro e sob o ceu coberto de estrelas deteve-se em frente da grosseira estátua erigida ao heroi de Cascorro. Depois continuou o seu passeio com mais lentidão, internando-se de novo por encruzilhadas tenebrosas. No misterio da noite, uma rua estreita curvava-se agora, fantástica e sombria. Como um enorme coração ensanguentado, palpitava a luz dum farolete vermelho. ¡Que casas tão equívocas, que cantos de rua tão inquietantes! E em volta um silencio pavoroso de morte, de ataüde metido na profundidade da terra. O medo e a curiosidade, em paradoxal casamento, arrastaram-no até ali. Dum miseravel e ordinário café cantante vinham para a estreita rua, trazidos pelo vento, restos de coplas, roubadas e blasfêmas. Rodolfo Liñan deteve-se em frente daquele enigmático tugúrio. Uma cortina creme, suja e enxovalhada, servia de biombo, para que de fora se não pudesse observar o espectaculo. O novelista pensou que, neste covil, encontraria assunto para encher algumas paginas literárias dum realismo e duma intensidade de agua forte. Entraria. Dispunha-se já a passar os ombrais quando sentiu que o empurravam para trás com rudeza, a ponto de o fazerem retroceder como um ébrio dez ou doze passos. O novelista não se afastou quando sentiu esta agressão inesperada. Momentos mais dificeis tinha passado na sua vida. Com mão firme empunhou a pistola que sempre o acompanhava nestes passeios. De súbito, sentiu numa perna a sensação de que a esfregavam com um bocado de gêlo. Mas não pôde voltar-se com rapidez e apontar ao individuo que o atacava.

—¡¡Quieto ou queimo-te o cérebro, patife!! ¡Ah, és tu, víbora! — exclamou o novelista ao reconhecer no individuo que o atacara tão cobardemente o seu antigo companheiro Agustin Haro; e continuou, já sereno e seguro de si: — ¿De modo que me vigiavas e perseguias para me matares à traição? Mas de nada te serviu, canalha! Tu só és pouco para mim.

O outro, ao ver-se descoberto e o cano da pistola apontada para êle, não se movia.

Tinha atirado para o chão qualquer cousa que até então Rodolfo Liñan não tinha podido distinguir bem. Talvez fosse a arma de que se tinha servido para o ferir, porque sentia na perna um vivo ardor e um liquido que lhe deslisava pela pele.

— Atacaste-me à falsa fé, e agora podia, sem remorso algum, tirar-te a vida com uma simples bala; mas conformo-me apenas com pôr-te à sombra alguns anos. Assim, as pessoas honradas ver-se hão livres de ti. Vais vêr.

—¡¡Acudam! Acudam!!

A cortina suja e descolorida do cafézinho cantante abriu-se como por magia, dando entrada ao guarda nocturno e aos inspectores da Policia secreta que passavam ali a noite alegremente.

— Que sucedeu, que sucedeu?

Foi tal a supreza e o terror de

Agustin Haro, que ali ficou quieto, silencioso, com o cerebro vasio de qualquer ideia salvadora.

Rodolfo Liñan, apontando o seu injusto e cobarde agressor, disse enérgico:

— Manietem esse homem, que o infame feriu-me uma perna e intentou roubar-me.

Agustin Haro deixou-se atar como o mais desprezivel o vil dos assassinos.

EPÍLOGO

Outono. Caíram as primeiras folhas e as primeiras chuvas. A terra, sedenta e ressequida durante o verão, parece agora argila. Começa a escurecer. Na cozinha da pousada não se acendeu ainda a luz electrica.

O estalajadeiro está perto do fogo que crepita sob a chaminé de sino, enrolando um cigarro. O senhor Licinio aperfeiçoou-se muito. Não parece o mesmo. Deixou já o blusão e veste à americana. A senhora Remigia, quando vai aos domingos à missa, em vez de chaile e lenço na cabeça, usa casaco e mantilha. Os negócios da pousada caminham de vento em pôpa. Rodolfo Liñan, num dos recantos da casa, sustenta uma animada conversa com a filha do estalajadeiro.

— ¡Repara, repara em meu pai—diz ela alegre — como finge entreter-se com as brazas para que nos possamos despedir!

Extasiados, contemplam-se em silêncio. Depois o novelista preguntou com emoção!

— Amas-me Criptana?

— ¡¡Muito Rodolfo, muito!!

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00043424534